



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de Ciências da Matemática e da Natureza
Instituto de Geociências
Departamento de Geologia

Trabalho Final de Curso (IGL-UO8)

GEOLOGIA DO GABRO VITORIANO VELOSO E DAS ROCHAS DA SUÍTE FÉLSICA TIRADENTES, REGIÃO ENTRE TIRADENTES, VITORIANO VELOSO, PRADOS E DORES DE CAMPOS, ESTADO DE MINAS GERAIS

JÚLIA CAMPOS GUERRERO

(106058191)

Orientador: Prof. Dr. Ciro Alexandre Ávila
(Departamento de Geologia e Paleontologia – Museu Nacional – UFRJ)

Co-orientador: Prof. Dr. Everton Marques Bongioiolo
(Departamento de Geologia – UFRJ)

**AGOSTO, 2011
RIO DE JANEIRO, RJ – BRASIL**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de Ciências da Matemática e da Natureza

Instituto de Geociências

Departamento de Geologia

Trabalho Final de Curso (IGL-UO8)

GEOLOGIA DO GABRO VITORIANO VELOSO E DAS ROCHAS DA SUÍTE FÉLSICA TIRADENTES, REGIÃO ENTRE TIRADENTES, VITORIANO VELOSO, PRADOS E DORES DE CAMPOS, ESTADO DE MINAS GERAIS

JÚLIA CAMPOS GUERRERO

APROVADA POR:

Dr. Ciro Alexandre Ávila

Dra. Cícera Neysi de Almeida

Dr. Julio Cezar Mendes

**AGOSTO, 2011
RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL**

FICHA CATALOGRÁFICA

GUERRERO, Júlia Campos

GEOLOGIA DO GABRO VITORIANO VELOSO E DAS ROCHAS DA SUÍTE FÉLSICA TIRADENTES, REGIÃO ENTRE TIRADENTES, VITORIANO VELOSO, PRADOS E DORES DE CAMPOS, ESTADO DE MINAS GERAIS.

XXII, 97 p., 29,7 cm (Instituto de Geociências – Departamento de Geologia – UFRJ, Trabalho Final de Curso, 2011)

Trabalho Final de Curso: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Geologia.

- 1- Gabro Vitoriano Veloso
- 2- Suíte félsica Tiradentes
- 3- Petrografia
- 4- Geoquímica
- 5- Cinturão Mineiro
- 6- Cráton São Francisco

I-IGEO/UFRJ

II- Título (série)

RESUMO

Guerrero, J.C. 2011. *Geologia do gabro Vitoriano Veloso e das rochas da suíte félsica Tiradentes, região entre Tiradentes, Vitoriano Veloso, Prados e Dores de Campos, estado de Minas Gerais*. Trabalho Final de Curso, Departamento de Geologia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 97p.

Na região entre as cidades de Tiradentes, Vitoriano Veloso, Prados e Dores de Campos (Minas Gerais) foi realizado o mapeamento geológico na escala 1:25.000 de cerca de 85km², envolvendo principalmente o gabro Vitoriano Veloso e as rochas da suíte félsica Tiradentes. Em termos gerais, o gabro Vitoriano Veloso possui ampla variação faciológica (desde fácies diabásio até fácies gabro grosso), que foi caracterizada em escala de mapa (tendendo a aumentar de granulação em direção a sul), em afloramento (intercalações de camadas centimétricas a métricas) e no estudo petrográfico. Este corpo apresenta uma série de feições primárias, dentre as quais: *i*) ampla variação na granulação e na porcentagem entre os minerais máficos e félsicos, caracterizando uma diferença composicional dada por um acamamento ígneo; *ii*) rochas com texturas cumuláticas e intercumuláticas, típicos de corpos acamadados; *iii*) minerais acessórios presentes ou ausentes em diferentes rochas, indicando diferenças composicionais nos protólitos; *iv*) presença de clinopiroxênio e ortopiroxênio em proporções variáveis; *v*) orientação dos cristais de plagioclásio por fluxo magmático; *vi*) formação de fases de pegmatitização oriundas da percolação de fluídos restantes do final da cristalização magmática; *vii*) presença de enclaves autolíticos. Desta maneira, foi possível de se caracterizar que o gabro Vitoriano Veloso corresponde a um corpo ígneo acamadado, cujo processo magmático controlador cristalizou inicialmente plagioclásio (\pm ortopiroxênio) + clinopiroxênio. Ao final desse processo formou-se hornblenda magmática com caráter poiquilítico. Este corpo estaria associado a cristalização de um magma basáltico toleítico enriquecido em MgO em um ambiente de arco de ilha intra-oceânico. Posteriormente, sua mineralogia primária foi superimposta parcial ou totalmente por minerais neoformados associados a um processo metamórfico regional, caracterizado principalmente pelo crescimento de actinolita e ferro-actinolita em substituição ao ortopiroxênio, clinopiroxênio e hornblenda. Posteriormente todo este conjunto foi modificado por processos metamórficos - hidrotermais que ocasionaram a cloritização, sericitização e epidotização dos principais minerais, inclusive, por vezes, obliterando intergralmente as feições primárias e metamórficas.

As rochas da suíte félsica Tiradentes variam de tonalitos a dacitos e compreendem dois conjuntos distintos: 1) corpos vulcânicos e subvulcânicos félsicos afaníticos, constituídos predominantemente por andesitos, dacitos e granófiros, com texturas que variam de equigranulares a microporfíricas, e algumas amostras apresentam textura esferulítica e estrutura acamadada e; 2) corpos subvulcânicos félsicos, faneríticos de finos a médios, com textura variando de equigranular a porfírica. Estes conjuntos são compostos essencialmente por plagioclásio, quartzo e rara biotita, bem como apresentam agregados contendo clorita, biotita, epidoto e titanita, que foram interpretados como xenólitos máficos parcialmente assimilados de rochas da unidade andesítica Santo Antônio. Estas rochas variam de metaluminosas a peraluminosas, podem ser classificadas como trondhjemitos de baixo conteúdo de Al_2O_3 , formados em um ambiente de arco vulcânico intra-oceânico a partir da cristalização de um magma andesítico de baixo potássio ou pela cristalização de um magma gerado pela fusão parcial de um anfibolito ou gabro. Neste caso, as diferenças texturais observadas estariam associadas à cristalização do magma em diferentes níveis crustais.

Em termos de contexto geotectônico, propõe-se que a evolução da borda meridional do cráton São Francisco na região estudada envolveria a subducção e fusão de uma crosta oceânica, com a geração de intenso magmatismo em um ambiente de arco de ilha. Neste sentido, o ambiente geotectônico da região da área estudada corresponderia a um arco magmático intra-oceânico e não a um *greenstone belt*.

ABSTRACT

In the region between the cities of Tiradentes, Vitoriano Veloso, Prados and Dores de Campos (Minas Gerais) a geologic mapping was made in 1:25.000 scale of about 85 km², mainly comprising the Vitoriano Veloso gabbro and Tiradentes felsic suite.

Rocks from the Vitoriano Veloso gabbro have a wide faciologic range (from diabase facies to coarse-grained gabbro facies) that can be observed in a map scale (grain-size increasing to south), in outcrops (centimetric to metric intercalations of layers), and in thin sections. These rocks have some primary features, including: *i*) wide variation in grain-size and in mafic and felsic mineral percentage, characterizing a compositional difference given from igneous layering; *ii*) rocks with cumulative and intercumulative textures, typical of layered igneous rocks; *iii*) present or absent of accessory minerals, indicating compositional differences in the protoliths; *iv*) clinopyroxene and orthopyroxene in variable proportions; *v*) oriented of plagioclase by magmatic flux; *vi*) stages of pegmatitization by the percolation of fluids from the end of the magmatic crystallization; *vii*) presence of autholites.

This way, it was possible to characterize the Vitoriano Veloso gabbro as a layered igneous body, where magmatic process crystallized initially plagioclase + clinopyroxene (\pm orthopyroxene). In the end of this process magmatic hornblende was formed with poikilitic texture. These rocks are associated with a crystallization of tholeiitic magma basalt enriched in MgO in an island arc system. Aftermost, this primary mineralogy was partial or totally superimposed by neofomed minerals associated by a regional metamorphic process, mainly characterized by growing of actinolite and ferro-actinolite, in substitution of orthopyroxene, clinopyroxene and hornblende. Later, this whole rock was modified by intense chloritization, sericitization and epidotization by metamorphic-hydrothermal processes, sometimes obliterating entirely the primary and metamorphic features.

The Tiradentes felsic suite vary from tonalities to dacites and comprising two similar compositional rocks: 1) volcanic and subvolcanic aphanitic felsic bodies composed mainly by andesites, dacites, and granophyres with textures that vary from equigranular to microporphyritic, and some samples with esferulitic texture and layered structures; 2) subvolcanic felsic bodies, fine to medium-grained, phaneritic, with textures varying from equigranular to porphyritic. They are essentially composed by plagioclase and quartz, and rare biotite, as well as aggregates with chlorite, biotite, epidote, and sphene, which were interpreted as remains of partially assimilated mafic xenoliths. These rocks from this set were chemically classified as metaluminous to peraluminous and can be classified as a low potassium trondhjemites associated to intra-oceanic volcanic arcs, products of the differentiation of a low potassium andesitic magma, or product of an amphibolite or gabbro

partial melting. In this case, the textural differences are associated by parental magma crystallization in distinct crustal levels.

In terms of geotectonic context, is proposed that the evolution of southern border of the São Francisco Craton in the studied region involves a subduction and crustal fusion of an oceanic crust, with generation of intense magmatism in an island arc context. In this sense, this area does not correspond to an environment of *greenstone belt*.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Beatriz Campos, por ser antes de tudo minha melhor amiga, por sempre acreditar em mim e por me apoiar incondicionalmente em todos os momentos da minha vida.

Ao meu pai, José Guerrero, pelo entusiasmo de acompanhar a minha formação, mesmo de longe.

Ao meu padrasto, Alfredo Passacantilli, pelo carinho, disponibilidade e atenção; bem como à toda a minha família, por sempre me apoiar e torcer por mim.

Ao Fernando Vasques, por seu amor e carinho, bem como compreensão e ajuda durante as várias etapas da realização desta monografia.

Ao professor, orientador e amigo, Ciro Alexandre Ávila, pelo enorme conhecimento adquirido durante esses anos, bem como atenção, paciência, incentivo e apoio.

Ao co-orientador Everton Bongioiolo, pelas discussões e questionamentos que me fizeram refletir.

Aos amigos Isabel Espinola, Jonas Arêas, Lua Barreira e Rayssa Fernandes por estarem sempre presentes nos bons e maus momentos.

Aos professores Atlas Vasconcelos Corrêa Neto, Ciro Alexandre Ávila, Cícera Neysi de Almeida, Claudio Limeira Mello, João Baptista Filho (*Juca in memoriam*), Joel Gomes Valença (*in memoriam*), Júlio Cezar Mendes, Renato Ramos e Rudolph Trouw, por cumprirem com excelência o papel de professor.

Agradeço a todos os meus grandes amigos feitos ao longo da faculdade, em especial, Fabio Belchior, Pablo Varela, Paloma Guimarães e Rodrigo Telles, por tornarem esse, um dos melhores períodos da minha vida.

Ao Filipe Vidal e Rômulo Stohler pela amizade e por sempre me incentivarem na busca incansável pelo conhecimento geológico.

À UFRJ pela oportunidade de realizar o intercâmbio na Universidade de Coimbra, bem como a todos que convivi e conheci durante esta trajetória que mudou a minha vida e o modo de encará-la.

Um agradecimento muito especial à amiga Thayla Vieira pela ajuda nas etapas de campo e laboratoriais e pelas discussões construtivas, bem como à Marize Muniz, Camila Paiva, Mariana Brando e Anselmo Bezerra Filho pela organização do acervo geológico dos quais fiz uso para a pesquisa que resultou no presente trabalho final de curso.

A todos aqueles que colaboraram, ajudaram e incentivaram que não foram citados nesta lista, mas que estão com certeza no meu coração.

SUMÁRIO

PÁG.

I – CAPA	I
II - CONTRA CAPA	II
III – FICHA CATALOGRÁFICA	III
IV – RESUMO	IV
V - ABSTRACT	VI
V – AGRADECIMENTOS	VIII
VI – SUMÁRIO	IX
VII - ÍNDICE DE TABELAS	XI
VIII - ÍNDICE DE FIGURAS	XII
1 – INTRODUÇÃO	1
2 – OBJETIVO E COMO ALCANÇÁ-LO	2
3 - LOCALIZAÇÃO E VIAS DE ACESSO	3
4 – MATERIAIS E MÉTODOS DE TRABALHO	4
4.1 – INTRODUÇÃO	4
4.2 - ETAPAS DE CAMPO	7
4.2.1 – Mapeamento geológico	7
4.2.2 – Coleta e preparação de amostras de rochas	8
4.3 – ETAPAS DE LABORATÓRIO	8
4.2.1 – Petrografia	8
4.2.2 –Preparação de amostras de rocha para a geoquímica	9
4.2.3 –Análise química	9
4.4 – ETAPAS DE ESCRITÓRIO	11
5 – NOMECLATURA ADOTADA PARA OS LITÓTIPOS	12
6 – GEOLOGIA REGIONAL	22
6.1 – PLATAFORMA SUL-AMERICANA	22
6.2 – CRÁTON SÃO FRANCISCO	23
6.3 – <i>GREENSTONE BELTS</i>	25
6.4 – CINTURÃO MINEIRO	27
6.5 - COBERTURAS METASSEDIMENTARES PALEO – MESO – NEOPROTEROZÓICAS	28
7 - COMENTÁRIOS DOS TRABALHOS PRÉVIOS	29
8 – GEOLOGIA DA ÁREA ESTUDADA	32
8.1 – INTRODUÇÃO	32
8.2 – GABRO VITORIANO VELOSO	35
8.2.1 – Aspectos de Campo	35
8.2.2 – Aspectos Petrográficos	38
8.2.2.1 - Feições Ígneas	38
8.2.2.2 - Feições Metamórficas	44
8.2.2.3 - Feições Metamórficas - Hidrotermais	48
8.2.3 – Análise dos minerais opacos, estudos por MEV-EDS e DRX	49
8.2.4 – Dados geoquímicos	54
8.3 – ANDESITO MÁFICO SANTO ANTÔNIO	60
8.3.1 – Aspectos de Campo	60
8.3.2 – Aspectos Petrográficos	61
8.4 – SUÍTE FÉLSICA TIRADENTES	63
8.4.1 – Aspectos de Campo	63
8.3.2 – Aspectos Petrográficos	65
8.4.3 – Estudos por MEV-EDS	70
8.4.4 – Dados Geoquímicos	72

8.5 – GNAISSES BANDADOS	77
8.6 – CORPOS ULTRAMÁFICOS INDIFERENCIADOS	78
8.6.1 – Aspectos de Campo	78
8.6.2 – Aspectos Petrográficos	78
8.6.3 – Estudos por Difractometria de Raios-X	81
9 – DISCUSSÕES	83
9.1 – GABRO VITORIANO VELOSO	83
9.2 – ANDESITO SANTO ANTÔNIO	87
9.3 – SUÍTE FÉLSICA TIRADENTES	88
9.4 – ROCHAS ULTRAMÁFICAS	89
10 – CONCLUSÕES FINAIS	90
11 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
12 – ANEXOS	
ANEXO I - MAPA GEOLÓGICO	
ANEXO II – MAPA DE PONTOS	
ANEXO III – MAPA FACIOLÓGICO DO GABRO VITORIANO VELOSO	
ANEXO IV – TABELA DE DESCRIÇÃO DE PONTOS	

ÍNDICE DE TABELAS

	PÁG.
Tabela 1 - Listagem de lâminas delgadas relacionadas ao projeto.	
Tabela 2 - Listagem de amostras enviadas para difratometria de raios-X (DRX) e MEV-EDS.	4
Tabela 3 - Listagem de amostras enviadas para análise geoquímica. Legenda: subv=subvulcânica; vulc./subv.=vulcânica/subvulcânica; * = incluindo análise de elementos terras raras e; ** = corpo subvulcânico tonalítico, situado a sul do Rio das Mortes.	6
Tabela 4 - Classificação da granulação da rocha fanerítica, baseada no tamanho dos cristais (Williams <i>et al.</i> , 1954).	6
Tabela 5 - Índice de cor segundo o teor de minerais máficos (Le Maitre <i>et al.</i> , 2002).	15
Tabela 6 - Resultados geoquímicos para elementos maiores (% peso), menores (% peso) e traços (ppm) do gabro Vitoriano Veloso, além da Norma CIPW. Legenda: Q = quartzo; Or = ortoclásio; Ab = albita; An = anortita; Di = diopsídio; Hy = hiperstênio; Il = ilmenita; Hm = hematita; Tn = titanita; Ap = apatita e; Pr = pirita.	15
Tabela 7 - Resultados geoquímicos de elementos maiores (% peso), menores (% peso) e traços (ppm) das rochas vulcânicas-subvulcânicas afaníticas e faneríticas da Suíte félsica Tiradentes e de um tonalito que aflora a sul do Rio das Mortes. Legenda: - = teores abaixo dos níveis de detecção ou não analisados.	55
Tabela 8 - Resultados geoquímicos de elementos terras raras (ppm) e norma CIPW das rochas vulcânicas-subvulcânicas afaníticas e faneríticas da suíte félsica Tiradentes. Legenda: Q = quartzo; C = córindon; Or = ortoclásio; Ab = albita; An = anortita; Di = diopsídio; Hy = hiperstênio; Il = ilmenita; Hm = hematita; Tn = titanita; Ru = rutilo; Ap = apatita e; Pr = pirita.	74
Tabela 9 - Tabela correlacionando as hipóteses de formação dos minerais, pressupondo até 3 eventos metamórficos na área estudada. Legenda: seta vermelha = transformação de minerais ígneos para metamórficos; seta azul = transformação mineral dentro de um mesmo pulso metamórfico e; seta verde = transformação mineral dada em pulsos metamórficos diferentes.	75
Tabela 10 - Tabela de evolução da mineralogia das rochas do gabro Vitoriano Veloso. A linha contínua indica cronologia da cristalização das fases minerais durante o evento que a formou. Já a linha pontilhada representa incerteza do evento formador dos respectivos minerais.	86
Tabela 11 - Ordem de cristalização dos minerais magmáticos, metamórficos e metamórficos-hidrotermais das lâminas JU-26, Ju-41A e JU-41C. A posição da linha contínua indica cronologia da cristalização das fases minerais durante o evento que a formou.	87
Tabela 12 - Ordem de cristalização dos minerais magmáticos, metamórficos e metamórficos-hidrotermais das lâminas JU-74A e JU-74B. A posição da linha contínua indica cronologia da cristalização das fases minerais durante o evento que a formou.	88
Tabela 13 - Síntese dos eventos metamórficos Paleoproterozóicos do Cinturão Mineiro Ávila <i>et al.</i> (2010).	88
	90

ÍNDICE DE FIGURAS

PÁG.

- Figura 1** - Principais vias de acesso da área estudada. A=São João Del Rei, B= Prados e C= Vitoriano Veloso (Fonte: *Google Maps* 28/06/2011). 3
- Figura 2** - Diagrama P-T (Pressão-Temperatura) mostrando os campos das várias fácies metamórficas (em azul) e os campos de estabilidade das correspondentes fases minerais (em vermelho). Abreviações utilizadas: HNFs = hornfels; AE = albita-epidoto; HBL = hornblenda; PX = piroxênio; PREH-PUMP = prehnita-pumpellyita; Olig = oligoclásio; Plag = plagioclásio; Qtz = quartzo (Eskola 1915 *in* Yardley, 2004). 13
- Figura 3** - Classificação geral e nomenclatura de rochas plutônicas de acordo com o conteúdo mineral (% vol) segundo Strackeisen (1976). 1a- quartzolito (silexito); 1b- granitóide rico em quartzo; 2- álcali-feldspato granito; 3a- sienogranito; 3b- monzogranito; 4- granodiorito; 5- tonalito; 6*- quartzo álcali-feldspato sienito; 7*- quartzo sienito; 8*- quartzo monzonito; 9*- quartzo monzodiorito / quartzo monzogabro; 10*- quartzo diorito / quartzo gabro / quartzo anortosito; 6- álcali-feldspato sienito; 7- sienito; 8- monzonito; 9- monzodiorito / monzogabro; 10- diorito / gabro / anortosito; 6'- álcali-feldspato sienito com feldspatóide; 7'- sienito com feldspatóide; 8'- monzonito com feldspatóide; 9'- monzodiorito / monzogabro com feldspatóide; 10'- diorito / gabro com feldspatóide; 11- feldspatóide-sienito; 12- feldspatóide-monzosienito; 13- feldspatóide monzodiorito / feldspatóide monzogabro; 14- feldspatóide diorito / feldspatóide gabro; 15- foidito. 14
- Figura 4** - Classificação de rochas vulcânicas e subvulcâncias através de dados geoquímicos segundo Le Bas *et al.* (1986). 14
- Figura 5** - Esquema representando cinco casos típicos de distribuição de tamanhos de grão em rochas ígneas cristalinas, independente do tamanho dos grãos da rocha (Dorado, 1989). 16
- Figura 6** - Principais texturas cumuláticas em rochas plutônicas. Baseado nas descrições de Bard (1985) e Best (1982) *in* Dorado, (1989). 18
- Figura 7** - Principais texturas observadas em rochas básicas: (a) diabásica (ou intergranular); (b) ofítica e (c) subofítica (Dorado, 1989). 18
- Figura 8** - Compartimentação geotectônica da Plataforma Sul-Americana segundo Dardenne & Schobbenhaus (2001). Em vermelho, aproximadamente a área estudada. 22
- Figura 9** - Províncias estruturais do Escudo Atlântico sobre o modelo digital do terreno (modificado de Almeida *et al.*, 1977, 1981 e Smith & Sandwell, 1997 *in* Bizzi *et al.*, 2003). 23
- Figura 10** - Limite sul do Cráton São Francisco na região estudada por Nascimento (2009), que compreende o granitóide Ritápolis (em vermelho). Destaque para a Serra de São José (na seta), cujo embasamento corresponde à área estudada na presente monografia. 24
- Figura 11** - Mapa esquemático mostrando os limites do Cráton São Francisco (editado de Macêdo, 2006), onde: 1- Embasamento Arqueano/ Paleoproterozóico (em vermelho); 2- Coberturas Mesoproterozóicas do Supergrupo Espinhaço; 3- Coberturas Neo e Mesoproterozóicas do Supergrupo São Francisco; 4- Coberturas Fanerozóicas; 5- Limites do Cráton São Francisco; 6- Cinturões de dobramentos Brasileiros. 25

Figura 12 - Esboço geológico entre as cidades de Lavras, São João Del Rei e Tiradentes (editado de Teixeira *et al.*, 2008). Em destaque, os *greenstone belts* Rio das Mortes, Nazareno e Dores de Campos e o Gabro Vitoriano Veloso (em marrom claro). Arqueano: I – Gnaisses indiferenciados, granulito, charnockito e complexos máfico-ultramáficos; II – Granitóides. Arqueano/Paleoproterozóico: III – Corpos metaultramáficos; IV – *Greenstone belt* Rio das Mortes; V – *Greenstone belt* Nazareno; VI – *Greenstone belt* Dores de Campos. Paleoproterozóico: VII – Supergrupo Minas; VIII – Granitóides indiferenciados; IX – Piroxenito – gabro: 1 – Gabro São Sebastião da Vitória (2220 ± 3 Ma); 2 – Peridotito – Piroxenito Forro. X – Ortognaisses antigos: 3 – Ortognaiss Itumirim (2177 ± 4 Ma); 4 – Ortognaiss Nazareno (2255 ± 6 Ma). XI – Dioritos, quartzo-dioritos e quartzo-monozioritos: 5 – Diorito Brumado (2131 ± 4 Ma); 6 – Diorito Rio Grande (2155 ± 3 Ma); 7 – Quartzo-monoziorito Glória (2189 ± 29 Ma); 8 – Quartzo-diorito Dores de Campos (2199 ± 7 Ma); 9 – Quartzo-diorito Brito (2221 ± 2 Ma); 10 – dioritos e anfibolitos indiferenciados. XII – Tonalitos and trondhjemitos: 11 – Tonalito Tabuões; 12 – Tonalito/trondhjemito Cassiterita (2162 ± 10 Ma). XIII – Metafelsitos, metabasitos e rochas metassedimentares. XIV – Granodioritos e granitos: 13 – Granodiorito Brumado de Cima (2239 ± 25 Ma); 14 – Granodiorito Lajedo (2208 ± 26 Ma); 15 – Granitóide Nazareno; 16 – Gnaiss granítico Fé (2191 ± 9 Ma); 17 – Granitóide Ritópolis (2121 ± 7 Ma); 18 – Granito Macuco de Minas (2116 ± 9 Ma); 19 – Granito Itumirim (2101 ± 8 Ma); 20 – Granodiorito Brumado de Baixo (2218 ± 4 Ma); 21 – Granófiro e rochas félsicas vulcânicas (2207 ± 4 Ma.; Mesoproterozóicas/Neoproterozóicas: XV – Rochas supracrustais das mega-sequências São João del Rei, Carandaí e Andrelândia. Falhas: Rio das Mortes (RMF); Lenheiro (FL); Zona de Cisalhamento Lenheiro (LSZ).

Figura 13 - Mapa geológico editado de Ebert (1957) referente a região entre as cidade de Tiradentes e Prados. 29

Figura 14 - Mapa geológico editado de Noce *et al.* (1987) referente a região entre as cidade de Tiradentes, Prados e Dores de Campos. 31

Figura 15 - Mapa geológico da região entre Tiradentes, Prados e Dores de Campos. I-Metaperidotito-metagabro Estação de Prados: Ia – Metadunitos, metapiroxenitos e anfibolititos; Ib – Metagabros; II – *Greenstone Belt* Dores de Campos: IIa – Serpentinóis, talco xistos, tremolita xistos e metakomatiítois intercalados com raros níveis de gonditos, quartzitos e filitos; IIb – Anfibolitos, granada anfibolitos, xistos verdes com raros níveis de quartzitos e filitos associados; III – Gabro Vitoriano Veloso; IV – Diorito Dores de Campos; V – Andesitos máficos Santo Antônio; VI – Suíte félsica Tiradentes: VIa – Corpos subvulcânicos félsicos com textura equigranular; VIb – Corpos vulcânicos e subvulcânicos félsicos com textura afanítica (equigranular e porfírica), granofírica, acamadada e de fluxo magmático; VII – Tonalito Padre Gaspar; VIII – Tonalito Brejo Alegre; IX – Granito Gentio: IXa – Fácies equigranular fina a média; IXb – Fácies porfírica com estruturas de fluxo ígneo; X – Sequência metavulcânica – metassedimentar Estação de Tiradentes; XI – Clorita magnetita filito; XII – Megassequências São João Del Rei e Carandaí; XIII – Sedimentos recentes; XIV – Contatos inferidos; XV – Contatos observados; XVI – Estruturas interpretadas; XVII – Estruturas inferidas; XVIII – Falha transcorrente. 32

Figura 16 - Amostra com contato retilíneo da fácies diabásio com a fácies gabro médio leucocrático. Ponto JU-227A. 35

Figura 17 - Amostra com contato entre rochas das fácies diabásio e gabro fino; à esquerda (A) contato retilíneo e à direita (B) contato de forma gradativa. Ponto JU-73. 35

	PÁG
Figura 18 - Variação na granulação das rochas das diferentes fácies do gabro Vitoriano Veloso. Na esquerda fácies diabásio e na direita facies gabro grosso.	36
Figura 19 - Saprólito das rochas do gabro Vitoriano Veloso, mostrando a grande variação da granulação na forma de camadas centimétricas, sendo: a) diabásio ou gabro fino e b) gabro médio. Ponto JU-84.	36
Figura 20 - Amostra da fácies grossa do gabro Vitoriano Veloso. Ponto BIA-87.	36
Figura 21 - Amostra de rocha do gabro Vitoriano Veloso mostrando uma fote foliação ígnea, marcada pela orientação dos cristais de plagioclásio (na direção do lápis). Ponto JU-145.	37
Figura 22 - Pegmatitização nas rochas do gabro Vitoriano Veloso mostrando o aumento da granulação (A) devido à passagem de fluidos e preservação de áreas com granulação original da rocha (B), demarcadas por pontilhado vermelho. Ponto JU-73E.	37
Figura 23 - Afloramento da fácies grossa do gabro Vitoriano Veloso contendo cristais de epidoto (cor verde limão) associados a uma fase de epidotização. Ponto JU-11.	37
Figura 24 - Afloramento da fácies média do gabro Vitoriano Veloso contendo veios retilíneos de anfibólio com diversas orientações. Ponto JU-191.	37
Figura 25a - Estereograma com os planos e pólos dos planos referentes à foliações ígneas medidas em campo. Em geral estas estão mergulhando para SE.	38
Figura 25b - Estereograma com os planos e pólos dos planos referentes à prováveis foliações metamórficas medidas em campo. Em geral estas estão mergulhando para NW-N-NE.	38
Figura 26 - Variações na granulação do gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Respectivamente, lâminas JU-25A (fácies diabásio), JU-193 (fácies gabro fino/gabro médio), JU-28 (fácies gabro médio) e JU-11E (fácies gabro grosso).	39
Figura 27 - Variações na granulação do gabro Vitoriano Veloso de diabásio a gabro médio. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-180B.	39
Figura 28 - Variações nas porcentagens dos minerais essenciais em lâmina do gabro Vitoriano Veloso, formando níveis mais ricos em minerais máficos e em minerais félsicos. a) Nos níveis mais máficos, há o predomínio de hornblenda e minerais opacos (com formas intercumuláticas). b) Já os níveis mais félsicos são ricos em plagioclásio, contendo hornblenda intercumulática. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-001.	39
Figura 29 - Microfotografia de gabro Vitoriano Veloso, fácies grossa, contendo grãos pseudomorfos de piroxênio (pontilhado vermelho) e quartzo (círculo e elipse amarelos) com formas xenomórficas típicas de cristalização tardia, preenchendo espaços restantes. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-68A.	40
Figura 30 - Grãos de plagioclásio, hipidiomórficos, orientados segundo a seta vermelha, formando uma textura de fluxo magmático do gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-37A.	40
Figura 31 - Ortopiroxênio (com coloração rosada), com textura denominada “ <i>inclusion structures</i> ”, formada pela cristalização de um mineral magmático e posterior separação de fases. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-196.	40

	PÁG
Figura 32 - Ortopiroxênio (hiperstênio - OPX) envolvido por clinopiroxênio (CPX). Destaca-se que a hornblenda (HBL) cresce na borda dos grãos dos dois tipos de piroxênio. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-196.	41
Figura 33 - Hornblenda com coloração marrom escura, contendo diversas inclusões em suas clivagens e fraturas de minerais aciculares castanhos e opacos. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-37A.	41
Figura 34 - Hornblenda contendo diversas inclusões em suas clivagens (tipicamente com ângulos 60°-120°) de minerais aciculares castanhos e opacos. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-193.	41
Figura 35 - Hornblenda (HBL) crescendo na borda de hiperstênio (OPX) de forma descontínua, mas com geminação contínua. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-196.	41
Figura 36 - Diabásio (Db) contendo áreas pegmatizadas (AP) na forma de veios, onde nota-se o crescimento dos grãos de plagioclásio (branco) e hornblenda (marrom) para aproximadamente 3mm. Polarizadores paralelos. Lâmina 73E.	42
Figura 37 - Fotografia de lâmina delgada com enclave autolítico de aproximadamente 1cm, facilmente perceptível pela sua cor marrom escura. Lâmina JU-221B.	42
Figura 38 - Enclave autolítico de aproximadamente 1 cm, facilmente perceptível pela sua cor marrom escura e textura distinta do resto da rocha. As observações apontam que a rocha gabróica foi mais afetada pelos processos metamórficos posteriores que os enclaves autolíticos. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-221B.	42
Figura 39 - Enclave autolítico (Aut) facilmente perceptível pela sua cor marrom escura (devido a presença de placas de hornblenda) e a presença da textura poiquilítica (com inclusões de plagioclásio com bordas arredondadas) em contraste com o plagioclásio hipidiomórfico do gabro. Lâmina JU-221B, onde a) polarizadores paralelos; b) polarizadores cruzados.	43
Figura 40 - Actinolita com cor verde clara, contendo <i>blebs</i> de quartzo típica da textura de transformação mineral em que há sobra de sílica. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-25B.	44
Figura 41 - Actinolita (Act) verde clara no centro de grão de hornblenda (Hbl) verde escura, que é sobrecrescida por ferro actinolita (Fe-Act) com cor verde azulada. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-25B.	44
Figura 42 - Hornblenda (Hbl) marrom, contendo diminutas inclusões de minerais castanhos e opacos aciculares, conferindo um aspecto manchado à mesma. Presença de ferro-actinolita (Fe-Act) de coloração verde azulada na borda da hornblenda e livre das inclusões. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-73E.	45
Figura 43 - Hornblenda (Hbl) marrom, contendo diminutas inclusões de minerais castanhos e opacos aciculares, conferindo um aspecto manchado à mesma. Presença de ferro-actinolita (Fe-Act) de coloração verde azulada e livre de inclusões, ocorrendo na forma de veio resultante da percolação de fluidos. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-174D.	45
Figura 44 - a) Actinolita (Act) verde clara sobrecrescida no centro de hornblenda (Hbl). b) Actinolita (Act) obliterando a geminação contínua da hornblenda (Hbl) apontando que a mesma seria tardia. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-25B.	45

	PÁG
Figura 45 – Grãos de ferro-actinolita orientados, formandotextura nematoblástica. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-64A.	46
Figura 46 - Grão de titanita ao redor de minerais opacos (ambos estirados segundo a foliação) orientados paralelamente aos cristais de ferro-actinolita. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-174D.	46
Figura 47 - Lâmina mostrando a transição de gabro para anfíbolito. Gabro Vitoriano Veloso. Lâmina MA-51A.	46
Figura 48 - Rocha na transição de gabro para anfíbolito, contendo porfiroclastos de plagioclásio (PLG). Seguindo para nordeste da imagem, pode-se perceber uma texturanematoblástica (típica de rochas anfíbolíticas), pois tanto o anfíbolio como o plagioclásio (na seta) estão recristalizados e orientados. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina MA-51A.	46
Figura 49 - a) Formação de actinolita de cor verde clara somente onde houve a passagem de fluidos, substituindo tanto o piroxênio, quanto a hornblenda. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-196. b) Formação de actinolita fibrosa somente onde houve a passagem de fluidos (com limites aproximados demarcados pelo tracejado amarelo), transformando o piroxênio e a hornblenda. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-196.	47
Figura 50 - Solubilização da ferro-actinolita, que ocasiona a geração de veios que cortam a rocha intensamente. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-144B.	47
Figura 51 - Textura simplectítica formando epidoto (Ep) no contato do anfíbolio (Anf) com os grãos de plagioclásio (Plg). Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-28.	47
Figura 52 - Autólito com textura poiquilítica com inclusões de grãos de plagioclásio (PLG) em grandes placas de hornblenda (HBL). Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-174D.	48
Figura 53 - Autólito com textura poiquilítica, mantendo a forma de grãos de plagioclásio (PLG), muito alterados e formando um aglomerado de diminutos minerais, contendo plagioclásio, epidoto, zoizita e clinozoizita. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-174A2.	48
Figura 54 - Autólito com textura poiquilítica, com inclusões de piroxênio (PX) com textura fibrosa e de grãos de plagioclásio (PLG) muito alterados. Os pseudomorfos de plagioclásio são representados por um aglomerado contendo plagioclásio, epidoto, zoizita e clinozoizita. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-174A2.	49
Figura 55 - Grão de epidoto (Ep) envolvido por uma nova geração de epidoto (na seta amarela). Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-64A.	49
Figura 56 – Mineral cinza de textura lisa envolto por magnetita (Mag). Luz refletida, polarizadores paralelos. Ponto JU-0001Pa.	49
Figura 57 – Pirita (Py) sendo envolvida por magnetita (Mag) xenomórfica. Luz refletida, polarizadores paralelos. Ponto JU-0001Pa.	49

	PÁG
Figura 58 - Mineral cinza de textura lisa com pirita hipidiomórfica (Py) em sua borda, ambos em contato com magnetita (Mag). Luz refletida, polarizadores paralelos. Ponto JU-37A.	50
Figura 59 - Calcopirita (Cp) xenomórfica associada a pirita (Py) e contendo borda de alteração para covelita (Cv). Luz refletida, polarizadores paralelos. Ponto JU-0001Pa.	50
Figura 60 - Pirita (Py) hipidiomórfica contendo covelita em sua borda (pseudomorfo de calcopirita). Ambas associadas a mineral cinza com textura rugosa. Luz refletida, polarizadores paralelos. Ponto JU-0001Pb.	50
Figura 61 - Magnetita (Mag) associada a pirita hipidiomórfica (Py) e por sua vez, esta, com calcopirita em suas bordas. Luz refletida, polarizadores paralelos. Ponto JU-0001Pa.	50
Figura 62 – Grãos de plagioclásio analisados por MEV-EDS, onde a cruz amarela indica os locais das análises. Gabro Vitoriano Veloso. Imagem de MEV. Lâmina JU-000Pb.	51
Figura 63 – Diagrama Ab-An-Or de classificação de feldspatos do gabro Vitoriano Veloso (lâmina JU-000Pb), realizado através da composição química obtida por MEV-EDS.	51
Figura 64 – Greenockita (setas vermelhas) inclusa em plagioclásio. Gabro Vitoriano Veloso. Imagem de MEV. Lâmina JU-000Pb.	52
Figura 65 – Dois tipos de anfibólio: Anf ¹ , contendo inclusões de titanita (minerais com coloração mais clara e forma acicular – Tit) e; Anf ² , sem nenhuma inclusão. Gabro Vitoriano Veloso. Imagem de MEV. Lâmina JU-000Pb.	52
Figura 66 – Calcopirita (Cp) associada à magnetita (Mag) e alterada para covelita (Cv). Gabro Vitoriano Veloso. Imagem de MEV. Lâmina JU-000Pb.	52
Figura 67 – Calcopirita (Cp) intercrescida com covelita (Cv). Gabro Vitoriano Veloso. Imagem de MEV. Lâmina JU-000Pb.	52
Figura 68 – Difratoograma da amostra JU-45A, caracterizada como turmalina.	53
Figura 69 – Difratoograma da amostra JU-45B, caracterizada como ilmenita.	53
Figura 70 – Difratoograma da amostra JU-56, caracterizando a presença de gohetita, hematita e quartzo.	53
Figura 71 - Diagramas binários de elementos maiores x Fe ₂ O ₃ , mostrando a variação da composição de diabásios (círculos verdes) e gabros (triângulos azuis) da unidade gabro Vitoriano Veloso.	56
Figura 72 - Diagramas binários de elementos traços x Fe ₂ O ₃ , mostrando a variação da composição de diabásios (círculos verdes) e gabros (triângulos azuis) da unidade gabro Vitoriano Veloso.	57
Figuras 73 e 74 - Diagramas discriminantes para diabásios (círculo verde) e gabros (triângulos azuis) da unidade Gabro Vitoriano Veloso. Fig. 73: Na ₂ O + K ₂ O x SiO ₂ (TAS = Total Alcali x Sílica) (Cox <i>et al.</i> , 1979). Fig. 74: A/NK x A/CNK, onde A/NK = Al ₂ O ₃ / (Na ₂ O + K ₂ O) MOL; A/CNK = Al ₂ O ₃ / (CaO + Na ₂ O + K ₂ O) MOL (Maniar & Piccoli, 1989).	57

Figuras 75 a 77 - Diagramas discriminantes para diabásios (círculo verde) e gabros (triângulos azuis) da unidade Gabro Vitoriano Veloso. <u>Fig. 75:</u> $K_2O \times SiO_2$ (Peccerillo & Taylor, 1976); <u>Fig.76:</u> AFM, onde $A = Na_2O + K_2O$; $F = FeO + 0,9Fe_2O_3$; $M = MgO$ (Irvine & Baragar, 1971); <u>Fig. 77:</u> $Fe^T + Ti \times Al \times Mg$ (Jensen, 1976).	PÁG 58
Figuras 78 e 79 - Diagramas discriminantes para diabásios (círculos verdes) e gabros (triângulos azuis) da unidade Gabro Vitoriano Veloso. <u>Fig. 78:</u> $TiO_2 \times (10xMnO) \times (10xP_2O_5)$ (Mullen, 1983); <u>Fig 79:</u> $V \times (Ti/1000)$ (Shervais, 1982). Legenda: OIT = toleíta de arco de ilha, OIA = basalto alcalino de arco de ilha, IAT = toleíta de arco de ilha, CAB = basalto de arco continental.	58
Figuras 80 e 81 - Diagramas discriminantes para diabásios (círculos verdes) e gabros (triângulos azuis) da unidade Gabro Vitoriano Veloso. <u>Fig 80:</u> $Zr \times (3xY) \times Ti/100$ (Pearce & Cann, 1973); <u>Fig 81:</u> $Zr \times Sr/2 \times Ti/100$ (Pearce & Cann, 1973). Legenda: IAT = toleíta de arco de ilha, CAB = basalto de arco continental, WPB = basalto intra-placa.	59
Figura 82 - Afloramento do andesito máfico Santo Antônio (AM) em contato com rochas vulcânicas - subvulcânicas da suíte félsica Tiradentes (VF). As rochas félsicas cortam as máficas sob a forma de diques e apresentam xenólitos das mesmas.	60
Figura 83 - Amostra com interações complexas entre dioritos/gabros (DI), andesitos máficos (AM) interpretados como pertencentes a sequência andesítica máfica Santo Antônio e rochas vulcânicas - subvulcânicas da suíte félsica Tiradentes (VF). Ponto BIA-73.	60
Figura 84 - Amostra de rocha vulcânica/subvulcânica da suíte félsica Tiradentes (VF) contendo xenólito de rocha máfica (XM) correlacionado à unidade máfica Santo Antônio. Ponto JU-87.	61
Figura 85 – Rocha do andesito máfico Santo Antônio (AM) sendo cortada por dique da suíte félsica Tiradentes (VF). Ponto JU-87.	61
Figura 86 - Amostra de rocha da unidade andesítica máfica Santo Antônio, contendo pequenos fenocristais de anfibólio.	61
Figura 87 - Textura lepidoblástica das rochas da unidade andesítica máfica Santo Antônio, dada pela orientação de grãos de biotita. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-87B.	62
Figura 88 – Fenocristais de hornblenda (HBL) e biotita (BIO ¹). Destaca-se que as bordas do fenocristal de hornblenda estão sendo transformada para biotita ² (na elipse vermelha). Andesito máfico Santo Antônio. Polarizadores paralelos.	62
Figura 89 - Hornblenda marrom (HBL), com borda de actinolita (ACT), livre de inclusões de minerais opacos e castanhos aciculares. Andesito máfico Santo Antônio. a) polarizadores paralelos, b) polarizadores cruzados. Lâmina BIA-33B.	62
Figura 90 - Variação faciológica das rochas da suíte félsica Tiradentes, desde fanerítica média (esquerda) a afanítica (direita)	63
Figura 91 - Diamictito com clastos deformados de rochas vulcânicas e subvulcânicas félsicas, correlacionados à suíte félsica Tiradentes. Ponto JU-88.	64

	PÁG.
Figura 92 – Contato irregular entre rocha subvulcânica félsica afanítica da suíte félsica Tiradentes e rocha da unidade andesítica máfica Santo Antônio. A forma do contato é evidenciada pelo tracejado amarelo. Ponto JU-87.	64
Figura 93 - Diques tabulares de rocha subvulcânica félsica afanítica da suíte félsica Tiradentes (vermelho em b), cortando as rochas andesíticas máficas Santo Antônio (verde em b). Ponto JU-87.	64
Figura 94 – Rocha félsica subvulcânica fanetítica da suíte félsica Tiradentes, contendo xenólito máfico (dentro da elipse vermelha). Ponto JU-74.	65
Figura 95 – Rocha félsica subvulcânica fanetítica da suíte félsica Tiradentes (A) em comparação com rocha tonalítica que ocorre a sul do Rio das Mortes (mais máfica e foliada).	65
Figura 96 - Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes, com textura porfirítica representada por fenocristal de plagioclásio. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-87C1.	66
Figura 97 - Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes com textura glomeroporfirítica dada por fenocristais de plagioclásio. Polarizadores cruzados. Lâmina BIA-31E.	66
Figura 98 - Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes com textura granofírica, representada pelo intercrescimento de feldspato e quartzo. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-87C1.	66
Figura 99 - Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes com uma antiga vesícula (hoje amígdala) preenchida por quartzo (textura vacuolar).	66
Figura 100 - Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes, com textura esferulítica (círculo amarelo), resultado da desvitrificação do magma. Polarizadores cruzados. Lâmina BIA-87F1.	66
Figura 101 - Classificação geral e nomenclatura de rochas plutônicas de acordo com o conteúdo mineral (% vol) segundo Strackeisen (1976). Tonalitos faneríticos equigranulares representados com X vermelho. 1a- quartzolito (silexito); 1b- granitóide rico em quartzo; 2- álcali-feldspato granito; 3a- sienogranito; 3b- monzogranito; 4- granodiorito; 5- tonalito; 6*- quartzo álcali-feldspato sienito; 7*- quartzo sienito; 8*- quartzo monzonito; 9*- quartzo monzodiorito / quartzo monzogabro; 10*- quartzo diorito / quartzo gabro / quartzo anortosito; 6- álcali-feldspato sienito; 7- sienito; 8- monzonito; 9- monzodiorito / monzogabro; 10- diorito / gabro / anortosito; 6'- álcali-feldspato sienito com feldspatóide; 7'- sienito com feldspatóide; 8'- monzonito com feldspatóide; 9'- monzodiorito / monzogabro com feldspatóide; 10'- diorito / gabro com feldspatóide; 11- feldspatóide-sienito; 12- feldspatóide-monzosienito; 13- feldspatóide monzodiorito / feldspatóide monzogabro; 14- feldspatóide diorito / feldspatóide gabro; 15- foidito.	67
Figura 102 – Grão de zircão zonado em tonalito subvulcânico fanerítico da suíte félsica Tiradentes. Nicóis paralelos. Lâmina JU-41C.	68

	PÁG.
Figura 103 - Crescimento de álcali-feldspato obliterando a geminação polissintética do plagioclásio, destacando-se, ainda, a ausência de diminutos cristais secundários (sericita, zoizita, clinozoizita, epidoto) que somente alteram o plagioclásio. Sugere-se que esta feição esteja relacionada a passagem de fluidos potássicos tardi a pós magmáticos. Nicóis cruzados. Lâmina JU-41C.	68
Figura 104 - Enclave félsico com feição de corrosão e com granulação mais fina do que a rocha encaixante tonalítica da suíte félsica Tiradentes. Nicóis paralelos. Lâmina JU-26. a) retângulo amarelo indicando área aproximada da figura 15b; b) borda com crescimento de titanita (TIT), definindo o contorno do enclave com clareza.	69
Figura 105 - Enclave félsico tonalítico com textura inequigranular (direita), diferente da granulação equigranular da rocha encaixante, que corresponde a um tonalito subvulcânico fanerítico da suíte félsica Tiradentes. Nicóis cruzados. Lâmina JU- 74B e C.	69
Figura 106 - Agregados de biotita, clorita, zoizita e clinozoizita, interpretados como xenólitos máficos em tonalito subvulcânico da suíte félsica Tiradentes. Polarizadores paralelos. Lâmina JU- 41C. a) quarado preto indicando área aproximada da figura 17b; b) biotita sendo transformada para clorita, juntamente com clorita e clinozoizita.	69
Figura 107 - Agregados minerais contendo allanita, minerais opacos, titanita e zoizita em tonalito subvulcânico fanerítico da suíte félsica Tiradentes. Nicóis paralelos. Lâmina JU- 74C.	70
Figura 108 - Cristais xenoblásticos de biotita formando textura lepidoblástica em amostra do tonalito a sul do Rio das Mortes. Nicóis paralelos. Lâmina AN-1D.	70
Figura 109 – Pirita euédrica com inclusões de pirrotita, titanita e quartzo associada à rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes. Imagem de MEV. Amostra JU-109E1.	70
Figura 110 – Pirita com inclusões de telureto de bismuto e epidoto associada à rocha vulcânica - vulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes. Imagem de MEV. Amostra JU-109E1.	70
Figura 111 – Pirita com inclusões de galena e alterada intempericamente para goethita a partir da percolação de água nas fraturas. Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes. Imagem de MEV. Amostra JU-97B.	71
Figura 112 – Grãos de calcopirita inclusos em pirita. Esta por sua vez encontra-se alterada nas bordas para goethita. Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes. Imagem de MEV. Amostra JU-97B.	71
Figura 113 – Calcopirita inclusa em pirita, que está por sua vez alterada nas fraturas para goethita. No quadrado vermelho, o zoom correspondente a figura 114. Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes. Imagem de MEV. Amostra JU-97B.	71
Figura 114 – Pirita com inclusão de calcopirita, esta por sua vez esta intercrescida com covelita ou bornita. Destaca-se a presença de goethita ao redor deste conjunto de minerais, assim como nas fraturas da pirita. Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes. Imagem de MEV. Amostra JU-97B.	71

- Figuras 115 a 120** - Diagramas discriminantes para as rochas vulcânicas à subvulcânicas afaníticas da suíte félsica Tiradentes (círculo preto), para rochas subvulcânicas faneríticas da suíte félsica Tiradentes (triângulo rosa), e para tonalitos dos pontos AN (quadrado verde com cruz no meio). Fig.115: $\text{Na}_2\text{O} + \text{K}_2\text{O} \times \text{SiO}_2$ (TAS = Total Álcalis x Sílica), conforme Le Bas (1986). Fig.116: An-Ab-Or (O' Connor, 1965); Fig.117: A/NK x A/CNK, onde A/NK = $\text{Al}_2\text{O}_3 / (\text{Na}_2\text{O} + \text{K}_2\text{O})\text{MOL}$; A/CNK = $\text{Al}_2\text{O}_3 / (\text{CaO} + \text{Na}_2\text{O} + \text{K}_2\text{O})\text{MOL}$ (Maniar & Piccoli, 1989); Fig. 118 $\text{Na}_2\text{O} + \text{K}_2\text{O} \times \text{SiO}_2$ (Irvine & Baragar, 1971); Fig.119: AFM, onde A = $\text{Na}_2\text{O} + \text{K}_2\text{O}$; F = $\text{FeO} + 0,9\text{Fe}_2\text{O}_3$; M = MgO (Irvine & Baragar, 1971). Fig. 120: $\text{K}_2\text{O} \times \text{Na}_2\text{O} \times \text{CaO}$ (Barker & Arth, 1976). 75
- Figuras 121 a 123** - Diagramas discriminantes para rochas vulcânicas a subvulcânicas afaníticas da Suíte félsica Tiradentes (círculo preto), rochas subvulcânicas faneríticas da Suíte félsica Tiradentes (triângulo rosa), e tonalitos dos pontos AN (quadrado verde com cruz no meio). Fig.32: $\text{Al}_2\text{O}_3 \times \text{SiO}_2$ (Barker, 1979); Fig.33: $\text{Al}_2\text{O}_3 \times \text{Yb}$ (Arth, 1979); Fig.34: Rb x (Y+Nb) (Pearce *et al.*, 1984), onde WPG = granitos intraplaca, VAG = granitos de arco vulcânico, ORG = granitos de cordilheira oceânica. 76
- Figura 124** - Diagrama dos elementos terras raras normalizado pelo condrito de Boynton (1984). 76
- Figura 125** - Gnaiss bandado contendo foliação anastomosada e lentes máficas ricas em biotita *boudinadas*. Ponto JU-158. 77
- Figura 126** - Gnaiss bandado com nível máfico boudinado. Ponto JU-158. 77
- Figura 127** - Saprólito de rocha ultramáfica com coloração variando de arroxeadado a amarronzado mostrando feições de dobramento (de acordo com o pontilhado preto). Ponto JU-192. 78
- Figura 128** - Rocha ultramáfica rica em grãos de tremolita (acículas amarronzadas), contendo cristais de magnetita (nos círculos vermelhos). Ponto JU-95. 78
- Figura 129** - Rocha ultramáfica rica em anfibólio e clorita, contendo cristal de pirita limonitizada (no círculo amarelo). Ponto JU-10. 79
- Figura 130** - Rocha ultramáfica foliada e rica em grãos de tremolita onde observa-se nas regiões mais alteradas intempericamente o sobrecrecimento de grãos aciculares marrons. Pontos JU-135. 79
- Figura 131** – Hornblenda marrom (HBL) substituída por um anfibólio incolor (ANF) e talco (TC). **a)** Polarizadores paralelos. **b)** Polarizadores cruzados. Corpos ultramáficos indiferenciados. Ponto JU-10. 79
- Figura 132** – Hornblenda marrom (HBL) substituída por um anfibólio incolor (ANF) e ambos sendo alterados para clorita (CLO). **a)** Polarizadores paralelos. **b)** Polarizadores cruzados. Corpos ultramáficos. Ponto JU-10. 80
- Figura 133** – Hornblenda marrom (HBL) substituída por um anfibólio incolor (ANF) e ambos sendo alterados para clorita (CLO) e aglomerados de clorita com zoisita/clinozoisita (Z/CLZ), epidoto (EP) e talco (TC). **a)** Polarizadores paralelos. **b)** Polarizadores cruzados. Corpos ultramáficos. Ponto JU-10. 80

	PÁG.
Figura 134 – Rocha contendo zonas de cisalhamento evidenciadas por um aglomerado de cristais fortemente orientados de clorita. Polarizadores cruzados. Corpo ultramáfico. Ponto JU-140B.	82
Figura 135 – Microzonas de cisalhamento evidenciadas por um aglomerado de cristais de clorita e pela deformação de um porfiroclasto de hornblenda. Polarizadores cruzados. Corpos ultramáficos. Ponto JU-140B.	82
Figura 136 – Grãos de clinopiroxênio (<u>CPX</u>) que ao ser substituído por anfibólio ocasionam a formação de diminutas inclusões de cristais castanhos aciculares neste último. Corpos ultramáficos indiferenciados. a) Polarizadores paralelos. b) Polarizadores cruzados. Ponto JU-140B.	82
Figura 137 – Transformação completa de um grão de clinopiroxênio para anfibólio de alta birrefringência (ANF). Polarizadores cruzados. Corpos ultramáficos indiferenciados. Ponto JU-140B.	82
Figura 138 – Grão de clinopiroxênio (PX) substituído por um anfibólio (ANF) de elevada birrefringência e este por clorita (CLO). Polarizadores cruzados. Corpos ultramáficos indiferenciados. Ponto JU-140B.	82
Figura 139 – Difratoograma de grãos verdes selecionados por estereomicroscópio da amostra JU-10, caracterizando cristais de actinolita, clinocloro e talco.	83
Figura 140 - Ortopiroxênio (OPX) envolto por clinopiroxênio (CPX) e este último, substituído pela hornblenda (HBL). O conjunto todo passa por transformações metamórficas, formando inicialmente actinolita (ACT) e por fim, ferro-actinolita (Fe-ACT), onde a) Polarizadores paralelos e; b) Fotomicrofotografia editada em Corel Draw X a fim de ressaltar as diferentes fases minerais. Gabro Vitoriano Veloso Lâmina JU-196.	84
Figura 141 - Ortopiroxênio (OPX) envolto por clinopiroxênio (CPX) e este último, substituído pela hornblenda (HBL). O conjunto todo passa por transformações metamórficas, formando inicialmente actinolita (ACT) e por fim, ferro-actinolita (Fe-ACT), onde a) Polarizadores paralelos e; b) Fotomicrofotografia editada em Corel Draw X a fim de ressaltar as diferentes fases minerais . Gabro Vitoriano Veloso Lâmina JU-196.	84
Figura 142 - Ortopiroxênio (OPX) sendo substituído pela hornblenda (HBL), ambos sendo transformados metamórficamente para actinolita (ACT). Polarizadores cruzados. Gabro Vitoriano Veloso Lâmina JU-196.	85
Figura 143 - Hornblenda (HBL), sendo substituída por actinolita (ACT) no centro do grão e ferro-actinolita (Fe-ACT) em sua borda. Polarizadores cruzados. Gabro Vitoriano Veloso Lâmina JU-196.	85
Figura 144 - Diagrama P-T (Pressão-Temperatura) editado de Eskola (1915 <i>in</i> Yardley, 2004). Em verde, o campo de estabilidade mineral correspondente à formação de actinolita e a seta roxa representa uma das possibilidades de formação deste mineral, através de retrometamorfismo. Em azul, as fácies metamórficas e em vermelho, os campos de estabilidade das correspondentes fases minerais. Abreviações utilizadas: HNFs = hornfels; AE = albita-epidoto; HBL = hornblenda; PX = piroxênio; PREH-PUMP = prehnita-pumpellyita; Olig = oligoclásio; Plag = plagioclásio; Qtz = quartzo.	86

1- INTRODUÇÃO

O presente Trabalho Final de Curso objetiva contribuir na compreensão da evolução dos eventos geológicos da borda meridional do Cráton São Francisco, mais especificamente, sobre os pulsos metamórficos do Cinturão Mineiro. Segundo Teixeira *et al.* (2000), o Cinturão Mineiro compreende um conjunto de rochas originadas em arcos magmáticos Paleoproterozóicos posteriormente retrabalhados em dois eventos: o primeiro, relacionado à própria amalgamação dos terrenos do Cinturão Mineiro e posteriormente, o segundo, ao Evento Brasileiro.

A geologia da borda sul do Cráton São Francisco começou a ser estudada, através de mapeamentos geológicos nas décadas de 40 e 50, resultando em trabalhos que separavam conjuntos litológicos distintos e relacionando os mesmos com os modelos existentes. Entretanto, nas últimas décadas, o avanço do conhecimento dos processos geológicos como um todo, bem como a crescente melhoria nas metodologias científicas e equipamentos de análise, permitiu novas descrições e interpretações acerca destas mesmas rochas. Neste contexto, a presente monografia destinou-se a caracterizar de forma mais detalhada as rochas que afloram na região entre as cidades de Tiradentes, Vitoriano Veloso, Dores de Campos e Prados, principalmente o gabro Vitoriano Veloso, o andesito máfico Santo Antônio e as rochas vulcânicas e subvulcânicas da suíte félsica Tiradentes. Como parte desta estratégia, o mapeamento geológico foi complementado por estudo petrográfico detalhado, bem como geoquímico preliminar.

Essa investigação se insere numa linha de pesquisa do grupo PETRO-MIN (Grupo de Estudos em Petrologia e Mineralogia) do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional da UFRJ, coordenado pelo professor Ciro Alexandre Ávila.

2 - OBJETIVO E COMO ALCANÇÁ-LO

A pesquisa desenvolvida tem como objetivo o estudo do gabro de Vitoriano Veloso e das rochas que ocorrem ao redor do mesmo. Para alcançar este objetivo foram realizadas diversas etapas, que correspondem a:

- Mapeamento geológico de semi-detalle, na escala de 1:25.000, de uma área de cerca de 85km² e definição das principais unidades geológicas da região;
- Estabelecimento da cronologia relativa entre o referido gabro e as rochas tonalíticas que ocorrem na mesma área, bem como com as rochas vulcânicas adjacentes;
- Estudo da compartimentação interna do gabro Vitoriano Veloso a partir da caracterização textural e mineralógica de suas rochas;
- Caracterização da evolução mineralógica do gabro Vitoriano Veloso, incluindo feições primárias e o crescimento de minerais metamórficos e/ou hidrotermais;
- Estudo preliminar dos principais parâmetros geoquímicos, incluindo a caracterização do magma primário e de suas tendências evolutivas, processos petrogenéticos e ambiente tectônico;
- Correlacionar regionalmente os litótipos mapeados com as grandes unidades presentes na borda meridional do cráton São Francisco.

A partir da exposição do que foi realizado, pode-se indicar que o presente trabalho tem como finalidade contribuir para o conhecimento das várias fases evolutivas paleoproterozóicas do cinturão Mineiro e em um sentido mais amplo, da borda meridional do cráton São Francisco.

3 - LOCALIZAÇÃO E VIAS DE ACESSO

A área estudada localiza-se na porção sudeste do estado de Minas Gerais e compreende a região entre as cidades de Tiradentes, Vitoriano Veloso, Prados e Dolores de Campos. Esta abrange cerca de 85km², está inserida na folha topográfica Tiradentes (IBGE, escala 1:50.000) e é limitada pelas coordenadas UTM (Universal Transversa de Mercator) 592000 a 596000 (N) e 7672000 a 7662000 (E) segundo o *Datum* Córrego Alegre.

O principal acesso à região pode ser realizado através da rodovia BR-040, ligando o Rio de Janeiro à Belo Horizonte, entrando logo após a cidade de Barbacena na BR-285, antiga MG-265. Segue-se nesta até a entrada para as cidades de Dolores de Campos e Tiradentes. A partir de Dolores de Campos utiliza-se a estrada não pavimentada que liga a mesma as cidades de Prados e Vitoriano Veloso (vulgarmente denominada de Bichinho). Um segundo acesso a área estudada pode ser realizado a partir da BR-383 (a partir de São João del Rei), onde ao passar pela cidade de Prados, segue-se na estrada que liga esta a Dolores de Campos e posteriormente prosseguindo em estrada vicinal até a cidade de Vitoriano Veloso (Figura 1). Outro modo de percorrer a área de estudo é a partir de Tiradentes, onde utiliza-se a estrada de não pavimentada para Vitoriano Veloso e Prados.

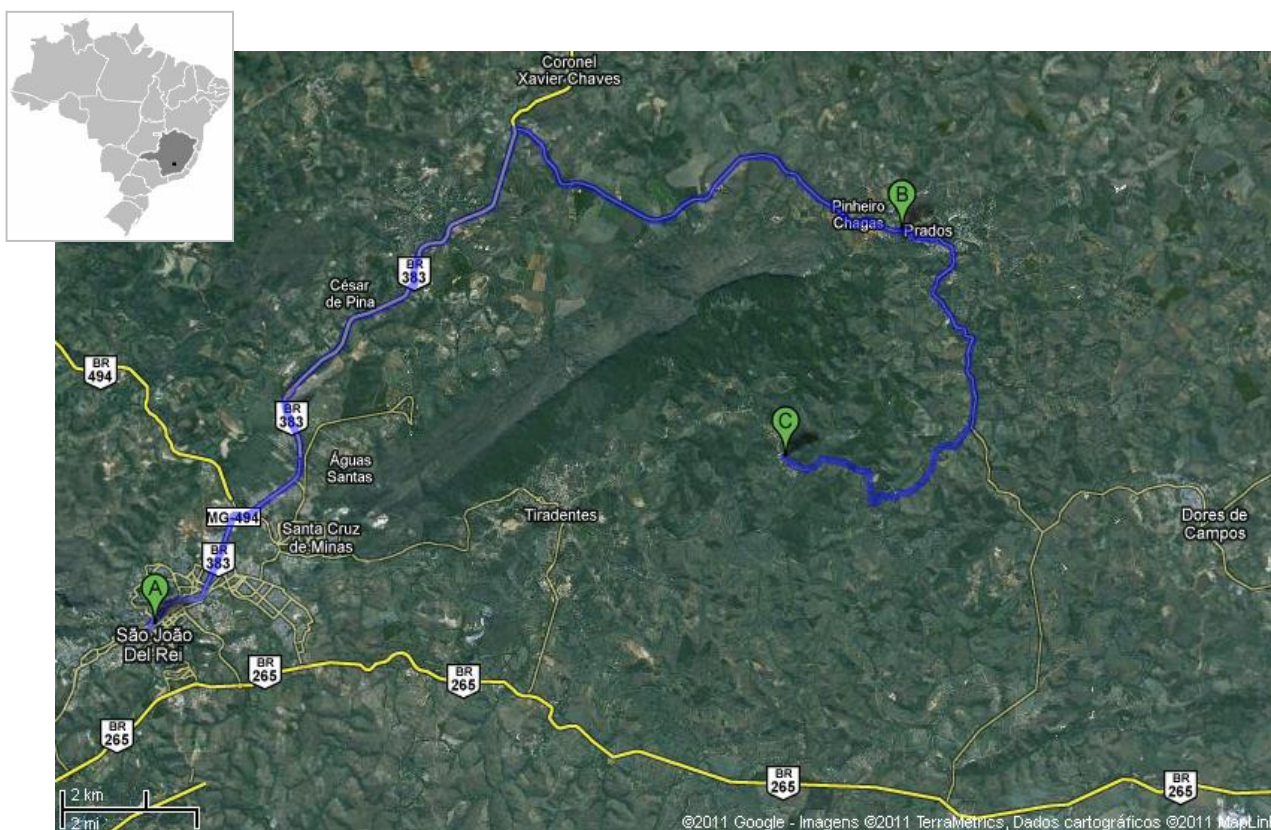


Figura 1 - Principais vias de acesso da área estudada. A=São João Del Rei, B= Prados e C= Vitoriano Veloso (Fonte: *Google Maps* 28/06/2011).

4 – MATERIAIS E MÉTODOS DE TRABALHO

4.1 – INTRODUÇÃO

Neste capítulo serão abordadas as diferentes etapas (campo, laboratório e escritório) envolvidas na elaboração da presente monografia, bem como os principais métodos de trabalho. Essas atividades foram realizadas após uma fase que envolveu um levantamento minucioso do material existente, tanto de campo (cadernetas com descrições de afloramentos, mapas e amostras recolhidas), quanto de escritório (lâminas delgadas e algumas descrições das mesmas). Esse material está associado às pesquisas realizadas anteriormente na área por estagiários e estudantes orientados pelo prof. Ciro Alexandre Ávila.

No presente trabalho, assim como em levantamentos anteriores, foram preparadas 242 lâminas petrográficas (**Tabela 1**), sendo que materiais de interesse mineralógico e petrográfico também foram estudados por outras técnicas instrumentais. Neste conjunto, estão incluídas lâminas de amostras recolhidas durante a presente monografia (pontos iniciados por JU), de campanhas realizadas por outros estudantes (pontos iniciados por BIA, AN e FG), quatro análises de amostras por difratometria de raios-X (DRX) para a identificação de minerais de interesse econômico e petrográfico, bem como seis amostras (1 lâmina e 5 conjuntos de minerais) foram estudadas por MEV-EDS (**Tabela 2**). Vinte e cinco amostras de rochas foram selecionadas para análise química para elementos maiores e traços, sendo que duas foram ainda analisadas para elementos terras raras (**Tabela 3**). Destas vinte e cinco amostras iniciais, uma apresenta sigla FG, relacionada à tese de doutorado em desenvolvimento de Fernando de Souza Gonçalves Vasques. Neste mesmo contexto, duas apresentam sigla AN e estão relacionadas ao Trabalho Final de Curso de Geologia do estudante Anselmo Bezerra Filho, defendida em 2006, sendo que as mesmas foram utilizadas na presente monografia para comparação com as rochas tonalíticas que ocorrem na área estudada.

Tabela 1 - Listagem de lâminas delgadas relacionadas ao projeto.

JU-10	rocha ultramáfica	JU-29A	gabro médio	JU-64C	gabro fino
JU-11A	gabro grosso	JU-29B	gabro médio	JU-64D	gabro médio
JU-11B	gabro grosso	JU-30A	gabro médio e fino	JU-64E*	gabro fino e médio
JU-11C	gabro grosso	JU-30B	gabro médio e fino	JU-66A	gabro fino
JU-11D	gabro grosso	JU-30C*	gabro fino	JU-66B	gabro médio
JU-11E	gabro grosso	JU-31A	gabro médio e fino	JU-67	gabro fino
JU-11F	gabro grosso	JU-31B	gabro médio e fino	JU-68A	rocha ultramáfica
JU-11G	gabro grosso	JU-31C	gabro fino	JU-68B	rocha ultramáfica
JU-17	gabro grosso	JU-37A	gabro médio	JU-69A	granitóide médio
JU-19	brecha tonalítica	JU-37B	gabro médio	JU-69B	diabásio
JU-25A*	diabásio	JU-41A	tonalito subv.	JU-69C	tonalito + diabásio
JU-25B*	gabro médio	JU-41B	rocha verde	JU-72A	gabro médio pra fino
JU-26	tonalito subv.	JU-41C	tonalito subv.	JU-72B	gabro médio
JU-27A	gabro médio	JU-50	diabásio	JU-73D*	gabro fino
JU-27B	gabro médio	JU-64A	gabro fino	JU-73E	gabro fino
JU-28*	gabro médio	JU-64B	gabro fino	JU-73F	gabro fino

Tabela 1 (continuação) - Listagem de lâminas delgadas relacionadas ao projeto.

JU-72C	gabro médio a grosso	JU-000	diabásio	JU-213	gabro/anfibolito
JU-87A	vulc./subv. félsica	JU-001	gabro médio	JU-219A	rocha com mto qtz
JU-87B	xenólito máfico	JU-001X	gabro médio	JU-221A	diabásio
JU-87C1	vulc./subv. félsica	JU-001Y	gabro médio	JU-221B	diabásio
JU-87C2	vulc./subv. félsica	JU-001Z	gabro médio	JU-225	diabásio
JU-72D	gabro médio pra grosso	JU-001M**	gabro médio	JU-227A	diabásio e diorito
JU-73A	gabro fino	JU-001N**	gabro médio	JU-227B	diabásio
JU-73B	gabro fino	JU-001Pa**	gabro médio	JU-230	diabásio
JU-73C*	gabro fino	JU-001Pb**	gabro médio	AM-1B	diorito
JU-73G	gabro médio	JU-132	tonalito subv.	Máfica 33A	subv. máfica
JU-73H	gabro médio	JU-139A	diabásio	Máfica 33B	subv. máfica
JU-73I	gabro médio	JU-139B	gabro médio	BIA-1	subv. máfica
JU-74A*	tonalito com xenólito	JU-140A	diabásio	BIA-5	vulc./subv. félsica
JU-74B	tonalito subv.	JU-140B	rocha ultramáfica	BIA-5A	vulc./subv. félsica
JU-74C	tonalito subv.	JU-140C	rocha ultramáfica	BIA-5B	vulc./subv. félsica
JU-74 B1*	tonalito subv.	JU-141A	diabásio	BIA-9	vulc./subv. félsica
JU-74 B2	tonalito subv.	JU-141B	diabásio	BIA-12	subv. máfica
JU-74 C1	tonalito subv.	JU-144A	gabro médio	BIA-14	vulc./subv. félsica
JU-74 C2	tonalito subv.	JU-144B	gabro médio	BIA-14	vulc./subv. félsica
JU-75A	diorito	JU-145A	gabro médio	BIA-16	subv. máfica
JU-75B	diorito	JU-146A	gabro/anfibolito	AM-1A	diorito
JU-87F (1)	vulc./subv. félsica	JU-146B	gabro/anfibolito	BIA-20A	vulc./subv. félsica
JU-87D	vulc./subv. félsica	JU-147	diabásio	BIA-20B	vulc./subv. félsica
JU-87E	vulc./subv. félsica	JU-150	diabásio	BIA-20C	vulc./subv. félsica
JU-87F (2)	vulc./subv. félsica	JU-152	diabásio	BIA-22a	vulc./subv. félsica
JU-87G (1)	subv. máfica	JU-153	gabro médio	BIA-22B	vulc./subv. félsica
JU-87G (2)	subv. máfica	JU-157A	diabásio/anfibolito	BIA-25	subv. máfica
JU-87G (3)	subv. máfica	JU-157B	diabásio/anfibolito	BIA-28A	vulc./subv. félsica
JU-87H	vulc./subv. félsica	JU-158	gnaisse bandado	BIA-28B	vulc./subv. félsica
JU-87I	vulc./subv. félsica e subv. máfica	JU-159A	tonalito subv.	BIA-31A	tonalito subv.
JU-87Ia	vulc./subv. félsica	JU-159B	tonalito subv.	BIA-31B	subv. máfica /diorito
JU-87Ib	subv. máfica	JU-166	epidosito	BIA-31C	subv. máfica /diorito
JU-87J	vulc./subv. félsica	JU-172	diabásio	BIA31-D	tonalito subvulc.
JU-87K	veio máfico	JU-174A1	diabásio	BIA-31E	vulc./subv. félsica
JU-93A	vulc./subv. félsica	JU-174A2	gabro/anfibolito	BIA33	subv. máfica /diorito
JU-93B	rocha esverdeada	JU-174B	diabásio	BIA-33A	subv. máfica /diorito
JU-93C	rocha verde e (?)	JU-174C	diabásio	BIA-33B	subv. máfica /diorito
JU-94	rocha verde afanítica	JU-174D	diabásio	BIA-33L	subv. máfica /diorito
JU-95A	rocha ultramáfica	JU-176	diabásio	BIA-33X	subv. máfica /diorito
JU-95B	rocha ultramáfica	JU-177	diabásio	BIA-33Z	subv. máfica /diorito
JU-96	subv. máfica	JU-179A	gabro médio	BIA-33W	subv. máfica /diorito
JU-98	subv. máfica	JU-179B	gabro médio	BIA-33Y	subv. máfica /diorito
JU-102A	subv. máfica	JU-179C	gabro médio	BIA-37	vulc./subv. félsica
JU-102B	vulc./subv. félsica	JU-179D	gabro médio	BIA-40(2)	subv. máfica
JU-102C	vulc./subv. félsica	JU-180A	diabásio	BIA-40 (3)	subv. máfica
JU-103	subv. máfica	JU-180B	diabásio	BIA-40B	subv. máfica
JU-105	vulc./subv. félsica	JU-183	diabásio	BIA-40E	subv. máfica
JU-109A	subv. máfica	JU-188	gabro médio	BIA-54A	tonalito subv.
JU-109B	subv. máfica	JU-191A	diabásio	BIA-54B	tonalito subv.
JU-109C	vulc./subv. félsica	JU-191B	gabro médio	BIA-54C	tonalito subv.
JU-109E	vulc./subv. félsica	JU-193	gabro médio	BIA-60	vulc./subv. félsica
JU-109G	vulc./subv. félsica	JU-196	diabásio	BIA-60B	vulc./subv. félsica
JU-110B	tonalito subv.	JU-197	diabásio	BIA-66A	tonalito subv.
JU-110C	tonalito subv.	JU-201A	diabásio	BIA-66Y	tonalito subv.
JU-114	tonalito subv.	JU-201B	diabásio e gabro	BIA-69C	vulc./subv. félsica
JU-116D	subv. máfica	JU-205	diabásio	BIA-69D	vulc./subv. félsica
JU-129	tonalito subv.	JU-206A	diabásio	BIA-69E	vulc./subv. félsica

Tabela 1 (continuação) - Listagem de lâminas delgadas relacionadas ao projeto.

BIA-70	vulc./subv. félsica	BIA-73I	vulc./subv. félsica	BIA-101C	tonalito subv.
BIA-71A	vulc./subv. félsica	BIA-73J	vulc./subv. félsica	BIA-101D	tonalito subv.
BIA-71B	vulc./subv. félsica	BIA-77	diorito	BIA-101E	tonalito subv.
BIA-73	vulc./subv. félsica	BIA-87A	rocha ultramáfica	AN-1D	qtz-diorito Dores de Campos
BIA-73C	vulc./subv. félsica	BIA-87B	rocha ultramáfica	MA-51A	gabro/anfibolito
BIA-73F	vulc./subv. félsica	BIA-101B	tonalito subv.	FG-18	gabro médio
BIA-73H	vulc./subv. félsica				

Legenda: subv=subvulcânica; vulc./subv.=vulcânica/subvulcânica; qtz=quartzo; *=incluindo a confecção de lâmina polida e **=somente realização de lâmina polida.

Tabela 2 - Listagem de amostras enviadas para difratometria de raios-X (DRX) e MEV-EDS.

JU-10	DRX de grãos do anfibólio de rocha ultramáfica
JU-45A	DRX (minerais no chão): a- fosco: b- brilhoso
JU-45B	
JU-56	DRX de fase oxidada e/ou sulfetada
JU-97A	MEV de veio sulfetado
JU-97B	MEV de veio sulfetado (amostras: JU-97B e JU-97B1)
JU-109E	MEV de veio sulfetado (amostras: JU-109E1 e JU-109-E2)
JU-001Pb	MEV da lâmina polida de gabro médio

Tabela 3 - Listagem de amostras enviadas para análise geoquímica. Legenda: subv=subvulcânica; vulc./subv.=vulcânica/subvulcânica; * = incluindo análise de elementos terras raras e; ** = corpo subvulcânico tonalítico, situado a sul do Rio das Mortes.

JU-25A	diabásio	JU-87J	vulc./subv. félsica afanítica
JU-25B	gabro médio	JU-109E	vulc./subv. félsica afanítica
JU-28	gabro médio	JU-110B	tonalito subv.
JU-37A	gabro médio	JU-110C	tonalito subv.
JU-64E	diabásio	JU-129	tonalito subv.
JU-73A	gabro fino	JU-74A	tonalito subv.
FG-18	gabro médio	BIA-40A	vulc./subv. félsica afanítica
JU-74 B1	tonalito subv.	BIA-60B	vulc./subv. félsica afanítica
JU-87C1	tonalito subv.	BIA-31D	vulc./subv. félsica afanítica
JU-87F (1)*	vulc./subv. félsica afanítica	AN-01D**	tonalito subv.
JU-87F (2)	vulc./subv. félsica afanítica	AN-115A**	tonalito subv.
JU-87H	vulc./subv. félsica afanítica	AN-116A**	tonalito subv.
JU-87Ia*	vulc./subv. félsica afanítica		

O acervo de amostras e lâminas petrográficas montado a partir desta monografia poderá ser utilizado em estudos futuros da área em questão, onde uma parte do mesmo está sendo usado na elaboração da monografia da estudante Thayla Almeida Teixeira Vieira, que está relacionada às rochas vulcânicas e subvulcânicas máficas e félsicas da região de Tiradentes, uma vez que grande parte das atividades de campo foram desenvolvidas em conjunto.

4.2 – ETAPAS DE CAMPO

4.2.1 – Mapeamento geológico

A metodologia utilizada para a realização do presente trabalho baseou-se no mapeamento geológico na escala 1:25.000, que culminou na elaboração do mapa geológico na referida escala (**Anexo I – Mapa geológico**). Para tal, foram realizadas 2 campanhas, que totalizaram 17 dias de campo. A primeira foi realizada entre os dias 05 e 16 de fevereiro de 2009, enquanto a segunda entre os dias 11 e 17 de fevereiro de 2011. No total foram mapeados cerca de 85km² e descritos 230 pontos geológicos (**Anexo II – Mapa de pontos**), que foram plotados na folha topográfica Tiradentes, a partir do uso de um GPS Garmin Etrex, utilizando o *Datum* Córrego Alegre, sendo a localização conferida e confirmada a partir das feições topográficas. A descrição sumarizada dos pontos de campo com sigla JU (**Anexo III**) foi acrescentada na presente monografia visando facilitar o arquivamento futuro do material. Segue também um mapa geológico de detalhe da subdivisão faciológica e textural do gabro Vitoriano Veloso (**Anexo IV**).

Para a delimitação dos litótipos foi usado o método de caminhamento ao longo dos contatos ou próximo aos mesmos, em virtude da natureza intrusiva de grande parte dos corpos mapeados, com contatos irregulares e sinuosos. Porém a presença de florestas e espessos mantos de intemperismo dificultaram essa fase. Em termos gerais, as rochas estudadas raramente possuem estruturas primárias (fluxo magmático) ou secundárias (foliação, xistosidade) impressa ou visíveis em amostras de mão. Nos raros casos que as mesmas foram observadas, realizou-se a medição em notação *dip-dip* a partir do uso de bússola Eclipse Pro 8099 da Brunton® com declinação de 21° W.

A descrição dos pontos foi realizada em campo, a partir da observação do tipo de afloramento (lajedo, piso, corte de estrada, blocos), do grau de intemperismo da rocha (rocha fresca, alterada ou saprólito), presença de xenólitos, veios e pegmatitos, assim como mineralogia, textura, estruturas primárias e secundárias.

As principais dificuldades identificadas durante a fase de mapeamento geológico estiveram diretamente relacionadas à:

- 1) Ampla distribuição de vegetação, colúvio e talus, impossibilitando a identificação das unidades, que estavam encobertas;
- 2) Grande variação na granulação das rochas em intervalos, por vezes, centimétricos;
- 3) Elevado grau de alteração intempérica das rochas estudadas, dificultando a identificação mineralógica e conseqüentemente, a sua classificação em campo.

4.2.2 – Coleta e preparação de amostras de rochas

Como já foi mencionado anteriormente, a ampla distribuição de cobertura vegetal, colúvio e talus, assim como o elevado grau de alteração intempérica, refletem na escassez de afloramentos na área estudada e dentro deste contexto, a dificuldade de se obter rochas sem alteração. Neste caso o processo de seleção de amostras para serem estudadas em laboratório (petrografia) não foi muito criterioso, excluindo-se apenas, as rochas excessivamente intemperizadas, pois qualquer informação seria bastante relevante. A amostragem levou em consideração a representatividade do fragmento coletado e alguns aspectos de interesse, como no caso dos granitóides, a presença de xenólitos e no caso das rochas gabróicas a variação na granulação. Cabe destacar que os melhores afloramentos do gabro Vitoriano Veloso estão situados na porção leste da área estudada.

Foram, ainda, selecionadas amostras de minerais não identificados macroscopicamente para análise por difratometria de raios-X e de sulfetos para a confecção de briquetes polidos objetivando o estudo por microscopia eletrônica de varredura (MEV) com equipamento de microanálise pontual (EDS).

4.3 – ETAPAS DE LABORATÓRIO

4.3.1 - Petrografia

As amostras coletadas em campo foram identificadas e enviadas diretamente para o Laboratório de Laminação do Museu Nacional (LLMN), visando à confecção de lâminas delgadas. Em algumas amostras foram selecionadas áreas para corte, principalmente aquelas relacionadas à orientação dos minerais (feições primárias ou secundárias) ou áreas de contato entre corpos ígneos e xenólitos, onde buscava-se feições petrográficas de interesse, como assimilação e transformações mineralógicas. Após o corte para laminação, algumas amostras apresentaram feições de grande interesse, que foram documentadas através de fotografias.

As descrições das lâminas foram realizadas no microscópio petrográfico Carl Zeiss® Axioskop 40, identificando-se a mineralogia essencial, acessória e secundária, bem como texturas e estruturas de interesse. Durante a caracterização petrográfica, buscou-se ainda a classificação das rochas, a caracterização de seus protólitos e a organização de um acervo digital incluindo fotomicrografias das principais feições identificadas.

É importante ressaltar que as rochas da área sofreram transformações minerais, como por exemplo, epidotização, sericitização e cloritização, onde o crescimento de paragêneses secundárias mascara os minerais e as texturas primárias, dificultando, e muito, a descrição das lâminas petrográficas. Soma-se a este fato o crescimento de pelo menos três gerações distintas de anfibólio e o sobrecrecimento nestes de vários outros minerais, tais como biotita e clorita.

4.3.2 – Preparação de amostras de rochas para geoquímica

A seleção das amostras a serem analisadas quimicamente (Tabela 3) envolveu os critérios de campo em relação ao grau intempérico da amostra, bem como em lâmina petrográfica, onde foram evitadas amostras com alteração intempérica e hidrotermal. Após a escolha das amostras pela petrografia, definiu-se nestas a área de corte (foram evitados veios, contatos, xenólitos), priorizando-se nas mesmas as áreas centrais dos fragmentos. Essas áreas foram então cortadas em briquetes límpidos e frescos (*slabs* de cerca de 7 x 5cm) no Laboratório de Laminação do Museu Nacional (LLMN) e em seguida o briquete foi quebrado com martelo até alcançar fragmentos entre 5 e 20 mm. Por fim, o material foi processado em um moinho de panela de tungstênio por cerca de 3 minutos até atingir uma granulometria inferior a 200 *mesh*, considerada como adequada para a análise química.

4.3.3 – Análise química

Foram selecionadas dezenove amostras para análise química no Laboratório de Fluorescência de Raios-X da Universidade de São Paulo (USP), a partir do uso de um espectrômetro de fluorescência de raios-X Phillips modelo PW 2400 com tubo de Rh, sendo sete amostras do gabro Vitoriano Veloso (amostras JU e FG) e doze de rochas vulcânicas e subvulcânicas da suíte félsica Tiradentes. Além destas, foram utilizadas seis análises químicas (amostras AN e BIA) realizadas no Laboratório de Fluorescência de raios-X do Departamento de Geologia da UFRJ.

No Laboratório de Fluorescência de Raios-X da USP, a perda ao fogo foi determinada através da comparação do peso da amostra antes e depois da mesma ser aquecida por 30 minutos a 950 °C. A preparação das amostras para análise dos elementos maiores envolveu a fusão de 1g de material pulverizado (< 200 *mesh*) com 5g de tetraborato de lítio para formar uma pastilha de vidro. Os elementos traços foram analisados e determinados por espectroscopia de fluorescência de raios-X em pastilha prensada a partir de 7g do pó da amostra juntamente com 1g de aglutinante *wax*. Os elementos leves foram aferidos com as seguintes condições: detector de fluxo e cristal analisador PET/Ge. O erro analítico relativo estimado foi: Si, Ti, Al, Fe, Mn, Mg, Ca, Na, K e P foi de cerca de 2% e elementos traços entre 5 a 10%. Maiores detalhes sobre o procedimento analítico e as condições instrumentais podem ser encontrados em Mori *et al.* (1999).

Já no Laboratório de Fluorescência de Raios-X da UFRJ, a perda ao fogo foi obtida através da obtenção do peso da amostra antes e depois da mesma ser levada a 950 °C por meia hora. Os elementos maiores foram detectados a partir da fusão de 1,2 g de pó do material com tetraborato de lítio. Os elementos traços foram determinados em 7g do pó da amostra,

prensada com 1g de aglutinante wax. Os elementos leves foram dosados com as seguintes condições: detector de fluxo, cristal analisador PET/Ge e potência do tubo 40 kV - 70mA. Os elementos pesados foram detectados com detector selado, cristais analisadores LIF200/LIF220 e potência do tubo 50 kV - 50mA. Com base em análises de padrões, o erro analítico relativo estimado é: Si, Al (< 1%), Fe, Mg, Ca (1-2%), Ti, Na, K (3-5%), P e outros elementos traços ($\leq 6\%$). As curvas de calibração foram obtidas a partir da análise dos seguintes padrões internacionais: NIM-P, 521-84n, GBW07112, GIT-IWG, ANRT, BE-N GIT, PM-S GIT, CRPG BR, AN-G GIT, GBW07104, GBW07110, GBW07111, AC-E, GS-N, MA-N, CRPG GH.

Os elementos terras raras de duas amostras foram analisados por ICP-MS, no *Acme Analytical Laboratories Ltd.* Neste utiliza-se $0,1000 \pm 0,001\text{g}$ da amostra reduzida a pó com granulometria inferior a 200 *mesh* e $0,3000 \pm 0,003\text{g}$ de mistura 1:4 de tetraborato de lítio (grau espectroscópico). Funde-se o material em forno mufla por 20 minutos, a $1000\text{ }^\circ\text{C}$. Verte-se a pérola fundida em béquer de polietileno contendo 20ml de HCl 2N. Após a solubilização do material fundido com agitador magnético, filtra-se a solução e executa-se a separação cromatográfica utilizando gradientes de concentração de ácidos clorídrico e nítrico em colunas contendo resina de troca catiônica, tendo como base o trabalho de Watkins & Nolan (1992).

O difratograma de raios-X das amostras, obtido pelo método do pó, foi coletado em um equipamento Bruker-D4 Endeavor, nas seguintes condições de operação: radiação Co $K\alpha$, $\lambda = 0,179021\text{nm}$, gerador operado a 40kV e 40 mA; velocidade do goniômetro de $0,02^\circ 2\theta$ por passo com tempo de contagem de 0,5 segundos por passo e coletados de 4 a $80^\circ 2\theta$, com detector sensível à posição LynxEye. As interpretações qualitativas de espectro foram efetuadas por comparação com padrões contidos no banco de dados PDF-02 (ICDD, 2006) em software Bruker Diffrac^{Plus}.

Para o estudo de alguns minerais de interesse econômico e petrográfico, os briquetes de amostras, bem como uma lâmina polida, foram recobertos com carbono e analisados por microscopia eletrônica de varredura (MEV), com microanálise pontual por dispersão de energia (EDS). O equipamento utilizado (FEI Quanta 400) possui acoplado um sistema de microanálise Bruker Quantax 800, detector SDD (silicone drift) XFlash 4030, com janela de 30mm^2 e resolução de 128eV a 5,9keV. A quantificação dos elementos foi realizada pela rotina PB-ZAF, por parâmetros fundamentais, com determinação automática de Bremsstrahlung e convolução envolvendo todas as energias dos elementos inclusive do C do recobrimento. O espectrômetro passou por calibração espectral antes de cada sessão de análise. A tensão de aceleração de elétrons de todas as análises foi 20kV, e o tempo de

aquisição de espectro foi variável, mas configurado para a melhor estatística de contagens. O limite de detecção varia entre 0,1 e 0,5%. Já as imagens MEV foram geradas por detector de elétrons retro-espalhados (*backscatter electrons detector - BSD*), no qual os níveis de cinza são proporcionais ao peso atômico médio dos elementos excitados pelo feixe de elétrons durante a varredura. Nas imagens composicionais os tons mais claros e escuros representam, respectivamente, as fases de pesos atômicos médios mais e menos elevados. A resolução da análise por EDS é da ordem de 1,0 μm de raio em superfície e 1,5 a 5,0 μm em profundidade, dependendo da densidade do material no ponto analisado. Todas as análises em MEV/EDS apresentam-se em porcentagem em peso.

4.4 – ETAPAS DE ESCRITÓRIO

Foram realizadas quatro etapas de gabinete, sendo a fase inicial, desenvolvida anteriormente a realização dos trabalhos de campo e consistiu na ampliação do mapa topográfico do IBGE, Folha Tiradentes, de 1:50.000 para 1:25.000, visando a preparação do mapa a ser utilizado nas atividades de campo e de escritório. A segunda etapa está relacionada ao tratamento dos dados obtidos a partir das análises geoquímicas de rocha total, através dos programas MINPET v.2.02 e GCDkit 2.3 e a terceira etapa consistiu na edição das figuras utilizadas na presente monografia, bem como elaboração final do mapa geológico e do mapa de pontos através do *software* Corel Draw X4.

A última etapa consistiu na confecção da presente monografia, onde as referências bibliográficas foram realizadas segundo as normas da Revista Brasileira de Geociências, volume 40, número 1, de março de 2010.

5 - NOMENCLATURA ADOTADA PARA OS LITÓTIPOS

Durante a descrição das rochas estudadas e na redação do texto da presente monografia, foram utilizadas algumas terminologias que nem sempre se enquadram em um consenso geral. Desta forma, o presente capítulo tem como objetivo expor o método e o proponente das classificações utilizadas visando facilitar o leitor no entendimento do texto.

Os nomes atribuídos às unidades mapeadas foram escolhidos com base no Código Brasileiro de Nomenclatura Estratigráfica (Petri *et al.*, 1986), onde normalmente o primeiro nome se refere ao tipo de rocha classificada em lâmina petrográfica e o segundo a uma localidade tipo ou ponto geográfico de referência presente nas redondezas do corpo. Também utilizou-se denominações já consagradas na literatura regional, dentre elas, gabro Vitoriano Veloso (Ebert, 1957). O termo meta foi suprimido de todas as denominações dos corpos estudados pois as rochas da região em questão, embora afetada por pelo menos três pulsos metamórficos, ainda mantêm parcialmente preservadas as suas feições primárias.

Primeiramente é importante definir alguns dos conceitos utilizados, como a classificação dos minerais em primários e secundários. Neste caso, os minerais primários seriam aqueles formados durante a solidificação do magma e os secundários, derivariam de regimes posteriores à cristalização dos primeiros, como o metamorfismo, hidrotermalismo e o intemperismo. Os minerais primários ainda podem ser divididos em essenciais (cuja ocorrência é, em geral, fundamental para dar nome a rocha ou simplesmente, quando seu volume é maior que 5%) e acessórios (volumes inferiores a 5%); conforme Dorado (1989). Nas rochas da área estudada, entendemos como minerais metamórficos aqueles formados exclusivamente por processos de metamorfismo regional, relacionados a um conjunto de processos pelos quais uma determinada rocha é transformada (no estado sólido) em outra rocha com características distintas das originais, resultantes de um aumento de temperatura e pressão. Já a alteração hidrotermal inclui processos complexos de mudanças texturais, mineralógicas e/ou químicas a partir da interação de rochas pré-existentes com soluções mais quentes ($> 5\text{ }^{\circ}\text{C}$) que as do meio que passam (Inoue, 1985 *in* Bongiolo, 2005). Além disso, as origens das soluções hidrotermais são variadas e foram descritas por Pirajno (1992 *in* Bongiolo, 2005) como provenientes de: águas meteóricas (incluindo águas de chuva, rios, lagos e subterrânea); oceânicas (podendo penetrar alguns quilômetros); conatas (aprisionadas em rochas sedimentares e produzidas por reações diagenéticas); metamórficas (a partir da desidratação de minerais hidratados); juvenis (originadas diretamente do manto) e; magmáticas (separadas de uma fase fundida em resfriamento e que geram sistemas magmáticos-hidrotermais. Alguns destes processos recebem nomes específicos como epidotização, cloritização, sericitização e caulinitização. Por fim, o intemperismo é resultado

das transformações que as rochas da crosta sofrem na interação com a atmosfera, a hidrosfera e a biosfera (Teixeira *et al.*, 2000).

No que diz respeito ao metamorfismo, Eskola (1915 *in* Yardley, 2004) formulou um esquema de fácies metamórficas, que representa amplas subdivisões de P-T em que se enquadram a maioria das rochas metamórficas, independentemente do protólito. Tais subdivisões e os campos das respectivas fácies metamórficas podem ser observadas no diagrama abaixo (Figura 2), na cor azul. Neste mesmo sentido, no que diz respeito ao metamorfismo de rochas máficas, observa-se, na mesma figura, em vermelho, os campos de estabilidade das correspondentes fases minerais.

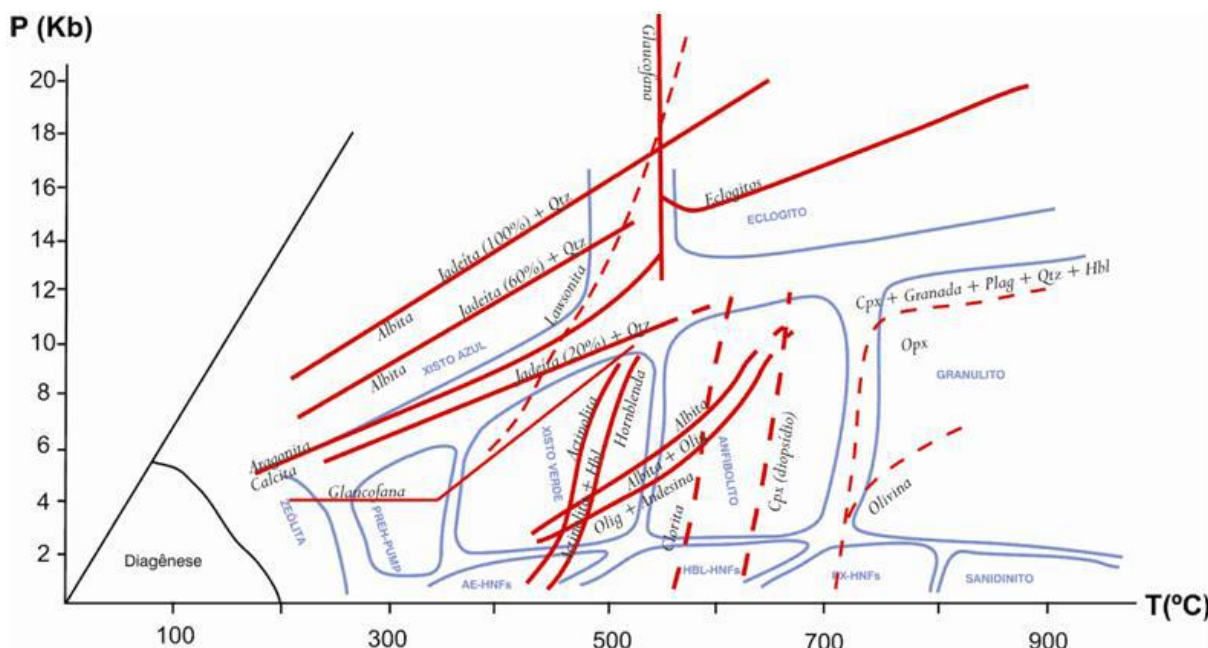


Figura 2 - Diagrama P-T (Pressão-Temperatura) mostrando os campos das várias fácies metamórficas (em azul) e os campos de estabilidade das correspondentes fases minerais (em vermelho). Abreviações utilizadas: HNFs = hornfels; AE = albita-epidoto; HBL = hornblenda; PX = piroxênio; PREH-PUMP = prehnita-pumpellyita; Olig = oligoclásio; Plag = plagioclásio; Qtz = quartzo (Eskola 1915 *in* Yardley, 2004).

A nomenclatura petrográfica para as rochas ígneas plutônicas félsicas (granitóides) e máficas (dioritos e gabros) baseou-se no diagrama QAPF (Figura 3) de Streckeisen (1976), enquanto que para as rochas porfiríticas vulcânicas e subvulcânicas a classificação foi baseada no tipo de fenocristais (Best, 1982), onde:

- Riolito: fenocristais de sanidina e quartzo; qualquer tipo de fenocristal máfico pode estar presente, mas costuma ser esparso a ausente;
- Riodacito: fenocristais de plagioclásio, sanidina e quartzo; qualquer tipo de fenocristal máfico pode estar presente, mas costuma ser esparso a ausente;
- Dacito: fenocristais de plagioclásio e quartzo; qualquer tipo de fenocristal máfico pode estar presente.

d) Andesito: Fenocristais de plagioclásio; com ou sem piroxênio, hornblenda ou às vezes biotita e raramente olivina.

A nomenclatura geoquímica das rochas vulcânicas e subvulcânicas (Figura 4) foi baseada no diagrama TAS de Le Bas *et al.* (1986), enquanto das rochas plutônicas no diagrama de Cox *et al.* (1979).

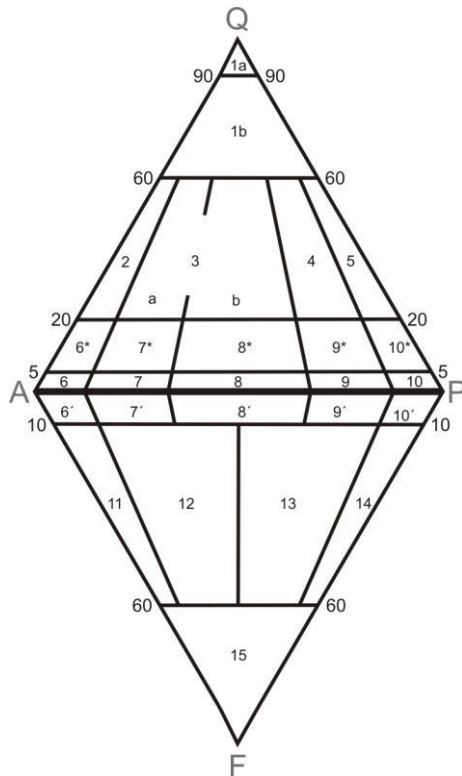
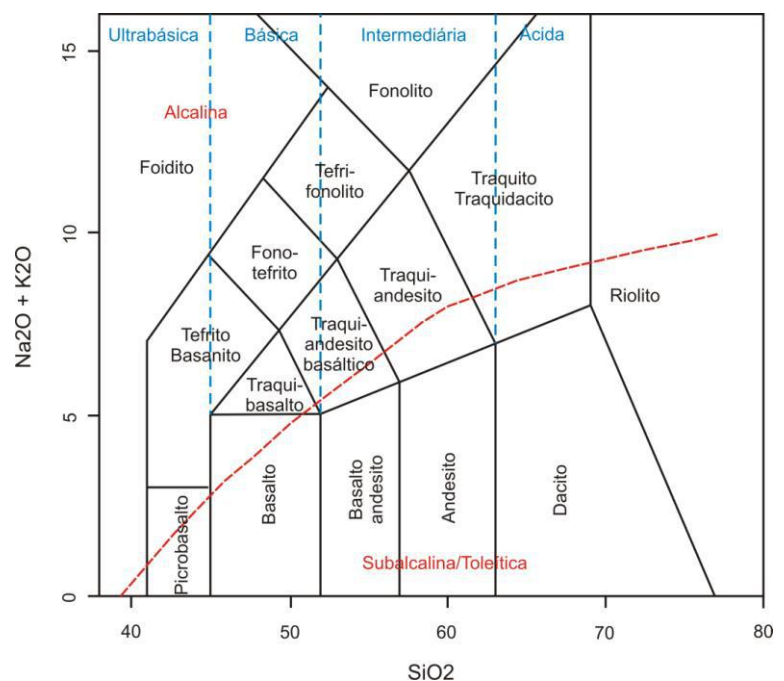


Figura 3 - Classificação geral e nomenclatura de rochas plutônicas de acordo com o conteúdo mineral (% vol) segundo Strackeisen (1976). 1a- quartzolito (silexito); 1b- granitóide rico em quartzo; 2- álcali-feldspato granito; 3a- sienogranito; 3b- monzogranito; 4- granodiorito; 5- tonalito; 6*- quartzo álcali-feldspato sienito; 7*- quartzo sienito; 8*- quartzo monzonito; 9*- quartzo monzodiorito / quartzo monzogabro; 10*- quartzo diorito / quartzo gabro / quartzo anortosito; 6- álcali-feldspato sienito; 7- sienito; 8- monzonito; 9- monzodiorito / monzogabro; 10- diorito / gabro / anortosito; 6'- álcali-feldspato sienito com feldspatóide; 7'- sienito com feldspatóide; 8'- monzonito com feldspatóide; 9'- monzodiorito / monzogabro com feldspatóide; 10'- diorito / gabro com feldspatóide; 11- feldspatóide-sienito; 12- feldspatóide-monzosienito; 13- feldspatóide monzodiorito / feldspatóide monzogabro; 14- feldspatóide diorito / feldspatóide gabro; 15- foidito.

Figura 4 - Classificação de rochas vulcânicas e subvulcânicas através de dados geoquímicos segundo Le Bas *et al.* (1986).



Para o grau de cristalização, foi utilizada a proposta de Williams *et al.* (1954), que subdivide as rochas em: holocristalinas, quando estas são inteiramente composta por cristais; holoialinas, quando consistem inteiramente em vidro e; hipocristalinas, aquelas que contém tanto vidro como cristais. Considerando ainda a granulação (tamanho dos cristais), empregou-se a classificação deste mesmo autor: rochas faneríticas, quando os cristais são reconhecíveis a olho nú ou com ajuda de uma lupa de mão (10 x) e; rochas afaníticas, quando os cristais não são reconhecíveis nem com ajuda de uma lupa de mão e é preciso recorrer ao microscópio. Por fim, este ainda define para as rochas faneríticas intervalos de seriação que podem ser observados na tabela abaixo (Tabela 4).

Tabela 4 - Classificação da granulação da rocha fanerítica, baseada no tamanho dos cristais (Williams *et al.*, 1954)

Terminologia	Tamanho do grão
Muito grossa	> 30mm
Grossa	5 a 30mm
Média	1 a 5mm
Fina	< 1mm

Quanto ao índice de cor das rochas ígneas, segue-se a proposição de Le Maitre *et al.* (2002), que definiu este parâmetro como sendo a soma dos minerais máficos (micas, anfibólios, piroxênios e olivinas), opacos e alguns acessórios (zircão, apatita, titanita, epidoto, allanita, granadas, carbonatos primários, dentre outros), não incluindo, portanto, os minerais secundários. Neste sentido, para classificar as rochas ígneas de acordo com tal índice, utilizou-se a proposta do mesmo autor, descritas na tabela a seguir (Tabela 5).

Tabela 5 - Índice de cor segundo o teor de minerais máficos (Le Maitre *et al.*, 2002).

Índice de cor	Teor de minerais máficos
Hololeucocrática	0-10%
Leucocrática	10-35%
Mesocrática	35-65%
Melanocrática	65-90%
Holomelanocrática	90-100%

Há ainda uma outra classificação (Hess, 1937 in Le Maitre *et al.*, 2002) relacionada à cor das rochas, de forma mais abrangente: félsicas, máficas e ultramáficas. A primeira pode ser definida quando a rocha possui quartzo, assim como feldspatos e/ou feldspatóides modais e de forma abundante, garantindo à rocha uma coloração clara. No caso das rochas máficas, tipicamente escuras, enquadram-se aquelas com abundantes minerais modais máficos (definidos no parágrafo acima). E por fim, as rochas ultramáficas são características por

consistirem essencialmente de minerais máficos (>90%), tornando-as muito escuras. Assim, no caso de rochas metamórficas, para a caracterização do seu índice de cor, é conveniente utilizar esta classificação já que muitos dos minerais secundários podem acabar obliterando a mineralogia primária.

Em relação ao grau de desenvolvimento das faces dos cristais, optou-se por utilizar a nomenclatura: grãos idiomórficos (apresentam todas as faces cristalinas bem desenvolvidas); grãos hipidiomórficos (com faces parcialmente desenvolvidas) e; grãos xenomórficos (sem faces cristalinas bem formadas), descritas por Williams *et al.* (1954).

Além disso, o arranjo de determinados cristais, assim como as suas distribuições, geram texturas específicas. Neste caso, para a distribuição de tamanhos de grãos numa rocha, foi utilizada a divisão em equigranular e inequigranular (e esta, por sua vez, subdividida em unimodal, seriada, bimodal e porfírica) que Dorado (1989) explicita de forma clara no esquema abaixo (Figura 5).

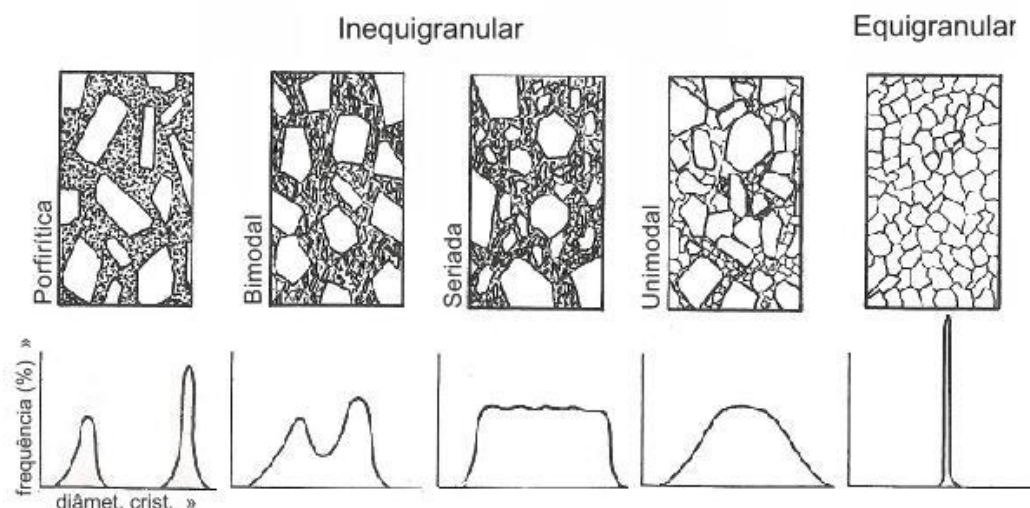


Figura 5 - Esquema representando cinco casos típicos de distribuição de tamanhos de grão em rochas ígneas cristalinas, independente do tamanho dos grãos da rocha (Dorado, 1989).

Ainda nesta mesmo sentido de caracterização de texturas, foram utilizados para quase todos os casos, diversos conceitos de Williams *et al.* (1954) sendo complementados por alguns esquemas gráficos de fácil compreensão de Dorado (1989), como:

a) Textura poiquilitica – definida por cristais de tamanho grande quando apresentam numerosas inclusões de outros cristais da matriz;

b) Corona – textura de substituição mineral, com a formação de uma auréola de reação sempre no contato entre dois ou mais minerais (Passchier & Trow, 1996). As coronas monominerálicas também são conhecidas como *moats*; já as poliminerálicas, como coronas simplectíticas (intercrescimento entre dois minerais sem distinções morfológicas entre eles);

c) Textura micrográfica ou granofírica – rocha com intercrescimento de quartzo vermiforme e álcali-feldspato, seja através da cristalização simultânea a partir da mistura eutética, seja através da substituição de um mineral pelo outro. Se a textura é visível a olho nú, é chamada de gráfica. No caso do feldspato em questão ser plagioclásio sódico, a textura recebe o nome de mirmequítica e ambas são tipos especiais de texturas simplectíticas;

d) Textura esferulítica – agregados radiados de minerais aciculares e fibrosos, em geral feldspatos, oriundos da desvitrificação do magma e característicos de rochas ácidas;

e) Textura glomeroporfirítica – ocorre em rochas afaníticas porfiríticas, onde os fenocristais ocorrem aglomerados em grupos distintos;

f) Textura vesicular – formam-se quando os gases exolvidos nas lavas formam vesículas e quando o material resfria, cavidades. Estas podem ser preenchidas subsequentemente com minerais deutéricos ou secundários, formando amídalas e;

g) Texturas cumuláticas – ocorrem em rochas plutônicas com evidências texturais de diferenciação por gravidade ou por fluxo ígneo. A situação de partida é a que existe um líquido intersticial entre os cristais acumulados no fundo da câmara magmática (Figura 6a), a partir do qual podem ocorrer:

i) o líquido intersticial cristaliza em um agregado xenomorfo com granulação menor (Figura 6b). Neste caso a textura é chamada de ortocumulática e os minerais acumulados são chamados de *cumulus* e os que formam o agregado, *intercumulus*.

ii) cristalizam grandes cristais, englobando os minerais *cumulus*. Tal textura é denominada de heteroadcumulática (Figura 6c).

iii) os cristais *cumulus* continuam crescendo, aparecem zonados, com um núcleo idiomórfico e as bordas xenomórficas (Figura 6d). Se a continuidade desta cristalização é tal que preenche todos os espaços vazios, a textura resultante é chamada de adcumulática (Figura 6e). Se ainda sobra um espaço em que se cristalizam agregados minerais xenomórficos, a textura final é a mesoadcumulática (Figura 6f). E em caso especial, quando uma fase *cumulus* deixa de ser estável e é parcial ou totalmente dissolvida no líquido intersticial, pode cristalizar, ainda, uma fase *cumulus* posterior (Figura 6g).

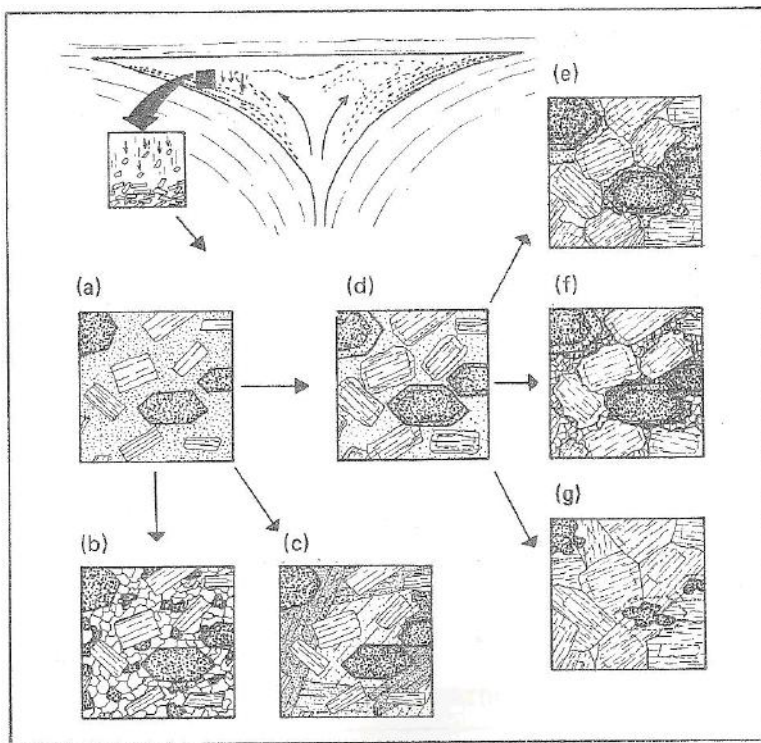


Figura 6 - Principais texturas cumuláticas em rochas plutônicas. Baseado nas descrições de Bard (1985) e Best (1982) *in* Dorado, (1989).

h) Texturas comuns de rochas básicas:

i) Textura intergranular (**Figura 7a**) – disposição entrecruzada dos grãos de plagioclásio, deixando entre eles, espaços, ocupados por minerais ferromagnesianos.

ii) Textura ofítica (**Figura 7b**) – definida por cristais poiquilíticos de piroxênio, que formam a estrutura da rocha, incluindo cristais de plagioclásio. A diferença desta para a intergranular é que, neste caso, os cristais de piroxênio estão em continuidade óptica.

iii) Textura subofítica (**Figura 7c**) – Textura intermediária entre as duas anteriormente descritas. Os grãos de piroxênio são poiquilíticos, incluem cristais menores de plagioclásio que estão em contato e formam um entrelaçado similar a primeira, com continuidade óptica entre os cristais.

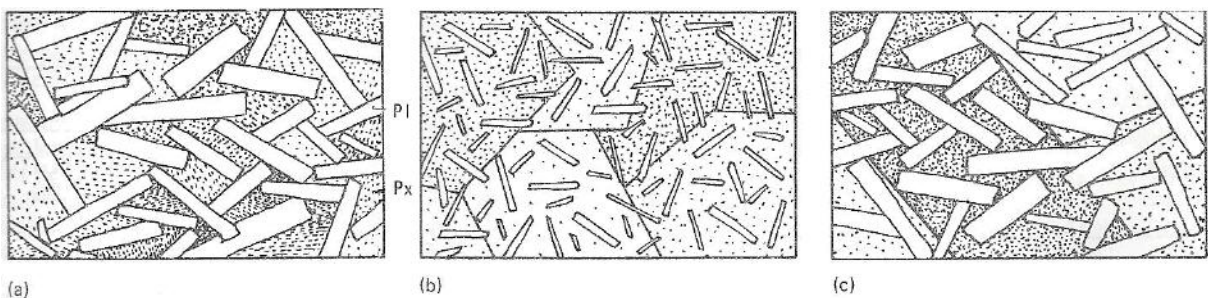


Figura 7 - Principais texturas observadas em rochas básicas: (a) diabásica (ou intergranular); (b) ofítica e (c) subofítica (Dorado, 1989).

i) Textura lepidoblástica – definida por minerais laminares (filossilicatos), intercrescidos homogêneamente e orientados segundo os planos basais (001) mais ou menos paralelos entre si;

j) Textura nematoblástica – definida por minerais aciculares (inossilicatos), entrecrescidos homogêneamente com seus eixos maiores paralelos entre si;

Também foram identificados em campo, algumas rochas ígneas e metamórficas cuja classificação textural segue a proposição de Yardley (2004):

a) Anfibolitito – corresponde a rochas ultramáficas ígneas formadas quase que exclusivamente por anfibólios (hornblenda ou tremolita-actinolita);

b) Gnaisse – rocha metamórfica grossa, com estrutura planar, tal como xistosidade ou bandamento composicional;

c) Filito – rocha metamórfica com clivagem pronunciada e composta principalmente por filossilicatos, às vezes discerníveis na amostra de mão e que dão uma aparência sedosa às superfícies de clivagem;

d) Anfibolito – rocha metamórfica essencialmente bimineralica, constituída de hornblenda e plagioclásio, onde os prismas de hornblenda alojam-se ao longo dos planos de orientação da rocha.

É importante ressaltar ainda que o uso do termo pegmatito, segundo Williams *et al.* (1954) se refere à rochas ígneas, em geral, extremamente grossas (entretanto, sua granulação pode variar bastante), resultante de estágios finais de consolidação de magmas (líquidos residuais consideravelmente enriquecidos em voláteis)

Em geral, o termo foliação é usado de forma genérica para descrever feições planares que se reproduzem de forma penetrativa no meio rochoso. Desta forma, a foliação metamórfica pode ser definida pela fábrica planar definida exclusivamente pela orientação preferencial de minerais metamórficos. Já no caso da foliação ígnea, esta é dada pela orientação de minerais primários, como é o caso da orientação de grãos de plagioclásio por fluxo magmático.

O termo enclave, é utilizado no presente trabalho para descrever diversos tipos de fragmentos litológicos encontrados dentro de outras rochas ígneas. Neste sentido, Didier & Barbarin (1991) sugeriram uma subdivisão dos enclaves de acordo com a sua natureza e características petrográficas, onde alguns destes termos independem da natureza

composicional do magma. Desta forma foram utilizados no presente trabalho para a descrição de rochas tanto básicas, como ácidas as seguintes propostas:

- *xenolith* ou xenólito: enclave de rochas distintas, introduzidas no magma. Usualmente evidenciado pela diferença brusca de mineralogia e texturas, com contatos que podem ser retilíneos ou arredondados, com parcial assimilação e/ou bordas de reação.

- *xenocryst* ou xenocristal: cristal isolado, arrancado de rochas encaixantes na passagem do magma ou no desmembramento de um xenólito. Normalmente possui feições de corrosão e auréola de reação.

- *autholith* ou autólito: enclave cognato com as rochas circundantes.

Por fim, é de suma importância ressaltar a distinção entre gabros e dioritos, pois esta traduz uma problemática bastante antiga, principalmente quando ambos possuem cristais de anfibólio de origem metamórfica. Os trabalhos referentes à classificação petrográfica de rochas ígneas (Williams *et al.*, 1954; Streckeisen, 1976a) recomendam para tal distinção, a utilização de vários critérios em conjunto, que abrangem (Tabela 6).

Tabela 6 - Distinção entre gabros e dioritos. Abreviações utilizadas: An = anortita; IC = índice de cor. Baseado em Williams *et al.* (1954) e Streckeisen (1976).

Critérios	GABRO	DIORITO
Composição do plagioclásio	An > 50 (bytownita-anortita)	An < 50 (oligoclásio-andesina)
Natureza do mineral máfico	piroxênio + olivina (+hornblenda)	hornblenda + biotita (+piroxênio)
Índice de cor	IC > 40%	IC < 40%
Composição química	SiO ₂ < 52%; maiores teores de MgO + FeO (óxidos)	SiO ₂ = 48,14% a 53,74%
Relações com outras rochas	Associado a piroxenitos e anortositos	Associado a hornblenditos, granodioritos e tonalitos
Tamanho do corpo	Corpos de pequenos a grandes	Corpos menores

6 - GEOLOGIA REGIONAL

6.1 – PLATAFORMA SUL-AMERICANA

O conceito de Plataforma Sul-Americana corresponde à fração continental da placa homônima que permaneceu estável, funcionando como antepaís durante a evolução das faixas móveis do Caribe (a norte) e Andina (a oeste), da mesma forma em que se processava a abertura e o desenvolvimento do Atlântico Sul, no Meso-Cenozóico (Bizzi *et al.*, 2003). Sendo assim, no continente sul-americano, excetuam-se desta definição, o cinturão dos Andes e a microplaca da Patagônia, ali acrescida (Figura 8).

Em termos gerais, pode-se dividir a Plataforma Sul-Americana em três escudos: Guianas, Brasil Central e Atlântico. Almeida *et al.* (1977, 1981) subdividiram estes escudos em províncias estruturais, identificando dez grandes províncias, sendo que o embasamento do Escudo Atlântico é caracterizado por quatro províncias estruturais: São Francisco, Mantiqueira, Tocantins e Borborema (Figura 9), das quais as três últimas, são em sua maioria, resultado de retrabalhamento crustal da primeira durante o Neoproterozóico, assim como as granitogêneses relacionadas a este evento, resultado de acreções e colisões.



Figura 8 - Compartimentação geotectônica da Plataforma Sul-Americana segundo Dardenne & Schobbenhaus (2001). Em vermelho, aproximadamente a área estudada.

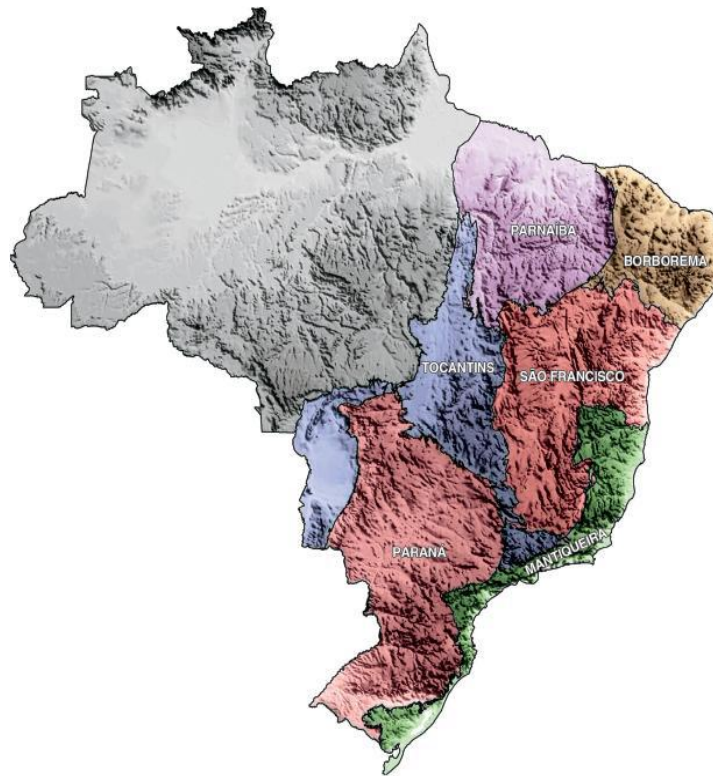


Figura 9 - Províncias estruturais do Escudo Atlântico sobre o modelo digital do terreno (modificado de Almeida *et al*, 1977, 1981 e Smith & Sandwell, 1997 in Bizzi *et al.*, 2003).

Pode-se dizer que a Plataforma Sul-Americana possui gênese e evolução bastante complexa, retratando uma história policíclica relacionada à fusão/aglutinação de supercontinentes. De forma bastante simplificada, segundo Barbosa *et al.* (2003), primeiramente, parte da crosta continental exposta nestes escudos consolidou-se como núcleos estáveis, formando o supercontinente Atlântica, ao final do ciclo orogênico Transamazônico (2,1-1,8 Ga). Posteriormente, a estruturação final destes escudos pré-cambrianos ocorreu através da amalgamação de unidades supracrustais adjacentes aos blocos litosféricos durante a orogênese Panafricana - Brasiliana (0,75-0,53Ga), formando o supercontinente Gondwana. Do Ordoviciano aos nossos dias, foram desenvolvidos os estágios das coberturas intrinsecamente fanerozóicas, enquanto esta plataforma protagonizava parte de uma história supercontinental, já relacionada à Gondwana e Pangea – com seu posterior rifteamento, até a sua configuração atual (Bizzi, *et al.*, 2003).

6.2 - CRÁTON SÃO FRANCISCO

Primeiramente, é importante ressaltar que como *cráton* entende-se uma plataforma não envolvida numa determinada tectogênese, embora os conceitos de grau de retrabalhamento e deformação sejam bastante arbitrários e motivo de extensos debates. Ou seja, o Cráton São Francisco atuou como bloco estável do último evento tectônico colisional do Neoproterozóico

e pode ser descrito como um mosaico de unidades estruturais, gerado por sucessivas acreções crustais e colisões continentais, em tempos anteriores ao evento Brasileiro (Barbosa *et al.*, 2003).

Almeida (1977) ressalta que a delimitação das faixas móveis com a massa cratônica é uma enorme problemática, com limites, sobretudo gradativos, sujeitos a subjetividade. Este mesmo autor ressalta ainda que as exposições do Grupo São João Del Rei (que compõe parte da Serra de São José, região da presente monografia) representam a continuação da faixa de dobramentos Brasília. Esta descreve um arco com concavidade voltada para o antepaís cratônico a norte e por isso, sugere que o traçado do limite seja a norte desta área (Figura 10).

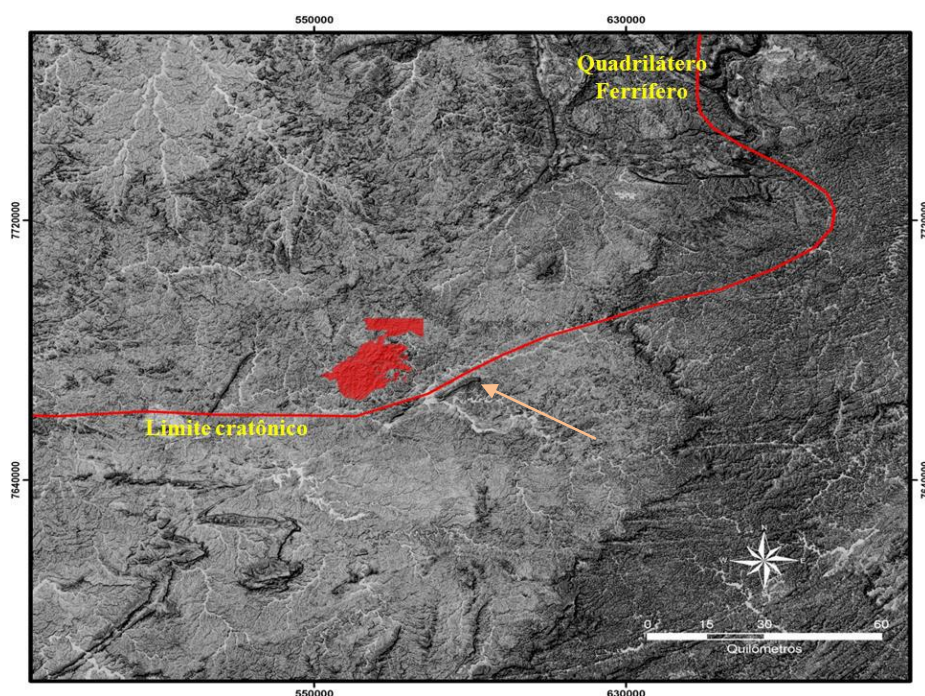


Figura 10 - Limite sul do Cráton São Francisco na região estudada por Sousa (2009), que compreende o granitóide Ritápolis (em vermelho). Destaque para a Serra de São José (na seta), cujo embasamento corresponde à área estudada na presente monografia.

Quanto à evolução geológica regional, pode-se dizer que no Neoarqueano, durante o ciclo Jequié, formou-se o *greenstone belt* Rio das Velhas, desenvolvido em um ciclo completo de Wilson, com estágio de tafrogênese seguido de orogênese, vulcanismo félsico cálcio-alcálico, com intrusões tonalíticas, metamorfismo e deformação, configurando o que se denominou de Orogênese Rio das Velhas (Carneiro, 1992). Já no Paleoproterozóico, um período de relativa estabilidade (Sideriano) propiciou o desenvolvimento de uma margem passiva representada pelo Supergrupo Minas. Esta evolução foi sucedida por um novo episódio orogênico (Riáciano) com magmatismo, metamorfismo e deformação, tendo como resultado o denominado Cinturão Mineiro (Teixeira *et al.*, 2000). Posteriormente, a tafrogênese Estateriana é tida como o evento de fragmentação crustal que atingiu parte do paleocontinente do São Francisco através de uma rede de *riftes* ensiálicos (Brito Neves *et al.* 1996). Segundo

Dardenne & Schobbenhaus (2001), nestes *rifts* depositaram-se os sedimentos continentais intercalados com lavas ácidas e capeados por depósitos marinhos do Supergrupo Espinhaço (Figura 11). Correlacionável temporalmente a estes depósitos, formou-se a Bacia São João del Rei (Ribeiro *et al.*, 1995). No Neoproterozóico, formou-se o Supergrupo São Francisco (Figura 11) e por fim, o Continente São Francisco - Congo é envolvido numa sucessão de colisões que terminam com a consolidação do Gondwana ao final desta mesma era, onde as margens passivas e ativas são convertidas nos cinturões orogênicos que definem o contorno atual do Cráton São Francisco.

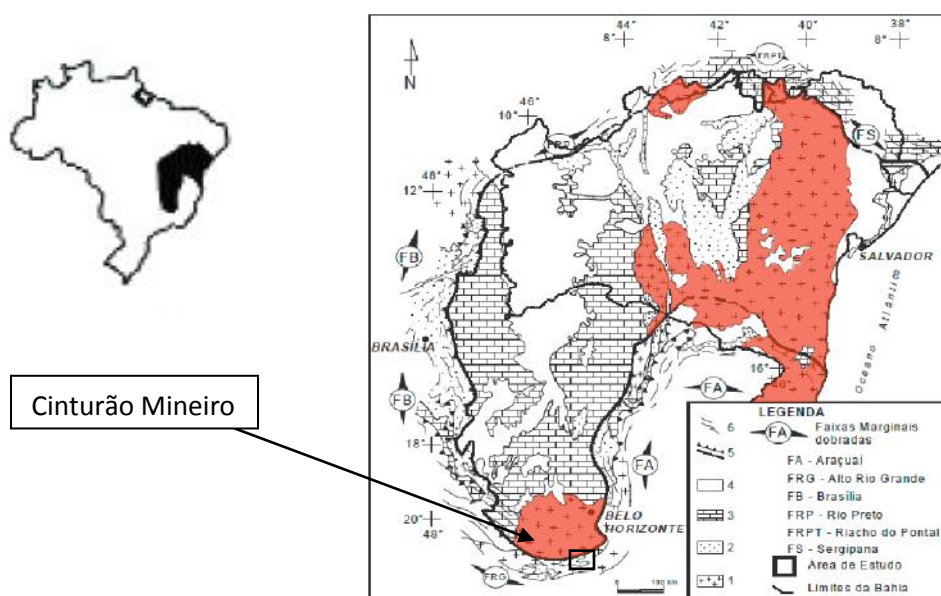


Figura 11 - Mapa esquemático mostrando os limites do Cráton São Francisco (editado de Macedo, 2006), onde: 1- Embasamento Arqueano/ Paleoproterozóico (em vermelho); 2- Coberturas Mesoproterozóicas do Supergrupo Espinhaço; 3- Coberturas Neo e Mesoproterozóicas do Supergrupo São Francisco; 4- Coberturas Fanerozóicas; 5- Limites do Cráton São Francisco; 6- Cinturões de dobramentos Brasileiros.

6.3 – GREENSTONE BELTS

Durante os anos 50 e 60, o conjunto de xistos verdes que afloravam na região próxima a cidade de São João del Rei (conjuntamente com outros litótipos) foram designados de “Série Barbacena” (Barbosa, 1954 *in* Ávila, 1992) e Formação Barbacena (Ebert, 1956). Posteriormente, Pires (1978) reuniu os mesmos xistos verdes com diversos plútons granodioríticos e graníticos em uma sequência tipo *greenstone belt*, denominando-a de Grupo Barbacena ou *greenstone belt* Barbacena. Desde então, essa designação foi amplamente utilizada por alguns pesquisadores (Pedrosa Soares *et al.*, 1994; Teixeira *et al.*, 2000; Alkmin, 2004) que estudaram a borda meridional do cráton São Francisco, porém um outro grupo de pesquisadores (Trouw, *et al.*, 1986; Noce *et al.*, 1987; Toledo, 2002) correlacionavam essas rochas ao *greenstone belt* Rio das Velhas, de idade Arqueana.

Quéméneur & Baraud (1982) subdividiram as rochas anfíbolíticas do *greenstone belt* Barbacena em dois conjuntos distintos (anfíbolitos Rio das Mortes e meridionais). Ávila (1992) separa as rochas desse *greenstone* em três faixas distintas posteriormente reunidas em somente dois conjuntos pelo mesmo autor (Ávila, 2000). Toledo (2002) designou as rochas metaultramáficas komatiíticas próximas à cidade de Nazareno e os metassedimentos associados de *greenstone belt* Nazareno, assim como as rochas anfíbolíticas, xistos, metapelitos e gonditos, que ocorrem próximos ao Rio das Mortes, de *greenstone belt* Rio das Mortes (Figura 12). Por fim, Ávila *et al.* (2008) caracterizaram entre as cidades de Tiradentes de Dolores de Campos uma terceira faixa vulcanossedimentar, designada de *greenstone belt* Dolores de Campos (Figura 12).

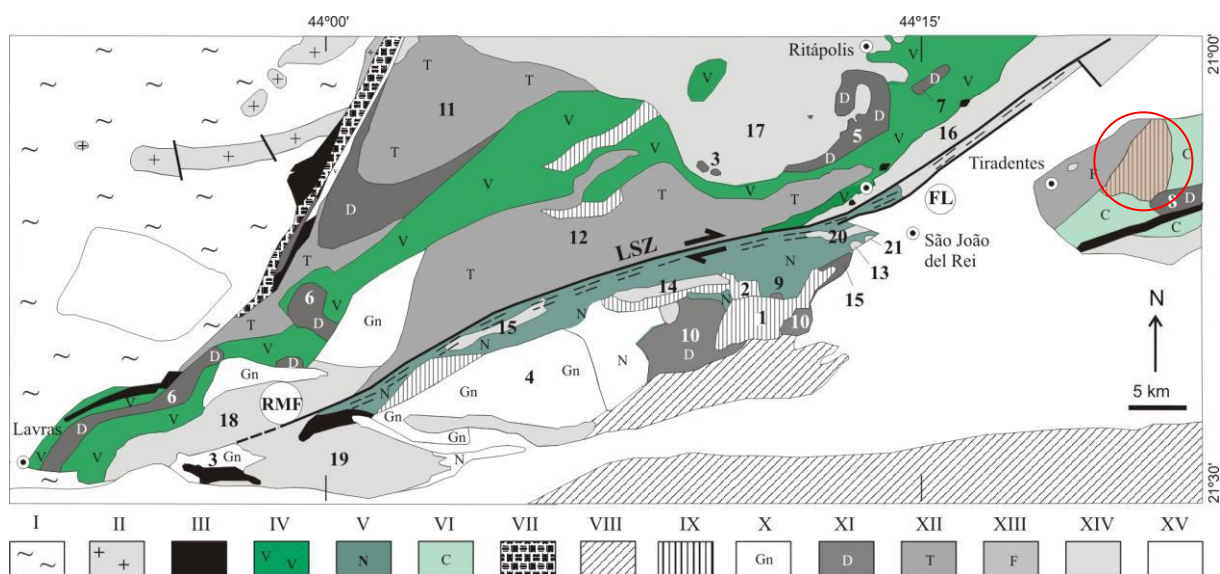


Figura 12 - Esboço geológico entre as cidades de Lavras, São João Del Rei e Tiradentes (editado de Teixeira *et al.*, 2008). Em destaque, os *greenstone belts* Rio das Mortes, Nazareno e Dolores de Campos e o gabro Vitoriano Veloso (em marrom claro). **Arqueano:** I – Gnaisses indiferenciados, granulito, charnockito e complexos máfico - ultramáficos; II – Granitóides. **Arqueano/Paleoproterozóico:** III – Corpos metaultramáficos; IV – *Greenstone belt* Rio das Mortes; V – *Greenstone belt* Nazareno; VI – *Greenstone belt* Dolores de Campos. **Paleoproterozóico:** VII – Supergrupo Minas; VIII – Granitóides indiferenciados; IX – Piroxenito – gabro: 1 – Gabro São Sebastião da Vitória (2220 ± 3 Ma); 2 – Peridotito – Piroxenito Forro. X – Ortognaisses antigos: 3 - Ortognaisse Itumirim (2177 ± 4 Ma); 4 – Ortognaisse Nazareno (2255 ± 6 Ma). XI - Dioritos, quartzo-dioritos e quartzo-monozodioritos: 5 – Diorito Brumado (2131 ± 4 Ma); 6 – Diorito Rio Grande (2155 ± 3 Ma); 7 - Quartzo-monozodiorito Glória (2189 ± 29 Ma); 8 – Quartzo-diorito Dolores de Campos (2199 ± 7 Ma); 9 – Quartzo-diorito Brito (2221 ± 2 Ma); 10– dioritos e anfíbolitos indiferenciados. XII – Tonalitos and trondhjemitos: 11 – Tonalito Tabuões; 12 – Tonalito/trondhjemito Cassiterita (2162 ± 10 Ma). XIII – Metafelsitos, metabasitos e rochas metassedimentares. XIV – Granodioritos e granitos: 13 – Granodiorito Brumado de Cima (2239 ± 25 Ma); 14 – Granodiorito Lajedo (2208 ± 26 Ma); 15 – Granitóide Nazareno; 16 - Gnaiss granítico Fé (2191 ± 9 Ma); 17 – Granitóide Ritápolis (2121 ± 7 Ma); 18 – Granito Macuco de Minas (2116 ± 9 Ma); 19 – Granito Itumirim (2101 ± 8 Ma); 20 – Granodiorito Brumado de Baixo (2218 ± 4 Ma); 21 – Granófiro e rochas félsicas vulcânicas (2207 ± 4 Ma.; **Mesoproterozóicas/Neoproterozóicas:** XV – Rochas supracrustais das megassequências São João del Rei, Carandaí e Andrelândia. Falhas: Rio das Mortes (RMF); Lenheiro (FL); Zona de Cisalhamento Lenheiro (LSZ).

Segundo Toledo (2002) e Ávila *et al.* (2004, 2006), o *greenstone belt* Nazareno é representado por abundante vulcanismo ultramáfico de composição komatiítica com subordinado vulcanismo basáltico komatiítico e toleiítico (anfíbolitos) e escassas rochas metassedimentares (filitos, gonditos, quartzitos), enquanto o *greenstone belt* Rio das Mortes é caracterizado por abundante vulcanismo máfico e espessos pacotes de rochas metassedimentares, incluindo filitos, grafita filitos, quartzitos e depósitos de gondito (Ávila, 2000; Vasques, 2009; Vasques *et al.*, 2010b). Neste último *greenstone* o magmatismo ultramáfico é reduzido ou está ausente. Segundo Bezerra Filho (2006) e Vasques *et al.* (2010a) o *greenstone belt* Dores de Campos é representado por rochas metaultramáficas (serpentinitos, clorita-tremolita-talco xistos) e metamáficas toleiíticas (anfíbolitos), bem como espessos pacotes metassedimentares, representados por filitos, filitos grafitosos, quartzitos e diamictitos.

6.4. CINTURÃO MINEIRO

Na borda meridional do Cráton São Francisco, afloram diversos corpos plutônicos paleoproterozóicos (Ávila, 2000; Teixeira *et al.*, 2000; Noce *et al.*, 2000; Ávila *et al.*, 2003), destacando-se plutons de composição gabrótica, (quartzo) diorítica e (quartzo) monzodiorítica, assim como granitóides (Ávila *et al.* 2004), os quais são intrusivos nas rochas dos *greenstone belt* Nazareno, Rio das Mortes e Dores de Campos.

Noce *et al.* (2000) descreve o Cinturão Mineiro como uma faixa marginal à plataforma arqueana que inclui uma extensa área do embasamento Arqueano retrabalhado. Além disso, segundo este mesmo autor, sua estruturação ocorreria em três estágios: 1) margem continental passiva (2,42 Ga); 2) margem convergente do tipo andina (2,2 a 2,1 Ga); 3) colisão continental (2,1 a 2,0 Ga). Tal zona convergente, por fim, sofreu dois grandes retrabalhamentos: um relacionado à própria amalgamação dos terrenos do Cinturão Mineiro (Evento Transamazônico) e posteriormente, outro, ao Evento Brasileiro.

A origem dos corpos plutônicos ainda é polêmica. Teixeira & Figueiredo (1991) postulam que a Orogenia Transamazônica seria predominantemente ensiânica, envolvendo o retrabalhamento de material crustal. Já Ávila (2000) sugere que o processo de formação de corpos tonalítico - trondjemíticos envolveria a fusão parcial de material mantélico, representado por uma crosta oceânica paleoproterozóica.

Dentro do contexto evolutivo da borda meridional do Cráton São Francisco, o Cinturão Mineiro é interpretado como formado a partir da aglutinação de diversos arcos magmáticos paleoproterozóicos (Noce *et al.*, 2007; Ávila *et al.*, 2010; Heilbron *et al.*, 2010), que englobam rochas do embasamento Arqueano (parcialmente retrabalhadas no

Paleoproterozóico), bem como corpos plutônicos e subvulcânicos, em geral de natureza cálcio-alcalina, além de intrusões alcalinas e diques máficos.

6.5 - COBERTURAS METASSEDIMENTARES PALEO – MESO - NEOPROTEROZÓICAS

Sobre um embasamento com idade superior a 1,8 Ga, na parte sul do Cráton São Francisco, se desenvolveram duas bacias sedimentares intracontinentais mesoproterozóicas (Bacias São João Del Rei e Carandaí) e uma bacia de margem passiva neoproterozóica (Bacia Andrelândia); conforme Ribeiro *et al.* (1995). Eventos tectônicos extensionais foram responsáveis pela inversão e o conseqüente fechamento das duas bacias mais antigas, enquanto o evento termo-tectônico multi-episódico Brasiliano, além de fechar a bacia mais nova, atingiu em grau variado as sucessões das bacias mais velhas e o próprio embasamento.

Segundo Ribeiro *et al.* (1995), a história deposicional da Bacia São João Del Rei começa com a invasão de um mar plataformal raso sobre o embasamento desnudado e saprolitizado, depois de um longo período de quiescência. O processo transgressivo deu origem a sucessões quartzíticas depositadas em extensas rampas, abrangendo os Ciclos Depositionais Tiradentes e Lenheiro. Posteriormente, um processo de rifteamento foi responsável pela progradação cada vez mais intensa do sistema fluvial, conduzindo ao posterior fechamento da Bacia São João Del Rei. Após esta etapa, um novo processo distensivo (acompanhado pelo basculamento das antigas sucessões e da intrusão de diques básicos de tendência alcalina) formou uma depressão alongada na direção NE-SW, favorecendo uma nova e rápida invasão marinha. Essa inversão foi acompanhada da parcial redeposição dos detritos produzidos pelos processos de erosão subaérea prévios, formando uma sucessão correspondente ao Ciclo Depositional Carandaí (pouco deformados e com baixo grau de metamorfismo). Este possui abundância de fácies pelíticas, sugerindo condições climáticas quentes e úmidas, que provocaram a degradação quase total do relevo do embasamento. Além disso, a sedimentação tranqüila e ausência de atividade ígnea associada sugerem que a evolução da Bacia Carandaí aconteceu durante um período de estabilidade tectônica.

Após a litificação das sucessões da Bacia Carandaí, a reativação das falhas, que antes deram origem aos sistemas fluviais do Lenheiro e ao gráben Carandaí provocaram novo soerguimento do embasamento a sul das antigas bacias, gerando a primeira deposição clástica na Bacia Andrelândia. Quanto às idades Ribeiro *et al.* (1995) estimaram os seguintes períodos para a deposição das referidas bacias: Bacia São João del Rei (1,8 a 1,3 Ga); Bacia Carandaí (1,3 a 1,0 Ga); e Bacia Andrelândia (1,0 a 0,6 Ga).

7 - COMENTÁRIOS DOS TRABALHOS PRÉVIOS

Os trabalhos regionais mais importantes que envolvem a área estudada na presente monografia correspondem a Ebert (1957), Noce *et al.* (1987) e Ribeiro *et al.* (2003), enquanto Mello (2003), Bezerra Filho (2006) e Abreu (2007) desenvolveram estudos, respectivamente, a oeste e sul da região estudada.

Ebert (1957) caracteriza a lapa dos sedimentos pouco metamórficos de Carandaí como sendo constituída por gnaisses de elevada cristalinidade e com enorme variedade litológica, não permitindo outra designação do que a de migmatitos. Admite que o protólito deste conjunto corresponderia a um pacote de rochas metassedimentares com alternância rítmica de camadas xistosas e de camadas clásticas, intercaladas com bancos de diabásio na forma de soleiras. Ebert (1957) estende as rochas migmatíticas até a área de estudo, identifica rochas de uma sequência *greenstone belt* e define em mapa forma lenticular e orientação E-W para o gabro Vitoriano Veloso (Figura 13), inferindo-o como a parte central de maciços metabasíticos maiores, bem como correlacionando-o a Formação Barbacena. Já as rochas graníticas - migmatíticas foram consideradas mais jovens que a Formação Barbacena e teriam sido formadas a partir destas por um processo de migmatitização e granitização.

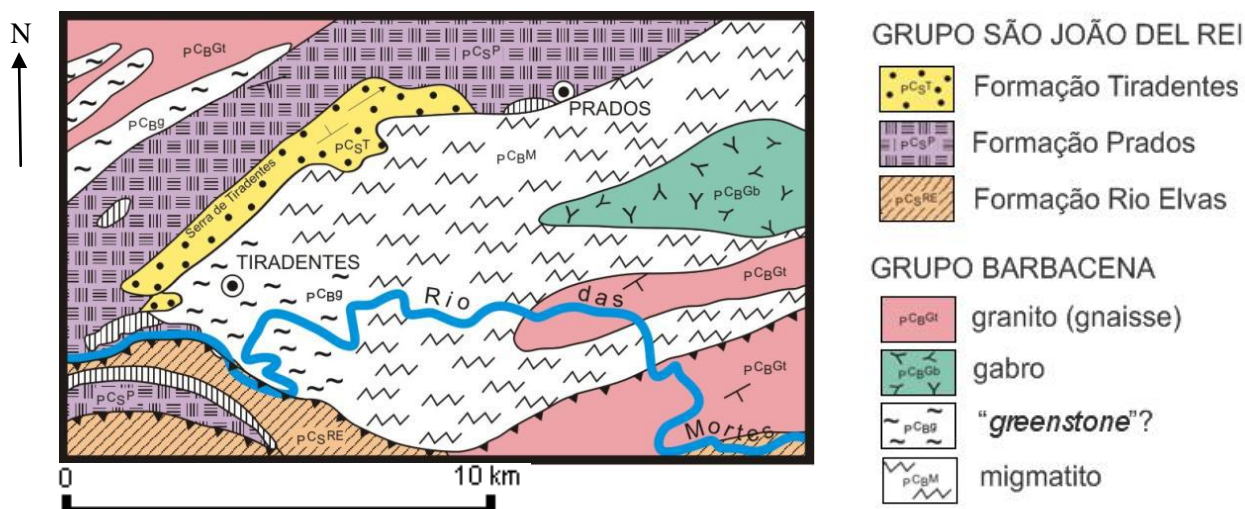


Figura 13 – Mapa geológico de Ebert (1957) editado, focando a área de estudo, referente à região entre as cidades de Tiradentes e Prados.

Na presente monografia foram definidos pontos que seguem em direção conflitante com aqueles propostos por Ebert (1957). Estes correspondem a:

- 1) Parte do que Ebert (1957) designou de unidade migmatítica (aflorando ao norte e a sul do gabro Vitoriano Veloso) corresponde na realidade a rochas da fácies metabasítica e gabróide do referido gabro. Neste contexto a área de exposição do gabro Vitoriano Veloso é muito maior do que aquela proposta por Ebert (1957).

- 2) Parte do que Ebert (1957) designou de unidade migmatítica (aflorando entre a cidade de Tiradentes e a serra de São José) foram mapeadas como uma unidade vulcânica - subvulcânica félsica.
- 3) Grande parte das rochas que Ebert (1957) definiu como *greenstone* correspondem na realidade a uma sequência metassedimentar composta com filitos, filitos grafitosos e diamictitos com fragmentos das rochas vulcânicas – subvulcânicas félsicas. Segundo Ávila *et al.* (2011) esta unidade está relacionada ao desenvolvimento de um arco magmático intra-oceânico na região.

Já Noce *et al.* (1987) publicaram um mapa com ênfase na geologia estrutural das unidades supracrustais do “Grupo” São João del Rei, mas que também abrangeu as rochas do embasamento. O mesmo autor reuniu xistos verdes e o gabro Vitoriano Veloso no Grupo Barbacena (Figura 14), bem como aumentou a área de extensão do referido gabro. Identificou ainda gnaisses bandados e migmatitos ao sul do corpo gabróico.



Figura 14 - Mapa geológico de Noce *et al.* (1987) editado, focando a área de estudo, referente a região entre as cidades de Tiradentes, Prados e Dores de Campos.

De forma semelhante, na presente monografia foram definidos pontos que seguem em direção conflitante com aqueles propostos por Noce *et al.* (1987), correspondentes a:

- 1) Noce *et al.* (1987) designaram de xistos verdes as rochas que afloram a norte do gabro Vitoriano Veloso e as correlacionaram com o Grupo Barbacena. Na presente monografia estas foram interpretadas como rochas das fácies metabásítica e gabróide do gabro Vitoriano Veloso.
- 2) Parte do que Noce *et al.* (1987) correlacionaram aos xistos verdes do grupo Barbacena (aflorando entre a cidade de Tiradentes e a serra de São José) foram mapeadas na presente monografia como uma sequência vulcânica - subvulcânica félsica.

Em relação ao trabalho de Ribeiro *et al.* (2003), as principais contribuições apresentadas na presente monografia correspondem a modificação da forma do gabro Vitoriano Veloso e a subdivisão da unidade designadas por estes de metafelsitos, metabasitos e metassedimentos.

Por fim, a área de mapeamento da presente monografia possui, no seu extremo leste, uma área coincidente (cerca de 8km²) com o mapa geológico de Mello (2003), que reconheceu e descreveu as rochas do gabro Vitoriano Veloso, embora, segundo o autor, estas não ocorrem na sua área de mapeamento. Cabe ressaltar que na presente monografia, as rochas consideradas por ele como metavulcânicas e meta subvulcânicas máficas da faixa *greenstone* (anfíbolitos) foram aqui interpretadas como rochas da fácies diabásica e gabróica do gabro Vitoriano Veloso.

8 – GEOLOGIA DA ÁREA ESTUDADA

8.1 – INTRODUÇÃO

Neste capítulo serão descritas as feições gerais das unidades litológicas que ocorrem na área estudada e que compõem o mapa regional (Figura 15).

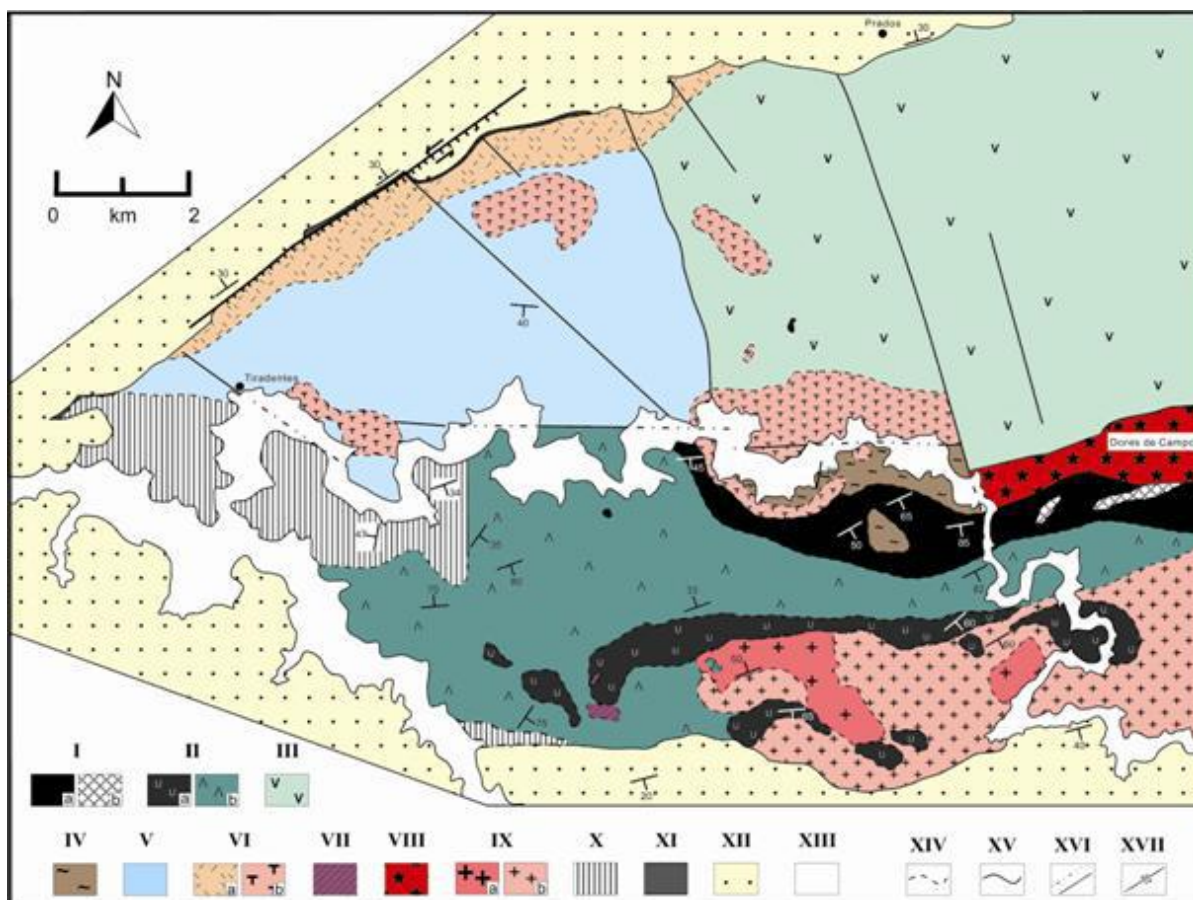


Figura 15 - Mapa geológico da região entre Tiradentes, Prados e Dolores de Campos. I - Metaperidotito-metagabro Estação de Prados: Ia – Metadunitos, metapiroxenitos e anfibolititos; Ib – Metagabros; II – *Greenstone Belt* Dolores de Campos: IIa – Serpentinitos, talco xistos, tremolita xistos e metakomatiitos intercalados com raros níveis de gonditos, quartzitos e filitos; IIb – Anfibolititos, granada anfibolititos, xistos verdes com raros níveis de quartzitos e filitos associados; III – Gabro Vitoriano Veloso; IV – Diorito Dolores de Campos; V – Andesito máfico Santo Antônio; VI – Suíte félsica Tiradentes: VIa – Corpos subvulcânicos félsicos com textura equigranular; VIb – Corpos vulcânicos e subvulcânicos félsicos com textura afanítica (equigranular e porfirítica), granofírica, acamadada e de fluxo magmático; VII – Tonalito Padre Gaspar; VIII – Tonalito Brejo Alegre; IX – Granito Gentio: IXa – Fácies equigranular fina a média; IXb – Fácies porfirítica com estruturas de fluxo ígneo; X – Sequência metavulcânica – metassedimentar Estação de Tiradentes; XI – Clorita magnetita filito; XII – Megassequências São João Del Rei e Carandaí; XIII – Sedimentos recentes; XIV – Contatos inferidos; XV – Contatos observados; XVI – Estruturas interpretadas; XVII – Estruturas inferidas; XVIII – Falha transcorrente.

O presente mapa foi confeccionado a partir da compilação de mapeamentos previamente realizados (Bezerra Filho, 2006; Abreu, 2007), conjuntamente com o mapa elaborado na presente monografia, sendo de grande importância para um entendimento da evolução geológica da região como um todo. Em termos gerais, o mapa em questão apresenta as seguintes unidades:

- 1 - Metaperidotito - metagabro Estação de Prados: corpo cumulático, fanerítico, equigranular, de granulação média a grossa composto por dunitos, piroxenitos, anfibolititos, metagabros, serpentinitos e tremolita xistos;
- 2 - *Greenstone belt* Dores de Campos: representado por rochas vulcânicas metaultramáficas (serpentinitos, talco xistos, tremolita xistos) e metamáficas (anfibolititos, granada anfibolititos e clorita-actinolita xistos) intercaladas com delgados níveis metassedimentares (filitos, quartzitos e gonditos). As rochas metamáficas e metaultramáficas são faneríticas finas e apresentam marcante foliação metamórfica;
- 3 - Gabro Vitoriano Veloso: representados por rochas básicas, equigranulares, envolvendo fácies distintas (diabásios e gabros) com granulações que variam de fina a grossa, possuem acamadamento primário, orientação de fluxo magmático e autólitos. Constituídos essencialmente por hornblenda, actinolita, provável ferro-actinolita, plagioclásio e quantidades bastante variáveis de minerais opacos. Orto e clinopiroxênio são raros e em geral, encontram-se pseudotransformados para anfibólio.
- 4 - Quartzodiorito Dores de Campos: envolve dioritos, quartzodioritos e tonalitos, faneríticos, inequigranulares médios a grossos, leucocráticos a mesocráticos, constituídos de plagioclásio, hornblenda e quartzo. Apresentam textura “pseudo” ofítica e xenólitos de rochas anfibolíticas e idade de cristalização U/Pb de 2199 ± 7 Ma (Ávila *et al.*, 2006);
- 5 - Andesito máfico Santo Antônio: rochas andesíticas finas a médias, equigranulares, localmente porfiríticas (fenocristais de anfibólio) compostas por anfibólio, plagioclásio, biotita e raro quartzo. Reúne também diques dioríticos de granulação média;
- 6 - Suíte félsica Tiradentes: correspondente a corpos vulcânicos e subvulcânicos félsicos, hololeucocráticos a leucocráticos, constituídos por andesitos, dacitos e tonalitos, com texturas equigranular a porfirítica; granofírica; acamadada e fluxo magmático. São intrusivos nos andesitos máficos Santo Antônio, no gabro Vitoriano Veloso e no quartzodiorito Dores de Campos;
- 7 - Tonalitos Padre Gaspar e Brejo Alegre: rochas leucocráticas, faneríticas, equigranulares médias a grossas, foliadas e compostas por quartzo, plagioclásio e biotita. Cortam as rochas anfibolíticas e metaultramáficas do *greenstone belt* Dores de Campos e possuem xenólitos de anfibolititos;
- 8 - Granito Gentio: rochas leucocráticas, faneríticas finas a muito grossas, compostas por plagioclásio, microclina (pertítica), quartzo, biotita e muscovita. Subdividido em fácies equigranular fina a grossa e fácies porfirítica com fenocristais de feldspato de até 11 cm. Possui idade de cristalização U/Pb de 2124 ± 73 Ma (Ávila *et al.*, 2007), xenólitos de

rochas anfibolíticas e metaultramáficas finas do *greenstone belt* Dores de Campos, assim como corta o metaperidotito - metagabro Estação de Prados;

- 9 - Sequência metavulcânica - metassedimentar Estação de Tiradentes: intercalação de filitos, filitos carbonosos, quartzitos ferruginosos e metadiamicritos com vulcânicas máficas (metabasitos) e félsicas.
- 10 - Clorita magnetita filito: unidade representada por um corpo de distribuição muito restrita (base da Serra de São José) que possui granulação fina e é composto por clorita, quartzo e grãos octaédricos de magnetita.
- 11 - Megassequências São João Del Rei e Carandaí; contendo quartzitos e metapelitos de ambiente marinho costeiro, contendo estruturas sedimentares que indicam exposição subaérea como gretas de ressecamento.

Neste contexto, as unidades que foram reconhecidas durante o levantamento geológico realizado entre as cidades de Tiradentes, Vitoriano Veloso, Prados e Dores de Campos, compreendem o gabro Vitoriano Veloso, o andesito máfico Santo Antônio, as rochas da suíte félsica Tiradentes, além de gnaiss bandado e de corpos ultramáficos indiferenciados. Cabe ressaltar que o gnaiss foi observado durante o mapeamento geológico em somente um ponto. Já os corpos ultramáficos são hornblenditos e rochas ricas em tremolita - actinolita, com granulação variada e ocorrem de forma bastante restrita e descontínua, não sendo possível definir a sua posição estratigráfica.

8.2 – GABRO VITORIANO VELOSO

8.2.1 – Aspectos de Campo

O gabro Vitoriano Veloso está localizado na porção leste do mapa confeccionado na presente monografia (**Anexo I - Mapa geológico**) e compreende um conjunto faciológicamente diversificado de rochas máficas (diabásio, gabro fino, gabro médio e gabro grosso). Em relação às rochas que envolvem o gabro Vitoriano Veloso, podemos dizer que este possui seu limite oeste controlado por uma falha inferida que coloca suas rochas em contato com o andesito máfico Santo Antônio, enquanto a norte o contato é com as rochas das Megasequências São João Del Rei e Carandaí a partir da Serra de São José. A sul seu contato é mais complexo e delimitado por três diferentes corpos ígneos plutônicos (quartzodiorito Dores de Campos, tonalito Brejo Alegre e um tonalito subvulcânico fanerítico da suíte félsica Tiradentes), enquanto a leste, a área do mapeamento desenvolvido não foi suficiente para atingir seus limites (**Anexo I - Mapa geológico**).

De uma forma mais geral, as rochas desta unidade, em mapa, tendem a aumentar de granulação em direção ao sul, iniciando próximo a cidade de Prados com rochas da fácies diabásio (ocorrem intercaladas com gabros finos), seguida por rochas da fácies gabro médio. Essas variações podem ser dadas de maneira brusca (**Figura 16**) ou gradativa (**Figura 17**), o que por vezes dificulta a individualização da fácies predominante. Neste contexto, o contato em campo das rochas da fácies diabásio com as rochas das diferentes fácies gabróicas foi muito difícil de ser estabelecido devido a uma grande variabilidade na espessura das camadas (**Figuras 18 e 19**), que são desde centimétricas até métricas. Porém em termos gerais, este contato foi postulado com base na predominância de cada faciologia no afloramento. Também foram observadas duas ocorrências localizadas de rochas gabróides de granulação grossa (fácies gabróide grossa) na porção oeste do mapa (**Figura 20**).



Figura 16 - Amostra com contato retilíneo da fácies diabásio com a fácies gabro médio leucocrático. Ponto JU-227A.

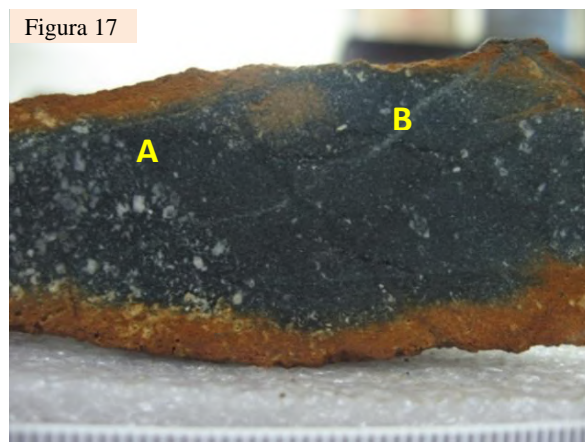


Figura 17 - Amostra com contato entre rochas das fácies diabásio e gabro fino; à esquerda (A) contato retilíneo e à direita (B) contato de forma gradativa. Ponto JU-73.



Figura 18 - Variação na granulação das rochas das diferentes fácies do gabro Vitoriano Veloso. Na esquerda fácies diabásio e na direita fácies gabro grosso.

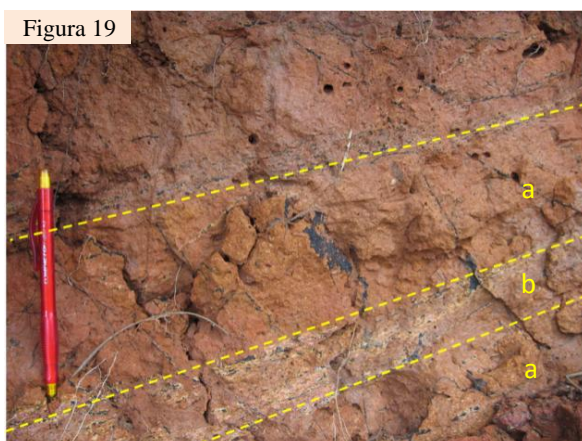


Figura 19 - Saprólito das rochas do gabro Vitoriano Veloso, mostrando a grande variação da granulação na forma de camadas centimétricas, sendo: **a**) diabásio ou gabro fino e **b**) gabro médio. Ponto JU-84.

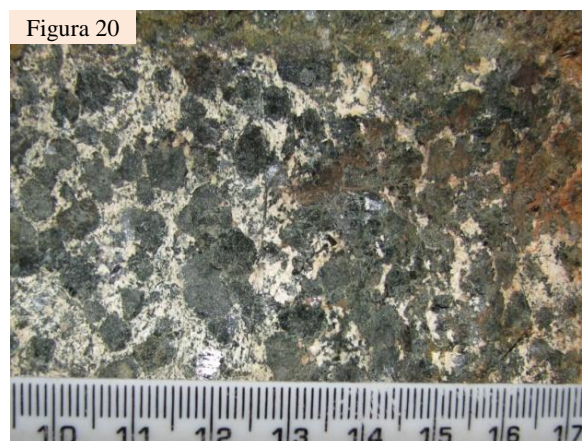


Figura 20 - Amostra da fácies grossa do gabro Vitoriano Veloso. Ponto BIA-87.

A conjugação do padrão retangular das drenagens (apontando para um forte controle estrutural) conjuntamente com o mapeamento faciológico possibilitou de se estabelecer em mapa o deslocamento por falhas do contato entre as rochas da fácies diabásio e as da fácies gabro médio do corpo em questão (**Anexo III**). Além disso, caracterizou-se que na parte oeste do complexo as exposições são raras e, em geral presentes como saprólitos, enquanto na porção leste ocorre uma grande predominância de blocos de variados tamanhos com excelente estado de preservação, podendo inclusive formar lajedos e paredões.

As rochas das fácies diabásio e das diferentes fácies gabróicas são faneríticas, equigranulares ou inequigranulares unimodais, variam de mesocráticas a melanocráticas (com exceção de uma amostra leucocrática) e sua mineralogia essencial é composta por plagioclásio, hornblenda e minerais opacos, incluindo óxidos (magnéticos ou não) e sulfetos, como pirita e calcopirita. Os saprólitos e os solos de coloração vermelho - amarronzada são típicos das rochas do gabro Vitoriano Veloso, enquanto o solo das rochas subvulcânicas félsicas tendem a serem rosados a amarronzados. Entretanto, o grande problema é em relação

ao solo do andesito máfico Santo Antônio que também é vermelho-amarronzado e pouco quartzoso.

É importante ressaltar que as rochas do gabro Vitoriano Veloso apesar de terem sido metamorfizadas, ainda preservam feições ígneas primárias, como a variação na granulação e a orientação dos cristais tabulares de plagioclásio por fluxo magmático (Figura 21). Também foi observada a presença de fases de pegmatitização (Figura 22), geralmente com formas venulares, que ocasionam a formação de uma rocha com a mesma mineralogia do gabro, entretanto com granulação maior (até 2cm) e contornos desde irregulares até retilíneos em relação a rocha original.

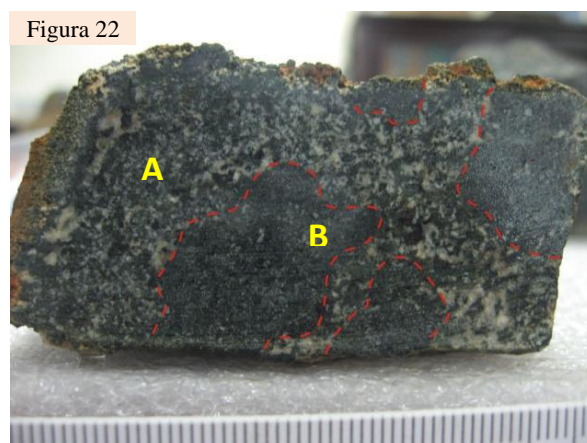


Figura 21 - Amostra de rocha do gabro Vitoriano Veloso mostrando uma forte foliação ígnea, marcada pela orientação dos cristais de plagioclásio (na direção do lápis). Ponto JU-145.

Figura 22 - Pegmatitização nas rochas do gabro Vitoriano Veloso mostrando o aumento da granulação (A) devido à passagem de fluidos e preservação de áreas com granulação original da rocha (B), demarcadas por pontilhado vermelho. Ponto JU-73E.

Quanto às feições metamórficas - hidrotermais, foi possível de se caracterizar evidências de um processo de epidotização (Figura 23), assim como a presença de veios de epidoto e veios compostos somente por anfibólio (Figura 24). Estes cortam as rochas do gabro Vitoriano Veloso em várias direções.



Figura 23 - Afloramento da fácies grossa do gabro Vitoriano Veloso contendo cristais de epidoto (cor verde limão) associados a uma fase de epidotização. Ponto JU-11.

Figura 24 - Afloramento da fácies média do gabro Vitoriano Veloso contendo veios retilíneos de anfibólio com diversas orientações. Ponto JU-191.

Por fim, foram obtidas algumas medidas de foliação que podem ser subdivididas em dois grupos principais: as foliações primárias, que em geral possuem mergulho para N-NE (Figura 25a) e as foliações deformacionais, geralmente com caimento para SW-S-SE (Figura 25b). As medidas nem sempre demonstram confiabilidade devido à dificuldade em definir se as estruturas são ígneas ou metamórficas.

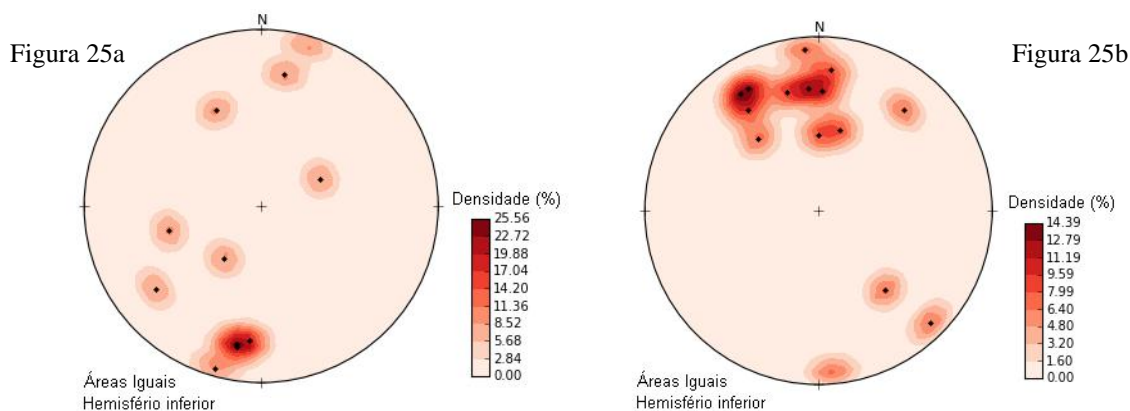


Figura 25a - Estereograma com os pólos dos planos referentes à foliações ígneas medidas em campo. Em geral estas estão mergulhando para SE.

Figura 25b - Estereograma com os pólos dos planos referentes à prováveis foliações metamórficas medidas em campo. Em geral estas estão mergulhando para NW-N-NE.

8.2.2 – Aspectos Petrográficos

8.2.2.1– Feições Ígneas

As rochas fácies diabásio e das diferentes fácies gabróicas são holocristalinas, faneríticas, predominantemente equigranulares a inequigranulares unimodais, variam de mesocráticas a melanocráticas e sua mineralogia é muito semelhante em todas as fácies, com exceção para a presença de ortopiroxênio em uma amostra da fácies média. Quanto à mineralogia acessória primária foram descritos apatita, titanita e allanita (nem sempre presentes), além de mineral opaco. Já no caso da mineralogia essencial, ocorre plagioclásio e hornblenda, esta última, substituindo de forma pseudomórfica antigos grãos de piroxênio.

Uma das principais feições primárias dessas rochas corresponde à variação na granulação (Figuras 26 e 27), assim como na porcentagem dos minerais máficos e félsicos, (Figura 28). Neste último caso, formam-se níveis máficos, compostos essencialmente por anfibólio e minerais opacos com formas intercumuláticas (Figura 28a), e níveis félsicos, muito ricos em plagioclásio e com pouca hornblenda intercumulática (Figura 28b). Também foram descritas texturas cumuláticas e intercumuláticas, mesmo quando a rocha parece mais homogênea. Cabe ressaltar aqui que embora a mineralogia não esteja diretamente relacionada com a granulação, uma amostra da fácies grossa contém (além dos minerais anteriormente

descritos) quartzo com formas triangulares, preenchendo espaços entre os grãos de anfibólio, típica feição de cristalização tardia (Figura 29).

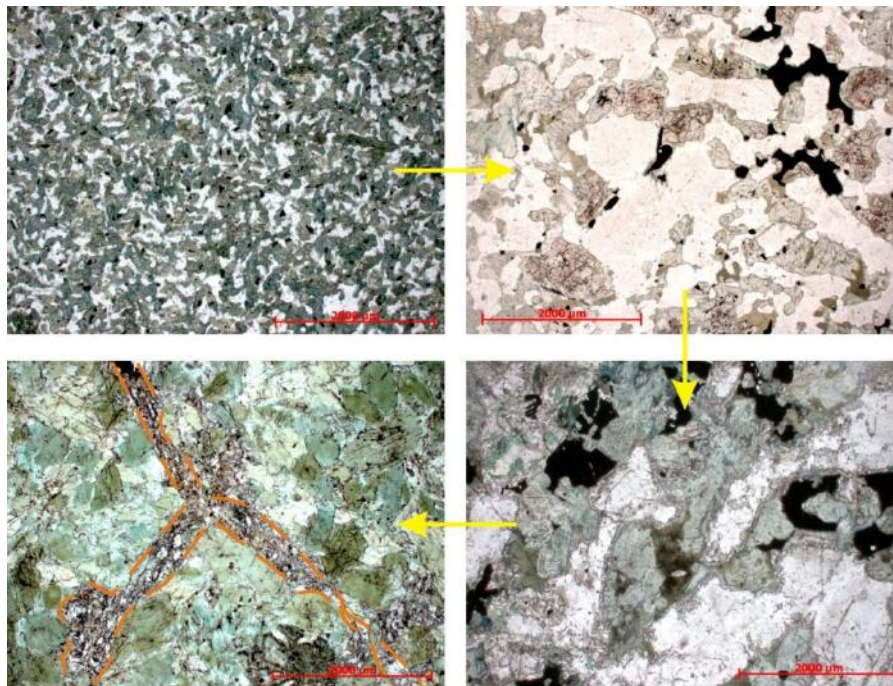


Figura 26 - Variações na granulação do gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Respectivamente, lâminas JU-25A (fácies diabásio), JU-193 (fácies gabro fino/gabro médio), JU-28 (fácies gabro médio) e JU-11E (fácies gabro grosso).

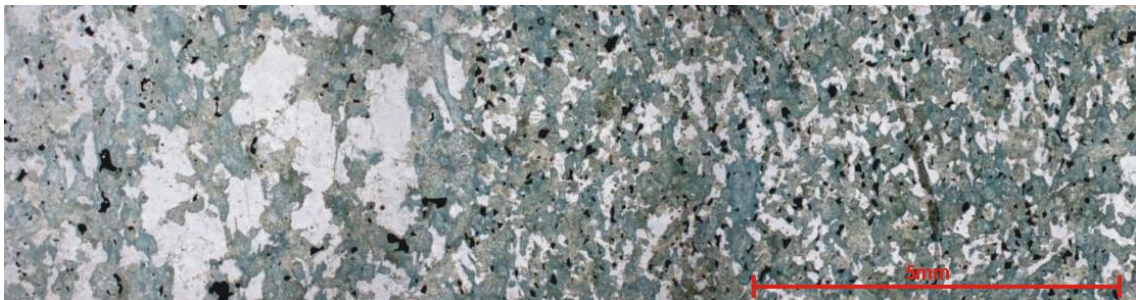


Figura 27 - Variações na granulação do gabro Vitoriano Veloso de diabásio a gabro médio. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-180B.

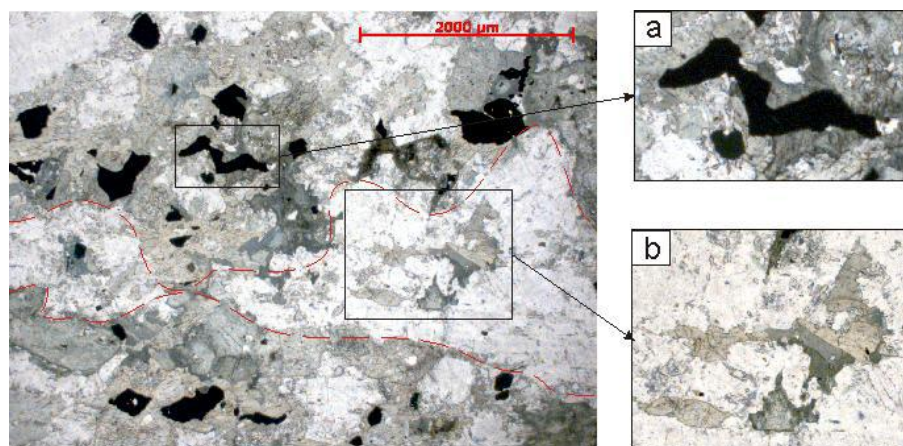


Figura 28 - Variações nas porcentagens dos minerais essenciais em lâmina do gabro Vitoriano Veloso, formando níveis mais ricos em minerais máficos e em minerais félsicos. **a)** Nos níveis mais máficos, há o predomínio de hornblenda e minerais opacos (com formas intercumuláticas). **b)** Já os níveis mais félsicos são ricos em plagioclásio, contendo hornblenda intercumulática. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-001.



Figura 29 - Microfotografia de gabro Vitoriano Veloso, fácies grossa, contendo grãos pseudomorfos de piroxênio (pontilhado vermelho) e quartzo (elipse amarela) com formas xenomórficas típicas de cristalização tardia, preenchendo espaços restantes. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-68A.

Além disso, os grãos de plagioclásio são essencialmente andesina, com alguma variação para bytonita e labradorita e ocorrem com formas idiomórficas. Em sua grande maioria estão orientados formando uma textura de fluxo magmático bastante evidente (**Figura 30**) e muitos também apresentam um forte zonamento oscilatório, feições tipicamente magmáticas.

Foram observados ainda, diversos grãos reliquiais de piroxênio, geralmente alterando para anfibólio. Ainda neste contexto, a lâmina JU-196, excepcionalmente registra a presença de orto e clinopiroxênio. O ortopiroxênio é do tipo hiperstênio e possui pleocroísmo fraco, assim como típica coloração rósea e inclusões de minerais opacos castanhos orientados (**Figura 31**), caracterizando, segundo **Colony (1935)**, a microtextura do tipo “*inclusion structures*”, formadas a partir de exsolução.

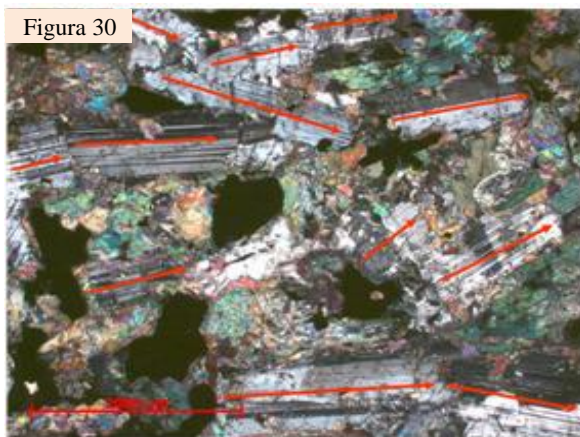


Figura 30 - Grãos de plagioclásio, hipidiomórficos, orientados segundo a seta vermelha, formando uma textura de fluxo magmático do gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-37A.

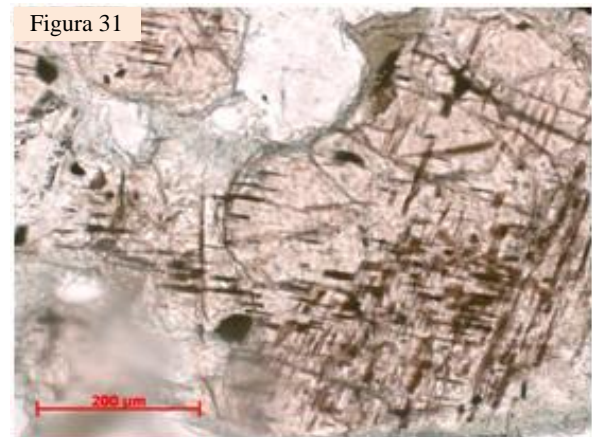


Figura 31 - Ortopiroxênio (com coloração rosada), com textura denominada “*inclusion structures*”, formada pela cristalização de um mineral magmático e posterior separação de fases. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-196.

Já o clinopiroxênio possui pleocroísmo de tons esverdeados e em geral, aparece nas bordas do hiperstênio indicando desestabilização deste (**Figura 32**) ou ainda em grãos com

formas granulares. Por fim, cristaliza-se hornblenda com pleocroísmo variando de verde claro a verde-musgo, contendo em geral, aspecto sujo (Figura 33) devido a uma grande quantidade de inclusões de diminutos minerais castanhos e opacos nas clivagens e fraturas (Figura 34), quantitativamente variáveis. A hornblenda ocorre na borda de ambos os tipos de piroxênio, possui formato irregular e muitas vezes, mesmo quando localizada em bordas opostas do mesmo cristal, sua geminação parece contínua (Figura 35). Resta ainda alguma dúvida quanto à procedência desta hornblenda: se ela está associada ao final da cristalização, ou se a mesma é tardi magmática ou ainda, metamórfica.

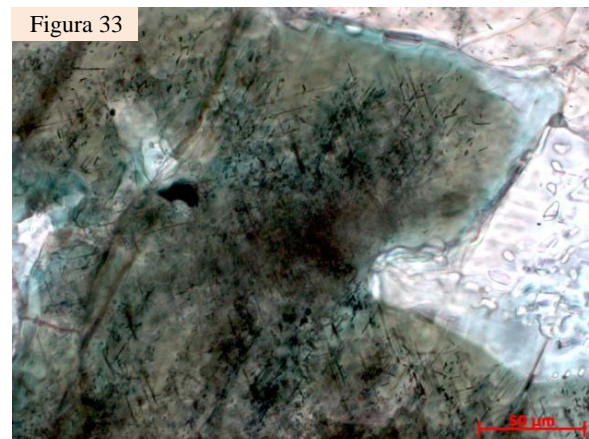
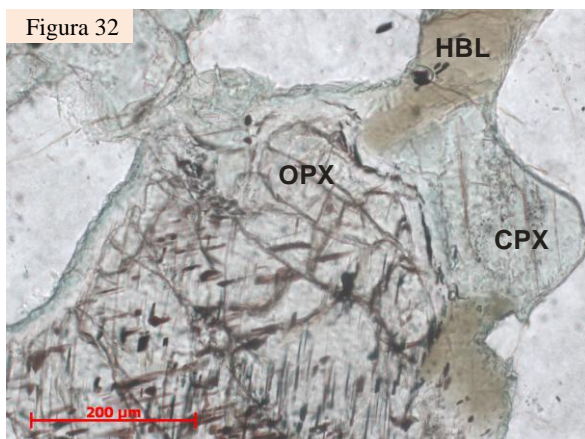


Figura 32 - Ortopiroxênio (hiperstênio - OPX) envolvido por clinopiroxênio (CPX). Destaca-se que a hornblenda (HBL) cresce na borda dos grãos dos dois tipos de piroxênio. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-196.

Figura 33 - Hornblenda com coloração marrom escura, contendo diversas inclusões em suas clivagens e fraturas de minerais aciculares castanhos e opacos. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-37A.

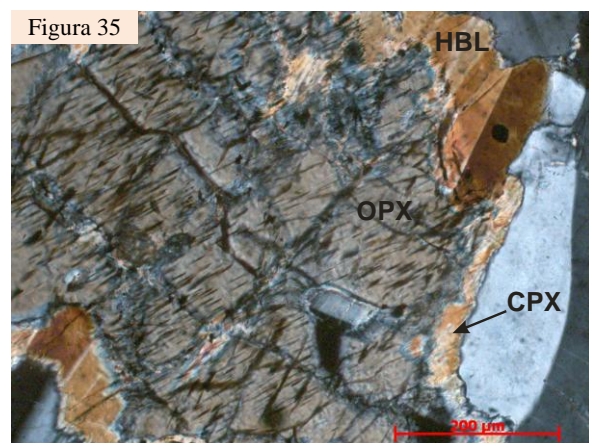
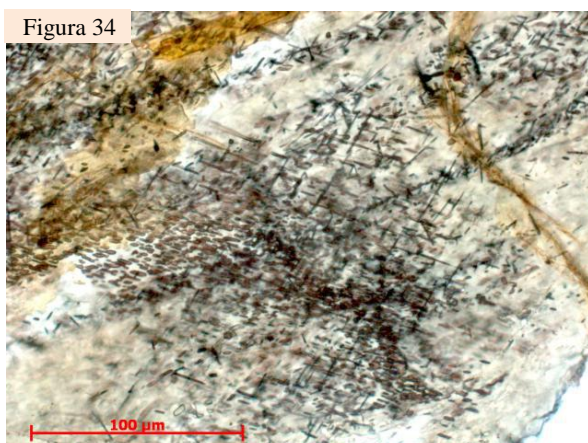


Figura 34 - Hornblenda contendo diversas inclusões em suas clivagens (tipicamente com ângulos 60°-120°) de minerais aciculares castanhos e opacos. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-193.

Figura 35 - Hornblenda (HBL) crescendo na borda de hiperstênio (OPX) de forma descontínua, mas com geminação contínua. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-196.

Além disso, as fases de pegmatitização (Figura 36) observadas em campo ficam bastante perceptíveis através da petrografia e, claramente, esta fase reflete a composição

original da rocha de forma bastante aumentada, chegando a formar cristais com até 4mm. Ressalta-se ainda que a presença de enclaves autolíticos foi definida a partir da observação da lâmina a olho nú (Figura 37) e a partir do estudo petrográfico da lâmina (Figura 38). Estes enclaves foram principalmente observados na parte leste do gabro Vitoriano Veloso (coincidente com a preservação mais efetiva das feições ígneas das rochas).

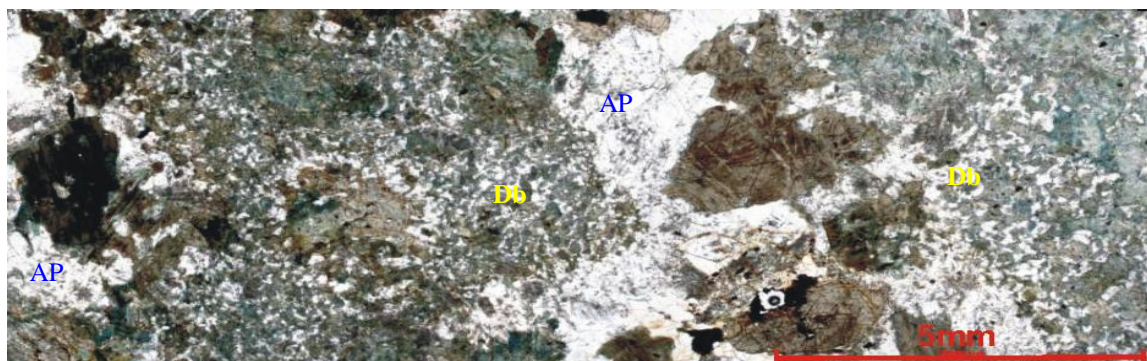


Figura 36 - Diabásio (Db) contendo áreas pegmatizadas (AP) na forma de veios, onde nota-se o crescimento dos grãos de plagioclásio (branco) e hornblenda (marrom) para aproximadamente 3mm. Polarizadores paralelos. Lâmina 73E.

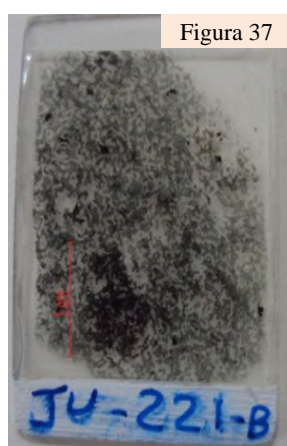


Figura 37 - Fotografia de lâmina delgada com enclave autolítico de aproximadamente 1cm, facilmente perceptível pela sua cor marrom escura. Lâmina JU-221B.

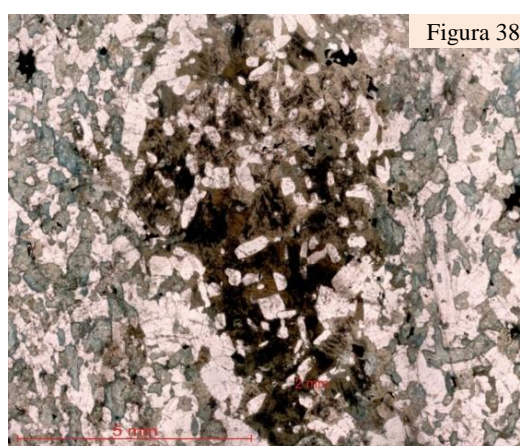


Figura 38 - Enclave autolítico de aproximadamente 1 cm, facilmente perceptível pela sua cor marrom escura e textura distinta do resto da rocha. As observações apontam que a rocha gabróica foi mais intensamente afetada pelos processos metamórficos posteriores que os enclaves autolíticos. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-221B.

Estes enclaves possuem bordas bem definidas em relação à rocha encaixante e em geral estes estão mais preservados da deformação e metamorfismo, refletindo uma textura completamente distinta. Nestes, ocorre ainda, a formação de grandes placas de hornblenda com forte pleocroísmo, variando de verde a marrom escuro, com continuidade óptica (geralmente geminada), com grande número de diminutas inclusões de minerais castanhos e opacos, assim como inclusões de grãos de plagioclásio e piroxênio com formas levemente arredondadas, formando uma textura muito semelhante à poiquilítica (Figuras 39a e 39b).

Neste caso, considerando esta hornblenda como ígnea, pode-se dizer que o enclave autólito possui uma textura heteroadcumulática, que indicaria hidratação do magma por fluidos resultantes do próprio magma ou ainda externos (tardi-magmáticos).

Por fim, é importante ressaltar ainda, que as grandes diferenças nas porcentagens mineralógicas de titanita e allanita (algumas vezes estes minerais estão até ausentes), assim como biotita (embora seja um mineral metamórfico), podem refletir mudanças composicionais no protólito, indicando heterogeneidade composicional primária.

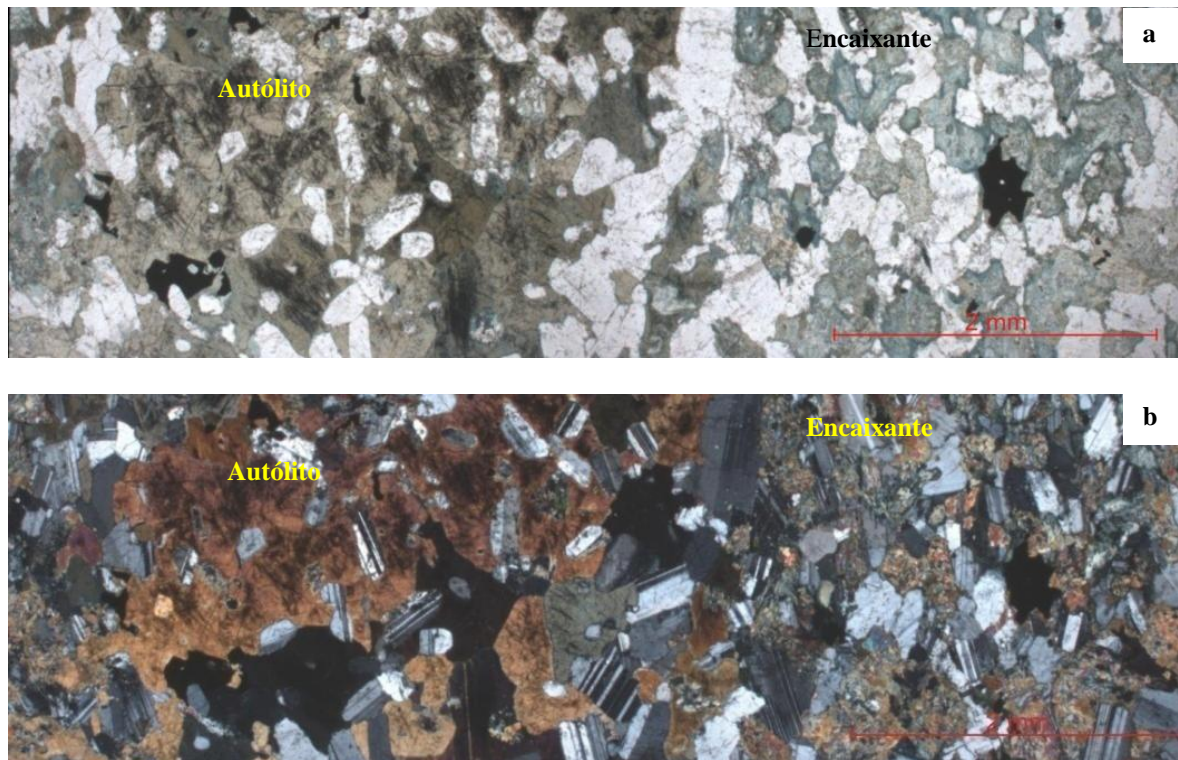


Figura 39 - Enclave autolítico facilmente perceptível pela sua cor marrom escura (devido a presença de placas de hornblenda) e a presença da textura poiquilítica (com inclusões de plagioclásio com bordas arredondadas) em contraste com o plagioclásio hipidiomórfico do gabro encaixante. Lâmina JU-221B, onde **a)** polarizadores paralelos; **b)** polarizadores cruzados.

8.2.2.2 - Feições Metamórficas

A mineralogia metamórfica destas rochas compreende actinolita, ferro-actinolita, assim como titanita, rutilo e quartzo em pequenas quantidades (até 2%, mas nem sempre presentes), onde os dois últimos muitas vezes ocorrem ao redor de minerais opacos.

A principal feição metamórfica observada nas rochas deste corpo corresponde ao sucessivo crescimento de diferentes tipos de anfibólios, representados pela actinolita e ferro-actinolita. A actinolita possui pleocroísmo variando em tons de verde claro, possui *blebs* de quartzo (Figura 40), típica feição de transformação mineral em que há sobra de sílica, ou ainda aparece com textura fibrosa. A actinolita ocorre, em geral, no centro dos cristais de hornblenda (Figura 41), esta última considerada como tardi-magmática, assim como substituindo o orto e o clinopiroxênio. Já a ferro-actinolita é reconhecida pela sua coloração verde azulada, normalmente ocorre na borda dos dois outros anfibólios (Figura 41), é livre dos *blebs* de quartzo, bem como das inclusões de minerais castanhos e opacos aciculares (Figuras 42 e 43), característicos da hornblenda. Neste contexto caracterizou-se que muitas vezes a geminação da hornblenda encontra-se obliterada pelo sobrecrecimento da actinolita (Figura 44), indicando, então, que esta última teria se formado posteriormente à hornblenda. Além disso, a ferro-actinolita, por se desenvolver nas bordas tanto da hornblenda, quanto da actinolita e é neste caso, considerada como o anfibólio mais tardio.

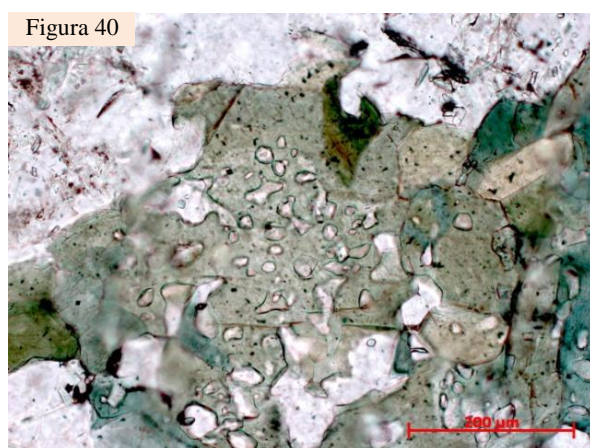


Figura 40

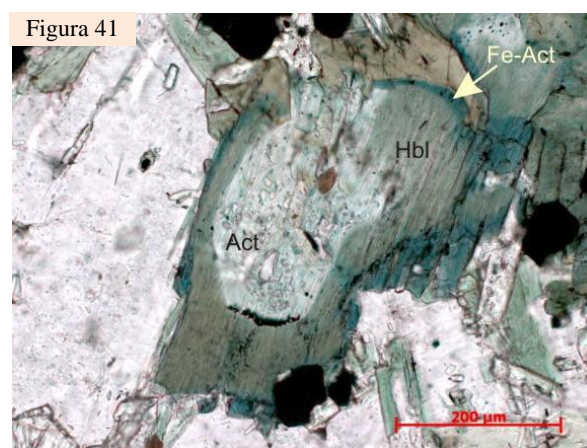


Figura 41

Figura 40 - Actinolita com cor verde clara, contendo *blebs* de quartzo típica da textura de transformação mineral em que há sobra de sílica. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-25B.

Figura 41 - Actinolita (Act) verde clara no centro de grão de hornblenda (Hbl) verde escura, que é sobrecrecida por ferro actinolita (Fe-Act) com cor verde azulada. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-25B.

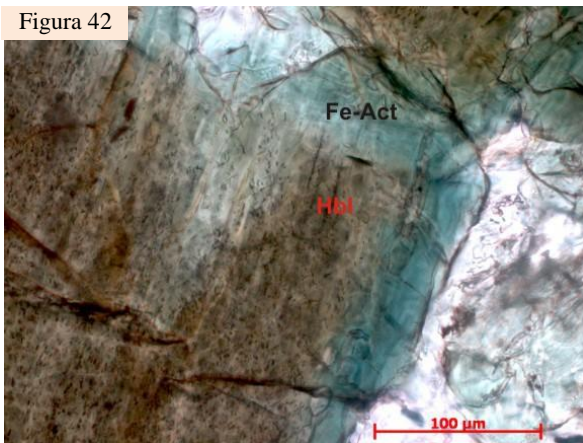


Figura 42

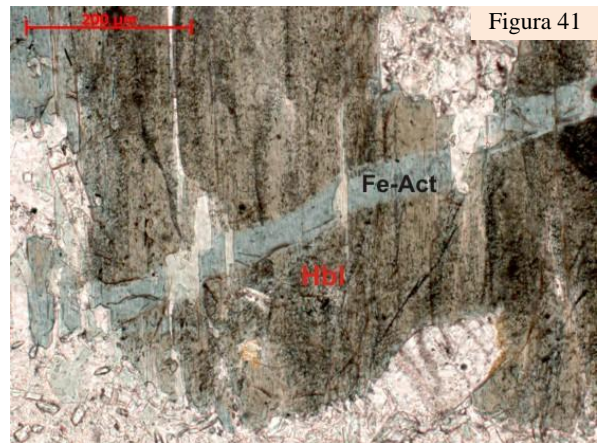


Figura 41

Figura 42 - Hornblenda (Hbl) marrom, contendo diminutas inclusões de minerais castanhos e opacos aciculares, conferindo um aspecto manchado à mesma. Presença de ferro-actinolita (Fe-Act) de coloração verde azulada na borda da hornblenda e livre das inclusões. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-73E.

Figura 43 - Hornblenda (Hbl) marrom, contendo diminutas inclusões de minerais castanhos e opacos aciculares, conferindo um aspecto manchado à mesma. Presença de ferro-actinolita (Fe-Act) de coloração verde azulada e livre de inclusões, ocorrendo na forma de veio resultante da percolação de fluidos. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-174D.

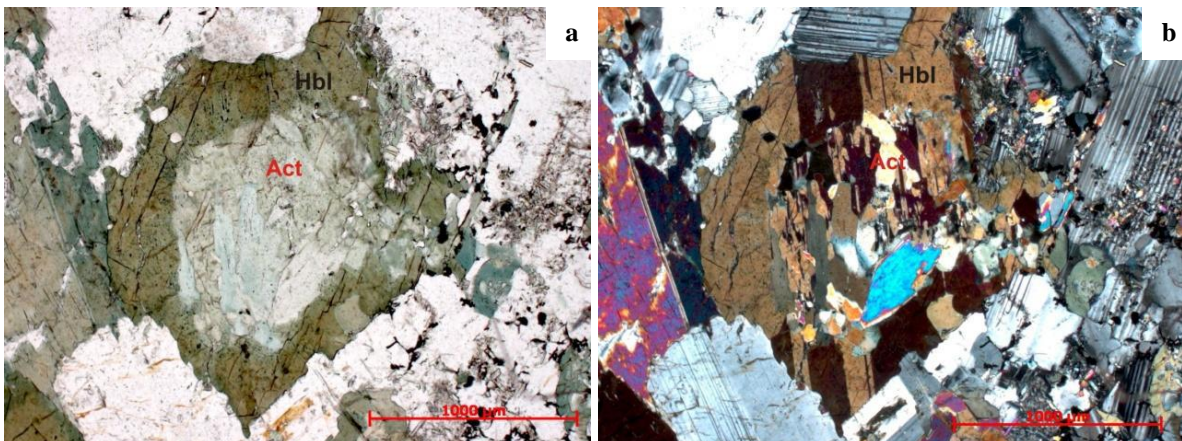


Figura 44 - a) Actinolita (Act) verde clara sobrecrecida no centro de hornblenda (Hbl). b) Actinolita (Act) obliterando a geminação contínua da hornblenda (Hbl) apontando que a mesma seria tardia. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-25B.

Cabe ainda ressaltar que nas rochas com maior grau de recristalização metamórfica, a ferro-actinolita é o anfibólio predominante, ocorrendo na forma de cristais orientados, desenvolvendo uma textura nematoblástica (Figura 45). Além disso, neste caso há a formação de biotita, assim como titanita ao redor dos minerais opacos, ambos estirados segundo a foliação metamórfica (Figura 46). Foram ainda observadas amostras que podem ser consideradas como a transição de gabro para anfibolito. Em geral, estas preservam alguns cristais maiores de plagioclásio, com bordas irregulares (Figura 47) e coloração mais escura devido aos processos de sericitização e epidotização. O plagioclásio é envolto por aglomerados de cristais de ferro-actinolita com a granulação reduzida, lembrando uma feição

ocular. Em algumas partes das mesmas lâminas é possível observar que o processo de transformação mineral é mais intenso, pois recristaliza inclusive os grãos de plagioclásio (Figura 48).

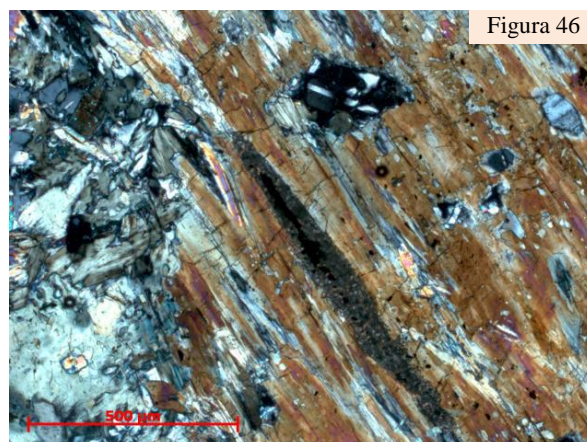
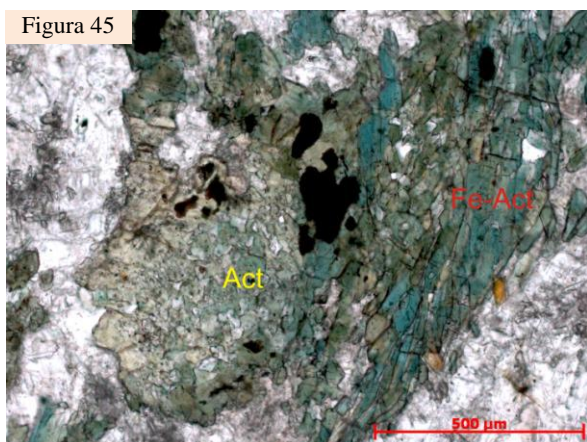


Figura 45 - Grãos de ferro-actinolita orientados, formando textura nematoblástica. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-64A.

Figura 46 - Grão de titanita ao redor de minerais opacos (ambos estirados segundo a foliação) orientados paralelamente aos cristais de ferro-actinolita. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-174D.

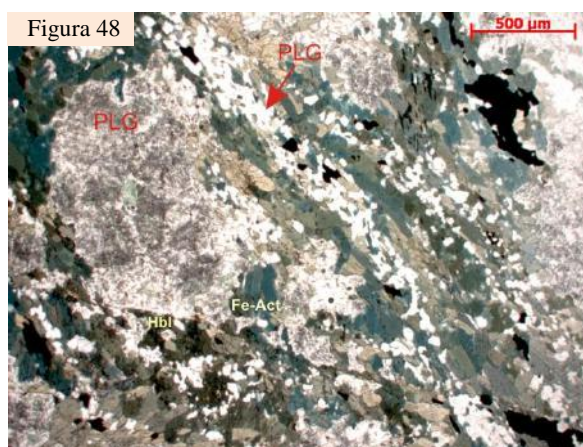


Figura 47 - Lâmina mostrando a transição de gabro para anfíbolito. Gabro Vitoriano Veloso. Lâmina MA-51A.

Figura 48 - Rocha na transição de gabro para anfíbolito, contendo grão maior de plagioclásio (PLG). Seguindo para nordeste da imagem, pode-se perceber uma textura nematoblástica (típica de rochas anfíbolíticas), pois tanto o anfíbólio como o plagioclásio (na seta) estão recristalizados e orientados. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina MA-51A.

O processo de substituição dos grãos de piroxênio é denominado uralitização e segundo Mongoltip *et al.* (1986) só é possível pelo influxo de água das rochas adjacentes. Caso contrário, a rocha permanece com a trama original. Neste contexto, observou-se que as rochas em questão possuem diversas feições de percolações de fluidos de forma heterogênea,

ora transformando o piroxênio e a hornblenda em actinolita fibrosa somente no lugar da passagem do fluido (Figura 49a e 49b), ora com abertura de fraturas preenchidas por ferro-actinolita que cortam a rocha toda (Figura 50).

Por fim, cabe ressaltar que foram descritas texturas coronárias simplectíticas (Figura 51), que retratam a reação incompleta entre dois minerais. Essa transformação utiliza essencialmente o cálcio e ferro dos grãos de anfibólio e o alumínio e silício dos grãos de plagioclásio, formando epidoto e por vezes zoisita - clinozoisita no contato entre os dois minerais reagentes.

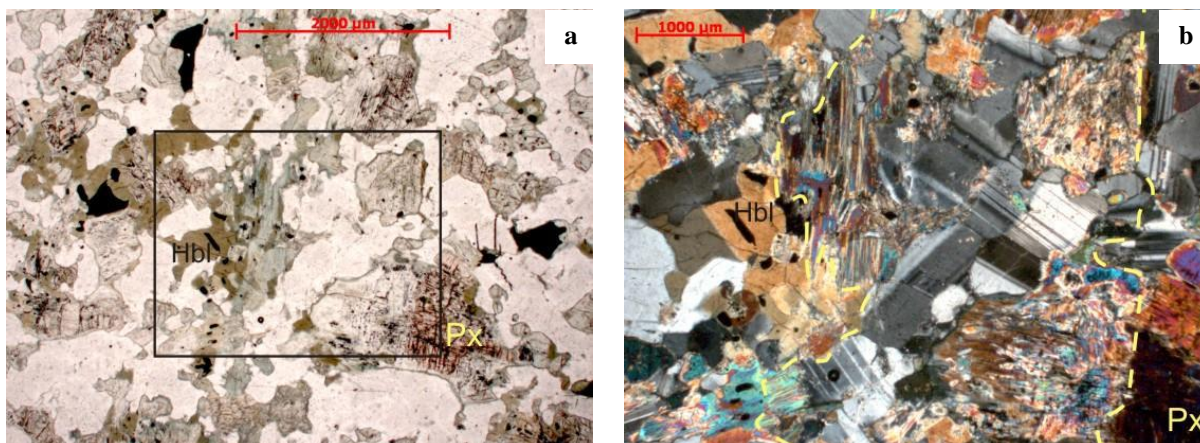


Figura 49 - a) Formação de actinolita de cor verde clara somente onde houve a passagem de fluidos, substituindo tanto o piroxênio, quanto a hornblenda. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-196. **b)** Detalhe da figura 49a. Formação de actinolita fibrosa somente onde houve a passagem de fluidos (com limites aproximados demarcados pelo tracejado amarelo), transformando o piroxênio e a hornblenda. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-196.

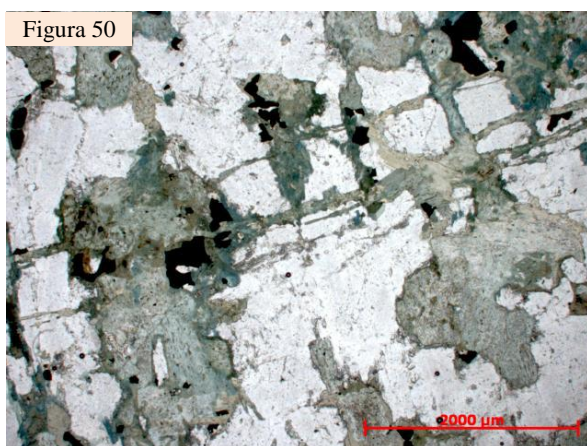


Figura 50 – Veios ricos em ferro-actinolita, que ocasiona a geração de veios que cortam a rocha intensamente. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-144B.

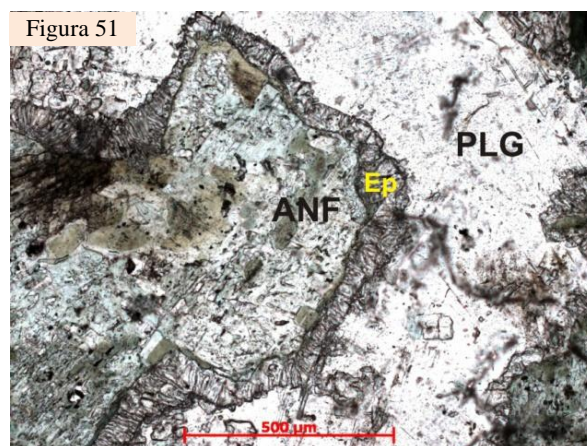


Figura 51 - Textura coronária simplectítica formando epidoto (Ep) no contato do anfibólio (Anf) com os grãos de plagioclásio (Plg). Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-28.

8.2.2.3 - Feições Metamórficas - Hidrotermais

Sobrepondo as fases de crescimento metamórfico descritas anteriormente, ocorre uma paragênese metamórfica - hidrotermal bastante característica, contendo essencialmente

clorita, biotita, epidoto, zoisita e clinozoisita; podendo ou não obliterar quase que totalmente as texturas pretéritas. Neste contexto, é importante destacar o ponto JU-174, no qual foram recolhidas 5 amostras devido ao seu caráter extremamente diversificado, com partes mais ou menos deformadas. Este ponto foi particularmente importante, pois retrata a evolução da deformação e da transformação mineralógica relacionada a esta fase mais nova de crescimento mineral. Primeiramente pode-se notar que as partes mais preservadas das lâminas são as que contêm os enclaves autolíticos. Nestas lâminas ocorrem grãos de plagioclásio inclusos na hornblenda (Figura 52), que com a continuidade do processo tendem a formar grãos cada vez menores e mais alterados, gerando um aglomerado de diminutos minerais, contendo plagioclásio, epidoto, zoisita e clinozoisita (Figura 53). Também foram observadas inclusões de piroxênio que aparecem com textura fibrosa (Figura 54) e tendem a ser completamente transformados em clorita. Em geral, restam alguns cristais xenomórficos de hornblenda e de actinolita, porém predominando a ferro-actinolita. É importante ressaltar ainda, que foram descritas duas fases distintas de formação de epidoto, onde texturalmente, o epidoto mais tardio cresce na borda do primeiro (Figura 55). Com isso, deduz-se que em uma das fases de crescimento metamórfico precoce transcorreu o processo de epidotização. Segundo Oliver (1949), durante o processo de uralitização, a expulsão do cálcio do clinopiroxênio pode gerar a formação de epidoto ou zoisita.

Ocorrem ainda veios monominerálicos de epidoto e veios contendo quartzo, opacos e clorita, ambos tardios.

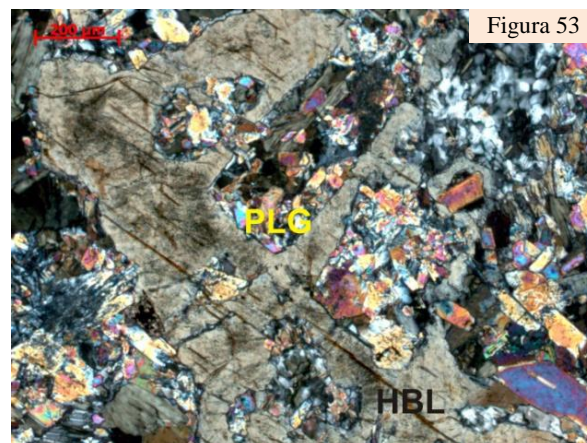
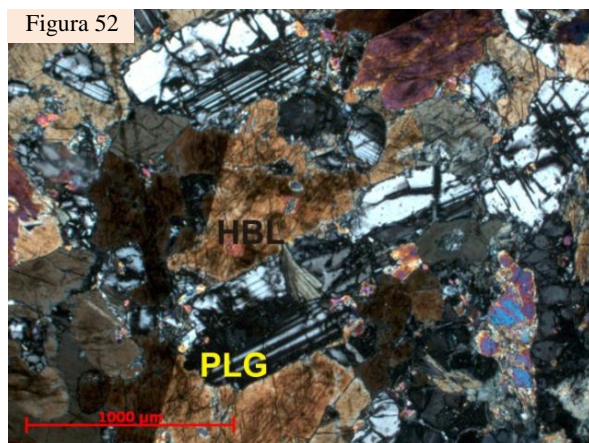


Figura 52 - Autólito com textura poiquilítica com inclusões de grãos de plagioclásio (PLG) em grandes placas de hornblenda (HBL). Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-174D.

Figura 53 - Autólito com textura poiquilítica, mantendo a forma de grãos de plagioclásio (PLG), muito alterados e formando um aglomerado de diminutos minerais, contendo plagioclásio, epidoto, zoisita e clinozoisita. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-174A2.

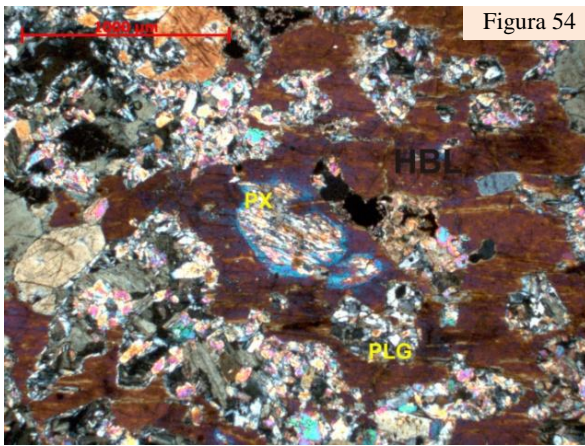


Figura 54

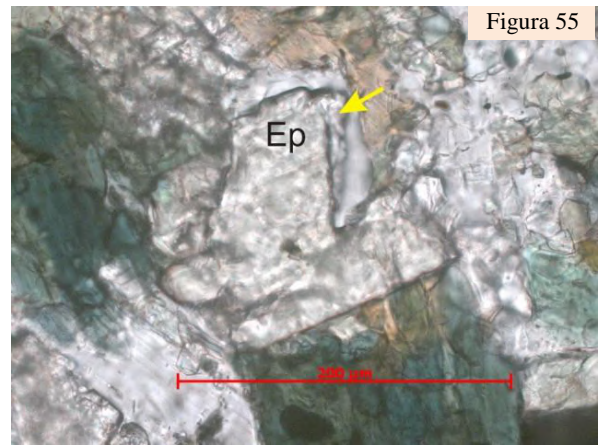


Figura 55

Figura 54 - Autólito com textura poiquilítica, com inclusões de piroxênio (PX) com textura fibrosa e de grãos de plagioclásio (PLG) muito alterados. Os pseudomorfos de plagioclásio são representados por um aglomerado contendo plagioclásio, epidoto, zoisita e clinozoisita. Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-174A2.

Figura 55 - Grão de epidoto (Ep) envolvido por uma nova geração de epidoto (na seta amarela). Gabro Vitoriano Veloso. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-64A.

8.2.3 - Análise dos minerais opacos, estudos por MEV-EDS e DRX

Através da análise de minerais opacos por luz refletida, foi possível caracterizar a presença de seis fases minerais distintas: mineral cinza que não pôde ser classificado (**Figura 56**), magnetita, pirita, calcopirita, covelita, calcocita e bornita. Neste sentido, a maioria das lâminas analisadas contém somente o mineral cinza que não pôde ser classificado e magnetita, indicando que tal diferença pode refletir variações composicionais dos protólitos.

Os dois minerais cinza descritos são facilmente distinguidos entre si, uma vez que um é anisotrópico, possui textura lisa e marcas de polimento; e o outro, é levemente anisotrópico e possui textura rugosa. Este último foi caracterizado como magnetita e ocorre em geral na borda do primeiro (**Figura 56**), assim como na borda de grãos de pirita (**Figura 57**).

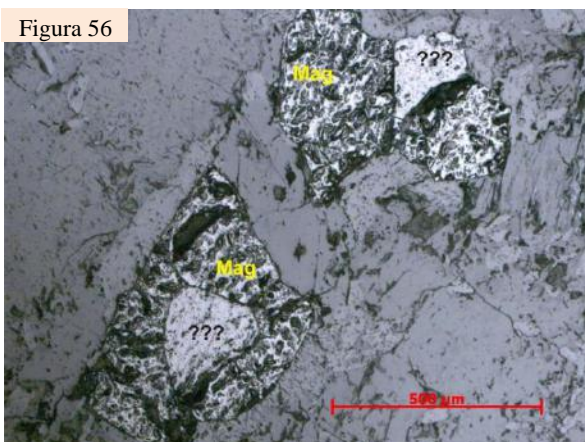


Figura 56

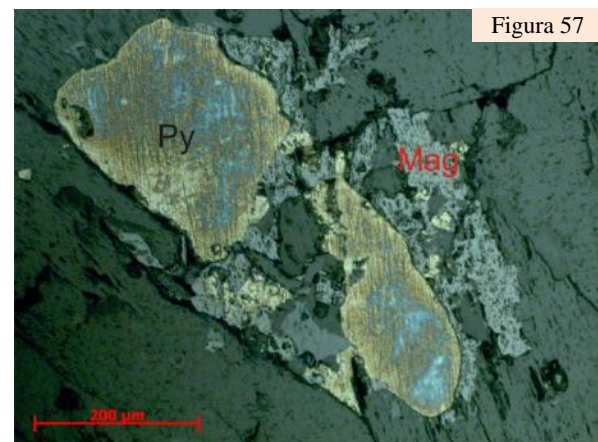


Figura 57

Figura 56 - Mineral cinza de textura lisa envolto por magnetita (Mag). Luz refletida, polarizadores paralelos. Ponto JU-0001Pa.

Figura 57 - Pirita (Py) sendo envolvida por magnetita (Mag) xenomórfica. Luz refletida, polarizadores paralelos. Ponto JU-0001Pa.

A pirita geralmente é idiomórfica e em geral ocorre na borda do mineral cinza não classificado (Figura 58), indicando que ambos seriam de origem primária. Outra feição bastante notável é a presença de calcopirita transformada parcialmente (Figura 59) ou integralmente (Figura 60) para covelita, calcocita e bornita. A calcopirita é, em geral, xenomórfica e ocorre na borda da pirita (Figura 61).

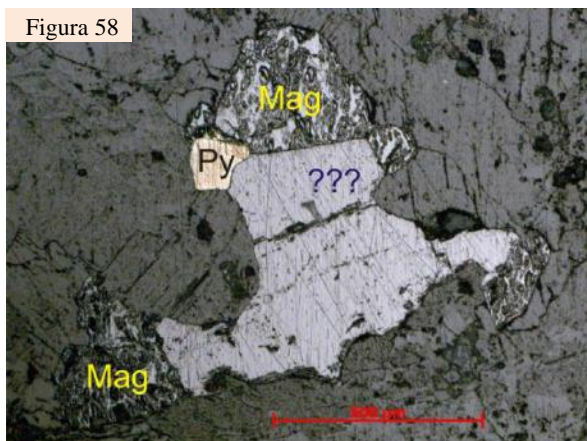


Figura 58 - Mineral cinza de textura lisa com pirita hipidiomórfica (Py) em sua borda, ambos em contato com magnetita (Mag). Luz refletida, polarizadores paralelos. Ponto JU-37A.

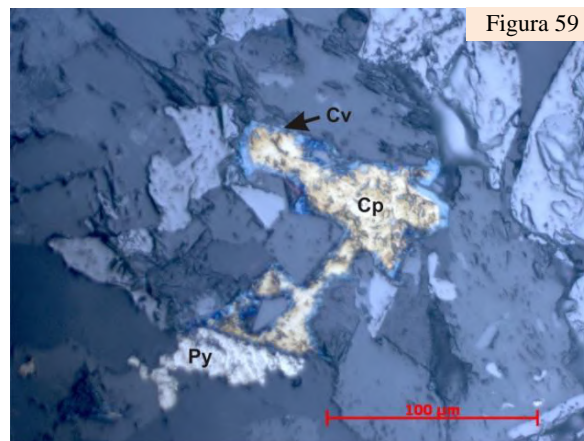


Figura 59 - Calcopirita (Cp) xenomórfica associada a pirita (Py) e contendo borda de alteração para covelita (Cv). Luz refletida, polarizadores paralelos. Ponto JU-0001Pa.

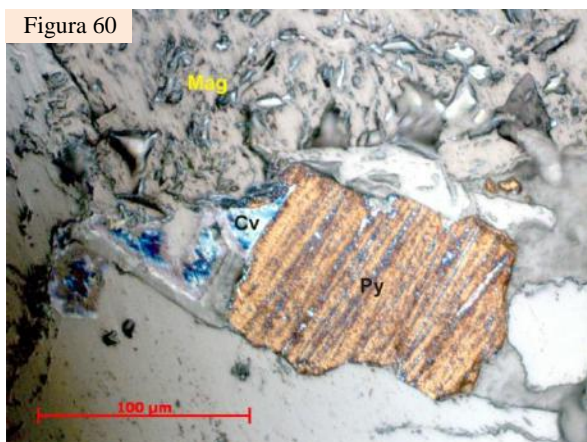


Figura 60 - Pirita (Py) hipidiomórfica contendo covelita em sua borda (pseudomorfo de calcopirita). Ambas associadas a mineral cinza com textura rugosa. Luz refletida, polarizadores paralelos. Ponto JU-0001Pb.

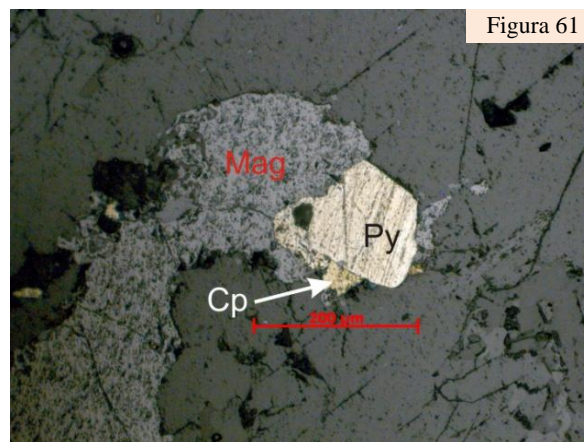


Figura 61 - Magnetita (Mag) associada a pirita hipidiomórfica (Py) e por sua vez, esta, com calcopirita em suas bordas. Luz refletida, polarizadores paralelos. Ponto JU-0001Pa.

Foi realizado, ainda, estudo por MEV-EDS na lâmina polida JU-000Pb. Neste contexto, dez grãos de plagioclásio foram analisados microquimicamente (Figura 62) e as proporções dos seus elementos foram plotadas no diagrama Ab-Or-An, onde o mesmo foi classificado como labradorita (Figura 63). Alguns destes cristais possuem diminutas inclusões de greenockita (Figura 64). Segundo Mogessie *et al.* (2009), a greenockita é um raro sulfeto

de cádmio (CdS), predominantemente formada a partir do intemperismo da esfalerita. Entretanto, esta ocorre também como mineral primário em vários ambientes geológicos, incluindo: regiões com mineralizações de óxido de zinco metamorfisadas; em granitos; pegmatitos; fumarolas; ambientes de ouro orogênico; depósitos de jazidas hidrotermais; e em rochas sedimentares com mineralização de Pb-Zn. Nestes ambientes, a greenockita está sempre associada à esfalerita ou calcopirita. Entretanto, geralmente este mineral aparece na literatura associado a zonas hidrotermais e epitermais, relacionadas à mineralizações de Pb-Zn-Ag (Patterson, 1995), Au-Ag-Te (Tombros *et al.*, 2005), Cu-Bi-Pb-Ag e polimetálicas (Penalva *et al.*, 2008).

Embora o MEV-EDS não seja indicado para minerais hidratados, foi possível de se identificar dois tipos de anfibólio: um contendo inclusões aciculares de titanita; e outro sem nenhuma inclusão (Figura 65). Também foram identificados grãos de calcopirita, por vezes associados à magnetita (Figura 66) e a covelita e calcocita (Figuras 66 e 67).

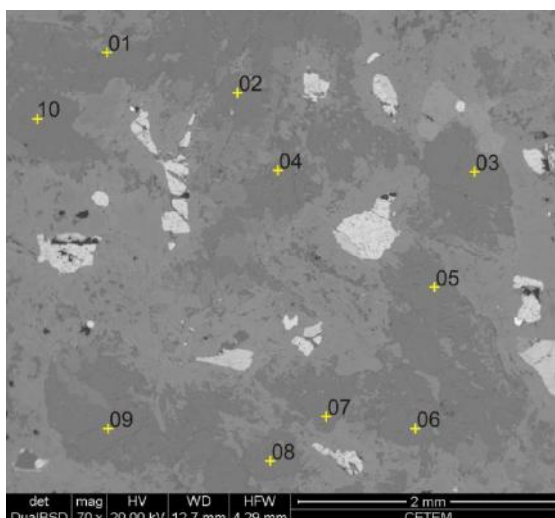


Figura 62 – Grãos de plagioclásio analisados por MEV-EDS, onde a cruz amarela indica os locais das análises. Gabro Vitoriano Veloso. Imagem de MEV. Lâmina JU-000Pb.

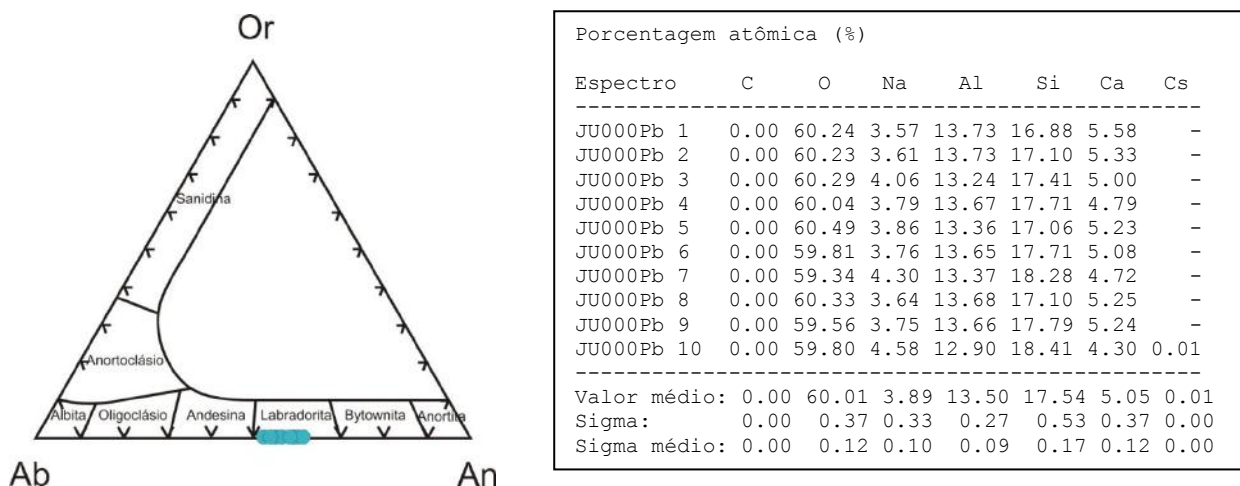


Figura 63 - Diagrama Ab-An-Or de classificação de feldspatos do gabro Vitoriano Veloso (lâmina JU-000Pb), realizado através da composição química obtida por MEV-EDS.

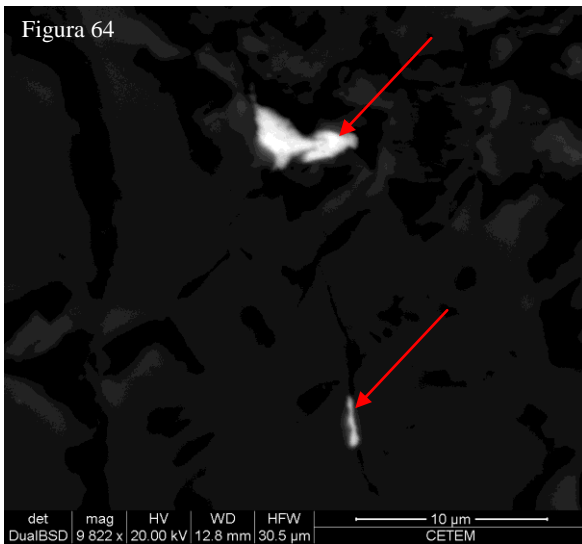


Figura 64 - Greenockita (setas vermelhas) inclusa em plagioclásio. Gabro Vitoriano Veloso. Imagem de MEV. Lâmina JU-000Pb.

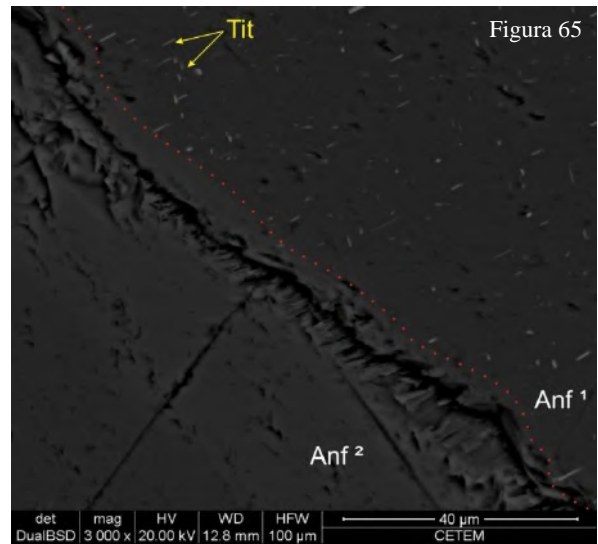


Figura 65 - Dois tipos de anfibólio: Anf¹, contendo inclusões de titanita (minerais com coloração mais clara e forma acicular – Tit) e; Anf², sem nenhuma inclusão. Gabro Vitoriano Veloso. Imagem de MEV. Lâmina JU-000Pb.

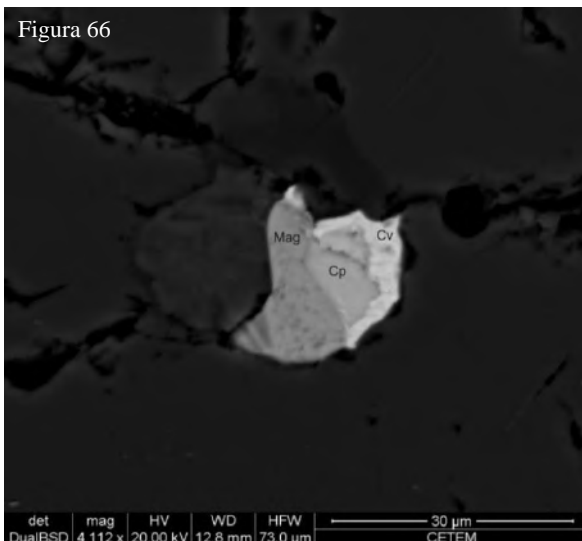


Figura 66 - Calcopirita (Cp) associada à magnetita (Mag) e alterada para covelita (Cv). Gabro Vitoriano Veloso. Imagem de MEV. Lâmina JU-000Pb.

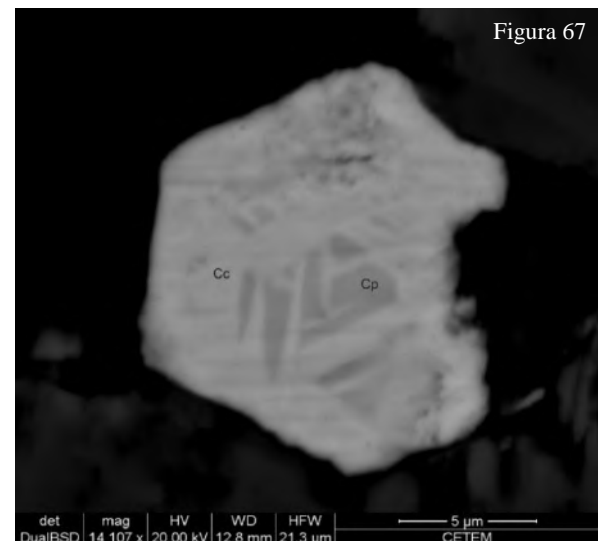


Figura 67 - Calcopirita (Cp) intercrescida com covelita (Cv). Gabro Vitoriano Veloso. Imagem de MEV. Lâmina JU-000Pb.

Alguns minerais foram ainda identificados por difratometria de raios-X, como é o caso da amostra JU-45A e B (minerais encontrados no chão em estrada de terra), que correspondem, respectivamente, a turmalina (Figura 68) e a ilmenita (Figura 69). Durante o mapeamento geológico foi encontrada uma amostra de um veio com coloração marrom avermelhada, oxidado, muito poroso e com formas rugosas. Este material foi caracterizado como um aglomerado de goethita, hematita e quartzo (Figura 70).

JU-45A-2011
00-043-1464 (*) - Schorl

Amostra JU-45A (amostra preta) - TURMALINA

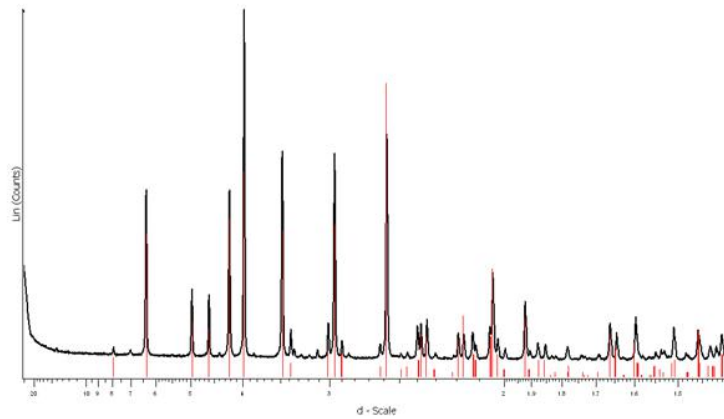


Figura 68 - Difratoograma da amostra JU-45A, caracterizada como turmalina.

JU-45B-2011
00-029-0733 (*) - Ilmenite, syn

Amostra JU-45B (amostra narrom) - ILMENITA

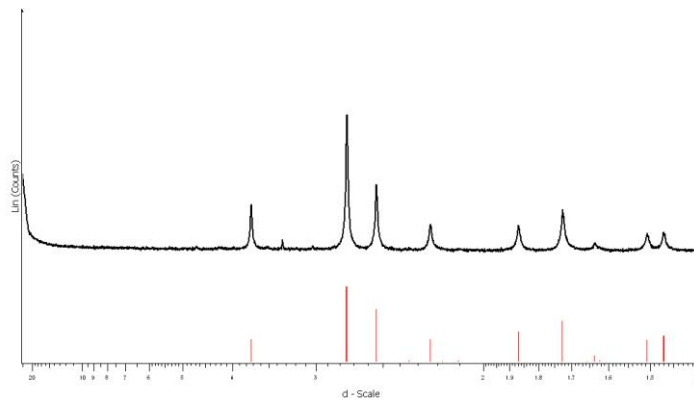


Figura 69 - Difratoograma da amostra JU-45B, caracterizada como ilmenita.

JU-56 OXIDO-2011
00-029-0713 (1) - Goethite

00-033-0664 (*) - Hematite, syn
00-046-1045 (*) - Quartz, syn

Amostra JU-56 (amostra oxidada)
(Goethita + Hematita + quartzo)

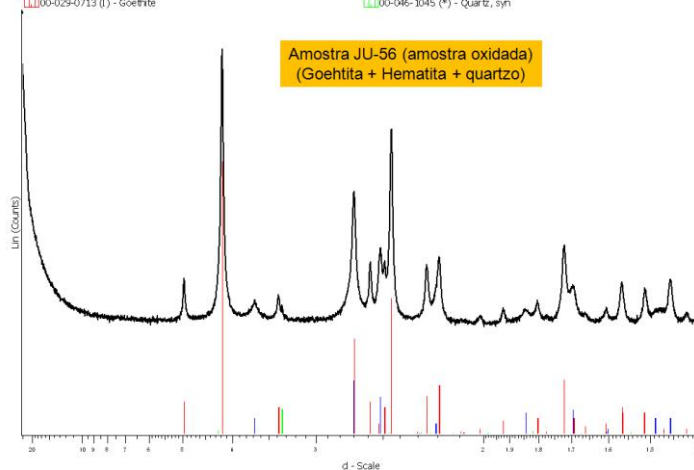


Figura 70 - Difratoograma da amostra JU-56, caracterizando a presença de goethita, hematita e quartzo.

8.2.4 - Dados Geoquímicos

O estudo geoquímico foi realizado em sete amostras do gabro Vitoriano Veloso, das quais três são da fácies diabásio e quatro da fácies gabro médio (Tabela 6). Como primeiro passo, buscou-se definir as maiores variações dos elementos nestas rochas, que se resumem ao Fe_2O_3 (7,07 a 18,31 % peso) e SiO_2 (43,59 a 50,97 % peso). Nesse sentido duas amostras da fácies gabro médio podem ser consideradas como ultrabásicas (SiO_2 entre 43,59 e 43,80) e desta maneira serão interpretadas a parte, pois todas as outras são básicas.

Nos diagramas de Harker com Fe_2O_3 na abscissa (Figuras 71 e 72) caracterizou-se *trend* negativo para Al_2O_3 , MgO , CaO , Cr e Cu e positivo para TiO_2 , MnO , K_2O , P_2O_5 , Zr e Na_2O , onde neste último óxido os teores aumentam para as rochas com menor granulação. No caso do S e do Cu os teores são maiores para as rochas da fácies gabro médio, assim como nas rochas da fácies diabásio ocorre o enriquecimento de Zr. É importante ressaltar ainda que as duas amostras classificadas no diagrama TAS como ultrabásicas, diferem em todos os diagramas de Harker, possuindo baixos teores de Al_2O_3 , K_2O , Na_2O , MgO , Cr e Zr , assim como os elevados teores de TiO_2 , Cu e S.

No diagrama TAS para rochas plutônicas (Figura 73), todas as amostras foram caracterizadas como gabro, com exceção das duas rochas ultrabásicas, provavelmente pela grande quantidade de sulfetos, observados petrograficamente. Em termos gerais, as rochas do gabro Vitoriano Veloso são metaluminosas (Figura 74) e claramente toleíticas (Figuras 75 e 76), com moderado enriquecimento em FeO na maioria das amostras e forte enriquecimento nas duas amostras ultrabásicas (Figura 76). No Diagrama de Jensen (1976) a grande maioria das amostras plotam no campo dos basaltos toleíticos enriquecidos em MgO, enquanto que as duas amostras ultrabásicas plotam no campo dos basaltos toleíticos enriquecidos em FeO (Figura 77).

No que diz respeito ao ambiente geotectônico, no gráfico $\text{TiO}_2 \times (10 \times \text{MnO}) \times (10 \times \text{P}_2\text{O}_5)$ todas as amostras ficam restritas ao campo dos toleítos de arco de ilha (Figura 78). Todavia, no diagrama $V \times (\text{Ti}/1000)$, todas as rochas são caracterizadas do tipo MORB ou como basalto de retro-arco (Figura 79). No diagrama $\text{Zr} \times 3Y \times \text{Ti}/100$ (Figura 80) e no diagrama $\text{Zr} \times \text{Sr}/2 \times \text{Ti}/100$ (Figura 81) a tendência geral das amostras é caírem no campo dos toleítos de arco de ilha e dos basaltos cálcio-alcálinos de arco de ilha. Todos os outros diagramas comuns para a caracterização do ambiente de formação de rochas basálticas apresentam resultados muito ambíguos e inconclusivos.

Tabela 6 - Resultados geoquímicos para elementos maiores (% peso), menores (% peso) e traços (ppm) do gabro Vitoriano Veloso, além da Norma CIPW. Legenda: Q = quartzo; Or = ortoclásio; Ab = albita; An = anortita; Di = diopsídio; Hy = hiperstênio; Il = ilmenita; Hm = hematita; Tn = titanita; Ap = apatita e; Pr = pirita.

AMOSTRA	JU-25A	JU-64E	JU-73A	JU-25B	JU-28	JU-37A	FG-18B
Rocha	diabásio	diabásio	diabásio	gabro	gabro	gabro	gabro
Símbolo	●	●	●	▲	▲	▲	▲
Laboratório	USP	USP	USP	USP	USP	USP	USP
SiO₂	50,59	48,32	50,97	49,49	43,80	43,59	49,30
TiO₂	1,019	1,322	0,746	1,293	2,206	2,216	0,433
Al₂O₃	15,29	16,26	16,39	15,58	14,09	14,79	17,32
Fe₂O₃	11,41	12,30	9,34	11,33	18,15	18,31	7,07
MnO	0,191	0,190	0,159	0,186	0,185	0,160	0,127
MgO	6,30	5,92	6,78	6,51	6,41	6,25	8,52
CaO	9,90	9,44	9,84	10,69	10,63	10,47	12,85
Na₂O	2,89	3,28	3,25	2,53	1,93	1,86	1,74
K₂O	0,19	0,19	0,15	0,25	0,10	0,10	0,09
P₂O₅	0,150	0,332	0,133	0,280	0,186	0,063	0,053
Loi	0,72	1,16	1,28	0,74	1,06	1,00	1,36
Total	98,65	98,71	99,04	98,88	98,75	98,81	98,86
Ba	95	137	287	116	67	42	49
Ce	45	64	40	47	56	43	< 35
Co	45	31	47	57	76	60	43
Cr	203	70	235	69	< 13	< 13	180
Cu	38	98	73	65	148	228	114
Ga	15	19	15	16	19	21	14
La	< 28	< 28	< 28	< 28	< 28	< 28	< 28
Nb	< 9	< 9	< 9	< 9	< 9	< 9	< 9
Nd	22	43	25	33	30	31	20
Ni	47	35	77	52	28	74	107
Pb	12	8	4	9	18	18	4
Rb	< 3	3	< 3	4	< 3	3	3
Sc	36	33	32	39	45	43	39
Sr	230	377	257	296	352	336	337
Th	< 7	< 7	< 7	< 7	7	8	< 7
U	3	3	5	3	6	6	< 3
V	177	275	188	235	695	814	126
Y	24	32	56	25	20	13	9
Zn	102	105	87	99	116	99	48
Zr	97	89	71	66	23	25	20
S	< 550	< 550	< 550	1048	2110	1725	938
NORMA CIPW							
Q	7.178	3.812	4.617	6.484	5.140	5.093	3.977
Or	1.123	1.123	0.886	1.477	0.591	0.591	0.532
Ab	24.454	27.754	27.501	21.408	16.331	15.739	14.723
An	28.186	29.110	29.690	30.416	29.487	31.711	39.183
Di	13.348	8.999	12.675	12.676	11.170	9.419	17.680
Hy	9.504	10.524	11.012	10.339	10.788	11.201	13.025
Il	0.409	0.406	0.340	0.000	0.000	0.000	0.000
Hm	11.410	12.290	9.340	11.330	18.150	18.310	7.070
Tn	1.974	2.728	1.392	3.174	5.415	5.440	1.063
Ap	0.355	0.777	0.315	0.663	0.441	0.149	0.126
Pr	0.000	0.000	0.000	0.315	0.313	0.271	0.215
Soma	97.941	97.523	97.768	98.283	97.826	97.924	97.594

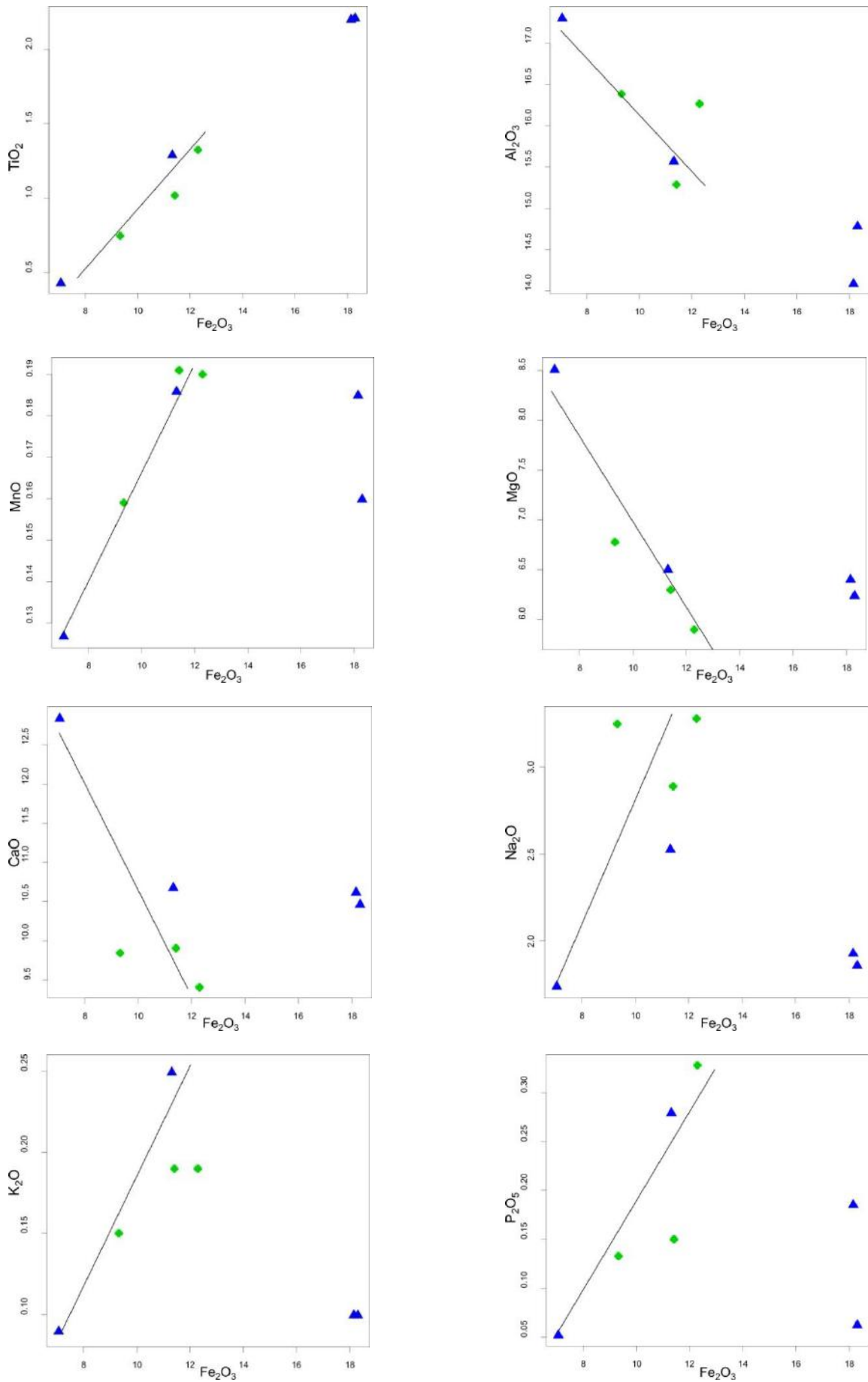


Figura 71 - Diagramas binários de elementos maiores x Fe₂O₃, mostrando a variação da composição de diabásios (círculos verdes) e gabros (triângulos azuis) da unidade gabro Vitoriano Veloso.

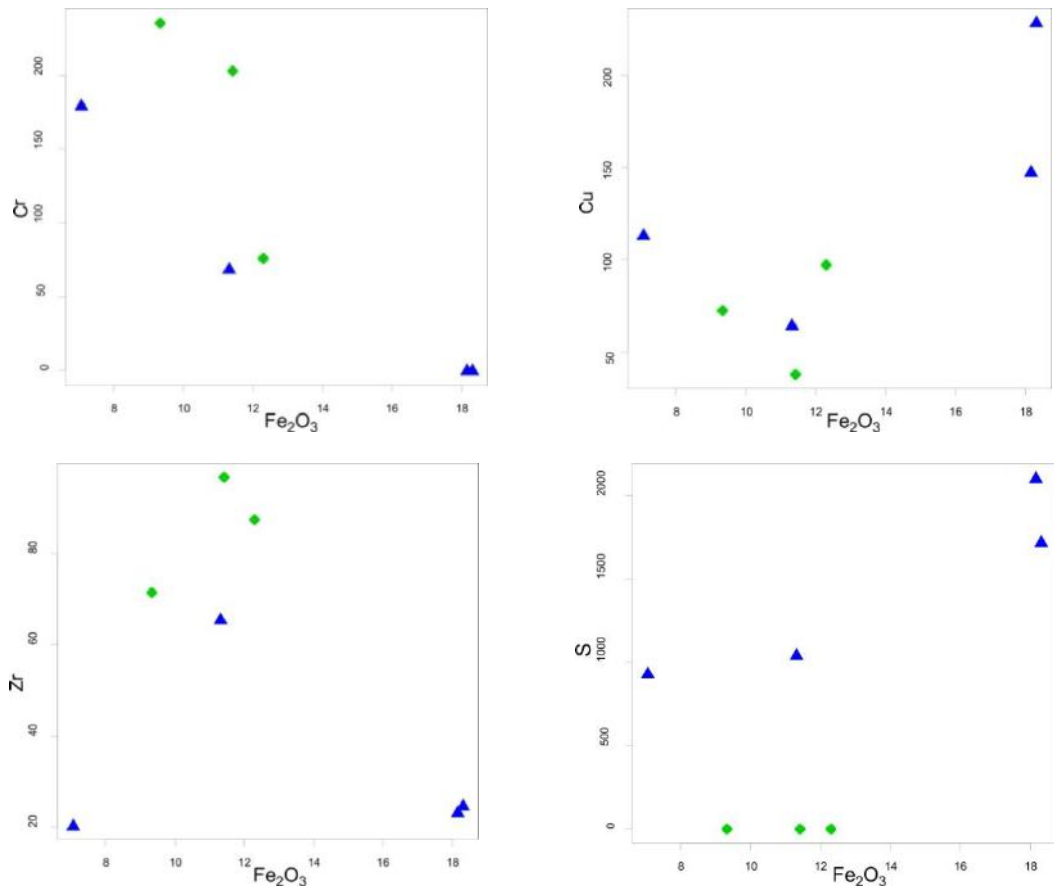


Figura 72 - Diagramas binários de elementos traços x Fe₂O₃, mostrando a variação da composição de diabásios (círculos verdes) e gabros (triângulos azuis) da unidade gabro Vitoriano Veloso.

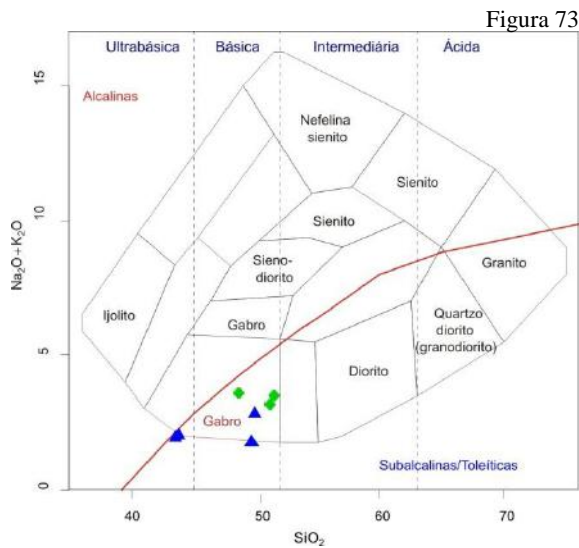


Figura 73

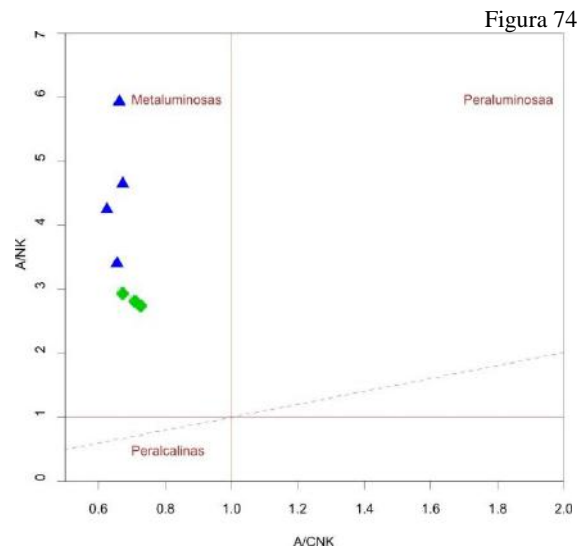
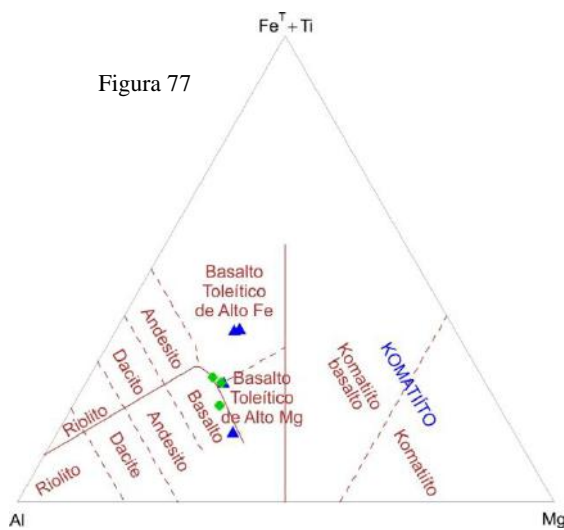
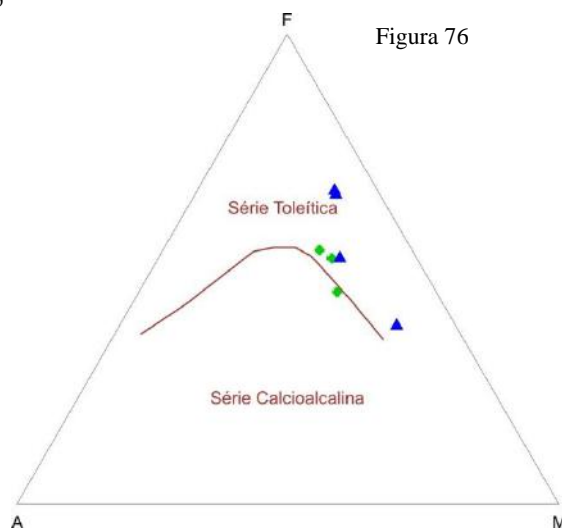
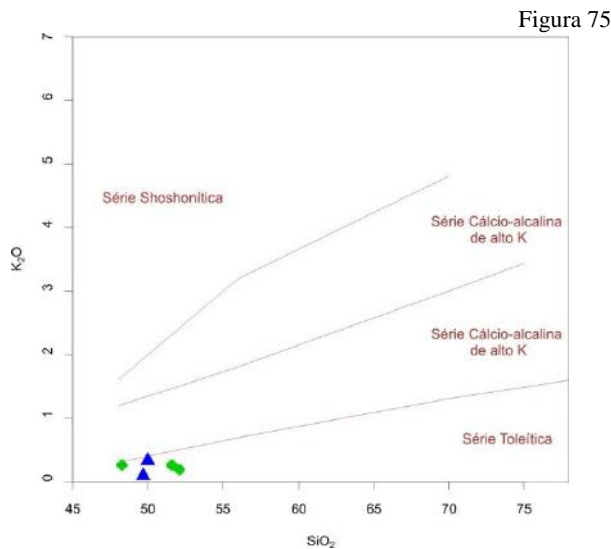
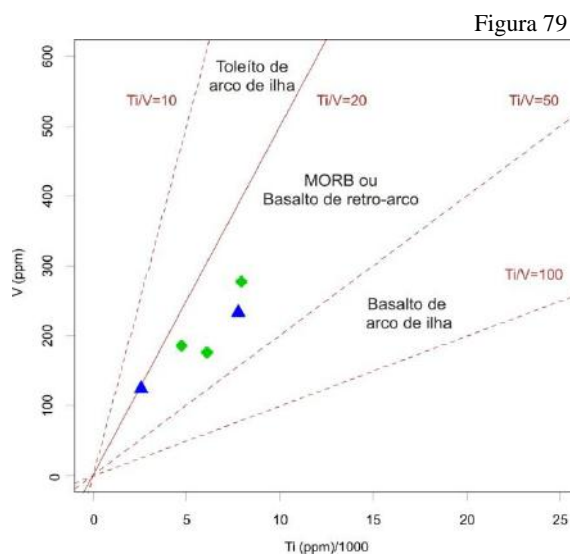
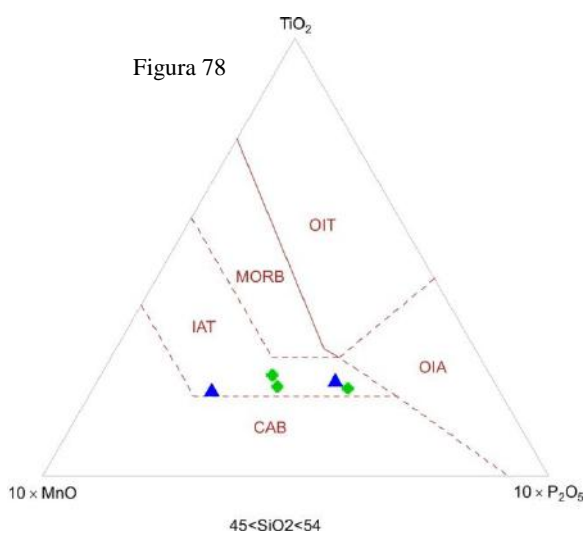


Figura 74

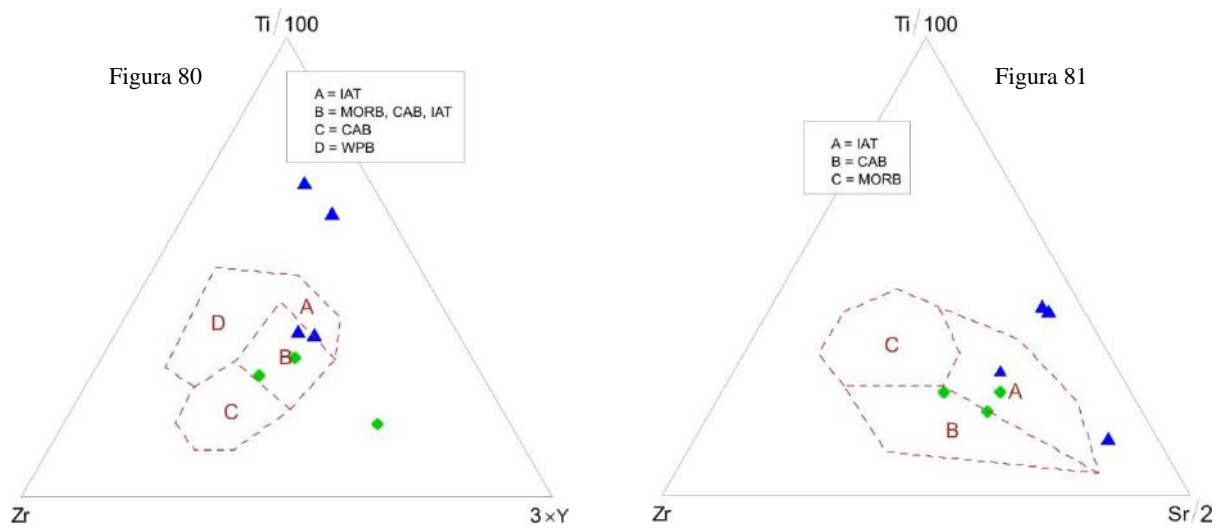
Figuras 73 e 74 - Diagramas discriminantes para diabásios (círculo verde) e gabros (triângulos azuis) da unidade Gabro Vitoriano Veloso. **Fig. 73:** Na₂O + K₂O x SiO₂ (TAS = Total Álcali x Sílica) (Cox *et al.*, 1979). **Fig. 74:** A/NK x A/CNK, onde A/NK = Al₂O₃/ (Na₂O + K₂O) MOL; A/CNK = Al₂O₃/ (CaO + Na₂O + K₂O) MOL (Maniar & Piccoli, 1989).



Figuras 75 a 77 - Diagramas discriminantes para diabásios (círculo verde) e gabros (triângulos azuis) da unidade Gabro Vitoriano Veloso. **Fig. 75:** $K_2O \times SiO_2$ (Peccerillo & Taylor, 1976); **Fig. 76:** AFM, onde $A = Na_2O + K_2O$; $F = FeO + 0,9Fe_2O_3$; $M = MgO$ (Irvine & Baragar, 1971); **Fig. 77:** $Fe^T + Ti \times Al \times Mg$ (Jensen, 1976).



Figuras 78 e 79 - Diagramas discriminantes para diabásios (círculos verdes) e gabros (triângulos azuis) da unidade Gabro Vitoriano Veloso. **Fig. 78:** $TiO_2 \times (10 \times MnO) \times (10 \times P_2O_5)$ (Mullen, 1983); **Fig 79:** $V \times (Ti/1000)$ (Shervais, 1982). Legenda: OIT = toleito de arco de ilha, OIA = basalto alcalino de arco de ilha, IAT = toleito de arco de ilha, CAB = basalto de arco continental.



Figuras 80 e 81 - Diagramas discriminantes para diabásios (círculos verdes) e gabros (triângulos azuis) da unidade Gabro Vitoriano Veloso. Fig 80: Zr x (3xY) x Ti/100 (Pearce & Cann, 1973); Fig 81: Zr x Sr/2 x Ti/100 (Pearce & Cann, 1973). Legenda: IAT = toleíta de arco de ilha, CAB = basalto de arco continental, WPB = basalto intra-placa.

8.3 – ANDESITO MÁFICO SANTO ANTÔNIO

A unidade descrita como andesito máfico Santo Antônio será abordada de forma bastante simplificada, pois corresponde ao tema central da monografia em desenvolvimento da estudante Thayla Almeida Teixeira Vieira, sob orientação do professor Ciro Alexandre Ávila.

8.3.1 – Aspectos de Campo

O andesito máfico Santo Antônio é limitado a leste pelas rochas do gabro Vitoriano Veloso; a oeste, pelas rochas da sequência metavulcânica - metassedimentar Estação de Tiradentes; a norte pelas rochas vulcânicas - subvulcânicas da suíte félsica Tiradentes; e a sul pelas rochas anfibolíticas do *greenstone belt* Dores de Campos (**Anexo I – Mapa geológico**). As rochas desta unidade ocorrem na forma de afloramentos fortemente intemperizados (saprólitos), que apontam para a presença de anfibólio, biotita, plagioclásio e quartzo. Tanto o saprólito, quanto o solo associado a este litótipo apresentam cor marrom avermelhada (**Figura 82**), que contrasta fortemente com o saprólito das rochas vulcânicas – subvulcânicas félsicas, que estão quase sempre associadas com estas, muitas vezes de forma complexa (**Figura 83**). As rochas andesíticas máficas também ocorrem como xenólitos (**Figura 84**) ou sendo entrecortada por diques das rochas vulcânicas – subvulcânicas félsicas (**Figura 85**), bem como por pegmatitos de pequena expressão.

As rochas andesíticas máficas são faneríticas finas a médias, mesocráticas, variam de andesitos a dioritos (mais restritos) e possuem fenocristais de anfibólio (**Figura 86**) de até 6mm. Estas são cortadas por diques de metabasito e por delgados veios de epidoto.

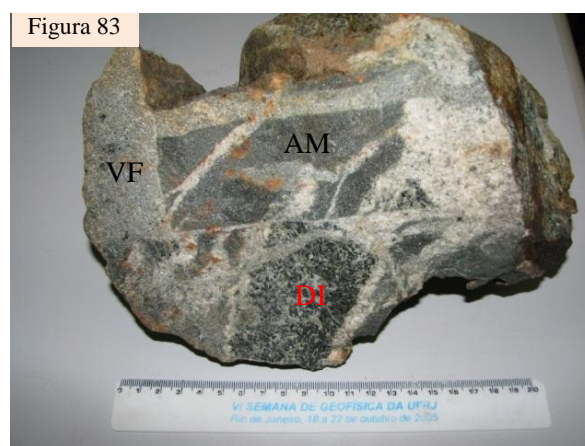
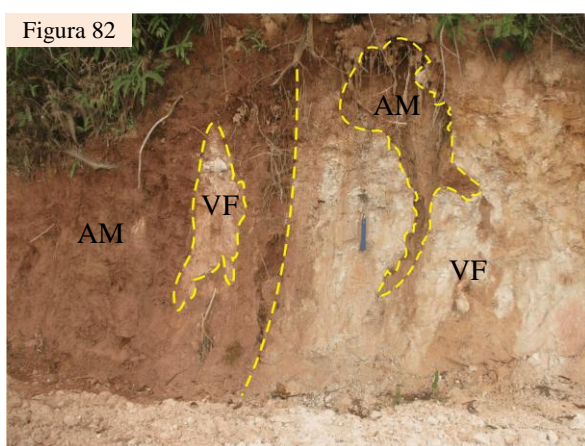


Figura 82 - Afloramento do andesito máfico Santo Antônio (AM) em contato com rochas vulcânicas - subvulcânicas da suíte félsica Tiradentes (VF). As rochas félsicas cortam as máficas sob a forma de diques e apresentam xenólitos das mesmas.

Figura 83 – Brecha magmática com interações complexas entre dioritos/gabros (DI), andesitos máficos (AM) interpretados como pertencentes à sequência andesítica máfica Santo Antônio e rochas vulcânicas - subvulcânicas da suíte félsica Tiradentes (VF). Ponto BIA-73.

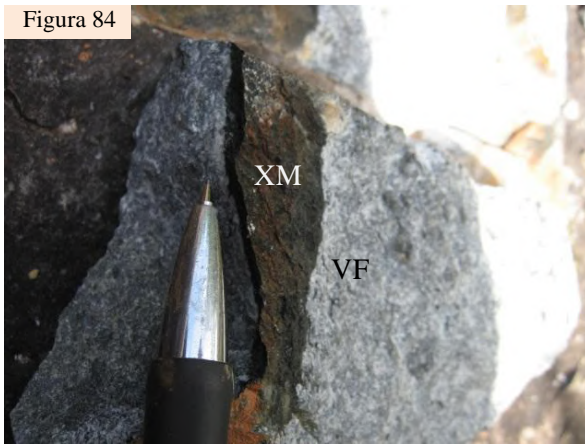


Figura 84 - Amostra de rocha vulcânica/subvulcânica da suíte félsica Tiradentes (VF) contendo xenólito de rocha máfica (XM) correlacionado à unidade máfica Santo Antônio. Ponto JU-87.

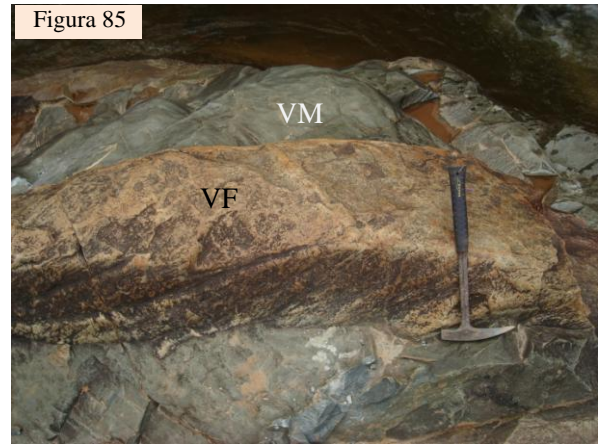


Figura 85 - Rocha do andesito máfico Santo Antônio (AM) sendo cortada por dique da suíte félsica Tiradentes (VF). Ponto JU-87.

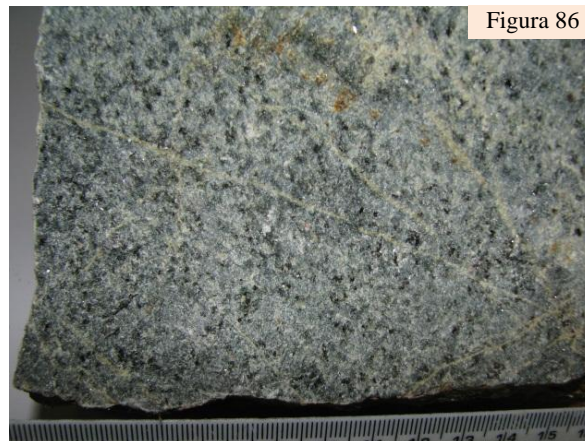


Figura 86 - Amostra de rocha da unidade andesítica máfica Santo Antônio, contendo pequenos fenocristais de anfibólio.

8.3.2 – Aspectos Petrográficos

As rochas andesíticas são faneríticas finas a médias, mesocráticas e contém fenocristais de plagioclásio e hornblenda. Neste mesmo contexto, possuem textura variando de nematoblástica a lepidoblástica (Figura 87), caracterizada pela orientação de cristais de hornblenda e de biotita. Sua mineralogia primária envolveria plagioclásio, hornblenda (ou clinopiroxênio completamente transformado para hornblenda), biotita, allanita, zircão e minerais opacos. A hornblenda possui cor marrom a esverdeada e aspecto “sujo”, devido a grande quantidade de inclusões de minerais castanhos e opacos aciculares. Esta está, em parte, sendo substituída por biotita (Figura 88) e por actinolita livre de inclusões (Figura 89a e b).

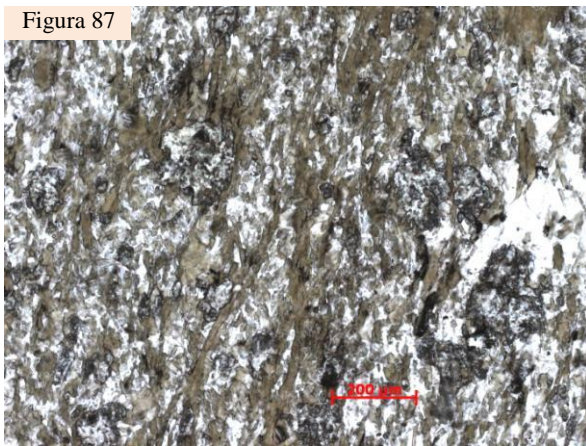


Figura 87

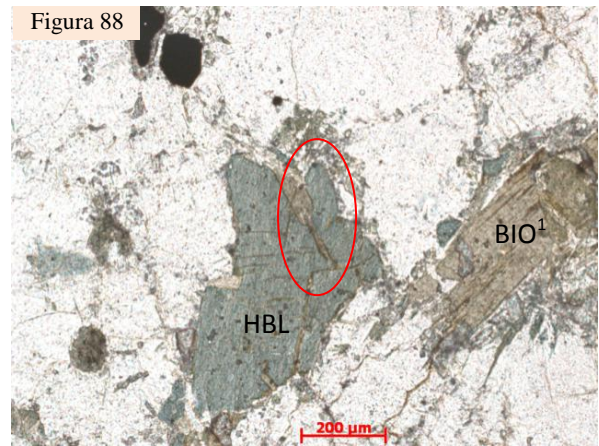


Figura 88

Figura 87 - Textura lepidoblástica das rochas da unidade andesítica máfica Santo Antônio, dada pela orientação de grãos de biotita. Polarizadores paralelos. Lâmina JU-87B.

Figura 88 - Fenocristais de hornblenda (HBL) e biotita (BIO¹). Destaca-se que as bordas do fenocristal de hornblenda estão sendo transformada para biotita² (na elipse vermelha). Andesito máfico Santo Antônio. Polarizadores paralelos.

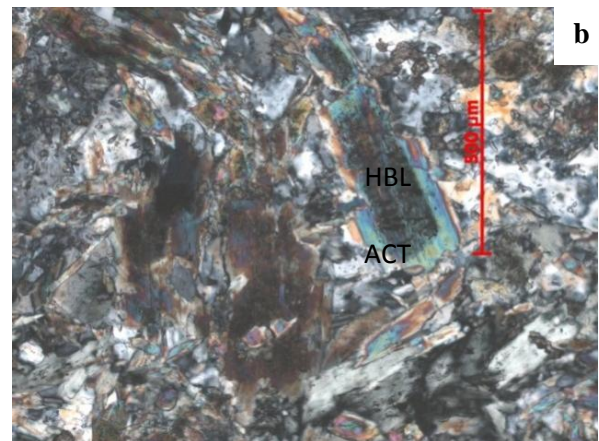
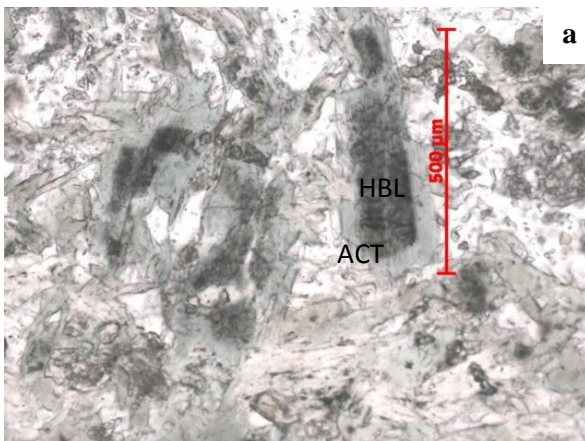


Figura 89 - Hornblenda marrom (HBL), com borda de actinolita (ACT), livre de inclusões de minerais opacos e castanhos aciculares. Andesito máfico Santo Antônio. **a)** polarizadores paralelos, **b)** polarizadores cruzados. Lâmina BIA-33B.

8.4 – SUÍTE FÉLSICA TIRADENTES

A suíte félsica Tiradentes é constituída por dois conjuntos composicionalmente semelhantes, porém texturalmente diferentes (tonalitos – dacitos), onde essa variação aponta para distintos níveis crustais de consolidação do magma pai dos mesmos. Em termos gerais, esta suíte pode ser subdividida em: 1) corpos vulcânicos e subvulcânicos félsicos afaníticos (Figura 90), constituídos predominantemente por andesitos, dacitos e granófiros, com texturas que variam de equigranulares a microporfiríticas, onde algumas amostras apresentam estrutura acamadada e; 2) corpos subvulcânicos félsicos, faneríticos de finos a médios (Figura 90), com textura variando de equigranular a porfirítica.

A designação desta unidade como suíte félsica Tiradentes está relacionada ao fato desta abranger corpos félsicos subvulcânicos e vulcânicos considerados como cogenéticos (somente texturalmente distintos) e das mesmas aflorarem no entorno norte e oeste da cidade de Tiradentes.

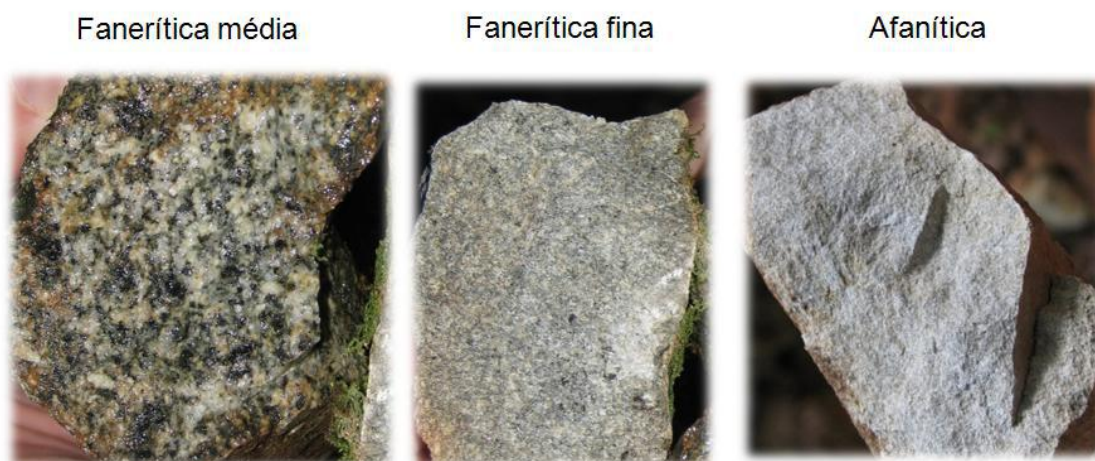


Figura 90 - Variação faciológica das rochas da suíte félsica Tiradentes, desde fanerítica média (esquerda) a afanítica (direita)

8.4.1 – Aspectos de Campo

As rochas vulcânicas e subvulcânicas afaníticas da suíte félsica Tiradentes foram mapeadas como uma faixa alongada ao longo de parte da borda sul da serra de São José, apresentando cerca de 500m de largura por 10km de comprimento. Estas rochas são limitadas a norte por quartzitos da Megasseqüência São João del Rei e a sul por anfibolitos e rochas metaultramáficas do *greenstone belt* Dores de Campos, bem como por filitos, quartzitos e por um diamictito com matriz pelítica predominantemente carbonosa (rica em rutilo e zircão), que suporta clastos de rochas vulcânicas e subvulcânicas félsicas (Figura 91), correlacionáveis às ocorrências estudadas neste trabalho. As rochas vulcânicas e subvulcânicas afaníticas, variam de hololeucocráticas a leucocráticas, equigranulares a porfiríticas, onde foi observada a

presença de estrutura acamadada em algumas amostras. Afloram principalmente como lajedos nas drenagens ou como diques com espessuras métricas, que podem apresentar contatos sinuosos (Figura 92) e contatos retilíneos (Figura 93) com rochas da unidade andesítica máfica Santo Antônio. Já as rochas subvulcânicas faneríticas são equigranulares, variam de finas a médias e foram mapeadas em quatro pequenos corpos, sob a forma de apófises e *stocks*, cortando frequentemente tanto as rochas andesíticas máficas Santo Antônio, quanto o gabro Vitoriano Veloso (Anexo I – Mapa geológico). Estes corpos apresentam, ainda, enclaves xenolíticos máficos (Figura 94), assim como félsicos.



Figura 91 - Diamictito com clastos deformados de rochas vulcânicas e subvulcânicas félsicas, correlacionados à suíte félsica Tiradentes. Ponto JU-88.

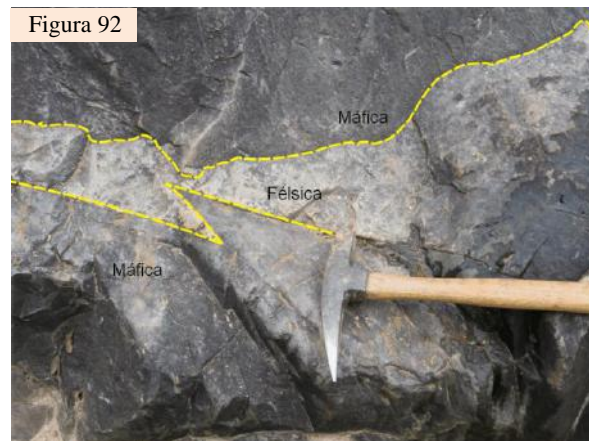


Figura 92 – Contato irregular entre rocha subvulcânica félsica afanítica da suíte félsica Tiradentes e rocha da unidade andesítica máfica Santo Antônio. A forma do contato é evidenciada pelo tracejado amarelo. Ponto JU-87.



Figura 93 - Diques tabulares de rocha subvulcânica félsica afanítica da suíte félsica Tiradentes (vermelho em b), cortando as rochas andesíticas máficas Santo Antônio (verde em b). Ponto JU-87.

Durante o mapeamento surgiu ainda uma dúvida quanto à relação cogenética destas rochas com um corpo tonalítico que ocorre ao sul do Rio das Mortes (pontos iniciados pela sigla AN; Anexo II – Mapa de pontos), identificado por Bezerra Filho (2006). Entretanto, ressalta-se que este tonalito possui índice de cor mais elevado, representado por até 10% de

minerais máficos que estão orientados incipientemente, imprimindo à rocha, uma leve foliação (Figura 95).

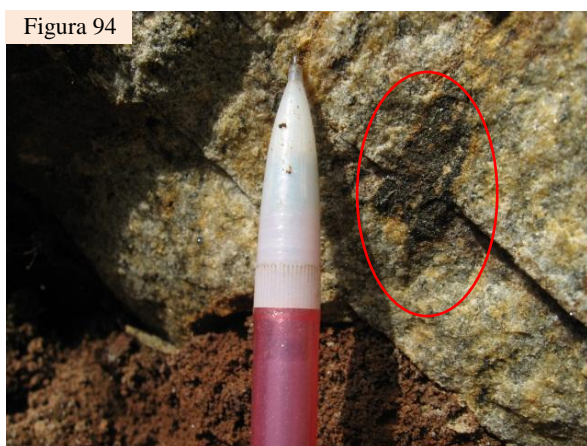


Figura 94 – Rocha félsica subvulcânica fanerítica da suíte félsica Tiradentes, contendo xenólito máfico (dentro da elipse vermelha). Ponto JU-74.

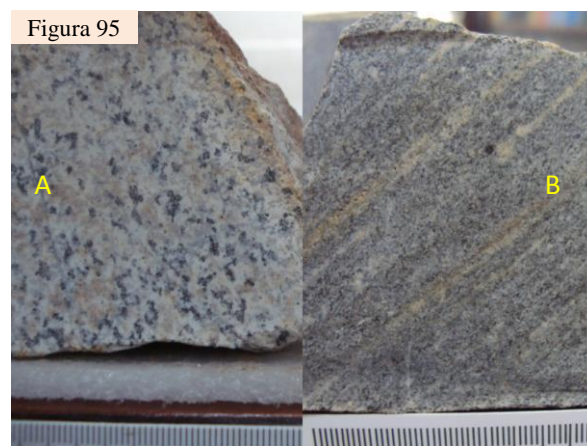


Figura 95 – Rocha félsica subvulcânica fanerítica da suíte félsica Tiradentes (A) em comparação com rocha tonalítica que ocorre a sul do Rio das Mortes (mais máfica e foliada).

8.3.2 – Aspectos Petrográficos

Como dito anteriormente, as rochas vulcânicas a subvulcânicas afaníticas e faneríticas muito finas da suíte félsica Tiradentes são tema da monografia em desenvolvimento realizada pela estudante Thayla Almeida Teixeira Vieira, principalmente no que diz respeito à caracterização petrográfica. Entretanto cabe ressaltar aqui algumas feições e texturas importantes para as conclusões finais quanto à evolução estratigráfica da área como um todo. As rochas da suíte félsica Tiradentes variam de hololeucocráticas a leucocráticas, são classificadas como andesitos e dacitos e apresentam diversos padrões texturais, representados por rochas equigranulares, porfiríticas (Figura 96), glomeroporfiríticas (Figura 97), granofíricas (Figura 98), vacuolares (Figura 99) e esferulíticas (Figura 100), onde as três últimas indicam níveis crustais muito rasos a extrusivos.

Já as rochas subvulcânicas faneríticas foram estudadas no presente trabalho e são hololeucocráticas, equigranulares a porfiríticas, faneríticas finas a médias e compostas essencialmente por plagioclásio (45 a 78%) e quartzo (55 a 22%), sendo classificadas no gráfico QAP como tonalitos (Figura 101). Em geral, os minerais acessórios mais comuns são apatita, allanita, biotita, minerais opacos, titanita e zircão, ocorrendo localizadamente fluorita. Clorita, sericita, titanita, rutilo, biotita, muscovita, sericita, minerais opacos, zircão, epidoto, zoisita e clinozoisita são minerais metamórficos e/ou hidrotermais.

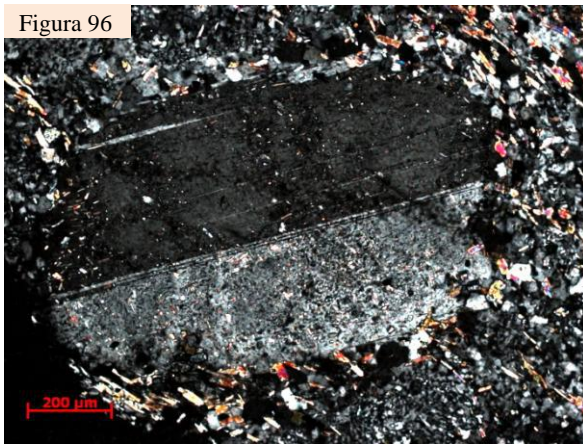


Figura 96 - Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes, com textura porfirítica representada por fenocristal de plagioclásio. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-87C1.

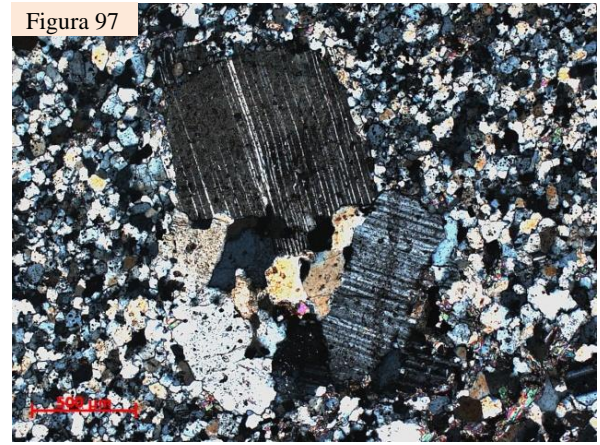


Figura 97 - Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes com textura glomeroporfirítica dada por fenocristais de plagioclásio. Polarizadores cruzados. Lâmina BIA-31E.

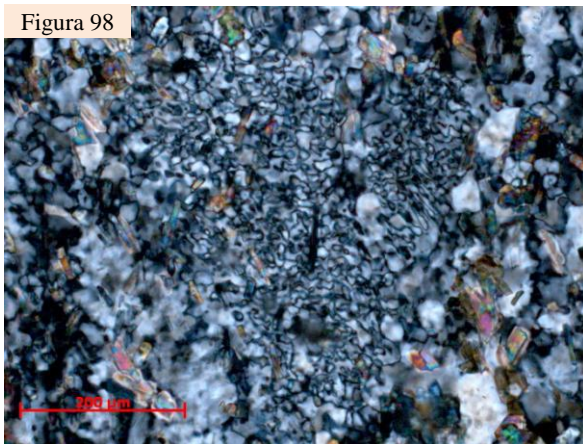


Figura 98 - Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes com textura granofírica, representada pelo intercrescimento de feldspato e quartzo. Polarizadores cruzados. Lâmina JU-87C1.

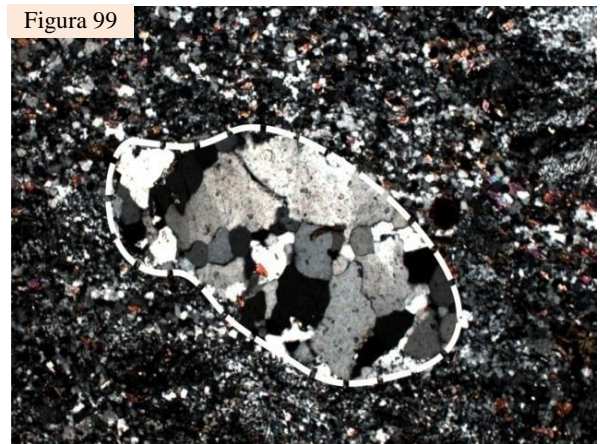


Figura 99 - Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes com uma antiga vesícula (hoje amígdala) preenchida por quartzo (textura vacuolar).

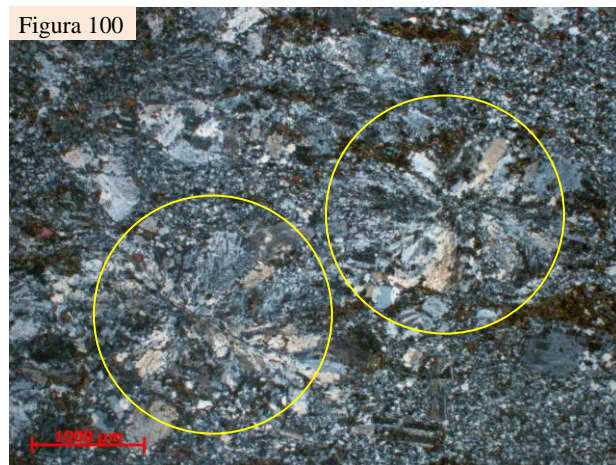


Figura 100 - Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes, com textura esferulítica (círculo amarelo), resultado da desvitrificação do magma. Polarizadores cruzados. Lâmina BIA-87F1.

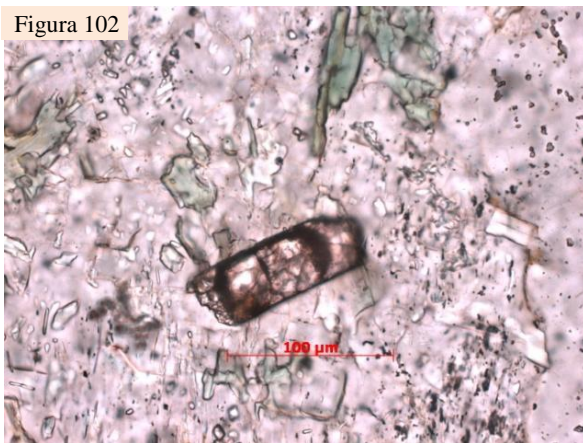


Figura 102 – Grão de zircão zonado em tonalito subvulcânico fanerítico da suíte félsica Tiradentes. Nicóis paralelos. Lâmina JU-41C.

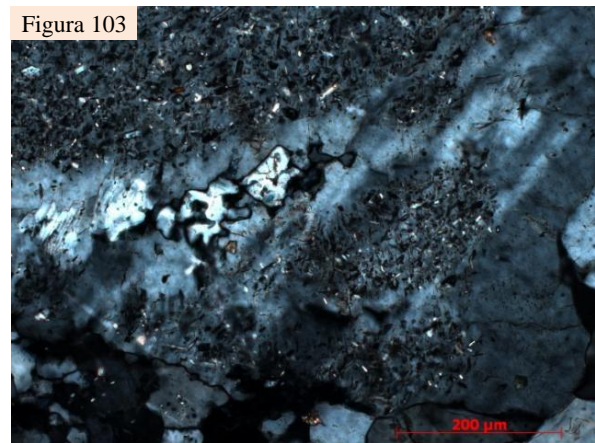


Figura 103 - Crescimento de álcali-feldspato obliterando a geminação polissintética do plagioclásio, destacando-se, ainda, a ausência de diminutos cristais secundários (sericita, zoizita, clinozoizita, epidoto) que somente alteram o plagioclásio. Sugere-se que esta feição esteja relacionada a passagem de fluidos potássicos tardi a pós magmáticos. Nicóis cruzados. Lâmina JU-41C.

Estas rochas possuem enclaves félsicos milimétricos a centimétricos, de composição tonalítica, caracterizados por bordas bem delimitadas devido ao crescimento de titanita (Figura 104) ou ainda com contatos mais difusos entre rochas com marcantes diferenças de granulação e/ou texturais (Figura 105). Outra feição bastante típica dessas rochas é a quantidade (variável) de agregados máficos (Figura 106) contendo clorita, biotita, epidoto e titanita, que foram interpretados como restos de xenólitos máficos parcialmente assimilados.

Nos corpos subvulcânicos faneríticos ocorrem algumas diferenças relacionadas à mineralogia acessória e secundária. Desta forma, ressalta-se ainda, que o corpo tonalítico mais a sul da área (lâminas JU-74B e C – próximas ao Rio das Mortes), contém granada xenomórfica, assim como agregados de minerais opacos, allanita, titanita, epidoto e zoizita/clinozoizita (Figura 107). Nesta localidade ocorre notável diminuição do tamanho e da porcentagem dos enclaves xenolíticos máficos, bem como foram caracterizadas duas rochas com mineralogia idêntica, mas granulação diferente.

Quanto à relação destas rochas com o corpo tonalítico aflorante a sul do Rio das Mortes (Anexo I – Mapa Geológico), fica claro que este, por sua vez, possui índice de cor maior, dado por até 10% de clorita e biotita orientadas, que formam uma foliação bem marcada (textura lepidoblástica - Figura 108). Além disso, cabe ressaltar que foram observadas algumas outras feições como titanita envolvendo os minerais opacos, allanita com borda de epidoto, epidoto com borda de zoizita e/ou clinozoizita, além de quartzo e plagioclásio embaiados. Neste caso, alguns destes crescimentos minerais podem evidenciar distintas paragêneses metamórficas, nas condições metamórficas assim como a presença de mais de um evento metamórfico.

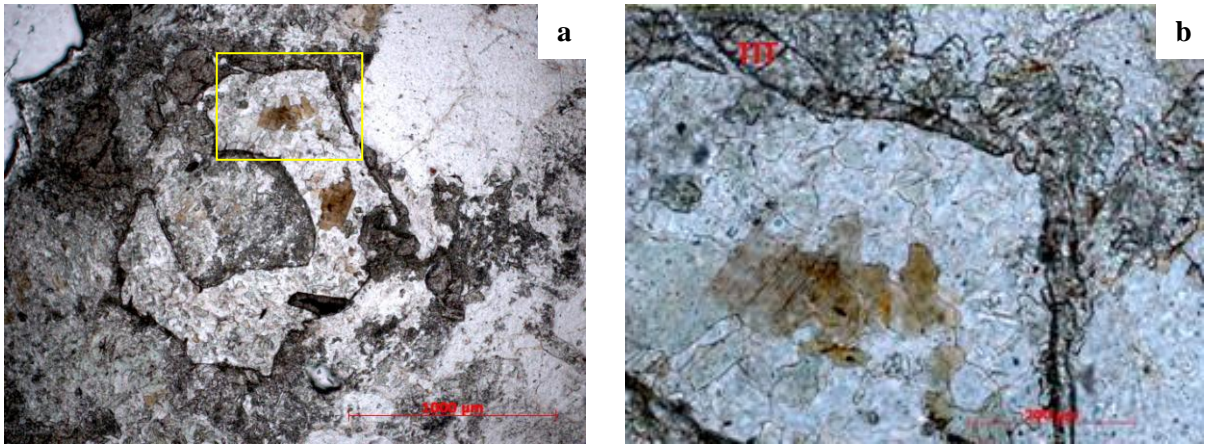


Figura 104 - Enclave félsico com feição de corrosão e com granulação mais fina do que a rocha encaixante tonalítica da suíte félsica Tiradentes. Nicóis paralelos. Lâmina JU-26. **a)** retângulo amarelo indicando área aproximada da figura 15b; **b)** borda com crescimento de titanita (TIT), definindo o contorno do enclave com clareza.

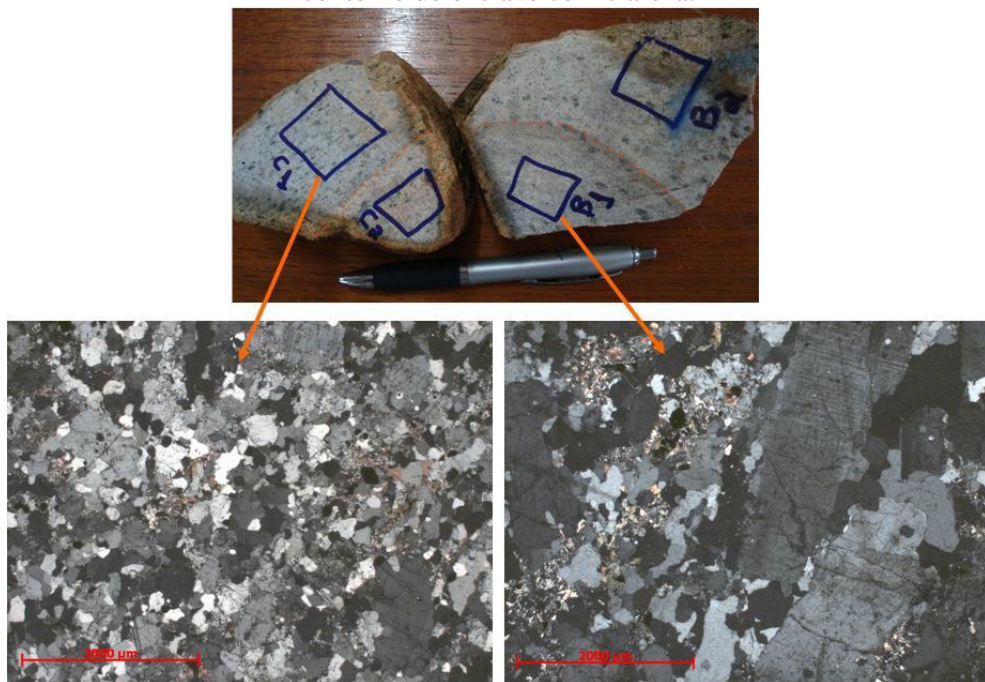


Figura 105 - Enclave félsico tonalítico com textura inequigranular (direita), diferente da granulação equigranular da rocha encaixante, que corresponde a um tonalito subvulcânico fanerítico da suíte félsica Tiradentes. Nicóis cruzados. Lâmina JU- 74B e C.

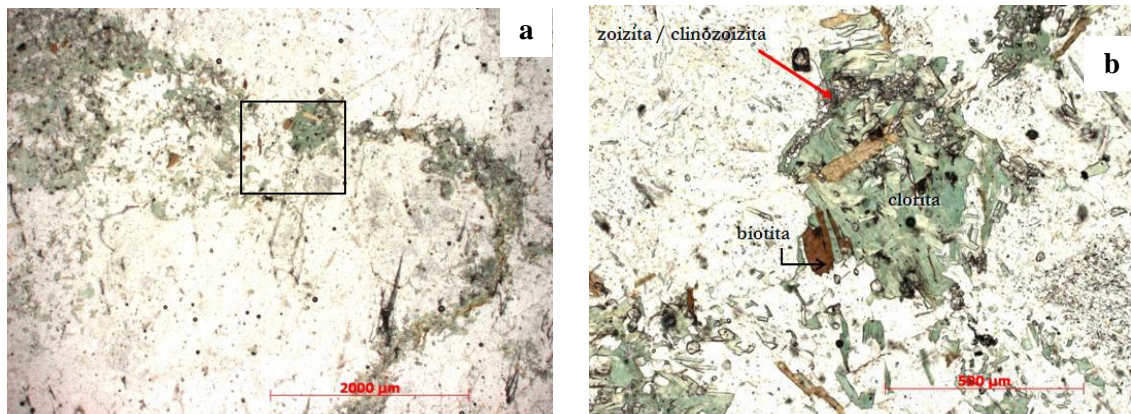


Figura 106 - Agregados de biotita, clorita, zoizita e clinozoizita, interpretados como xenólitos máficos em tonalito subvulcânico da suíte félsica Tiradentes. Polarizadores paralelos. Lâmina JU- 41C. **a)** quarado preto indicando área aproximada da figura 17b; **b)** biotita sendo transformada para clorita, juntamente com clorita e clinozoizita.

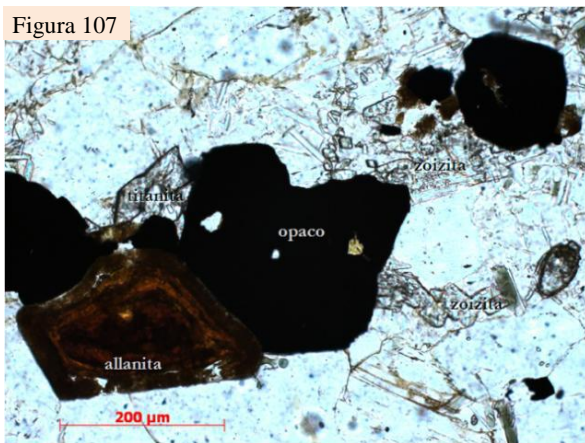


Figura 107 - Agregados minerais contendo allanita, minerais opacos, titanita e zoizita em tonalito subvulcânico fanerítico da suíte félsica Tiradentes. Nicóis paralelos. Lâmina JU- 74C.

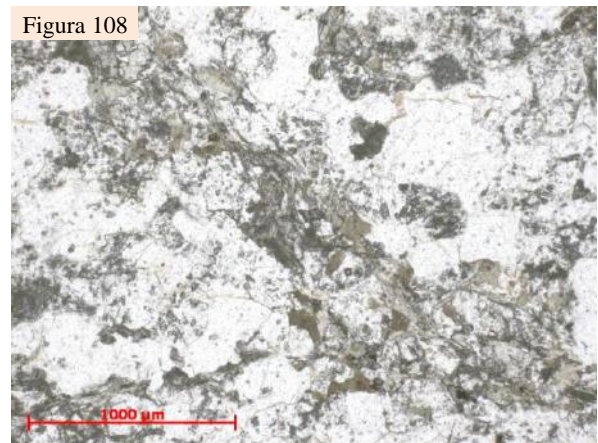


Figura 108 - Cristais xenoblásticos de biotita formando textura lepidoblástica em amostra do tonalito a sul do Rio das Mortes. Nicóis paralelos. Lâmina AN-1D.

8.4.3 – Estudos por MEV-EDS

Foram coletadas cinco amostras de veios sulfetados (ponto JU-97A, JU-97B, JU-97 B1, JU-109E1 e JU-109E2) para análise por MEV-EDS dos sulfetos e de suas inclusões. A mineralogia encontrada associada ou inclusa na pirita foi extremamente variada abrangendo pirrotita, titanita, quartzo, epidoto, telureto de bismuto, galena, calcopirita e zircão (Figuras 109, 110, 111 e 112). Destaca-se que a pirita está alterada intempericamente para goethita e hematita, seja nas bordas dos grãos ou em fraturas (Figuras 111, 112, 113 e 114). Além disso, alguns grãos de calcopirita inclusos em pirita estão alterados para covelita ou bornita e o conjunto ocorre circundado por goethita (Figura 114). Desta forma, pode-se afirmar que os sulfetos passam posteriormente por uma fase de oxidação.

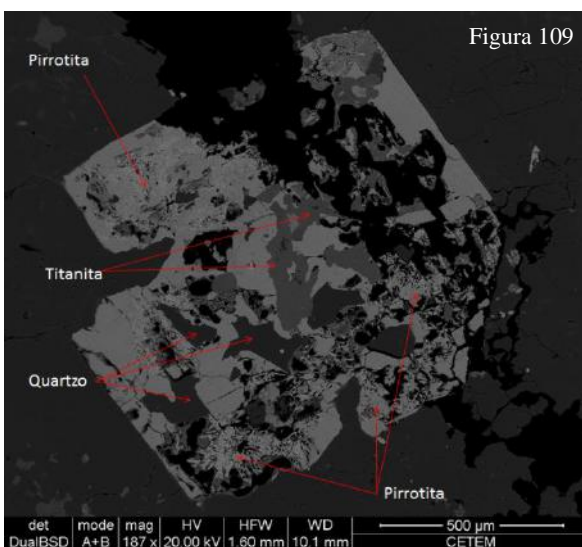


Figura 109 – Pirita euédrica com inclusões de pirrotita, titanita e quartzo associada à rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes. Imagem de MEV. Amostra JU-109E1.

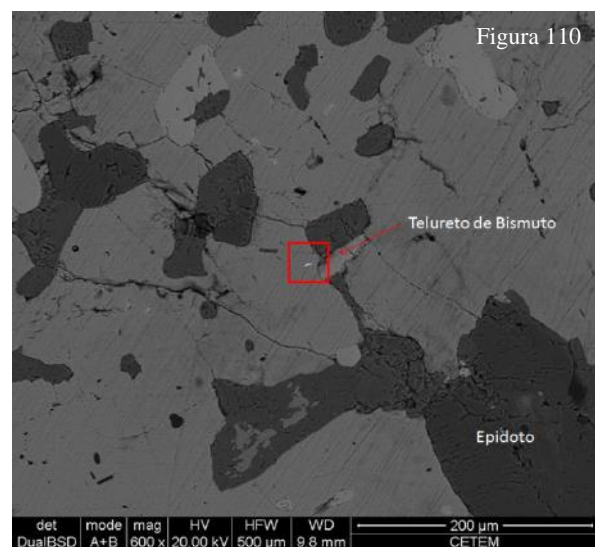


Figura 110 – Pirita com inclusões de telureto de bismuto e epidoto associada à rocha vulcânica - vulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes. Imagem de MEV. Amostra JU-109E1.

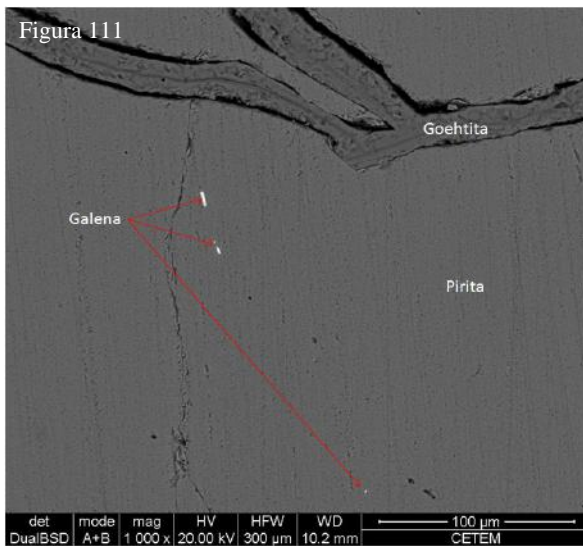


Figura 111 – Pirita com inclusões de galena e alterada intempericamente para goethita a partir da percolação de água nas fraturas. Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes. Imagem de MEV. Amostra JU-97B.

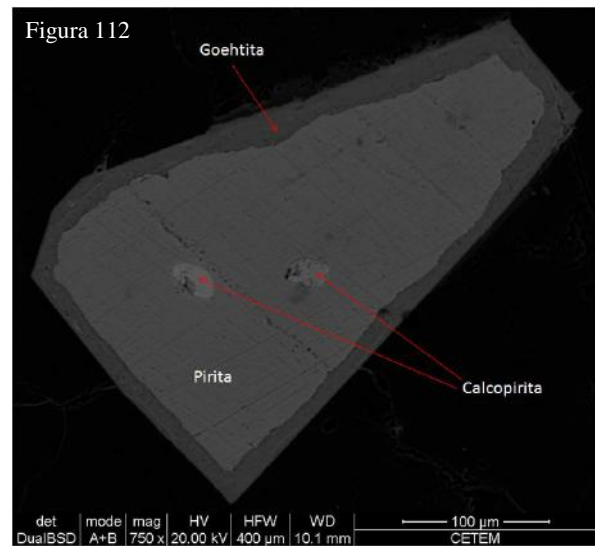


Figura 112 – Grãos de calcopirita inclusos em pirita. Esta por sua vez encontra-se alterada nas bordas para goethita. Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes. Imagem de MEV. Amostra JU-97B.

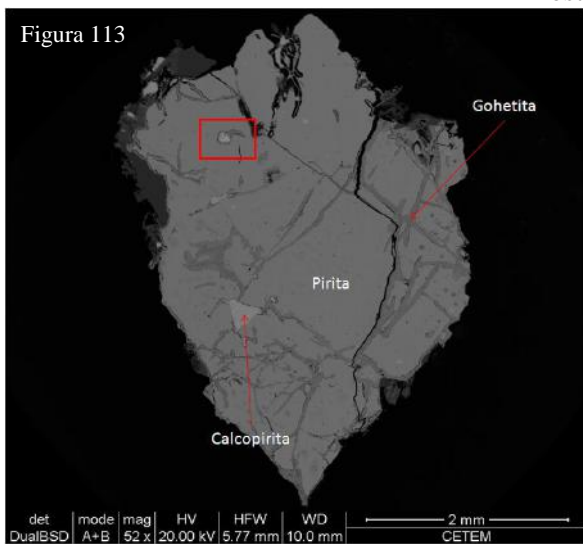


Figura 113 – Calcopirita inclusa em pirita, que está por sua vez alterada nas fraturas para goethita. No quadrado vermelho, o zoom correspondente a figura 114. Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes. Imagem de MEV. Amostra JU-97B.

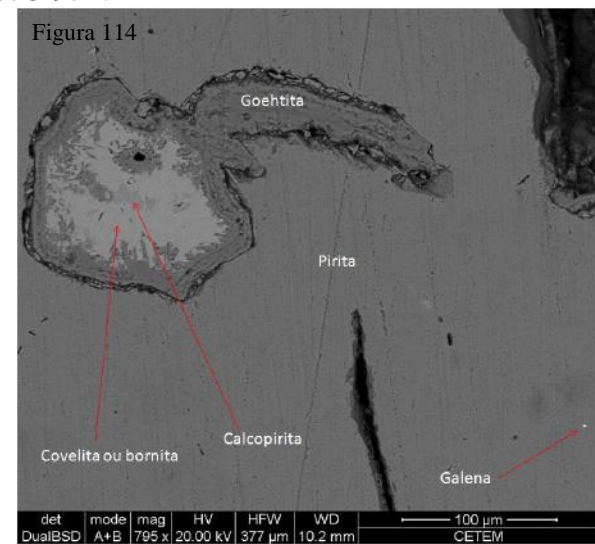


Figura 114 – Pirita com inclusão de calcopirita, esta por sua vez esta intercrescida com covelita ou bornita. Destaca-se a presença de goethita ao redor deste conjunto de minerais, assim como nas fraturas da pirita. Rocha vulcânica - subvulcânica afanítica da suíte félsica Tiradentes. Imagem de MEV. Amostra JU-97B.

8.4.4 – Dados Geoquímicos

O estudo geoquímico foi realizado em dezesseis amostras, dentre estas dez pertencentes às rochas vulcânicas e subvulcânicas afaníticas da suíte félsica Tiradentes, seis dos corpos subvulcânicos faneríticos da suíte félsica Tiradentes e duas de um corpo tonalítico que ocorre ao sul do Rio das Mortes (pontos iniciados pela sigla AN - **Tabela 7 e 8**).

Tabela 7 - Resultados geoquímicos de elementos maiores (% peso), menores (% peso) e traços (ppm) das rochas vulcânicas - subvulcânicas afaníticas e faneríticas da suíte félsica Tiradentes e de um tonalito que aflora a sul do Rio das Mortes. Legenda: - = teores abaixo dos níveis de detecção ou não analisados.

AMOSTRA	JU-87IA	JU-87C1	JU-87F1	JU-87F2	JU-87H	JU-87J	BIA-40A	BIA-60B	BIA-31D	BIA-31E	JU-74A	JU-74B	JU-109E	JU-110B	JU-110C	JU-129	AN-116A	AN-115A
Rocha	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. fan.	vulc. fan.	vulc. fan.	vulc. fan.	vulc. fan.	vulc. fan.	ton.R.M	ton. R.M.
	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	▽	▽	▽	▽	▽	▽	⊕	⊕
Laboratório	USP	USP	USP	USP	USP	USP	UFRJ	UFRJ	UFRJ	UFRJ	USP	USP	USP	USP	USP	USP	UFRJ	UFRJ
SiO ₂	73,39	75,36	70,18	74,57	72,28	74,63	74,30	76,56	76,96	76,33	75,26	75,19	71,57	75,57	72,04	76,96	74,34	71,84
TiO ₂	0,22	0,20	0,23	0,20	0,23	0,20	0,17	0,22	0,21	0,15	0,22	0,22	0,33	0,14	0,31	0,19	0,22	0,54
Al ₂ O ₃	13,09	12,90	14,74	13,02	13,63	12,92	13,95	13,45	13,17	12,52	12,67	13,14	12,80	12,91	14,34	12,81	14,09	14,32
Fe ₂ O ₃	2,22	2,32	3,28	2,49	2,26	2,30	2,68	2,49	2,36	2,65	2,85	3,39	3,88	1,23	2,81	1,80	2,37	3,25
MnO	0,03	0,06	0,08	0,06	0,04	0,04	0,02	0,03	0,03	0,03	0,07	0,09	0,05	0,02	0,05	0,03	0,05	0,05
MgO	0,99	0,21	0,63	0,33	0,56	0,33	0,08	0,20	0,22	0,03	0,11	0,03	0,52	0,35	0,36	0,12	0,38	0,76
CaO	3,49	1,50	2,06	1,79	3,54	2,19	1,70	0,83	0,88	0,61	0,88	1,14	3,99	1,96	2,00	1,39	2,56	2,56
Na ₂ O	4,74	5,40	6,48	5,86	5,50	5,76	6,20	4,98	5,38	6,30	5,04	5,49	4,27	5,57	6,14	4,76	4,29	4,69
K ₂ O	0,19	0,94	0,91	0,63	0,34	0,42	0,49	1,00	1,02	0,18	1,57	0,57	0,70	0,41	0,71	0,82	1,02	0,98
P ₂ O ₅	0,03	0,04	0,05	0,04	0,04	0,04	0,03	0,03	0,02	0,01	0,01	0,02	0,06	0,02	0,05	0,03	0,06	0,10
P.F.	0,80	0,42	0,36	0,30	0,66	0,30	0,30	0,3	0,25	0,68	0,70	0,62	0,86	0,70	0,52	1,10	0,56	0,66
Total	99,20	99,34	99,01	99,29	99,08	99,13	99,92	100,08	100,49	99,48	99,38	99,89	99,03	98,89	99,33	100,00	99,94	99,74
S	-	-	-	-	-	636,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ba	75,00	547,00	617,00	475,00	176,00	226,00	871,00	548,00	982,00	759,00	74,00	584,70	371,90	276,80	494,50	550,70	534,40	736,20
Rb	4,00	17,00	16,00	12,00	7,00	1,00	21,00	34,00	21,00	19,00	9,40	6,70	20,90	7,90	11,70	13,70	28,90	21,90
Sr	162,00	86,00	123,00	107,00	166,00	13,00	232,00	117,00	109,00	117,00	58,40	97,20	444,30	129,00	242,90	112,90	191,80	328,70
Zr	23,00	26,00	292,00	263,00	264,00	268,00	298,00	252,00	413,00	414,00	289,80	315,50	510,10	109,80	278,10	252,60	192,30	367,70
Nb	13,00	14,00	13,00	13,00	13,00	13,00	20,00	32,00	34,00	34,00	-	-	-	8,80	9,00	10,70	-	9,20
Ni	35,00	12,00	21,00	27,00	26,00	26,00	-	7,00	3,00	4,00	-	-	-	5,40	-	-	-	-
Co	58,00	28,00	4,00	53,00	52,00	49,00	-	-	-	-	57,10	32,00	37,50	70,10	42,20	47,90	-	-
Zn	2,00	43,00	73,00	52,00	19,00	24,00	23,00	43,00	49,00	39,00	61,50	40,10	19,70	9,10	34,80	19,50	39,30	66,80
Cr	55,00	-	23,00	7,00	3,00	13,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Y	6,00	58,00	61,00	6,00	6,00	59,00	5,00	103,00	95,00	61,00	53,30	37,20	16,30	8,40	30,70	55,60	12,20	11,60
Hf	6,44	7,44	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Th	4,61	4,76	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12,20	-	-	-	-
Pb	5,33	4,72	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9,70	-	-	-	12,10	6,50
Ga	14,00	17,00	21,00	17,00	15,00	16,00	17,00	15,00	2,00	19,00	17,00	19,30	19,90	14,50	18,70	17,30	17,80	16,80
Cu	59,00	-	-	-	105,00	21,00	-	-	-	-	-	11,40	58,40	12,90	-	29,50	9,80	21,40
V	13,00	-	9,00	-	22,00	9,00	47,00	52,00	47,00	46,00	12,40	-	17,70	12,20	-	-	22,60	27,40
U	1,11	1,04	-	-	-	-	-	-	-	-	4,10	4,50	-	-	3,40	3,50	-	-

Tabela 8 - Resultados geoquímicos de elementos terras raras (ppm) e norma CIPW das rochas vulcânicas - subvulcânicas afaníticas e faneríticas da suíte félsica Tiradentes. Legenda: Q = quartzo; C = córindon; Or = ortoclásio; Ab = albita; An = anortita; Di = diopsídio; Hy = hiperstênio; Il = ilmenita; Hm = hematita; Tn = titanita; Ru = rutilo; Ap = apatita e; Pr = pirita.

AMOSTRA	JU-87IA	JU-87C1	JU-87F1	JU-87F2	JU-87H	JU-87J	BIA-40A	BIA-60B	BIA-31D	BIA-31E	JU-74A	JU-74B	JU-109E	JU-110B	JU-110C	JU-129	AN-116A	AN-115A
Rocha	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. afan.	vulc. fan.	vulc. fan.	vulc. fan.	vulc. fan.	vulc. fan.	vulc. fan.	ton. P.G.	ton. P.G.
	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	▽	▽	▽	▽	▽	▽	⊞	⊞
Laboratório	Acme	Acme	USP	USP	USP	USP	UFRJ	UFRJ	UFRJ	UFRJ	USP	USP	USP	USP	USP	USP	UFRJ	UFRJ
La	33,60	26,10	32,00	29,00	31,00	-	-	-	-	-	-	35,10	50,10	29,40	27,50	33,20	-	-
Ce	77,20	59,10	-	55,00	-	-	-	-	-	-	-	-	91,90	63,70	58,60	52,20	-	-
Pr	9,74	7,35	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Nd	39,10	29,60	28,00	35,00	28,00	3,00	-	-	-	-	-	-	35,60	-	15,90	-	-	-
Sm	8,49	6,62	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Eu	1,17	1,18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Gd	8,44	7,02	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tb	1,41	1,26	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Dy	9,14	8,53	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ho	2,13	2,08	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Er	5,98	5,84	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tm	0,93	0,93	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Yb	6,36	6,31	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lu	0,97	0,96	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
NORMA CIPW																		
Q	36.927	36.927	24.112	34.126	31.933	34.969	32.972	41.763	39.615	37.639	37.922	38.638	36.124	37.065	28.960	43.050	39.605	34.464
C	0.000	0.358	0.000	0.000	0.000	0.000	0.182	2.722	1.669	0.867	1.110	1.462	0.000	0.000	0.000	1.627	1.422	1.121
Or	1.123	5.555	5.378	3.723	2.009	2.482	2.872	5.910	6.004	1.070	9.278	3.369	4.137	2.423	4.196	4.846	6.028	5.791
Ab	40.109	45.693	54.832	49.586	46.540	48.740	52.497	42.122	45.524	53.334	42.647	46.455	36.132	47.132	51.955	40.278	36.301	39.686
An	13.879	7.207	8.444	7.361	11.498	8.157	8.291	3.963	4.225	2.977	4.281	5.538	13.691	9.013	9.470	6.726	12.296	12.067
Di	2.003	0.000	0.725	0.627	3.009	1.374	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	2.794	0.127	0.000	0.000	0.000	0.000
Wo	0.000	0.000	0.000	0.000	0.538	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.499	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000
Hy	1.537	0.523	1.233	0.531	0.000	0.185	0.189	0.508	0.555	0.075	0.274	0.075	0.000	0.813	0.897	0.299	0.947	1.893
Il	0.073	0.120	0.171	0.128	0.079	0.000	0.043	0.062	0.064	0.56	0.154	0.190	0.105	0.051	0.101	0.053	0.096	0.096
Hm	2.220	2.320	3.280	2.490	2.260	2.300	2.681	2.488	2.359	2.649	2.850	3.390	3.880	1.230	2.810	1.800	2.370	3.250
Tn	0.451	0.000	0.346	0.333	0.457	0.498	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.677	0.285	0.070	0.000	0.000	0.000
Ru	0.000	0.136	0.000	0.000	0.000	0.000	0.148	0.182	0.172	0.123	0.134	0.117	0.000	0.000	0.226	0.163	0.172	0.491
Ap	0.081	0.085	0.128	0.088	0.095	0.085	0.059	0.062	0.054	0.014	0.031	0.043	0.130	0.052	0.128	0.062	0.147	0.230
Pr	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.074	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000
Som	98.402	98.924	98.649	98.993	98.418	98.865	99.934	99.782	100.244	98.804	98.682	99.276	98.169	98.191	98.812	98.904	99.384	99.089

No diagrama TAS as rochas em questão plotam no campo dos riólitos (Figura 115) devido ao seu elevado conteúdo em SiO₂. Entretanto, é importante ressaltar que no diagrama normativo An – Ab - Or estas posicionam-se no campo dos trondhjemitos e raramente no dos tonalitos (Figura 116). A classificação como trondhjemito para essas rochas é corroborada pelo forte enriquecimento em Na₂O (4,27 a 6,48% peso) e baixos conteúdos de K₂O (0,18% a 1,57% peso), conforme sugerido por Barker (1979). Destaca-se também que a razão muito elevada de Na₂O/K₂O (3,21 a 34,82% peso) é típica de rochas trondhjemíticas, bem como o conteúdo de SiO₂ (70,18 a 76,96% peso), de Al₂O₃ (12,52% a 14,74% peso), assim como o somatório Fe₂O₃ TOT + MgO que varia de 1,58 a 4,40% peso. De forma semelhante, o conteúdo de CaO das rochas estudadas (0,61 a 3,99% peso) aponta para valores típicos de trondhjemitos, não se alcançando os valores dos trondhjemitos cálcicos de Davis (1963). Quanto ao índice de aluminosidade, as rochas estudadas variam de metaluminosas e peraluminosas (Figura 117).

Em relação à filiação do magma do qual cristalizaram as rochas estudadas, pode-se classificá-lo como subalcalino no diagrama Na₂O + K₂O x SiO₂ (Figura 118). Porém estas rochas não possuem afinidade toleítica, pois não apresentam enriquecimento em FeO (Figura 119) nos termos finais da cristalização. Por apresentar enriquecimento final em Na₂O a tendência desse magma pode ser considerada como trondhjemítica, pois os magmas cálcio-alcalinos tendem a se enriquecerem em K₂O nos termos finais da cristalização (Figura 120).

Em relação ao ambiente de formação das rochas estudadas pode-se afirmar a partir do conteúdo de Al₂O₃ de que as mesmas são trondhjemitos de baixo alumínio (Figura 121), que é corroborado pelo diagrama Al₂O₃ x Yb, onde duas amostras com ETR analisados caem no campo dos trondhjemitos de baixo Al₂O₃ ou oceânicos (Figura 122). Em relação ao diagrama logarítmico Y+Nb x Rb (Figura 123) caracteriza-se que as amostras estudadas estão associadas principalmente a ambiente de arco vulcânico, porém mostrando enriquecimento bastante acentuado em Y, que pode estar relacionado à presença de xenotímio nas mesmas. O padrão de ETR das rochas vulcânicas – subvulcânicas da suíte félsica Tiradentes apresenta elevado conteúdo de ETRL e ETRP e pronunciada anomalia negativa de Eu (Figura 124).

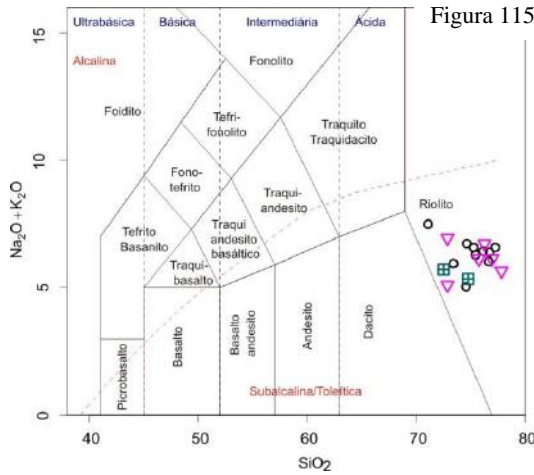


Figura 115

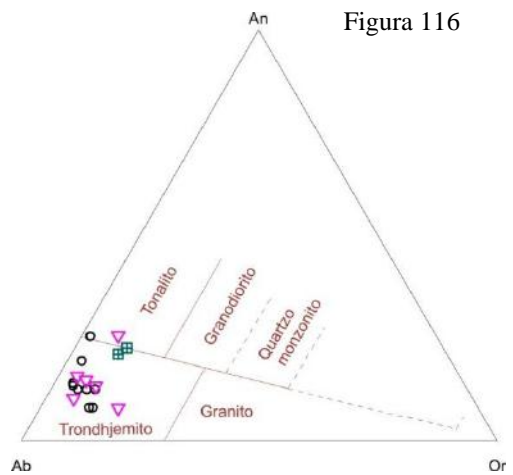


Figura 116

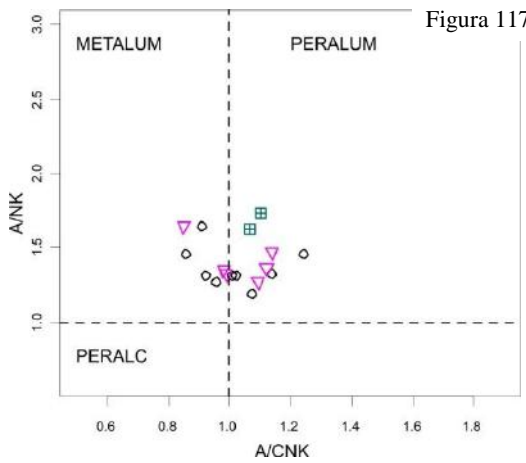


Figura 117

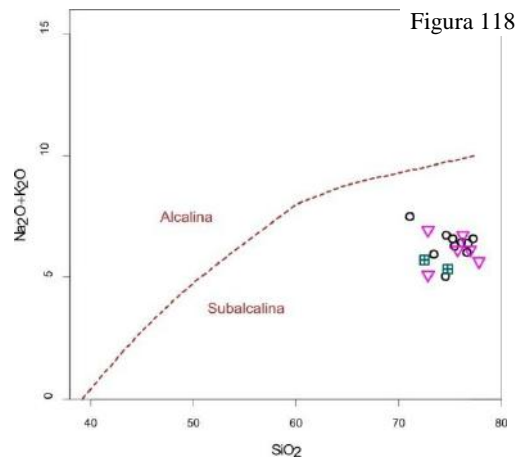


Figura 118

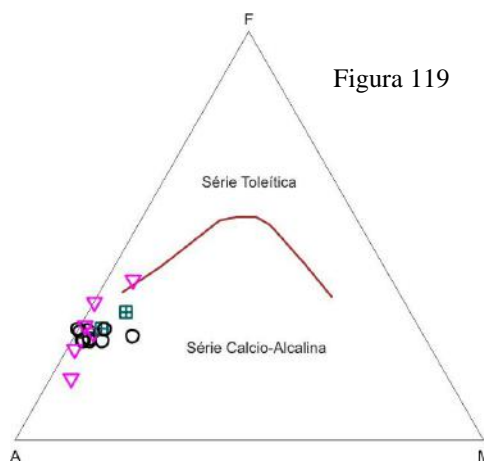


Figura 119

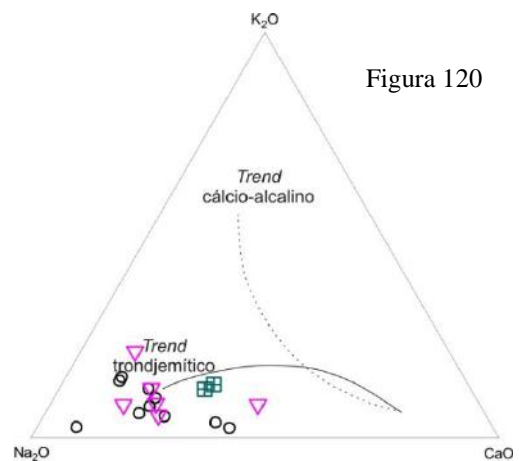
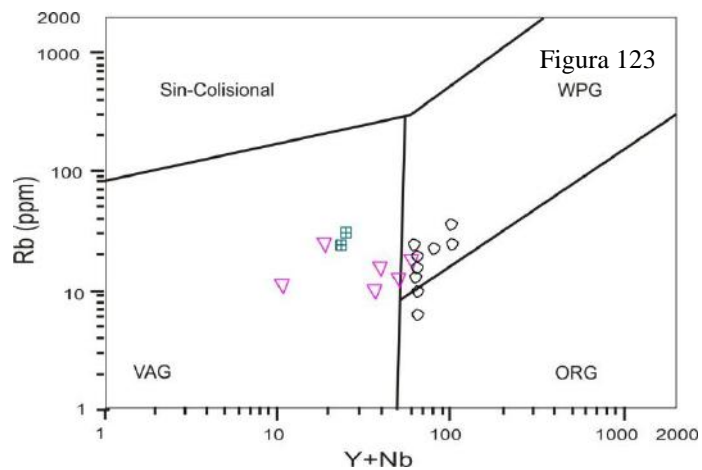
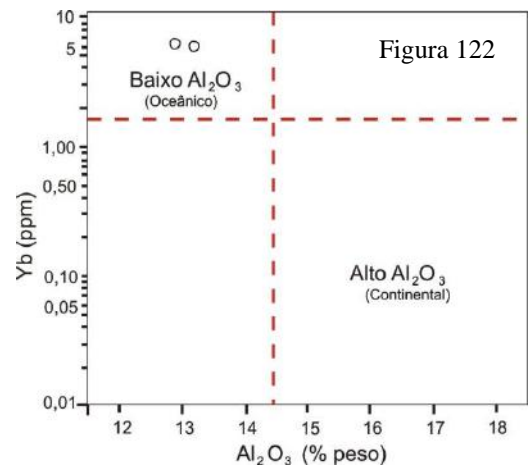
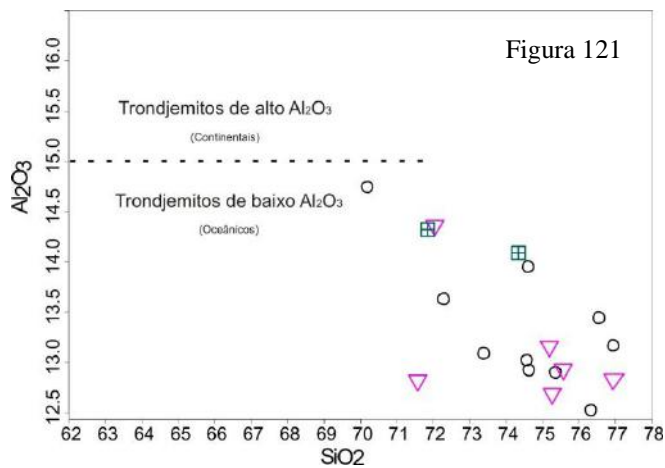


Figura 120

Figuras 115 a 120 - Diagramas discriminantes para as rochas vulcânicas à subvulcânicas afaníticas da suíte félsica Tiradentes (círculo preto), para rochas subvulcânicas faneríticas da suíte félsica Tiradentes (triângulo rosa), e para tonalitos dos pontos AN (quadrado verde com cruz no meio). Fig.115: $\text{Na}_2\text{O} + \text{K}_2\text{O} \times \text{SiO}_2$ (TAS = Total Álcalis \times Sílica), conforme Le Bas (1986). Fig.116: An-Ab-Or (O' Connor, 1965); Fig.117: A/NK \times A/CNK, onde $\text{A/NK} = \text{Al}_2\text{O}_3 / (\text{Na}_2\text{O} + \text{K}_2\text{O})\text{MOL}$; $\text{A/CNK} = \text{Al}_2\text{O}_3 / (\text{CaO} + \text{Na}_2\text{O} + \text{K}_2\text{O})\text{MOL}$ (Maniar & Piccolli, 1989); Fig. 118 $\text{Na}_2\text{O} + \text{K}_2\text{O} \times \text{SiO}_2$ (Irvine & Baragar, 1971); Fig.119: AFM, onde $\text{A} = \text{Na}_2\text{O} + \text{K}_2\text{O}$; $\text{F} = \text{FeO} + 0,9\text{Fe}_2\text{O}_3$; $\text{M} = \text{MgO}$ (Irvine & Baragar, 1971). Fig. 120: $\text{K}_2\text{O} \times \text{Na}_2\text{O} \times \text{CaO}$ (Barker & Arth, 1976).



Figuras 121 a 123 - Diagramas discriminantes para rochas vulcânicas a subvulcânicas afaníticas da Suíte félsica Tiradentes (círculo preto), rochas subvulcânicas faneríticas da Suíte félsica Tiradentes (triângulo rosa), e tonalitos dos pontos AN (quadrado verde com cruz no meio). Fig.32: $Al_2O_3 \times SiO_2$ (Barker, 1979); Fig.33: $Al_2O_3 \times Yb$ (Arth, 1979); Fig.34: $Rb \times (Y+Nb)$ (Pearce *et al.*, 1984), onde WPG = granitos intraplaca, VAG = granitos de arco vulcânico, ORG = granitos de cordilheira oceânica.

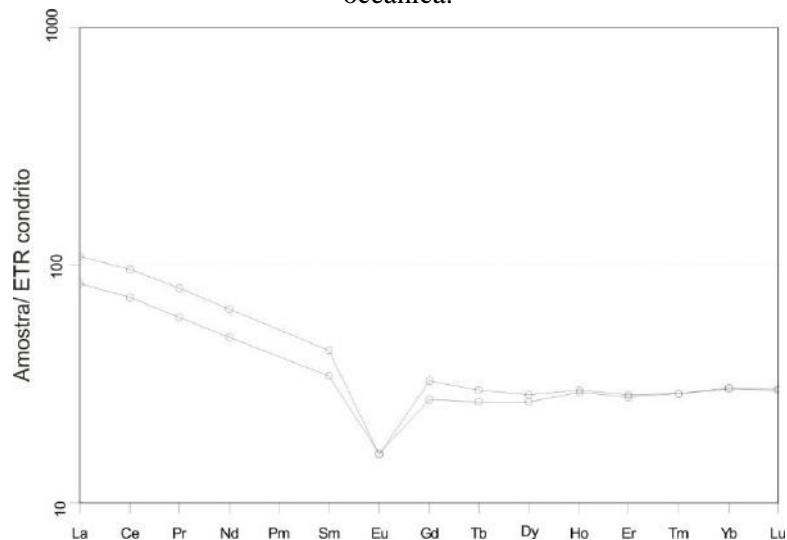


Figura 124 - Diagrama dos elementos terras raras normalizado pelo condrito de Boynton (1984).

8.5 – GNAISSE BANDADO

Durante os trabalhos de campo foi ainda encontrado em um único ponto (JU-158) um gnaiss bandado (Figura 125), com foliação anastomosada (Figura 126), contendo lentes máficas ricas em minerais micáceos escuros (*boudinadas*) e lentes félsicas. Uma análise da porção félsica corresponde a um tonalito subvulcânico contendo aglomerados máficos muito ricos em clorita.



Figura 125 - Gnaiss bandado contendo foliação anastomosada e lentes máficas ricas em biotita *boudinadas*. Ponto JU-158.



Figura 126 - Gnaiss bandado com nível máfico boudinado. Ponto JU-158.

8.6 – CORPOS ULTRAMÁFICOS INDIFERENCIADOS

8.6.1 – Aspectos de Campo

As rochas ultramáficas em geral ocorrem como blocos, enquanto os raros afloramentos são pequenos e descontínuos. Estas rochas aparecem associadas espacialmente tanto com o gabro Vitoriano Veloso, quanto com as rochas vulcânicas - subvulcânicas afaníticas da suíte félsica Tiradentes, não se sabendo ao certo a sua relação com estes conjuntos. Estas rochas possuem coloração verde a preta quando frescas e arroxeadas a amarronzadas quando alteradas (Figura 127). Possuem granulação variando de fina a grossa e sua mineralogia essencial é representada por hornblenda esverdeada e tremolita-actinolita, enquanto a acessória por talco, clorita, biotita, magnetita (Figura 128) e pirita (Figura 129).

As rochas ultramáficas podem ser cortadas por diques e apófises de rochas subvulcânicas faneríticas da suíte félsica Tiradentes, bem como apresentar quartzo associado a veios. Cabe ressaltar que no ponto JU-135, uma rocha ultramáfica (rica em tremolita - actinolita) encontra-se foliada e apresenta sobrecrecimento de cristais aciculares marrons, que não estão orientados segundo a foliação principal (Figura 130).

8.6.2 – Aspectos Petrográficos

Foram descritas duas lâminas, uma de anfibolitito (JU-10) e uma de piroxenito (JU-140B), onde ambas são ricas em clorita e anfibólio que varia de incolor a verde pálido (tremolita), cuja forma é tabular e alongada. A primeira lâmina também possui em sua mineralogia essencial hornblenda, enquanto a segunda, piroxênio. Ambas as rochas são faneríticas, hipermelanocráticas, com granulação original de fina a média, entretanto a maior parte da rocha é composta por uma fina massa de cristais diminutos.



Figura 127 - Saprólito de rocha ultramáfica com coloração variando de arroxeadas a amarronzadas mostrando feições de dobramento (de acordo com o pontilhado preto). Ponto JU-192.

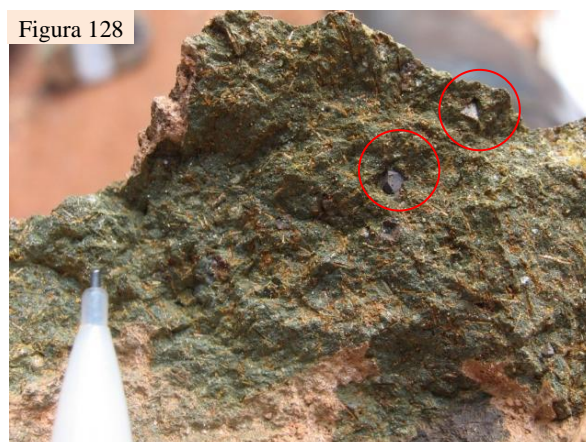


Figura 128 - Rocha ultramáfica rica em grãos de tremolita (acículas amarronzadas), contendo cristais de magnetita (nos círculos vermelhos). Ponto JU-95.

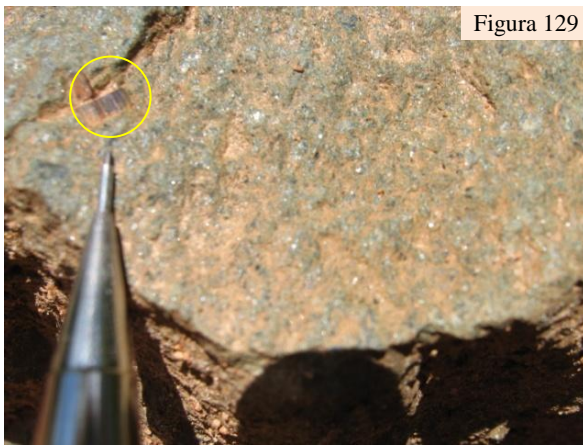


Figura 129

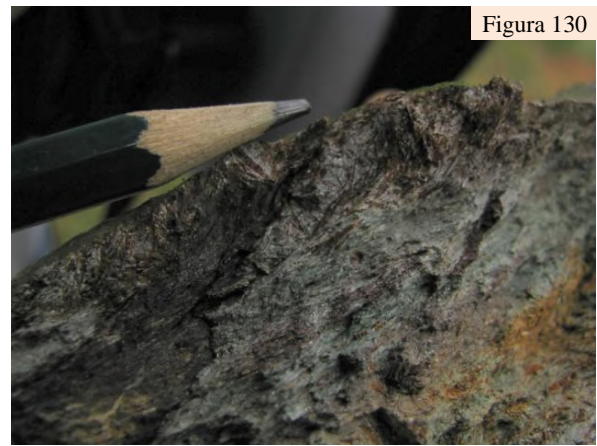


Figura 130

Figura 129 - Rocha ultramáfica rica em anfibólio e clorita, contendo cristal de pirita limonitizada (no círculo amarelo). Ponto JU-10.

Figura 130 - Rocha ultramáfica foliada e rica em grãos de tremolita onde observa-se nas regiões mais alteradas intempericamente o sobrecrescimento de grãos aciculares marrons. Pontos JU-135.

Na lâmina JU-10 a hornblenda possui pleocroísmo de verde escuro a marrom e apresenta titanita e rutilo em suas clivagens e fraturas. Suas bordas são sempre substituídas por um anfibólio incolor (Figuras 131 e 132), que apresenta elevada cor de interferência, sendo que ambos são alterados para talco, zoisita - clinozoisita e mais usualmente clorita (Figura 133). Epidoto ocorre em pequena quantidade. O mineral mais abundante é a clorita, chegando a formar cristais de até 2mm e veios monominerálicos.

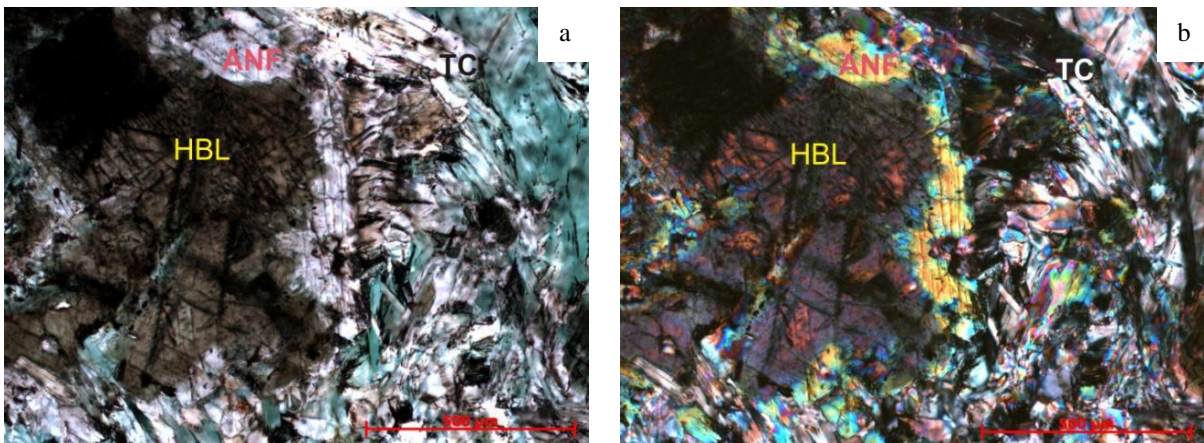


Figura 131 – Hornblenda marrom (HBL) substituída por um anfibólio incolor (ANF) e talco (TC). **a)** Polarizadores paralelos. **b)** Polarizadores cruzados. Corpos ultramáficos indiferenciados. Ponto JU-10.

Cabe ressaltar que a lâmina JU-140B possui delgadas zonas de cisalhamento, evidenciadas pela forte orientação dos grãos de clorita (Figuras 134 e 135). Nesta lâmina ocorre, ainda, grãos de clinopiroxênio, que quando substituídos pelo anfibólio ocasionam a formação de diminutas inclusões de cristais castanhos aciculares. Este processo é dado de forma irregular, evidenciada por regiões melhor preservadas dentro do próprio grão, aparecendo sem estas inclusões (Figura 136). Em alguns lugares é possível observar a

passagem do clinopiroxênio para anfibólio (Figura 136) e mais pontualmente, alguns grãos completamente transformados para placas de anfibólio (Figura 137). É importante ainda ressaltar que o anfibólio envolve grãos de piroxênio, onde o conjunto aparece estirado e com formato lenticular (Figura 138).

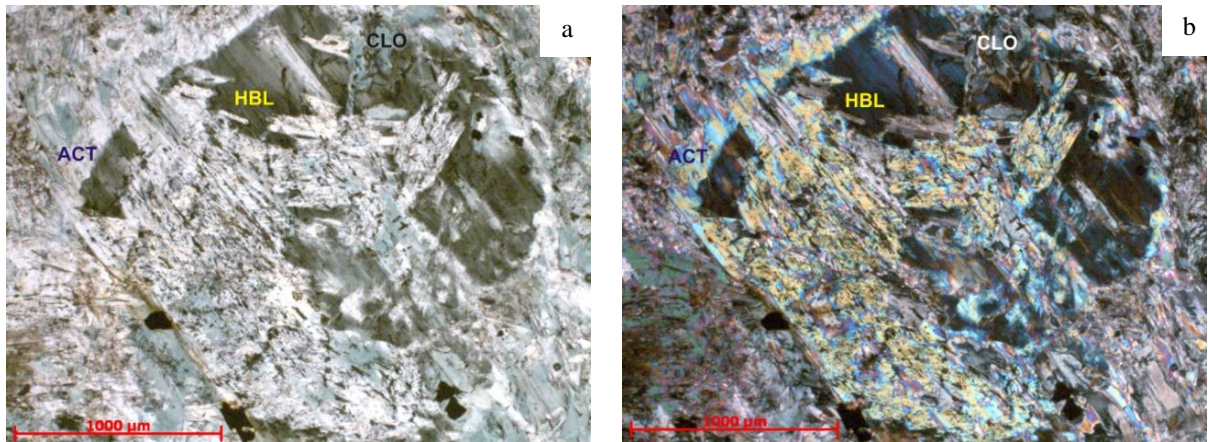


Figura 132 – Hornblenda marrom (HBL) substituída por um anfibólio incolor (ANF) e ambos sendo alterados para clorita (CLO). **a)** Polarizadores paralelos. **b)** Polarizadores cruzados. Corpos ultramáficos. Ponto JU-10.

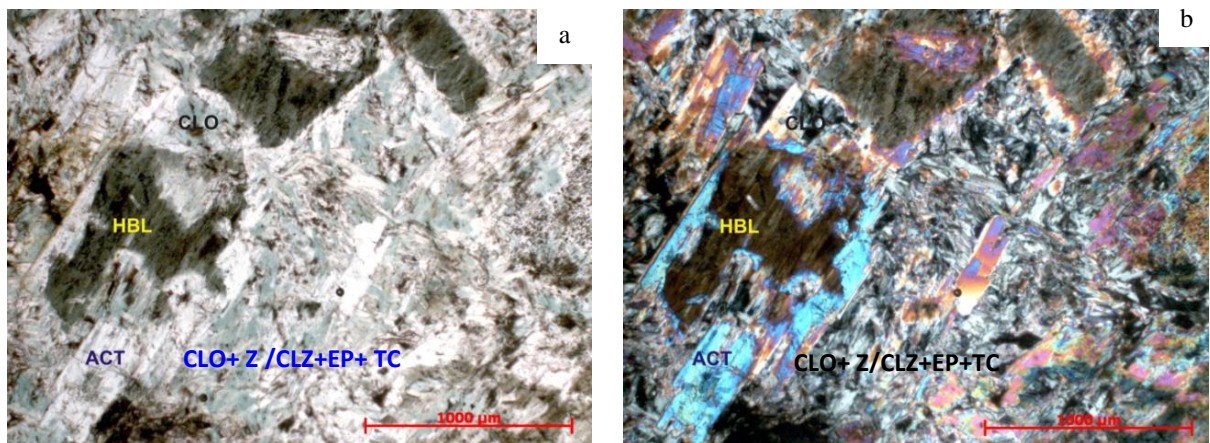


Figura 133 – Hornblenda marrom (HBL) substituída por um anfibólio incolor (ANF) e ambos sendo alterados para clorita (CLO) e aglomerados de clorita com zoisita/clinozoisita (Z/CLZ), epidoto (EP) e talco (TC). **a)** Polarizadores paralelos. **b)** Polarizadores cruzados. Corpos ultramáficos. Ponto JU-10.

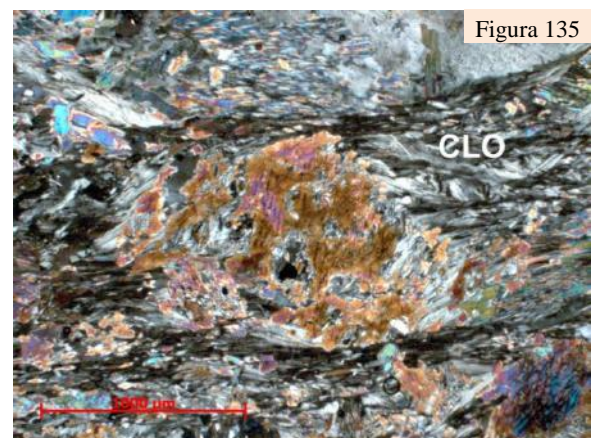
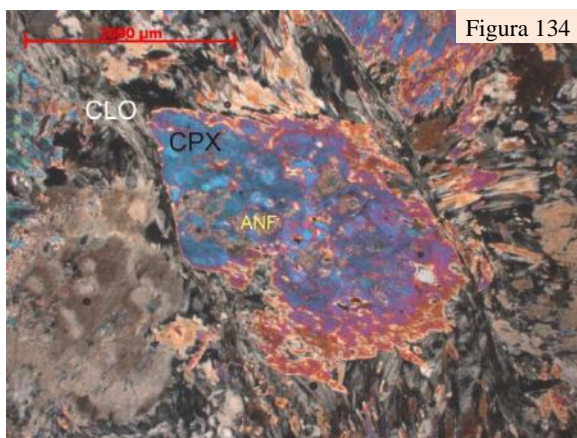


Figura 134 – Rocha contendo zonas de cisalhamento evidenciadas por um aglomerado de cristais fortemente orientados de clorita. Polarizadores cruzados. Corpo ultramáfico. Ponto JU-140B.

Figura 135 – Microzonas de cisalhamento evidenciadas por um aglomerado de cristais de clorita e pela deformação de um porfiroclasto de hornblenda. Polarizadores cruzados. Corpos ultramáficos. Ponto JU-140B.

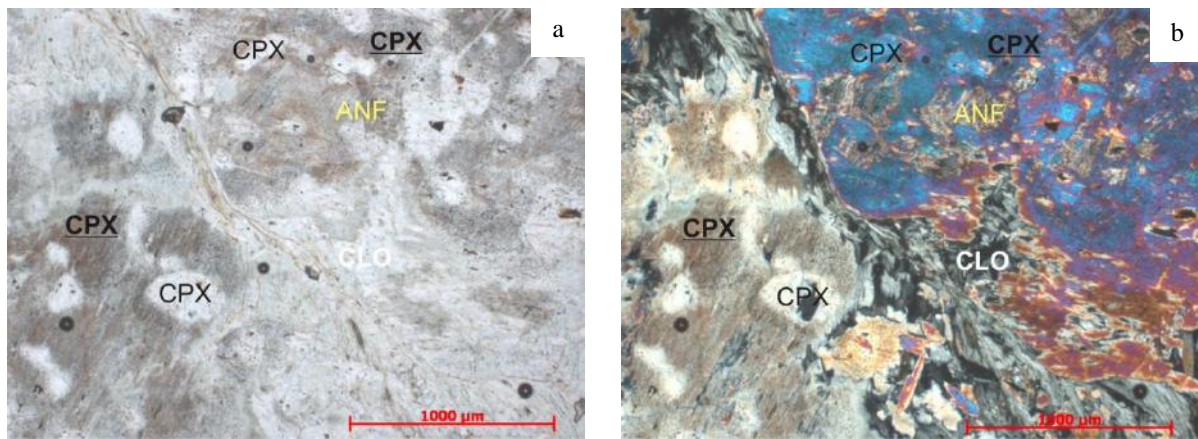


Figura 136 – Grãos de clinopiroxênio (CPX) que ao ser substituído por anfibólio ocasionam a formação de diminutas inclusões de cristais castanhos aciculares neste último. Corpos ultramáficos indiferenciados. **a)** Polarizadores paralelos. **b)** Polarizadores cruzados. Ponto JU-140B.

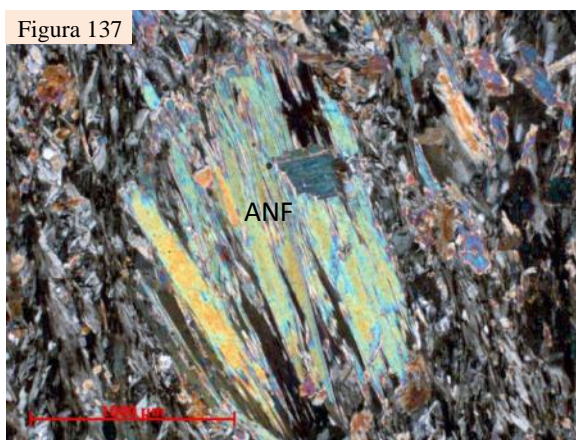


Figura 137 – Transformação completa de um grão de clinopiroxênio para anfibólio de alta birrefringência (ANF). Polarizadores cruzados. Corpos ultramáficos indiferenciados. Ponto JU-140B.

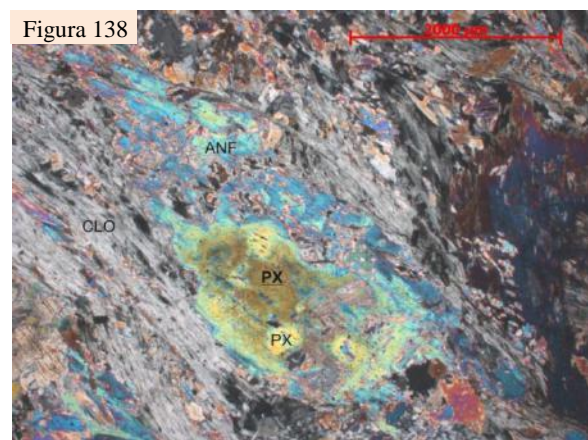


Figura 138 – Grão de clinopiroxênio (PX) substituído por um anfibólio (ANF) de elevada birrefringência e este por clorita (CLO). Polarizadores cruzados. Corpos ultramáficos indiferenciados. Ponto JU-140B.

8.6.3 – Estudos por Difractometria de Raios-X

Foi realizada uma análise de difratometria de raios-X de minerais verdes (coletados após quebra da amostra JU-10 e posterior seleção em estereomicroscópio) objetivando a classificação do anfibólio presente (Figura 139). Os resultados obtidos apontaram para a presença de actinolita, clinocloro (mineral do grupo das cloritas) e talco. Neste caso, foi confirmado que o anfibólio é actinolita.

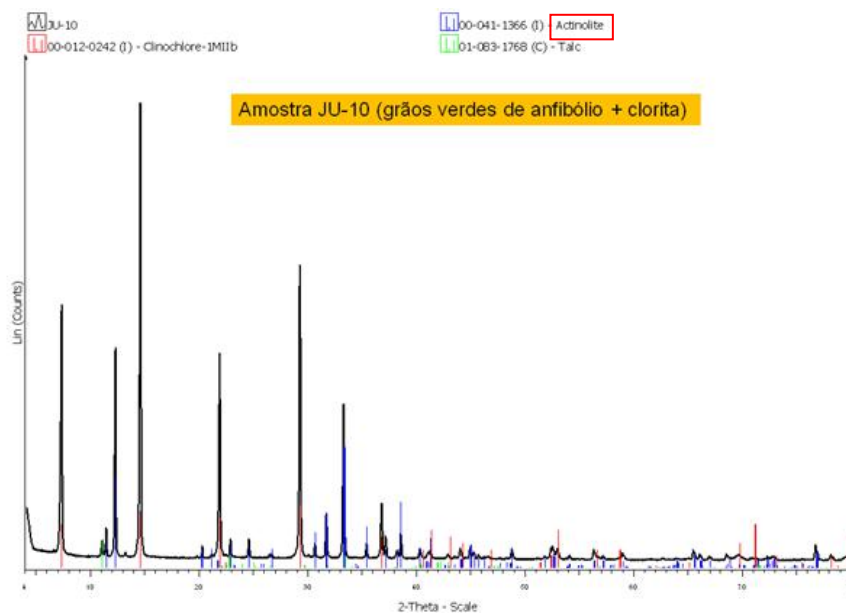


Figura 139 – Difratoograma de grãos verdes selecionados por estereomicroscópio da amostra JU-10, caracterizando cristais de actinolita, clinoclora e talco.

9 – DISCUSSÕES

O mapeamento geológico da área abrangendo a região entre as cidades de Tiradentes, Vitoriano Veloso, Prados e Dores de Campos possibilitou a identificação de quatro unidades distintas de mapeamento: i) gabro Vitoriano Veloso; ii) andesito máfico Santo Antônio; iii) suíte félsica Tiradentes e; iv) corpos ultramáficos indivisos. Outras unidades ocorrem na área, porém não foram estudadas em maior detalhe.

9.1 – GABRO VITORIANO VELOSO

O mapeamento geológico e os estudos petrográficos evidenciaram que as rochas pertencentes ao gabro Vitoriano Veloso preservam minerais e texturas ígneas, embora sobrepostas por feições metamórficas. Neste mesmo sentido, apatita, minerais opacos, titanita e allanita representam os primeiros minerais a cristalizar do magma e foram seguidos por plagioclásio, ortopiroxênio e clino piroxênio e por fim, através de processos tardios há a percolação de fluidos, que ocasionaram a substituição de ambos os piroxênios pela hornblenda (Figuras 140 e 141). Esta substituição foi responsável pela formação de diminutos grãos aciculares de titanita. Além disso, as principais feições ígneas dessas rochas correspondem a:

- i) Presença de clino e ortopiroxênio em proporções variáveis.
- ii) Ampla variação na granulação (no sentido N-S) e na porcentagem entre os minerais máficos e félsicos, caracterizando uma diferença composicional dada por um acamamento ígneo;
- iii) Rochas com texturas cumuláticas e intercumuláticas, típicos de conjuntos ígneos acamadados;
- iv) Minerais acessórios presentes ou ausentes em diferentes rochas, indicando diferenças composicionais nos protólitos;
- v) Orientação dos cristais de plagioclásio por fluxo magmático;
- vi) Formação de fases minerais pegmatíticas associadas à percolação de fluidos residuais de cristalização magmática;
- vii) Presença de enclaves autolíticos;

Conclui-se então, que estas rochas fazem parte de um complexo acamadado com strike aproximado E-W. O conjunto é extremamente falhado e provavelmente, mais a oeste há exposição das rochas das porções mais basais, pois afloram gabros com granulação grossa.

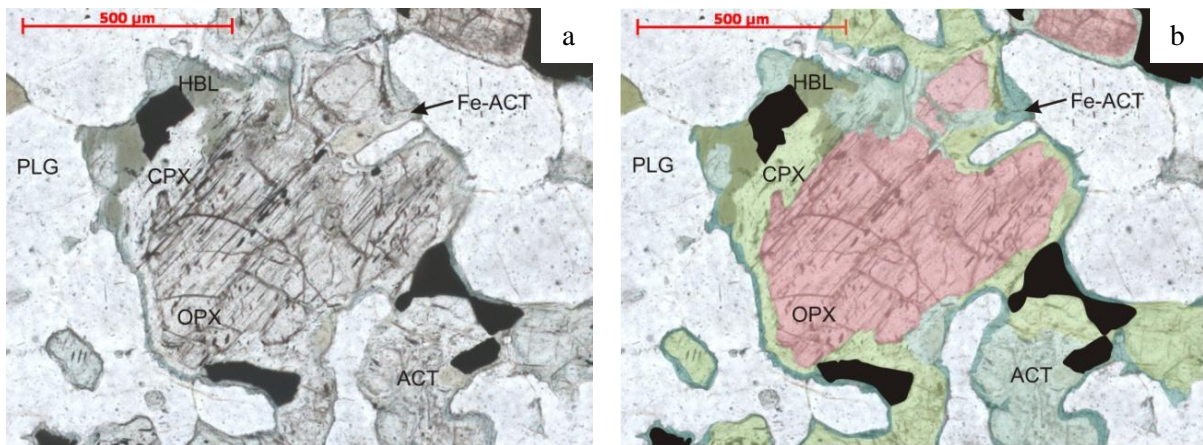


Figura 140 - Ortopiroxênio (OPX) envolto por clinopiroxênio (CPX) e este último, substituído pela hornblenda (HBL). O conjunto todo passa por transformações metamórficas, formando inicialmente actinolita (ACT) e por fim, ferro-actinolita (Fe-ACT), onde a) Polarizadores paralelos e; b) Fotomicrofotografia editada em Corel Draw X a fim de ressaltar as diferentes fases minerais. Gabro Vitoriano Veloso Lâmina JU-196.

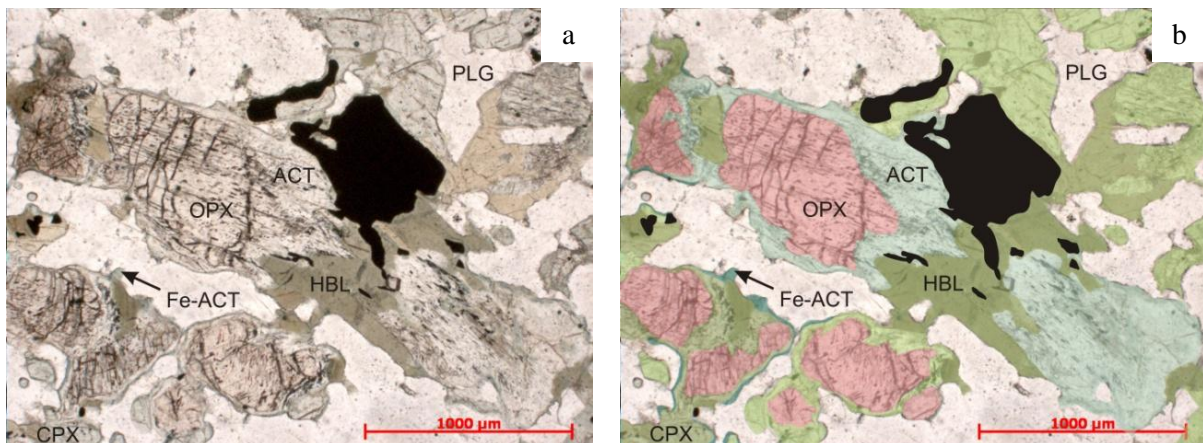


Figura 141 - Ortopiroxênio (OPX) envolto por clinopiroxênio (CPX) e este último, substituído pela hornblenda (HBL). O conjunto todo passa por transformações metamórficas, formando inicialmente actinolita (ACT) e por fim, ferro-actinolita (Fe-ACT), onde a) Polarizadores paralelos e; b) Fotomicrofotografia editada em Corel Draw X a fim de ressaltar as diferentes fases minerais. Gabro Vitoriano Veloso Lâmina JU-196.

Já a principal feição metamórfica observada nas rochas deste corpo corresponde ao sucessivo crescimento de diferentes tipos de anfibólio, representados pela actinolita e ferro-actinolita. A actinolita ocorre na forma fibrosa (Figura 142) alterando os dois tipos de piroxênio e a hornblenda, mas em geral, esta é observada nos centros dos grãos de hornblenda, obliterando a sua geminação e indicando que se formou posteriormente a mesma. Já a ferro-actinolita ocorre na borda dos piroxênios, da hornblenda (Figura 143) e da actinolita.

Segundo Oliver (1951), tal processo de substituição de piroxênio por anfibólio (uralitização) começa na superfície externa do piroxênio, transformando-o num agregado de

delgados prismas de anfíbólio, paralelos entre si e ao grão original. Quando o processo é completo, o cristal inteiro vira um agregado de fibras. Monkogtip *et al.* (1986) definem ainda, que durante o processo de anfibolitização, devido a dificuldade de difusão de Al e Si, os anfíbólios cálcicos são zonados e comumente contém *blebs* de quartzo (Figura 143). Descontinuidades nestes zonamentos dão origem ao par actinolita-hornblenda e representam um desequilíbrio na rocha, onde tal reação pode acontecer tanto em caso de metamorfismo progressivo, quanto retrógrado.

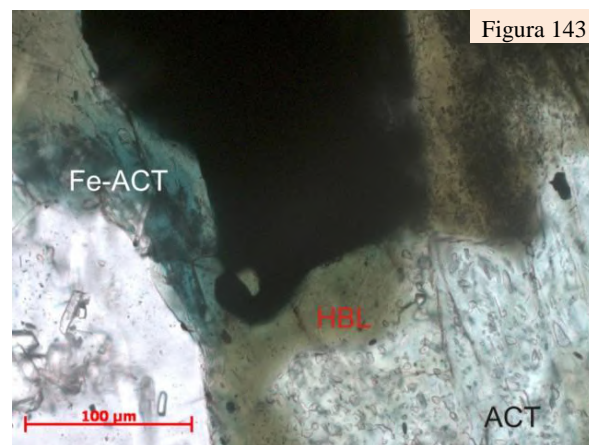
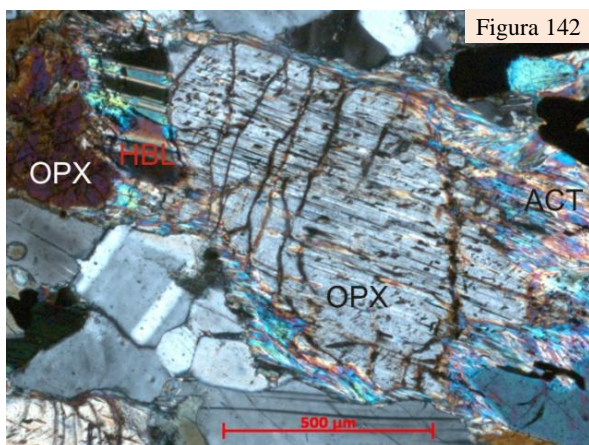


Figura 142 - Ortopiroxênio (OPX) sendo substituído pela hornblenda (HBL), ambos sendo transformados metamórficamente para actinolita (ACT). Polarizadores cruzados. Gabro Vitoriano Veloso Lâmina JU-196.

Figura 143 - Hornblenda (HBL), sendo substituída por actinolita (ACT) no centro do grão e ferro-actinolita (Fe-ACT) em sua borda. Polarizadores cruzados. Gabro Vitoriano Veloso Lâmina JU-196.

Desta forma, primeiramente é importante ressaltar que não se descarta a possibilidade de parte da hornblenda descrita ser metamórfica, seja esta oriunda do processo que gerou a actinolita, seja de um pulso metamórfico anterior. Ainda neste contexto, a formação da actinolita é inconclusiva uma vez que esta pode ter sido originada por metamorfismo retrógrado (se existir hornblenda metamórfica – Figura 144), ou ainda, por um pulso metamórfico distinto. Neste último caso, a constância desta fase mineral no centro dos cristais de hornblenda poderia indicar zonamento ígneo, ou ainda, a presença de buracos, por onde houve a percolação dos fluidos que facilitaram a transformação metamórfica. Já para a formação da ferro-actinolita, restam ainda duas possibilidades: de ter ocorrido metamorfismo progressivo, iniciando com a formação da actinolita e terminando nas condições de formação da ferro-actinolita, ou ainda, a ocorrência de um pulso metamórfico distinto de mais alta temperatura.

No que diz respeito à caracterização das fácies metamórficas, pode-se concluir que os dois pulsos que geraram actinolita e ferro actinolita são pertencentes à fácies xisto verde

(Figura 144), embora, em geral, a segunda seja característica de mais altas temperaturas que a primeira. Em suma, a Tabela 9 apresenta considerações acerca dos diferentes crescimentos minerais na área estudada e suas respectivas fácies metamórficas, descritas através de cinco hipóteses.

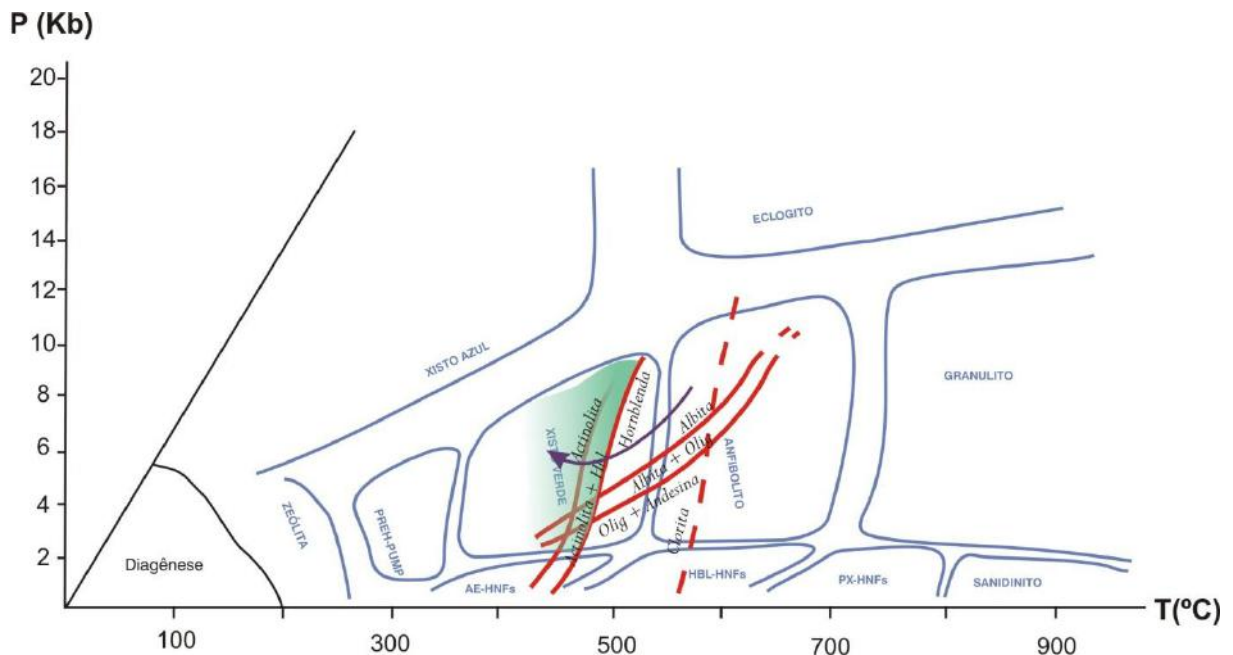


Figura 144 - Diagrama P-T (Pressão-Temperatura) editado de Eskola (1915 in Yardley, 2004). Em verde, o campo de estabilidade mineral correspondente à formação de actinolita e a seta roxa representa uma das possibilidades de formação deste mineral, através de retrometamorfismo. Em azul, as fácies metamórficas e em vermelho, os campos de estabilidade das correspondentes fases minerais. Abreviações utilizadas: HNFs = hornfels; AE = albita-epidoto; HBL = hornblenda; PX = piroxênio; PREH-PUMP = prehnita-pumpellyita; Olig = oligoclásio; Plag = plagioclásio; Qtz = quartzo.

Tabela 9 - Tabela correlacionando as hipóteses de formação dos minerais, pressupondo até 3 eventos metamórficos na área estudada. Legenda: seta vermelha = transformação de minerais ígneos para metamórficos; seta azul = transformação mineral dentro de um mesmo pulso metamórfico e; seta verde = transformação mineral dada em pulsos metamórficos diferentes.

Eventos Metamórficos	Minerais Ígneos	Minerais Metamórficos		Fácies Metamórficas
1 evento	hbl + px →	act →	fe-act	xisto verde a anfibolito
2 eventos	hbl + px →	act (1° pulso) →	fe-act (2° pulso)	1°) xisto verde 2°) xisto verde alto a anfibolito baixo
	hbl + px →	hbl (1° pulso) →	act → fe-act (2° pulso)	1°) anfibolito 2°) xisto verde alto a anfibolito baixo
	hbl + px →	hbl → act (1° pulso)	fe-act (2° pulso)	1°) anfibolito a xisto verde 2°) xisto verde alto a anfibolito baixo
3 eventos	hbl + px →	hbl (1° pulso) →	act (2° pulso) → fe-act (3° pulso)	1°) anfibolito 2°) xisto verde alto a anfibolito baixo

Juntamente aos anfibólios metamórficos, cristaliza-se rutilo, titanita, epidoto, zoizita, clinozoizita e biotita, e posteriormente, afetando todo este conjunto, ocorrem processos metamórficos-hidrotermais intensos de cloritização, sericitização e epidotização, chegando a obliterar muitas das feições e texturas anteriores. Em suma, a ordem de cristalização dos minerais primários e secundários pode ser explicitada na **Tabela 10**.

Tabela 10 - Tabela de evolução da mineralogia das rochas do gabro Vitoriano Veloso. A linha contínua indica cronologia da cristalização das fases minerais durante o evento que a formou. Já a linha pontilhada representa incerteza do evento formador dos respectivos minerais.

Mineralogia	Magmático	Metamórfico1	Metamórfico2	Metam/Hidrotermal
Apatita	—			
Opacos ¹	—			
Allanita	—			
Titanita ¹	—			
Ortopiroxênio	—			
Clinopiroxênio	—			
Plagioclásio	—			
Hornblenda		—		
Titanita ²		—		
Tremolita-Actinolita		—		
Quartzo (<i>blebs</i>)		—		
Rutilo		—	—	
Titanita ³		—	—	
Opacos ²		—	—	
Epidoto ¹		—	—	
Zoizita ¹		—	—	
Clinozoizita ¹		—	—	
Fe-Actinolita			—	
Biotita			—	
Clorita				—
Epidoto				—
Zoizita ²				—
Clinozoizita ³				—

As rochas do gabro Vitoriano Veloso são em geral caracterizadas como basaltos toleíticos enriquecidos em MgO e de uma maneira geral a tendência da maioria das amostras é plotarem no campo das rochas provenientes de arco de ilha.

9.2 – ANDESITO SANTO ANTÔNIO

As rochas andesíticas máficas Santo Antônio possuem características mineralógicas semelhantes ao gabro Vitoriano Veloso, como a presença de hornblenda magmática com aspecto “sujo”, devido a exsolução de minerais castanhos aciculares nas clivagens e fraturas (titanita), assim como a formação de actinolita metamórfica. Entretanto, algumas diferenças foram notadas, como a actinolita se desenvolvendo ao redor de hornblenda e não no centro dos cristais, assim como a presença de biotita como mineral essencial. Ainda neste contexto, pôde-se então melhor caracterizar a paragênese hidrotermal contendo clorita, titanita, biotita e epidoto.

9.3 – SUÍTE FÉLSICA TIRADENTES

As rochas da suíte félsica Tiradentes foram subdivididas, de uma forma geral, em dois conjuntos litológicos que refletem a profundidade de cristalização do magma: rochas vulcânicas a subvulcânicas afaníticas, com *emplacement* em níveis crustais mais rasos; e rochas subvulcânicas faneríticas, indicando níveis crustais um pouco mais profundos.

Além disso, no que diz respeito às rochas faneríticas, foi observada uma certa heterogeneidade mineralógica, embora sempre se reconheçam três paragêneses: magmática, metamórfica e metamórfica/hidrotermal. Em suma, a ordem de cristalização das rochas da suíte félsica Tiradentes pode ser observadas nas **Tabelas 11 e 12**.

Tabela 11 - Ordem de cristalização dos minerais magmáticos, metamórficos e metamórficos-hidrotermais das lâminas JU-26, Ju-41A e JU-41C. A posição da linha contínua indica cronologia da cristalização das fases minerais durante o evento que a formou.

Mineralogia	Magmático	Metamórfico	Metam/Hidrotermal
Zircão ¹	██████████		
Apatita	██████████		
Allanita	██████████		
Fluorita	██████████		
Opacos	██████████		
Biotita ¹	██████████	██████████	
Quartzo		██████████	
Plagioclásio		██████████	
Álcalfeldspato		██████████	
Rutilo			██████████
Zircão ²			██████████
Opacos ²			██████████
Titanita			██████████
Biotita ²			██████████
Muscovita			██████████
Clorita			██████████
Epidoto			██████████
Zoizita			██████████
Clinozoizita			██████████
Sericita			██████████

JU-26, JU-41A, JU- 41C

Tabela 12 - Ordem de cristalização dos minerais magmáticos, metamórficos e metamórficos-hidrotermais das lâminas JU-74A e JU-74B. A posição da linha contínua indica cronologia da cristalização das fases minerais durante o evento que a formou.

Mineralogia	Magmático	Metamórfico	Metam/Hidrotermal
Zircão	██████████		
Apatita	██████████		
Allanita	██████████		
Opacos	██████████		
Titanita ¹	██████████		
Biotita ¹	██████████		
Granada		██████████	
Quartzo		██████████	
Plagioclásio		██████████	
Titanita ²			██████████
Muscovita			██████████
Biotita ²			██████████
Clorita			██████████
Epidoto			██████████
Zoizita			██████████
Clinozoizita			██████████
Sericita			██████████

JU-74B e JU-74C

Quanto à composição química, as rochas da suíte félsica Tiradentes podem ser classificadas como trondjemitos de baixo Al₂O₃. Segundo Barker (1979), rochas com tais

características são produto da diferenciação de um magma andesítico de baixo potássio ou ainda, resultantes de fusão parcial de um anfibolito ou gabro em um processo de subducção da crosta oceânica sob crosta oceânica (Figura 145). E nestes casos, o magma resultante cristalizaria em um ambiente de arco vulcânico intra-oceânico, onde o resíduo da fusão seria representado por piroxênio + hornblenda + plagioclásio ± granada.

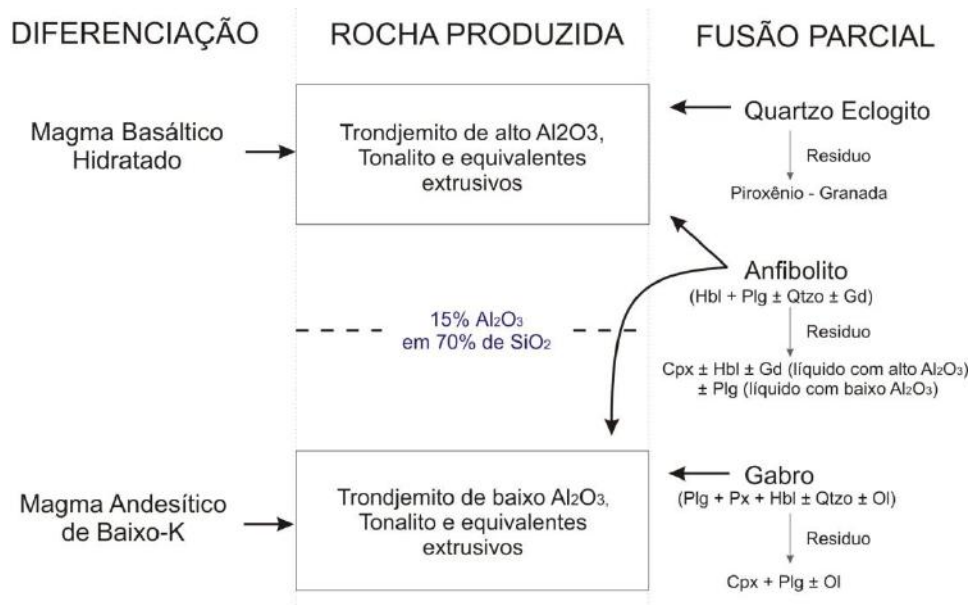


Figura 145 - Diagrama esquemático mostrando a geração de líquidos tonalíticos-trondhjemiticos com altos e baixos teores de Al₂O₃, resultado de diferenciação magmática e fusão parcial. Modificado de Barker & Arth (1976 in Barker, 1979).

9.4 – ROCHAS ULTRAMÁFICAS

O estudo de campo e petrográfico das rochas ultramáficas foi de grande importância, pois embora somente duas lâminas tenham sido descritas, a evolução mineralógica observada é muito interessante.

Observou-se em campo amostras com cristais orientados e estes são sobrecrescidos por uma fase mineral posterior que não está orientada segundo a foliação, sugerindo pelo menos dois pulsos deformacionais distintos.

Já nas lâminas petrográficas cabe ressaltar a passagem observada de hornblenda (ígnea ou metamórfica) para actinolita e posteriormente de ambas para clorita. Foi ainda possível observar transformação do piroxênio para anfibólio e neste caso ocorre uma exsolução de vários compostos químicos que cristalizam sob a forma de diminutas inclusões de titanita. Ao redor destes minerais ocorre um outro anfibólio, incolor e o conjunto encontra-se estirado, envolvido por uma grande quantidade de clorita, formando uma textura lepidoblástica ocelar. Provavelmente houve uma grande entrada de fluido contemporânea à formação da clorita.

10 – CONCLUSÕES FINAIS

A região estudada é composta de forma geral pelo gabro Vitoriano Veloso, andesitos máficos Santo Antônio e suíte félsica Tiradentes. Desta forma, as duas primeiras unidades claramente possuem transformações minerais características de pelo menos dois pulsos metamórficos e de um último metamórfico/hidrotermal. Já no caso das rochas da suíte félsica Tiradentes somente foi possível caracterizar um pulso metamórfico e outro metamórfico-hidrotermal.

Ainda neste contexto, Ávila *et al.* (2010) publicaram uma síntese dos eventos metamórficos Paleoproterozóicos descritos no Cinturão Mineiro, caracterizando o primeiro (2250-2190 Ma) como de fácies anfíbolito médio, o segundo (2131-2100 Ma) de fácies xisto verde a anfíbolito baixo e o terceiro de fácies anfíbolito (Tabela 13).

Tabela 13 - Síntese dos eventos metamórficos Paleoproterozóicos do Cinturão Mineiro Ávila *et al.* (2010).

Evento Metamórfico	Fácies Metamórficas	Paragêneses
Paleoproterozóico I: 2250-2190 Ma (Ávila <i>et al.</i> , 2008 in Ávila <i>et al.</i> , 2010)	Fácies anfíbolito médio	Mg-hornblenda, Fe-hornblenda + oligoclásio ou andesina ± clorita ± epidoto ± biotita ± titanita ± ilmenita (Cherman, 1999 in Ávila <i>et al.</i> , 2010) (Toledo, 2002 in Ávila <i>et al.</i> , 2010)
Paleoproterozóico II: 2131-2100 Ma (Ávila <i>et al.</i> , 2000 in Ávila <i>et al.</i> , 2010)	Fácies xisto verde a anfíbolito baixo	Actinolita ± albita ± epidoto ± biotita ± titanita
Paleoproterozóico III: 2059-2030 Ma (Machado <i>et al.</i> , 1996 in Ávila <i>et al.</i> , 2010)	Fácies anfíbolito	Caracterizada no Quadrilátero Ferrífero

Por fim, Sollner & Trouw (1997) datam o último pulso metamórfico que afetou esta região (604-567 Ma), que seria correspondente à fácies xisto verde (pressão alta) a anfíbolito e mineralogicamente caracterizado por cianita + biotita + clorita + granada + cloritóide + quartzo + estaurolita (Ribeiro *et al.*, 1995).

Conclui-se então que o único pulso metamórfico descrito no Cinturão Mineiro compatível com a formação de actinolita é o Paleoproterozóico II. Neste mesmo contexto, a ferro-actinolita pode ser produto do metamorfismo progressivo (formada no mesmo evento da actinolita), ou ainda, formada durante o evento Paleoproterozóico III. Assim, caso o gabro Vitoriano Veloso seja mais novo que 2190 Ma, a hornblenda teria que ser magmática, pois a paragênese metamórfica do Paleoproterozóico II na região estudada não alcançou condições de pressão temperatura para a formação de hornblenda. Posteriormente a estes eventos, a paragênese típica de baixa temperatura, contendo clorita, biotita, epidoto, zoisita, clinozoisita, titanita e sericita seriam oriundas das orogenias do Neoproterozóico.

Além disso, ressalta-se aqui que o ambiente tectônico em que o gabro Vitoriano Veloso e as rochas da suíte félsica Tiradentes foram formados é tipicamente de arco intraoceânico não mais pertencendo ao *Greenstone Belt* Dores de Campos como proposto por Noce *et al.* (1987), Noce *et al.* (2000), Ribeiro *et al.* (2003) e Mello (2003). Caracteriza-se então, que possivelmente, com o início da subducção haveria a formação de magmas básicos, formando plútons acamadados (gabro Vitoriano Veloso) e e com a continuidade dos processos estes magmas evoluiriam para andesíticos contendo fases máficas (andesitos Santo Antônio). Posteriormente, os magmas trondhjemíticos seriam resultantes da própria diferenciação dos andesitos, ou ainda, produto da fusão parcial das rochas gabróides ou anfibolíticas associadas ao fundo oceânico (anfíbolitos do *Greenstone Belt* Dores de Campos).

10 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu F.M., 2007. *Mapeamento geológico da região de Tiradentes – Estação de Prados: Caracterização Petrográfica de Rochas Anfibolíticas e Geoquímica do Granito Gentio*. Monografia de Graduação, Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional – UFRJ, Rio de Janeiro, 66p.
- Alkmim F. 2004. O que faz de um cráton um cráton ? O Cráton do São Francisco e as revelações Almeidianas ao delimita-lo. *In: Mantesso-Neto et al. (eds) Geologia do Continente SulAmericano*. Evolução da obra de Fernando Flávio Marques de Almeida. Becca, 17-35 p.
- Almeida F.F.M. 1977. *O Cráton do São Francisco*. Rev. Bras. Geoc.,**7**:349-364.
- Almeida F.F.M., Hasui Y., Neves B.B.B., Fuck R.A. 1981. *Brazilian Structural provinces: an introduction*. Earth Sci.Rev.,**17**:1-29.
- Arth J.G. 1979. Some trace elements in trondhjemites – their implications to magma genesis and paleotectonic setting. *In: Barker F. (ed.) Trondhjemites, dacites and related rocks*. Elsevier, Amsterdam, p.124-132.
- Ávila C. A. ; Teixeira W. ; Cordani U. G. ; Moura C.A.V. ; Pereira R. M. 2010. *Rhyacian (2.23-2.21) juvenile accretion in the southern São Francisco craton, Brazil: Geochemical and isotopic evidence from the Serrinha magmatic suite, Mineiro belt*. Journal of South American Earth Sciences, **29**: 464-482 p.
- Ávila C.A. 1992. *Geologia, petrografia e geoquímica das rochas Pré-Cambrianas (unidade metadiorítica Itutinga e unidade metatrondjemítica Caburu) intrusivas nas rochas do Greenstone Belt Barbacena, São João del Rei, Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 282p.
- Ávila C.A. 2000. *Geologia, petrografia e geocronologia de corpos plutônicos Paleoproterozóicos da borda meridional do Cráton São Francisco, região de São Francisco, região de São João del Rei, Minas Gerais*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 401 p.
- Ávila C.A. 2004. *Geologia e petrografia do Quartzo Monzodiorito Glória, Cinturão Mineiro, porção sul do Cráton São Francisco, Minas Gerais*. Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, **62**(1):83-98.
- Ávila C.A., Barrueto H.R., Valença J.G., Ribeiro A., Pereira R.M., 2007a. *Petrografia e evolução magmática da Suíte Serrinha, porção meridional do Cráton São Francisco, Estado de Minas Gerais, Brasil*. Arquivos do Museu Nacional **65**: 59–81.
- Ávila C.A., Bongioiolo E.M., Teixeira W., Dussin I.A., Vieira, T.A.T., Guerrero J.C. 2011. *Geoquímica e geocronologia das rochas vulcânicas e subvulcânicas rhyacianas da suite félsica Tiradentes e sua relação com o Cinturão Mineiro*. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Geoquímica.
- Ávila C.A., Teixeira W., Barrueto H.R., Pereira R.M. 2006. *Geochemistry of the Glória quartz-monzodiorite: implications of dioritic magmatism in the Paleoproterozoic evolution of the southern sector of the Mineiro Belt, Minas Gerais State, Brazil*. Arq. Mus. Nac. **64**:73-92.
- Ávila C.A., Valença J.G., Moura C.A.V., Pereira R.M., Klein V.C. 2003. *Geoquímica e idade do Tonalito/Trondhjemito Cassiterita, borda meridional do Cráton São Francisco, Minas Gerais, Brasil*. Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, **61**(4):267-284.

- Ávila C.C., Teixeira W., Cordani U.G., Moura C.A.V., Pereira R.M. 2010. *Ryacian juvenile accretion in southern São Francisco craton, Brazil: geochemical and isotopic evidence from the Serrinha Magmatic Suite, Mineiro Belt*. Journal of South American Earth Sciences, **29**(2): 464-482.
- Ávila, C.A.; Teixeira, W. & Pereira, R.M., 2004. Geologia e petrografia do Quartzo Monzodiorito Glória, Cinturão Mineiro, porção sul do Craton São Francisco, Minas Gerais. Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, **62**(1):83-98.
- Barbosa J.S.F., Sabate, P., Marinho, M.M. 2003. *O Cráton do São Francisco na Bahia: uma síntese*. Revista Brasileira de Geociências., **33**(1): 3-6 p.
- Barbosa O. 1954. *Evolution de geosynclinal Espinhaço*. In: International Geological Congress, Comptes Rendus, Argel, Argélia, **XII**: 2-37 p.
- Barker F. & Arth J.G., 1976. *Generation of trondhjemite-tonalitic liquids and Archaean bimodal trondhjemite-basalt suites*. Geology, **4**: 596-600.
- Barker F. 1979. Trondhjemites, dacites and related rocks. In: Barker F. (ed.) *Trondhjemites, dacites and related rocks*. Elsevier, Amsterdam, p.1-12.
- Barker, F. & Arth, J.G., 1976 - Generation of trondhjemitic-tonalitic liquids and Archean bimodal trondhjemite-basalt suites. Geology, Boulder, **4**(10):596-600.
- Batchelor R.A., Bowden, P. 1985. *Petrogenetic interpretation of granitoids series using multicationic parameters*. Chemical Geology, **48**:43-55.
- Best, M.G. 1982. *Igneous and Metamorphic Petrology*. W.H. Freeman and Company, New York, 630p.
- Bezerra Filho A.P. 2006. *Geologia, petrografia e geoquímica do quartzo diorito dores de campos e suas rochas encaixantes, região de tiradentes - dores de campos, estado de Minas Gerais*. Monografia de Trabalho de Graduação, Instituto de Agronomia, Departamento de Geociências – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 52p.
- Bizzi L.A., Schobbenhaus C., Gonçalves J.H., Vidotti R.M. 2003. *Geologia, Tectônica e Recursos Minerais do Brasil: Texto, mapas e SIG*. CPRM, Brasília, 692p.
- Bongiolo E. M. 2005. *Depósitos hidrotermais em arcos magmáticos e alterações associadas*. (Monografia de exame de qualificação).
- Boynton W.V. 1984. Cosmochemistry of the rare earth elements: meteorite studies. In: Henderson, P. (Ed.), *Rare Earth Element Geochemistry*. Elsevier, Amsterdam, pp. 63–114.
- Brito Neves, B.B., Winge, M., Carneiro, M.A. 1996. *Orogêneses precedendo e tafrogêneses sucedendo Rodínia na América do Sul*. Bol. IG-USP, Sér. Cient., **27**: 1- 40.
- Carneiro A.C. 1992. *O Complexo Metamórfico Bonfim Setentrional (Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais): Litoestratigrafia e Evolução Geológica de um Segmento de Crosta Continental do Arqueano*. Tese de Doutorado, Instituto de Geociências, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 233p.
- Colony R.J. 1935. *Schiller Structure*. American Mineralogist, **20** (12):828-837.
- Cox K.G., Bell J.D., Pankhurst R.J. 1979. *The interpretation of igneous rocks*. London, Georg Allen & Unwin Ltd, 450p.

- Dardenne M.A., Schobbenhaus C. 2001. *Metalogênese do Brasil*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 392p.
- Davis G. A. 1963. *Structure and mode of emplacement of Caribou Mountain pluton, Klamath Mountains, California*. Geol. Soc. America Bull., **74**(3): 331-348.
- De la Roche H., Leterrier J., Grandclaude P., Marchal M. 1980. *A classification of volcanic and plutonic rocks using R1R2-diagram and major-element analyses — Its relationships with current nomenclature*. Chemical Geology, **29**(1-4):183-210.
- Didier J. & Barbarin B. 1991. The different types of enclaves in granites – Nomenclature. In: Didier J. & Barbarin B. (ed.) *Enclaves and Granite Petrology*. Netherlands, Elsevier, 19-23.
- Dorado, A.C. 1989. *Petrografia Básica – Texturas, Clasificación y Nomenclatura de Rocas*. Madrid, Ed. Paraninfo, 143p.
- Ebert H. 1963. *The manganese-bearing Lafaiete Formation as a guide-horizon in the Pre-Cambrian of Minas Gerais*. Anais da Academia Brasileira de Ciências, **35**(4):545-559.
- Ebert, H. 1957. Aspectos principais da geologia de São João del Rei, Estado de Minas Gerais. Relatório inédito da PROSPEC, 120p. Publicado “in memoriam” pela SBG, Núcleo São Paulo. Publicação 12/1984:1-71.
- Ebert. H. 1956. Relatório sobre a atividade no ano de 1955; Relat. An.Dir, p.79 – 85.
- Heilbron M., Duarte B.P., Valeriano C.M., Simonetti A., Machado N., Nogueira J.R. 2010. *Evolution of reworked Paleoproterozoic basement rocks within the Ribeira belt (Neoproterozoic), SE-Brazil, based on U–Pb geochronology: Implications for paleogeographic reconstructions of the São Francisco-Congo paleocontinent*, Precambrian Research, **178**: 136–148.
- ICDD. 2006. *International Centre for Diffraction Data - PDF-2 Powder Diffraction File*, Newton Square, PA.
- Irvine T.N., & Baragar W.R.A. 1971. *A guide to chemical classification of the common volcanic rocks*. Canadian Journal of Earth Sciences, **8**:523-548.
- Jensen, L.S., 1976, *A new cation plot for classifying subalkaline volcanic rocks*. Ontario Geological survey, Miscellaneous Paper 66, 22 p.
- Le Bas, M. J., Le Maitre, R. W., Streckeisen, A., Zanettin, B. 1986. *A chemical classification of volcanic rocks based on total alkali-silica diagram*. Journal of Petrology, London, **27**: 745-750.
- Le Maitre R.W., Bateman P., Ducek A., Keller J. Lameyre J., Le Bas M.J., Sabine P.A., Schmid R., Sorensen H., Streckeisen A., Wooley A.R. & Zanettin B. 2002. *A classification of igneous rocks and glossary of term*. Blackwell Scientific Pub., London, 193 p.
- Macêdo E.P., 2006. *Petrografia, litogeoquímica e evolução geotectônica dos granulitos da região de Amargosa, Brejões, Santa Inês, Jaguaquara e Itamari, Bahia, Brasil*. Tese de Doutorado, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 305p.
- Maniar P.D. & Piccoli P.M. 1989. *Tectonic discrimination of granitoids*. Geological Society of America Bulletin, **101**: 635–643.
- Mello A.G.M. 2003. *Rochas metavulcânicas e metaplutônicas máficas e ultramáficas do Greenstone Belt Barbacena e metagranitoides intrusivos, na área de Dores de Campos, sul do estado de Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 159 p.

- Mogessie A., Gallien F., Bernhard F., Bauer C., Castro de Machuca B., Meissl, E. 2009. *Greenokite and associated sulfide mineralization from the Caledonia Mines, Blanca Creek, La Huerta Range, San Juan Province, Argentina*. *The Canadian Mineralogist* **47**: 129–141.
- Monkgoltp P. & Ashworth J.R. 1986. *Amphibolitization of metagabros in the Scottish Highlands*. *J. metamorphic Geol.*, **4**:261-283.
- Mori, P. E.; Reeves, S.; Correia, C. T.; Haukka, M. 1999. Development of a fused glass disc XRF facility and comparison with the pressed powder pellet technique at Instituto de Geociências, University of São Paulo. *Revista Brasileira de Geociências*, **29**: 441-446.
- Mullen E.D. 1983. *MnO/TiO₂/P₂O₅: a minor element discriminant for basaltic rocks of oceanic environments and its implications for petrogenesis*. *Earth and Plan. Science Letters*, **62**: 53-62.
- Noce C.M., Pedrosa-Soares A.C., Silva L.C., Armstrong R., Piuzana D., 2007. *Evolution of polycyclic basement complexes in the Araçuaí orogen, based on U–Pb SHRIMP data: Implication of Brazil-Africa links in Paleoproterozoic time*. *Precambrian Research* **159**: 60–78.
- Noce, C. M. 1987. Estudo geológico-estrutural do Grupo São João dei Rei na região de Tiradentes-Barroso -Barbacena, MG e considerações sobre seu embasamento. Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p.156.
- Noce, C.M., Teixeira W., Quéméneur, J.J.G., Martins, V.T.S. & Bolzachini E. 2000. *Isotopic signatures of paleoproterozoic granitoids from southern São Francisco Craton and implications for the evolution of the Transamazonian Orogeny*. *Journal of South American Earth Sciences, Oxford*, **13**(2):225-239.
- O'Connor J.T. 1965. *A classification for quartz-rich igneous rocks based on feldspar ratios*. US Geological Survey Professional Papers, **525**(B):79-84.
- Oliver T.A. 1951. *The effect of uralization upon the chemical composition of the sudbury norite*. *American Mineralogist* **5**: 421-429.
- Passchier, C. & Trow, R. 1996. *Microtectonics*. Springer-Verlag, Berlin Heidelberg, p.289.
- Patterson D.J. 1985. Zincian greenockite in stratiform lead-sinc-silver mineralization at Lady Loretta, northwest Queensland. *Canadian Mineralogist*, **23**: 89-94. Disponível em: http://rruff.info/uploads/CM23_89.pdf. Acesso em: 13/08/2011.
- Pearce J.A. & Cann J.R. 1973. *Tectonic setting of basic volcanic rocks determined using trace element analyses*. *Earth and Planetary Science Letters*, **19**:290-300.
- Pearce J.A., Harris, N.B.W., Tindle, A.G. 1984. *Trace elements discrimination diagrams for the tectonic interpretation of granite rocks*. *Journal of Petrology*, **25**: 956-983.
- Pearce, J.A. & Cann, J. 1973. Tectonic setting of basic volcanic rocks determined using trace element analysis, *Earth and Planetary Science Letters* **19** (1973), pp. 290–300.
- Peccerillo A. & Taylor S.R. 1976. *Geochemistry of Eocene calc-alkaline volcanic rocks from the Kastamonu area, Northern Turkey*. *Contributions to Mineralogy and Petrology* **58**:63-81.
- Pedrosa-Soares A.C., Dardenne M.A., Hasui Y., Castro F.D.C., Carvalho M.V.A., Reis A.C. 1994. *Mapa Geológico do Estado de Minas Gerais, escala 1:1.000.000. Belo Horizonte, Brasil*. Companhia Mineradora de Minas Gerais.

- Pedrosa-Soares, A.C.; Dardenne, M.A.; Hasui, Y.; Castro, F.D.C.; Carvalho, M.V.A.; Reis, A.C. 1994a. Mapa Geológico do Estado de Minas Gerais, escala 1:1.000.000. Belo Horizonte, Brazil, Companhia Mineradora de Minas Gerais.
- Peñalva G.A., Jovic S.M., Chernicoff C.J., Guido D.M., Schalamuk I. 2008. Cuerpos intrusivos asociados a las mineralizaciones polimetálicas del depósito Cerro León, área del anticlinal El Tranquilo, Santa Cruz: evidencias geofísicas. *Rev. Asoc. Geol. Argent.*, **63**(1). Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S0004-48222008000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 13/08/2011.
- Petri, S.; Coimbra, A.M.; Ojeda, H.O.; Fulfaro, V.J.; Ponçano, W.L. 1986. Guia de nomenclatura estratigráfica. *Revista Brasileira de Geociências*, **16**: 376-415.
- Pires, F.R.M. 1978. The Archean Barbacena Greenstone Belt in its typical development and the Minas Itabirite distribution at the Lafaiete district, Minas Gerais, Brazil. *An. Acad. Bras. Ci.*, **50**(4):599-600 p.
- Quemeneur J.J.G. & Baraud, E.R. 1982. *Geologia da área pegmatítica de São João del Rey, Minas Gerais, Brasil*. In: SBG, Congresso Latino Americano de Geologia. Argentina, 5, Atas, p.39-53.
- Ribeiro A., Ávila C.A., Valença J, Paciullo F.V.P., Trow R.A.J. 2003. Geologia da Folha São João del Rei (1:100.000). In: Companhia Mineradora de Minas Gerais – COMIG (Ed.) *Geologia e Recursos Minerais do Sudeste Brasileiro na Margem Sul do Cráton São Francisco*. Revista Brasileira de Geociências, **25**: 235-248.
- Ribeiro A., Ávila C.A., Valença J.G., Paciullo F.V.P., Trouw R.A.J. 2003. Geologia da Folha São João del Rei (1:100.000). Companhia Mineradora de Minas Gerais – COMIG (Ed.). *Geologia e Recursos Minerais do Sudeste Brasileiro*, **III** (11): 521-622p.
- Ribeiro A., Trouw, R.A.J., Andreis R.R., Paciullo F.V.P., Valença J.G. 1995. *Evolução das bacias proterozóicas e o termo-tectonismo Brasileiro na margem sul do Cráton do São Francisco*. Revista Brasileira de Geociências, **25**(4): 235-248p.
- Shervais J.W. 1982. *Ti–V plots and the petrogenesis of modern and ophiolitic lavas*. Earth and Planetary Science Letters, **59**:101–118.
- Souza A.N. 2009. *Evolução petrográfica e geoquímica do granitóide Ritópolis, borda meridional do Cráton São Francisco*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Geologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 118p.
- Streckeisen, A. 1976. *To each plutonic rock its proper name*. Earth Science Reviews, **12**:1-33.
- Teixeira W., Ávila C.A., Nunes L.C. 2008. *Nd-Sr Isotopic Geochemistry and Geochronology of the Fé Granitic Gneiss and Lajedo Granodirite: implications for paleoproterozoic Evolution of the Mineiro Belt, Southern São Francisco Craton, Brazil*. Revista do Instituto de Geociências, USP, **8**(1): 53-74.
- Teixeira W., Sabaté, P., Barbosa, J., Noce C.M., Carneiro M.A. 2000. Archean and Paleoproterozoic tectonic evolution of the São Francisco Craton. In: Cordani U.G, Milani E.J., Thomas Filho A., Campos, D.A. (eds.) *Tectonic Evolution of South America*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Produção Mineral, p.101-137.
- Teixeira, W. & Figueiredo, M.C.H. 1991. *An outline of early proterozoic crustal evolution in the São Francisco Craton, Brazil: a review*. Precambrian Research, **53**:1-22.

- Toledo, C.L.B. 2002. *Evolução geológica das rochas máficas e ultramáficas no Greenstone Belt Barbacena, na região de Nazareno, MG*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 307 p.
- Tombros S., St. Seymour K., Spry P.G., Williams-Jones A. 2005. *Greenockite and zincian greenockite in epithermal polymetallic Ag–Au–Te mineralization, Tinos Island, Hellas: Description and conditions of formation*. N. Jb. Miner. Abh., **182** (1):1-9 p.
- Trouw, R. A. J.; Ribeiro, A. & Paciullo, F. V. P. 1986. *Contribuição à geologia da folha Barbacena 1:250.000*. Anais do 34º Congresso Brasileiro de Geologia Goiânia, Sociedade Brasileira de Geologia, **2**:972-986 p.
- Trow R.A.J, Ribeiro A., Paciullo F.V.P. 1986. *Contribuição à geologia da Folha Barbacena – 1:250.000*. Anais do 34º Congresso Brasileiro de Geologia, Goiânia, **2**:974-986.
- Vasques F.S.G., Ávila C.A., Teixeira W., Mendes J.C., Bezerra Filho, A.P., Abreu F.M. 2010a. *Caracterização petrográfica e geoquímica das rochas anfíbolíticas do greenstone belt Dores de Campos, Minas Gerais*. Anais do 45º Congresso Brasileiro de Geologia. Sociedade Brasileira de Geologia.
- Vasques F.S.G., Ávila C.A., Teixeira W., Mendes J.C., Guimarães, E.H.A. 2010b. *Caracterização petrográfica, geoquímica e isotópica de anfíbolitos do greenstone belt Rio das Mortes, estado de Minas Gerais*. Anais do 45º Congresso Brasileiro de Geologia. Sociedade Brasileira de Geologia.
- Vasques, F.S.G.V. 2009. *Mapeamento geológico, petrografia, geoquímica das rochas anfíbolíticas do Greenstone Belt Rio das Mortes e estudo de diques metabasíticos e de gabro-diabásio, região de Cassiterita – Ritópolis, Estado de Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 109 p.
- Watkins P.J.; Nolan, J. 1992. *Determination of rare-earth element, yttrium, scandium and hafnium using cation-exchange separation and inductively coupled plasma-atomic emission spectrometry*. Chem. Geol, **95**:131-139.
- Williams, H., Turner, F.J., and Gilbert, C.M. 1954. *Petrografia: Uma Introdução ao Estudo das Rochas em Seções Delgadas - tradução de Ruy Ribeiro Franco*. São Paulo, Polígono e Editora da Universidade de São Paulo, 424p.
- Winchester J.A. & Floyd P.A. 1977. *Geochemical discrimination of different magma series and their differentiation products using immobile elements*. Chem. Geol, **20**:325-343.
- Yardley, B.W.D. 2004. *Introdução à petrologia metamórfica - tradução de Reinhardt Adolfo Fuck*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 432p.

Anexo IV: Descrição dos Pontos JU

Ponto	Coordenadas	Litologia	Observações
Data: 05/02/09 - Júlia + Ciro + Amaro + Bruno + Sérgio + Eduardo			
JU-01	0595136 7670124	diabásio	Saprólito de rocha básica de granulação fina e maciça. Manganês secundário.
JU-02	0594670 7670124	diabásio	Saprólito com 2 granulações; um destes, bem mais fino e foliado: Sn=175/82. Veio de quartzo 55-235.
JU-03	0594219 7670094	granitóide	Saprólito de rocha félsica, fina à média, contendo quartzo e feldspatospatos.
JU-04	0593786 7670669	diabásio (?)	Regolito e muito bloco de quartzo.
JU-05	0595701 7670737	diabásio	Saprólito de um provável diabásio ou gabro fino .
JU-06	0595499 7670587	diabásio + granitóide	Ocorre uma falha deslocando os contatos e veios pegmatíticos cortando tanto o diabásio quanto o granitóide.
JU-07	0595380 7670074	diabásio	Mais à frente ocorrem veios pegmatíticos. <u>SAPRÓLITO AMOSTRADO.</u>
Data: 06/02/09 - Júlia + Ciro + Amaro			
JU-08	0592720 7666085	???	Rocha máfica, muito alterada, cortada por veios félsicos quartzosos.
JU-09	0593149 7665926	???	Blocos de rocha alterada fina. Possui grãos alterados de coloração marrom imersos numa matriz branca. Anfiboito? Diabásio? Andesito? Mais à frente ocorre saprólito onde ocorre uma fase máfica interagindo com uma fase félsica. Ocorre pegmatito.
JU-10	0592356 7665543	rocha ultramáfica	Ocorre em blocos. Anfibolitito contendo anfibólio verde, biotita e pirlita. A granulação é de média a grossa. Ocorre também na forma de saprólito, cortado por fases félsicas . <u>AMOSTRA:</u> JU-10.
JU-11	0593767 7665668	granitóide + gabro grosso	Contrato ente rocha subvulcânica félsica e gabro grosso. Ocorre piroxênio de até 1 cm, alterados para um mineral de cor verde. O plagioclásio é intersticial. Perto do contato ocorre uma fase félsica constituída quase que essencialmente por feldspatospatos (quase um plagiogranito). <u>AMOSTRAS:</u> JU-11A; JU-11B; JU-11C; JU11-D; JU-11E; JU-11F; JU-11G (gabros).
JU-13	0594399 7665451	granitóide	Ocorre pegmatito.
JU-14	0594578 7665535	granitóide	
Data: 07/02/09 - Júlia + Ciro + Amaro + Bruno + Sérgio + Eduardo			
JU-15	0594944 7669491	diabásio	Ocorre manganês secundário e veios de quartzo. Mais à frente ocorre pegmatito (<u>SAPRÓLITO AMOSTRADO:</u> MT-01).
JU-16	0594815 7669475	Veio de quartzo + diabásio	Veio de quartzo de uns 4 ou 5 metros. Rocha encaixante diabásio. Sn=185/70.
JU-17	0594463 7669123	(meta) gabro	Composto por pirobólio subédrico, plagioclásio anédrico e raras pirlitas. <u>AMOSTRA:</u> JU-17.
JU-18	0594020 7669300	diabásio	
JU-19	0594033 7669497	granitóide	<u>AMOSTRA:</u> JU-19
JU-20	0593728 7669249	-	Blocos de quartzo de veio.
JU-21	0595193 7669720	pegmatito + veios de quartzo	Ocorre pegmatito.
JU-22	0595274 7669975	diabásio	Ocorre pegmatito cortando. Pouco mais à frente a granulação aumenta de tamanho, podendo ser um gabro fino.
JU-23	0595644 7669734	gabro médio	Ocorre manganês secundário nas fraturas.
JU-24	0595818 7669427	gabro médio	De granulação maior que a do ponto anterior.
Data: 08/02/09 - Júlia + Ciro + Amaro			
JU-25	595263 7666137	diabásio + (meta) gabro	<u>AMOSTRAS:</u> JU-25A: diabásio (?); JU-25B: gabro médio (?).
JU-26	0595969 7666833	gabro médio	Ocorre manganês secundário.
JU-27	0596100 7667008	gabro médio	Blocos em talus. <u>AMOSTRAS:</u> JU-27A e JU-27B
JU-28	0596192 7667293	gabro médio	<u>AMOSTRA: JU-28:</u> gabro com cristais de feldspatospatos orientados por fluxo magmático (S0=190/65). Contém ainda algumas micas e bastante sulfeto. OBS.: Bom lugar para amostrar saprólito do gabro.
JU-29	0595995 7667185	gabro médio	<u>AMOSTRAS:</u> JU-29A e JU-29B: com minerais num plano de fratura, verdes e fibrosos (clorita ou tremolita +biotita)
JU-31	? ?	gabro médio e fino	Blocos em colúvio. <u>AMOSTRAS:</u> JU-31A e JU-31B: contato entre um gabro médio e fino; JU-31C: gabro fino (QUÍM?)
JU-32	0596601 7666493	gabro médio	Saprólito. Ocorre pegmatito.
JU-33	0596536 7666672	gabro médio e fino	Saprólito. Interação do médio com o fino. O fino parece intrudir o médio na forma de diques.
JU-34	0596469 7666802	gabro médio	Colúvio com blocos na parte superior. Ocorre afloramento também.
JU-35	0596291 7666970	gabro médio	Ocorre veio de quartzo e fase félsica cortando.
JU-36	0596420 7667169	gabro médio	Ocorre fase félsica cortando.
JU-37	0596268 7667569	gabro médio	Ocorre em blocos. <u>AMOTRAS:</u> JU-37A e JU-37B: recolhida dia 11/02/09.

JU-38	0596270	7667899	gabro médio	Ocorre veio de quartzo e fase félsicacortando.
JU-39	0596203	7668226	gabro médio	Saprólito.
JU-40	0596017	7668367	gabro médio	
JU-41	0595496	7669342	granitóide + diabásio	Ocorre granitóide médio cortando o diabásio. Entre eles ocorre uma rocha verde, sem feldspatospatato, muito foliada. AMOSTRAS: JU-41A e JU-41C: granitóide; JU-41B: rocha verde.
Data: 09/02/09 - Júlia + Ciro + Amaro + Rodrigo + Ariadne + Paulo + Maicon				
JU-42	0594300	7668568	diabásio	Saprólito. Ocorre manganês secundário nas fraturas. Ocorre pegmatito (<i>strike</i> : 40-220).
JU-43	0594201	7668694	diabásio + gabro fino/médio	
JU-44	0593989	7668660	diabásio + gabro fino/médio	Ocorre pegmatito.
JU-45	0593787	7668631	granitóide + diabásio/gabro	Ocorre saprólito de granitóide médio. Ao longo da estrada mais interação entre o diabásio e gabro.
JU-46	0593783	7668350	diabásio	Saprólito de diabásio sendo cortado por pegmatito. Pouco antes ocorre outro granitóide médio.
JU-47	0593650	7668193	diabásio	Saprólito.
JU-48	0594870	7669029	Pegmatito	A rocha encaixante é básica (sem quartzo).
JU-49	0595174	7669155	gabro	Um pouco mais fino.
JU-50	0595641	7669456	diabásio + gabro	AMOSTRA: JU-50: diabásio.
JU-51	0596029	7669354	gabro médio	
JU-52	0596228	7669153	gabro médio	Saprólito.
JU-53	0596189	7669007	gabro médio	Ocorre pegmatito e veios de quartzo.
JU-54	0596146	7668571	diabásio + gabro	Saprólito. Ao longo do caminho ocorrem variações mais finas até diabásio.
JU-55	0596140	7668482	gabro médio a grosso	Os grãos de feldspatospatato encontram-se orientados por fluxo magmático (S0= 5/65; 10/70 e 10/68). Contato entre "camadas": 15/85.
Data: 10/02/09 - Júlia + Ciro + Amaro + Clara				
JU-56	0595657	7668722	diabásio + gabro médio	Ocorre um veio de quartzo e cortando ele, fases oxidadas. AMOSTRA: JU-56: fases oxidadas.
JU-57	0594579	7667860	granitóide fino	Ocorre em blocos em colúvio.
JU-58	0594378	7667999	diabásio	A rocha encontra-se intercalada com fases félsicas de granitóides.
JU-59	0594234	7668254	Veio de quartzo (?)	Ocorre veio de quartzo muito deformado ou quartzito. À frente continua o granitóide e ocorrem trechos com máfica fina.
JU-60	0594317	7668568	diabásio	Saprólito sendo cortado por pegmatito.
JU-61	0594086	7668179	diabásio + gabro	
JU-62	0594210	7667713	granitóide fino	Ocorre em saprólito. A Rocha é muito fina e foliada.
JU-63	0594711	7667706	diabásio + gabro	Saprólito de rocha (meta) básica, ora fina, ora média.

JU-64	0595267	7667238	diabásio ou gabro fino	Ocorre em blocos em colúvio. AMOSTRAS: JU-64A, B E C: gabro fino; JU-64D: gabro médio; JU-64E: contato entre o fino e o médio. Mais a frente ocorre saprólito do gabro médio.
JU-65	0595559	7667090	gabro médio	
JU-66	0595331	7667272	diabásio ou gabro fino	AMOSTRAS: JU-66A: gabro fino; JU-66B: gabro médio; pegmatítico.
JU-67	0595559	7667171	gabro fino a médio	AMOSTRA: JU-67: gabro fino.
Data: 11/02/09 - Júlia + Ciro + Amaro + Mariana				
JU-68	0593405	7668092	rocha ultramáfica	Ocorre colúvio com blocos com uma rocha de coloração verde , foliada com muita tremolita, talco e clorita. AMOSTRAS: JU-68A; JU-68B: com anfibólio com clivagem típica.
JU-69	0593373	7668350	granitóide médio	AMOSTRAS: JU-69A: granitóide médio; JU-69B: xenólito de diabásio; JU-69C: granitóide + xenólito de diabásio.
JU-70	0593285	7668486	-	Bloco de quartzito. Talus da Serra.
JU-71	0593635	7668206	ultramáfica + diabásio	(= JU-47) Contato entre as duas rochas. Muito difícil diferenciá-las.
JU-72	0595780	7668198	gabro médio + diabásio	Afloramento de gabro médio. Ocorrem blocos do diabásio e granitóide. Mais acima ocorre uma fase pegmatítica do gabro com cristais euédricos do pirobólio, envoltos em uma massa branca com alguns feldspatospatos euédricos tabulares. Os pirobólios parecem estar orientados por fluxo. AMOSTRAS: JU-72A: gabro médio pra fino; JU-72B: gabro médio; JU-72C: gabro médio pra grosso ; JU-72D: gabro médio pra grosso.
JU-73	0595504	7667897	gabro fino	Saprólito. Ocorrem blocos jogados no caminho. AMOSTRAS: JU-73A e B: gabro fino; JU-73C, D, E e F: gabro fino com veios grossos; JU-73G, H, I e J: gabro médio com anfibólios de até 8m.
JU-74	0594414	7665131	granitóide	Afloramento de granitóide fino com possível xenólito de rocha máfica. FOTOS: 115 a 119. AMOSTRAS: JU-74A: granitóide com xenólito; JU-74B e C: granitóide.
Data: 13/02/2009 - Júlia + Ciro + Amaro + Mariana + Eduardo (Inglês) + Grupo Fazenda do Seu Air				
JU-75	0588595	7666556	Diorito	AMOSTRAS: JU-75A e JU-75B

Data: 14/02/2009 - Júlia + Ciro + Amaro + Mariana + Thayla				
JU-76	0594959	7664772	rocha máfica + veio de quartzo	Veio de quartzo encaixado em rocha filítica proveniente da transformação do gabro. Sn=165°/60°
JU-77	0595081	7665061	rocha máfica + granitóide	Blocos de rocha máfica fina na estrada e no colúvio. Blocos de granitóide fino no caminho.
JU-78	0595244	7665097	granitóide fino	Ocorrem blocos em colúvio e afloramento de rocha félsica com quartzo, que vai engrossando conforme a estrada. Mais à frente ocorre a máfica com veios félsicos contendo muito quartzo e feldspatospatato.
JU-79	0595251	7665321	granitóide fino	Blocos em colúvio e afloramento. Ocorre às vezes com granulação bem fina.
JU-80	0595536	7665574	granitóide (?)	Rocha muito fina com quartzo. Observado abundantes muscovitas no caminho do ponto 79 para o 80
JU-81	0595694	7665231	granitóide fino a médio	Ao longo do caminho ocorre também uma rocha aroxeadada com menos quartzo (básica?)
JU-82	0595395	7665788	granitóide (?)	Ocorrem muitos blocos de rocha quartzosa.
JU-83	0595880	7665832	granitóide (?)	Ocorrem blocos de granitóide médio. Ao longo da estrada ocorre ele mais fino e foliado.
JU-84	0596640	7666044	gabro acamadado	Afloramento de saprólito de gabro médio e fino intercalados, como camadas (7 diferentes). S0= 245/30
JU-85	0596725	7665805	diabásio	Blocos de rocha máfica fina a média. Ao longo do caminho ocorrem 2 pegmatitos.
JU-86	0596772	7665696	granitóide	Saprólito do granitóide.

Data: 15/02/2009 - Júlia + Ciro + Amaro + Mariana + Thayla + Pedro + Clara

Córrego Santo Antônio (= BIA-40).				
JU-87	0586713	7666561	vulcânica félsica e máfica	AMOSTRAS: JU-87A - Subvulcânica félsica contendo fenocristais de feldspatospatato e biotita; sendo cortada por veios de epidoto. Pouco ao lado ocorre o possível xenólito da foto.
				JU-87B - xenólito máfico na rocha félsica.
				JU-87C - felsito.
				JU-87D - felsito.
				JU-87E - felsito bem fino. a rocha possui camadas (medida: 75°/45°).
				JU-87F(1) - felsito com possíveis pequenos xenólitos.
				JU-87F(2) - felsito com xenólito rico em biotita.
				JU-87G(1) - máfica bem perto do contato com a félsica.
				JU-87G(2) - máfica um pouco mais afastada do contato.
				JU-87G(3) - máfica mais afastada ainda do contato com a félsica.
				JU-87H - félsico contato com a máfica.
				JU-87i - contato entre as 2 rochas.
				JU-87J - felsito.
JU-87K - veio máfico contendo quartzo hexagonal.				
JU-88			diamicrito	Diamicrito com clastos de vulcânicas, chegando a tamanhos centimétricos e contendo fenocristais de feldspatospatato.

Data: 16/02/2009 - Júlia + Amaro + Mariana + Thayla + Filipe.

JU-89	0583872	7664344	filito	Possui coloração arroxeadada, muito micáceo e muito pouco quartzo (bem fino também). Foliações: 145°/60° e 150°/70°. Pouco mais a frente a foliação muda um pouco para 170°/50°.
JU-90	0584106	7664265	filito	Foliação: 195/40. Pouco mais à frente ocorre um filito mais arenoso; parece o mesmo mais fresco.
JU-91	0584167	7664553	filito	Possui coloração esverdeada e é quartzoso. Foliação: 146°/70°.
JU-92	0584131	7664724	filito e grafita filito	Ocorrem níveis centimétricos a métricos de grafita filito. Foliação: 175°/60°
JU-93	0588855	7668875	vulcânica félsica	Ocorrem blocos junto com tálus da Serra (quartzitos). Blocos de duas rochas diferentes: a) rocha acinzentada afanítica, foliada; b) rocha verde esbranquiçada fanerítica muito fina, foliada composta de quartzo e feldspatospatato. AMOSTRAS: JU-93A - vulcânica félsica(+ alterada); JU-93B - rocha esverdeada; JU-93C - 2 rochas. Uma mais e outra menos esverdeada (fazer lâmina pegando as duas)
JU-94	0588638	7669240	rocha esverdeada afanítica	Ponto da amostra do Rudolf Trouw + AMOSTRA: JU-94 - rocha esverdeada afanítica.
JU-95	0589207	7668227	anfíbolito (?)	Rocha de coloração verde; afanítica, contendo bastante quartzo, clorita, magnetita e pirita. Quando alterada fica com coloração arroxeadada. Foliação: 325°/70°. Pouco mais a baixo ocorre a mesma rocha com menos quartzo e muitos cristais de tremolita-actinolita. AMOSTRAS: JU-95A - anfíbolito (?); JU-95B - anfíbolito com muita tremolita (?). Nas paredes do corte de estrada ocorre saprólito de rocha (meta)básica fina: parece o andesito máfico ou diabásio.
JU-96	0589130	7668018	andesito máfico (?)	Rocha esverdeada, afanítica a fanerítica muito fina, contendo veio de quartzo e uma massa branca que possivelmente seria feldspatospatato. AMOSTRA: JU-96 - andesito (?)
JU-97	0589129	7667876	andesito máfico (?)	Ocorre saprólito mostrando interação de rocha máfica com félsica- talvez um granitóide muito fino. E esta ocorre na forma de dique. Mais à frente ocorre um veio félsico e dentro dele um veio com sulfetos e óxidos.

				<u>AMOSTRAS:</u> JU-97A e JU-97B - analisar os sulfetos e óxidos.
JU-98	0589020	7667161	vulcânica máfica	<u>AMOSTRA:</u> JU-98
JU-100	0591293	7669964	rocha félsica	Blocos alterados da subvulcânica félsica fanerítica com foliação e também blocos da félsica afanítica
BIA66	0591222	7670042	subvulcânica félsica	AMOSTRAS: BIA66X e BIA66Y (blocos de rocha félsica média rica em biotita que interage com a rocha máfica fina a média).
JU-101	0591032	7669944	subvulcânica félsica fanerítica	<u>AMOSTRA:</u> JU-101
JU-102	0590100	7669967	vulcânica félsica e máfica	AMOSTRAS: JU-102A (máfica), JU-102B e C (félsica afanítica ou fanerítica fina - Rocha tem quartzo, feldspato, magn, pirita, talvez allanita e quase não tem biotita. Cortada por veios ricos em musc e magn).
JU-103	0590006	7669825	Clorita Magnetita filito	Blocos. <u>AMOSTRA:</u> JU-103.
JU-104	0589927	7669585	Clorita Magnetita filito	Afloramento
JU-105	0589893	7669461	subvulcânica félsica muito fina	<u>AMOSTRA:</u> JU-105.
JU-106	0589192	7668216	rocha máfica	Sn 35°/30° e Sn+1 320°/50
BIA33	0588632	7666568	intercalação de andesitos e felsitos	<u>AMOSTRAS:</u> BIA-33: L, M e N.
JU-107	0591332	7669806	quartzito	Blocos dentro da drenagem.
JU-108	0591649	7669637	rochas rocha máfica e félsica	Saprólito de interação entre as rochas máficas e félsicas. Casa do seu Jean.
JU-109	0590553	7669130	interação das rochas máficas e félsicas	<u>AMOSTRAS:</u> JU109A e JU109B - máfica com interação; JU109C - félsica foliada com xenólito; JU109D - interação máfica e félsica; JU-109E - félsica foliada com epidoto; JU-109F - félsica com xenólito; JU-109G - félsica com veios claros, granítico não foliada; JU-109H - interação máfica e félsica não foliada.

JU-110	0590700	7668724	vulcânica félsica e máfica	Afloramento numa drenagem. AMOSTRAS: JU-110A (máfica interagindo com a félsica), B (félsica com enclave/xenólito máfico) e C (interação felsito e granitinho)
JU-110	0590700	7668724	granitóide	AMOSTRAS: JU-110A (granitóide com xenolito do diorito em contato com um diorito e veio felsico cortando o diorito), JU-110B (granitóide com xenolitos da rocha máfica fina), JU-110C (granitóide cortado por veio felsico) e JU-110D (granitóide com biotita foliada)
JU-111	0590060	7667439	rocha máfica	Saprólito de cor marrom cortada por veios mais claros felsicos com quartzo e plagioclásio.
JU-112	0589952	7667646	rocha máfica	Afloramento de rocha máfica foliada. Ln=040°/15°
JU-113	0589696	7667739	rocha máfica	Blocos de 3m de quartzo de veio e blocos muito alterados da rocha máfica fina e foliada.
JU-114	0589439	7667770	rocha máfica	Blocos de rocha homogênea fina que possui quartzo, feldspatospatos e epidoto na forma de bolas esverdeadas.
JU-115	0589861	7667801	rocha máfica	Blocos da máfica cortada por veios felsicos.
JU-116	0589402	7668731	rocha máfica	Saprolito da máfica e da félsica, essa pode ser um dique.
JU-117	0589600	7668600	rocha máfica	Solo avermelhado alteração de rocha máfica.
JU-118	0589714	7668436	rocha máfica	Blocos.
JU-119	0589814	7668351	granitóide médio	Blocos alterados compostos de quartzo, feldspato e poucas biotita.
JU-120	0589898	7668294	rocha máfica média	Afloramento na estrada. A rocha é foliada Sn 322°/85°. Anf, plag e quartzo. Cortada por veios pegmatíticos e corpos graníticos finos.
JU-121	0590020	7669355	granitóide médio	Rocha muito alterada que corta a rocha máfica.
JU-122	0590530	7668199	rocha máfica	Rocha alterada e cortada por veios felsicos
JU-123	0590750	7668125	rocha máfica	A rocha esta alterada e intercalada com a félsica também alterada. Sn=182°/58°
JU-124	0590831	7668696	rocha máfica	Veios félsicos cortam essa rocha.
JU-125	0590967	7669018	granitóide fino	Afloramento de granitóide contendo quartzo, feldspato, biotita e pirita.
JU-126	0591082	7669396	solo marron avermelhado	O solo é mais vermelho ate o meio do caminho e depois fica mais marrom.
JU-127	0590994	7668606	granitóide médio a fino	Saprólito e blocos foliados compostos por quartzo, feldspato, magnetita, muscovita e pouca biotita.
JU-128	0590997	7668375	rocha félsica e máfica	Saprólito das duas rochas. A máfica está foliada (Sn=315°/80°) e parece o gabro. A félsica é muito quartzosa.
JU-129	0591265	7668401	granitóide fino a médio	Composta por quartzo, plagioclásio, magnetita e biotita. AMOSTRA: JU-129.
JU-130	0589780	7668673	granitóide fino a médio	Possui foliação. Composto por quartzo, feldspato, biotita e magnetita. AMOSTRA: JU-130.
JU-131	0589683	7668816	solo marron avermelhado	Sem afloramento
JU-132			granitóide fino a médio	
MT07	0591535	7668634	granitóide fino a médio	AMOSTRAS: MT07A - rocha freca; MT07B - saprolito
Data: 09/04/10 - Fernando + Ciro + Wilson + Ivo				
JU-000	0595394	7667156	gabro / anfíbolito fino	Cortado por diversos veios de epidoto.
JU-001	0596251	7667621	gabro	Com orientação de fluxo magmático e foliação Sn=220°/65°. Grãos de plagioclásio tabulares, com até 1 cm de comprimento. AMOSTRA: JU-001
FG-18	0595877	7667139	gabro	Amostragem para geocronologia (4 sacos).
Data: 11/02/11 - Júlia + Thayla + Ciro + Everton				
JU-001	0596251	7667621	gabro de médio a grosso	Cristais (até 0,5cm) orientados por fluxo magmático. Rocha cortada por veios de anfíbólio. AMOSTRAS: JU-000X (com sulfetos), JU000Y E JU-000Z
JU-133	0595234	7666320	gabro médio a grosso	Saprólito em corte de estrada de terra.
JU-134	0595102	7666544	anfíbolito, gabro e ultramáfica	Blocos em encosta de morro. Anfíbolitos com bastante foliação e grãos de até 1cm. Blocos de gabro médio. Mais abaixo ocorrem blocos de ultramáfica com anfíbólios aciculares e tzv talco (?)
JU-135	0595098	7666678	ultramáfica	Muitos blocos in situ. Ao longo da subida, contornando a drenagem a granulação aumenta. No alto do morro, dentro da drenagem, a ultramáfica ocorre bastante foliada e nas beiradas das amostras (mais alteradas) ficam evidenciados cristais tb aciculares que cresceram por cima da foliação.
JU-136	0595159	7666795	gabro médio	Saprólito.
JU-137	0594878	7667138	diabásio (?)	Ao longo da crista do morro, blocos de uma rocha bastante alterada, avermelhada (com quartzo), mas pode ser um diabásio. AMOSTRAS: JU-144A e JU-144B.
JU-138	0594672	7667359	ultramáfica	Blocos in situ no chão de estrada de terra. Rocha ultramáfica bastante alterada, com coloração rósea a roxa.
JU-139	0594594	7666913	diabásio e gabro	Afloramento em blocos. Ocorre diabásio fresco, muito entrecortado por fraturas de diversas direções (ex: Sn=180°/36°). Mais à frente, ocorrem intercalações -em blocos- com o gabro médio. AMOSTRAS: JU-139A (diabásio) e JU-139B (gabro).
JU-140	0594716	7666800	diabásio, gabro médio e ultramáfica	Afloramento. A ultramáfica seria um xenólito? Autólito? AMOSTRAS: JU-140A - diabásio; JU-140B - metalultrafíca; JU-140C - ultramáfica na continuação da estrada, ao lado de um córrego.
JU-141	0594757	7666674	diabásio	Afloramento em parede de estrada de terra. Ocorre diabásio sendo cortado por veios centimétricos de pegmatização. AMOSTRAS: JU-141A (diabásio) e JU-141B (diabásio com pegmatização)
Data: 12/02/11 - Júlia + Thayla				

JU-142	596659	7667165	diabásio (?)	Bocos de uma rocha bastante alterada, avermelhada e granulação fina.
JU-143	596978	7667200	gabro médio a grosso	Afloramento do tipo lajedo (ou blocos in situ). Possui grãos de feldspato orientados por fluxo magmático.
JU-144	597322	7667216	gabro médio	Matacão na beira de estrada e afloramento que segue por pelo menos uns 30 metros na drenagem à direita. AMOSTRAS: JU-144A e JU-144B
JU-145	597363	7667308	gabro médio e quartzito (?)	Dentro do rio ocorre afloramento e muitos blocos. O quartzito (?) parece estar em uma camada superior ao gabro. Do lado de fora, ocorre um bloco de pegmatito, com micas de até 2mm - seria isso dentro do rio (uma parte mais quartzosa)?
JU-146	597605	7667361	gabro médio e anfíbolito	Blocos in situ de um anfíbolito ou gabro muito deformado (foliação parece ser metamórfica, com aglomerados de anfíbolito na forma de lentes). AMOSTRAS: JU-146 A e JU-146B.
JU-147	597823	7667177	diabásio	Blocos grandes de diabásio do lado de um braço da drenagem. AMOSTRA: JU-147
JU-148	598200	7667230	gabro médio	Blocos <i>in situ</i> perto de estrada de terra. Grãos de anfíbolito com coloração esverdeada.
JU-149	598028	7667317	gabro e diabásio	Em chão de estrada de terra, ocorre saprólito de gabro intercalado com diabásio. Ao longo do caminho, grandes veios pegmatíticos saprolitizados. Direção dos diabásios (S0?) = 52/65
JU-150	598131	7667345	diabásio e gabro	Lajedo (à esquerda da estrada e na direção do ponto 159). AMOSTRA: JU-150. Na continuação da estrada, contato do diabásio com gabro médio Sn = 195°/60°.
JU-151	597881	7667667	gabro médio	Blocos <i>in situ</i> ?
JU-152	597782	7668036	diabásio	Afloramento dentro do rio e blocos <i>in situ</i> na margem dele. AMOSTRA: JU-152
JU-153	596663	7667670	gabro médio	Blocos de tamanho médio ao lado de estrada de terra. AMOSTRA: JU-153 (com fluxo bastante marado)
JU-154	596320	7667537	gabro médio	Afloramento em corte de estrada de terra.
Data: 13/02/11 - Júlia + Thayla + Ciro				
JU-155	594505	7666055	gabro fino	Blocos em talus e ao longo de estrada de terra
JU-156	594370	7666096	metagranitóide	Blocos em encosta de morro.
JU-157	594214	7666081	metagabro fino e metagranitóide médio	Diabásio? Gabro fino? Anfíbolito? AMOSTRAS: JU-157A (Mais alterada.) e JU-157B (menos alterada)
JU-158	594453	7666155	gnaisse bandado	Atravessando a drenagem ocorre afloramento de gnaisse bandado contendo partes máficas boudinadas. Sn = 140°/45°. AMOSTRA: JU-158
JU-159	594250	7666227	metagranitóide	Granulação média (c/ lentes máficas formando a foliação); em caminho de terra. AMOSTRAS: JU-159A E JU-159B
JU-160	593742	7665607	metagranitóide	Saprólito avermelhado.
JU-161	593843	7665537	metagabro e metagranitóide	Subida de encosta de morro atrás do ponto do gabro grosso. Ocorrem blocos de gabro e quanto mais pra cima, aumenta a proporção dos blocos de tonalito. No topo, só floresta.
JU-162	593819	7665771	?	No meio da descida do morro (neste ponto), o solo passa de rosado para amarronzado. Sem blocos, nem afloramentos.
JU-163	593944	7666076	-	Do ponto 162 até aqui não ocorrem afloramentos.
JU-164	592570	7666356	vulcânica félsica e máfica	(ponto BIA-95) Ocorre saprólito em parede de corte de estrada de terra, uma grande interação de rochas félsicas e máficas, muito alteradas.
JU-165	592701	7666583	vulcânica félsica e máfica	Saprólito com muita interação de rocha máfica e félsica, realmente lembrando mais as vulcânicas do que o gabro e o granitóide.
JU-166	593011	7666922	ultramáfica e epidosito	Ocorrem blocos de rocha ultramáfica, grandes quartzos de veio e epidosito (com magnetita ou pirita). AMOSTRA: JU-166 (epidosito)
JU-167	592684	7666330	rocha máfica	Saprólito.
Data: 14/02/11 - Júlia + Thayla + Emiraldo				
JU-168	596958	7670822	diabásio	Saprólito bastante alterado em corte de estrada de terra.
JU-169	597529	7670592	diabásio	Saprólito de diabásio sendo cortado pelo granitóide médio.
JU-170	598008	7669648	diabásio	Saprólito em chão de estrada de terra, c/ veio de plagiogranito ou pegmatito com pouquíssimo quartzo (strike do corpo = 70-160)
JU-171	597906	7669471	diabásio	Saprólito de diabásio com pegmatitos.
JU-172	597951	7669160	diabásio	Em chão de estrada de terra, ocorre afloramento de diabásio fresco.
JU-173	597781	7668934	diabásio	Blocos muito alterados de rocha máfica com granulação fina.
JU-174	597647	7668521	diabásio, gabro médio e anfíbolito	AMOSTRAS: JU-174A1 e JU-174A2 (diabásio com pegmatitização); JU-174B (anfíbolito); JU-74C E JU-174D (diabásio com pegmatitização)
JU-175	597604	7668155	diabásio	com pegmatitização
JU-176	597379	7668583	diabásio	Blocos <i>in situ</i> . AMOSTRA: JU-176
JU-177	598108	7668682	diabásio	Blocos de diabásio, bastante alterados. Ocorre tb um veio de quartzito com uns 10m e a encaixante é uma rocha muito alterada, avermelhada.
JU-178	598291	7668353	diabásio	Blocos muito alterados.
JU-179	598182	7668050	gabro médio e diabásio	Grande afloramento de gabro médio, ocorrendo uma pequena faixa com metadiabásio, mais próximo do rio. S0 (?) = 155/50

JU-180	598602	7668618	diabásio e gabro médio	Cachoeira.
JU-181	597440	7670131	gabro médio	Saprólito em parede de estrada de terra.
JU-182	597486	7669878	diabásio	Afloramento em estrada de terra e saprólito do diabásio por pelo menos uns 20m.

JU-183	597298	7669361	diabásio	Blocos <i>in situ</i> . AMOSTRA: JU-183.
Data: 15/02/11 - Júlia + Thayla + Vitor Hugo + Ciro				
-	-	-	-	-
JU-184	597902	7670888	diabásio (?)	Saprólito muito alterado em parede de estrada de terra.
JU-185	598425	7670484	diabásio (?)	Saprólito de rocha máfica sendo cortada por rocha félsicaquartzosa.
JU-186	598495	7670415	diabásio (?)	
JU-187	598980	7669852	diabásio (?)	Saprólito nas paredes da estrada de terra.
JU-188	599086	7669739	diabásio e gabro médio	Diabásio alterado perto e dentro de voçoroca. Pouco mais abaixo, afloramento de gabro médio, com grãos de plagioclásio orientados. AMOSTRA: JU-188 (gastro médio)
JU-189	599846	7668800	diabásio (?)	Blocos de diabásio e blocos de metagranitóide.
JU-190	600109	7668778	gastro médio e fino (?)	Afloramento em chão de estrada de terra. Rochas bastante alteradas.
JU-191	600296	7668791	diabásio e gastro médio	Afloramento bem grande, na forma de blocos e matacões. Ocorre principalmente diabásio, mas em algumas partes parece que a granulação aumenta. O Ciro acha que pode ser diabásio recente, já que em algumas partes parece ter piroxênio e não anfibólio. AMOSTRAS: JU-191A (diabásio) e JU-191B (gastro médio).
JU-192	599727	7668395	diabásio (?)	Afloramento muito alterado do que seria uma rocha máfica a ultramáfica fina. Tem quartzoo, mas pode ser de veio que tem perto.
JU-193	599612	7668301	diabásio (?), gastro (?)	Em caminho de terra ocorrem muitos bloquinhos amarronzados e 1 bloco do gastro médio mais frescos. Tem minerais brancos (plg), verdes (anf) e pretos (anf?). AMOSTRA: JU-193 (gastro médio)
JU-194	599697	7668059	gastro médio	Blocos <i>in situ</i> . Na continuação do caminho, ele afina, mas ainda não ode ser chamado de diabásio.
JU-195	599568	7668039	ultramáfica	No chão da estrada de terra ocorre um afloramento (?) de rocha verde muito fina (ultramáfica com clorita, tremolita e tvz talco).
JU-196	599615	7667743	diabásio	Blocos. AMOSTRA: JU-196
JU-197	599892	7667745	diabásio	Blocos <i>in situ</i> . Rochas entrecortadas por veios de anfibólio. AMOSTRA: JU-197
JU-198	599293	7667501	gastro médio e ultramáfica	Afloramento em estrada de terra. Ocorre gastro médio muito foliado, pegmatitos e uma rocha estranha que o Ciro diz ser ultramáfica - tudo mto alterado.
JU-199	599154	7667384	diabásio	Blocos frescos e alterados e afloramento alterado.
JU-200	598923	7667281	diabásio	Ao longo da estrada ocorrem blocos, blocos em talus e peq afloramentos. Neste local ocorre uma rocha quartzosa e félsica.
JU-201	598715	7667281	diabásio	Afloramento em chão de estrada de terra. Ao longo da descida, ocorrem pegmatitos com micas de até 3 cm. AMOSTRAS: JU-201A (diabásio) e JU-201B (contato entre diabásio e gastro médio).
Data: 16/02/11 - Júlia + Thayla + Silvio				
JU-202	599631	7667493	diabásio	Blocos <i>in situ</i> a SE do ponto 197.
JU-203	599728	7667221	diabásio	Blocos em estrada de terra.
JU-204	599880	7666854	diabásio (?)	Blocos em talus, bastante alterados.
JU-205	599852	7666683	diabásio	Afloramento em corte de estrada. Ocorrem veios tonalíticos. AMOSTRA: JU-205 (diabásio)
JU-206	599673	7666524	diabásio e gastro médio	Blocos <i>in situ</i> do diabásio. Ao longo da descida, foi encontrado um bloco do médio bastante foliado (anfíbolito?). AMOSTRA: JU-206 (diabásio)
JU-207	599930	7666313	rocha máfica	Saprólito nas paredes de estrada de terra. Neste ponto a granulação acentua bastante.
JU-208	600003	7666123	diabásio	Afloramento (?). Ao longo do caminho, ocorrem veios pegmatíticos/graníticos.
JU-209	600023	7666023	granitóide e diabásio (?)	Saprólito e blocos muito alterados.
JU-210	600125	7665911	diabásio e gastro médio	Saprólito em chão de estrada de terra. A rocha máfica aumenta e diminui a granulação constantemente. Neste ponto ocorre diabásio, pegmatitos e veios de quartzoo.
JU-211	600000	7665878	granitóide, gastro médio e diabásio	Em parede de estrada de terra ocorre saprólito do granitóide variando faciológicamente: foliada, isotrópica, pegmatito, isotrópica, pegmatito, foliada. Sn=317°/80°. No chão, ocorre saprólito do gastro médio, tb foliado (anfíbolito?). Na descida do morro, ocorre mais intercalação entre diabásio e gastro.
JU-212	599512	7665653	diabásio (?)	Afloramento muito alterado.
JU-213	599471	7665262	?	Blocos em talus, muito alterados, amarronzados. Também ocorre rocha muito foliada, média que não parece o gastro (diorito?) e epidiositos. AMOSTRA: JU-213 (diorito?)
JU-214	598853	7665555	diabásio (?)	Blocos muito alterados.
JU-215	597002	7665545	granitóide e diabásio (?)	Saprólito nas paredes de corte de estrada asfaltada.
Data: 17/02/11 - Júlia + Thayla + Silvio				
JU-216	598360	7670921	gastro médio	Afloramento em chão de estrada de terra.
JU-217	598528	7670872	gastro médio e diabásio	Afloramento em chão de estrada de terra. Parece predominar a fácies média, embora, na subida algumas partes sejam mais finas (bastante foliadas). Saprólitos de cor avermelhada e roxa.

JU-218	598691	7670952	diabásio	Saprólito em chão de estrada de terra. Ainda na cor roxa.
JU-219	598886	7671050	felsito	Blocos de rocha com muita sílica (mas tem feldspato). Formas tubulares e estranhas. AMOSTRAS : JU-219A (forma de "estromatolito") e JU-219B (rocha)
JU-220	599029	7671070	diabásio	Saprólito da cor roxa sem quartzoo e granulação fina (diabásio?). Ocorrem também blocos da rocha muito rica em sílica.
JU-221	600024	7669451	diabásio	Blocos em talus. AMOSTRAS : JU-221A e JU-221B
JU-222	600303	7669604	gabro médio / anfibolito	Blocos.
JU-223	601073	7669663	diabásio	Diabásio bastante foliado em chão de estrada de terra. Ocorre, no chão da estrada de terra, muitas micas na forma de grandes placas. Deve haver algum pegmatito perto.
JU-224	601417	7669298	diabásio (?)	Afloramento de rocha muito amarronzada, quase sem estrutura e pouco quartzo.
JU-225	602000	7668890	diabásio	Blocos junto à igreja. AMOSTRA : JU-225.
JU-226	601774	7668384	diabásio	Blocos bastante alterados. Grãos de plagioclásio bastante orientados.
JU-227	600738	7667832	diabásio	Não conseguimos chegar no paredão, mas tem muitos blocos e matações. AMOSTRAS : JU-226A (contato do tonalito com diabásio, foliados na mesma direção) e JU-226B (diabásio).
JU-228	600784	7667390	diabásio	Blocos e afloramento ao longo de estrada de terra.
JU-229	601096	7666825	diabásio	Blocos em parede de estrada de terra. Em geral, muito alterado.
JU-230	600675	7666248	diabásio	Afloramento e muitos blocos. AMOSTRA : JU-230. Do outro lado do rio também tem blocos.